

O triunfante bestseller
do *New York Times*

Mary Beth Keane

DIREI SEMPRE QUE SIM

"Um poderoso romance
sobre família, trauma
e os momentos que definem
uma vida. Os leitores vão adorar
este livro tanto quanto eu."

Meg Wolitzer

"Um livro maravilhoso."

Stephen King

ASA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

O triunfante bestseller
do *New York Times*

Mary Beth Keane

DIREI SEMPRE QUE SIM

"Um poderoso romance
sobre família, trauma
e os momentos que definem
uma vida. Os leitores vão adorar
este livro tanto quanto eu."

Meg Wolitzer

"Um livro maravilhoso."

Stephen King

ASA

Ficha Técnica

Título: DIREI SEMPRE QUE SIM

Título original: ASK AGAIN, YES

Autor: Mary Beth Keane

Capa: Maria Manuel Lacerda

Imagem da capa: Irene Suchocki / Trevillion Images

Fotografia da autora: Nina Subin

Tradução: Elsa T. S. Vieira

Revisão: MHS

ISBN: 9789892350547

Edições ASA II, S.A.

uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2019, Mary Beth Keane

© 2020, Edições ASA II, S.A.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.caminho.leya.com

www.leya.pt

Índice

Capa

Ficha Técnica

Prólogo

GILLIAM

um

dois

três

quatro

cinco

QUEENS

seis

sete

oito

nove

dez

onze

DOIS A DOIS

doze

treze

catorze

CHAMADA

quinze

dezasseis

dezassete

dezoito

dezanove

vinte

vinte e um

vinte e dois

agradecimentos

DIREI

SEMPRE

QUE

SIM

Mary Beth Keane

ASA

Francis Gleeson, alto e magro no seu uniforme azul de polícia, saiu do sol para a sombra do atarracado edifício de pedra da esquadra do 41.º Distrito Policial. Alguém pusera um par de collants a secar na escada de incêndio num quarto andar perto da 167th Street e, enquanto esperava por outro novato, um polícia chamado Stanhope, Francis reparou na imobilidade perfeita daquelas pernas translúcidas, na curva delicada no sítio do calcanhar. Ardera outro prédio na noite anterior e Francis calculava que fosse agora como tantos outros na área da Quatro-Um: nada mais do que uma concha oca e uma escada enegrecida no interior. Os miúdos da vizinhança tinham-no visto arder dos telhados e escadas de incêndio para onde tinham levado os colchões nesse primeiro dia verdadeiramente quente de junho. Agora, a um quarteirão dali, Francis conseguia ouvi-los a implorar aos bombeiros para deixarem só um hidrante aberto. Conseguia imaginá-los aos saltinhos à medida que o pavimento voltava a aquecer debaixo dos seus pés.

Olhou para o relógio e novamente para a porta da esquadra e perguntou-se onde andaria Stanhope.

Já estavam trinta e um graus e ainda nem eram dez da manhã. Este era o grande choque da América, invernos com um frio cortante, verões densos e húmidos como pântanos.

– Queixas-te como um mariquinhas – dissera-lhe o tio Patsy nessa manhã. – O calor, o calor, o calor.

Mas Patsy passava o dia a servir cerveja dentro de um *pub* fresco. Francis passaria o dia na sua patrulha, a pé, e teria círculos escuros debaixo dos braços daí a menos de quinze minutos.

– Onde está o Stanhope? – perguntou Francis a dois colegas também novatos que saíam para as suas patrulhas.

– Teve problemas com o cacifo, acho eu – respondeu um deles.

Finalmente, depois de mais um minuto, Brian Stanhope saiu e desceu a correr os degraus da esquadra. Ele e Francis conheciam-se desde o primeiro dia na academia e só por acaso tinham acabado ambos na Quatro-Um. Na academia frequentavam a mesma aula de tática e, ao fim de uma semana, Stanhope dirigira-se a Francis enquanto saíam da sala de aula.

– És irlandês, certo? Irlandês mesmo saído do barco, quero eu dizer?

Francis respondeu que era do oeste, de Galway. E chegara à América de avião, mas não mencionou essa parte.

– Bem me parecia. A minha namorada também. Ela é de Dublin. Deixa-me perguntar-te uma coisa.

Para Francis, Dublin parecia uma cidade tão longínqua como Nova Iorque, mas calculou que para um ianque fosse tudo a mesma coisa.

Francis preparou-se para uma pergunta mais pessoal do que estava disposto a

responder. Fora uma das primeiras coisas em que reparara na América, que ninguém tinha problemas em fazer qualquer pergunta que lhe viesse à cabeça. Onde vives, com quem vives, quanto pagas de renda, o que fizeste no fim de semana? Para Francis, que ficava embaraçado por expor as mercearias no tapete da caixa da Associated em Bay Ridge, era um bocadinho excessivo.

– Vai ser uma noite em grande – comentara a funcionária da caixa da última vez que lá estivera. Um *pack* de seis cervejas *Budweiser*. Duas batatas. Desodorizante.

Brian disse-lhe então que tinha reparado que a namorada não costumava conviver com outros irlandeses. Ela tinha apenas dezoito anos. A maioria das raparigas vinha para a América com uma amiga, ou uma prima, ou coisa do género, mas ela viera sozinha. Brian achava que ela podia pelo menos ter arranjado um grupo de outras raparigas irlandesas para dividir a casa. Não havia propriamente falta delas, estavam por todo o lado. Ela era enfermeira estagiária no Montefiore e vivia numa casa do hospital com uma rapariga de cor que também era enfermeira. Os irlandeses eram todos assim? Porque ele tinha namorado com uma russa há algum tempo e as únicas pessoas com quem ela se dava eram outros russos.

– Eu também sou irlandês – acrescentou Stanhope. – Mas já cá estamos há umas gerações.

Essa era outra coisa curiosa na América. Toda a gente era irlandesa mas já cá estava há umas gerações.

– Pode ser sinal de inteligência, não se misturar com os nossos – disse Francis com cara séria. Stanhope demorou um minuto a perceber que era uma piada.

Na cerimónia de formatura, Lindsay, o presidente da câmara, discursara do seu pódio e Francis, numa cadeira na terceira fila, pensou em como era estranho ver em pessoa um homem que, até então, só vira na televisão. Francis nascera em Nova Iorque, regressara à Irlanda em bebé e voltara pouco antes de fazer dezanove anos, com dez dólares americanos no bolso e a cidadania. O irmão do pai, Patsy, fora buscá-lo ao aeroporto JFK, tirara-lhe a mochila das mãos e atirara-a para o banco de trás.

– Bem-vindo a casa – dissera.

Pensar que este lugar fervilhante e estrangeiro era a sua casa era desconcertante. No seu primeiro dia completo na América, Patsy pusera-o a trabalhar atrás do balcão no *pub* de que era proprietário na esquina da Third Avenue e da Eightieth Street em Bay Ridge. O estabelecimento tinha um trevo emoldurado por cima da porta. Da primeira vez que uma mulher entrou e lhe pediu uma cerveja, Francis tirou-a num copo normal e pousou-o em frente dela.

– O que é isto? – perguntou ela. – Meia cerveja? – Olhou para o lado, para as outras pessoas sentadas ao balcão, todos homens, todos com um copo de meio litro à frente.

Francis mostrou-lhe um copo de meio litro.

– É este que quer? – perguntou. – Cheio?

E, percebendo finalmente que ele era novo no bar, novo na América, ela inclinou-se, segurou-lhe no rosto, afastou-lhe o cabelo da testa.

– Esse mesmo, querido – disse.

Um dia, quando Francis estava em Nova Iorque há cerca de um ano, dois polícias ainda jovens entraram no bar. Tinham o esboço de alguém de quem andavam à procura e queriam saber se alguém no bar o reconhecia. Meteram-se com Patsy, com Francis, um com o outro. Quando estavam a sair, Francis conseguiu reunir um pouco da típica curiosidade americana. Era muito difícil entrar para a polícia? Quanto é que se ganhava? Durante alguns segundos, os rostos deles permaneceram inescrutáveis. Estava-se em fevereiro; Francis vestia uma velha camisola de malha que pertencera a Patsy e sentia-se andrajoso ao lado dos polícias, com os seus casacos engomados, os bonés muito direitos na cabeça. Por fim, o mais baixo dos dois disse que antes de ir para a polícia trabalhava na lavagem de carros do primo em Flushing Avenue. Mesmo depois de ser tudo automático, os pulverizadores ainda o atingiam e, no inverno, acabava o dia completamente gelado. Era demasiado brutal. Além disso, era muito melhor dizer às raparigas que era polícia do que dizer-lhes que lavava carros.

O outro jovem polícia parecia um pouco indignado. Ele entrara para a polícia porque o pai era polícia. E dois dos seus tios. E o avô. Estava-lhe no sangue.

Francis passou o inverno a pensar nisso, a prestar mais atenção aos polícias no bairro, no metro, a deslocar barricadas, na televisão. Foi à esquadra local fazer perguntas sobre o teste, quando era, como é que tudo se processava. Quando Francis contou o seu plano ao tio Patsy este disse que era uma excelente ideia, que só precisava de trabalhar vinte anos e teria direito à pensão. Francis reparou que Patsy dizia «vinte anos» como se não fosse nada, um mero piscar de olhos, embora naquele momento fosse mais do que a vida inteira de Francis. Ao fim de vinte anos, desde que ninguém o matasse, podia fazer outra coisa qualquer, se quisesse. Viu a sua vida dividida em blocos de vinte anos e, pela primeira vez, perguntou a si próprio quantos desses blocos lhe calhariam em sorte. A melhor parte era que ainda seria novo, disse Patsy. Quem lhe dera ter-se lembrado disso quando era da idade de Francis.

Depois da formatura, a turma foi dividida em grupos para formação no terreno em diferentes áreas da cidade. Ele e outros trinta, entre os quais Brian Stanhope, foram enviados para Brownsville e depois para o Bronx, onde o trabalho a sério começou. Nessa altura, Francis tinha vinte e dois anos de idade. Brian tinha apenas vinte e um. Francis não conhecia Brian muito bem, mas era reconfortante olhar para o outro lado da sala aquando da chamada e ver um rosto familiar. Até àquele momento, nada fora como lhes tinham dito que as coisas iam ser. A esquadra propriamente dita era o oposto daquilo que Francis imaginara quando decidira candidatar-se à academia de polícia. O exterior já era mau – a fachada rachada e com a tinta a descascar, coberta de excrementos de pássaro e encimada por arame

farpado – mas o interior era ainda pior. Não havia uma única superfície que não estivesse húmida ou peganhenta ou com a tinta a descascar. O radiador na sala de chamada partira-se ao meio e alguém enfiara uma panela velha por baixo para apanhar as gotas de água. O estuque caía do teto e aterrava nas suas secretárias, nas suas cabeças, nos seus papéis. Havia trinta criminosos enfiados em celas que deviam levar dois ou três. Em vez de serem emparelhados com agentes mais experientes, todos os novatos foram despachados para as ruas com outros novatos.

– Os cegos a guiar os cegos –, brincara o sargento Russell, prometendo que seria apenas por pouco tempo. – Não façam nenhuma estupidez.

Agora, Gleeson e Stanhope afastavam-se do prédio fumegante e dirigiam-se a norte. À distância, soou mais um alarme de incêndio. Os dois jovens polícias conheciam as fronteiras do seu distrito num mapa, mas ainda nenhum deles as vira ao vivo. Os carros-patrolha eram atribuídos por senioridade, e o turno das oito às quatro estava carregado de senioridade. Podiam ter apanhado um autocarro até ao ponto mais distante e voltado para trás a pé, mas Stanhope disse que detestava apanhar o autocarro quando estava de uniforme, detestava a tensão súbita que sentia quando entrava pela porta de trás e todos os rostos se viravam para lhe tirar as medidas.

– Bom, então vamos a pé – sugeriu Francis.

Assim, com rios de suor a escorrerem-lhes pelas costas, percorreram quarteirão após quarteirão, cada um deles com cassetete, algemas, rádio, arma, munições, lanterna, luvas, lápis, bloco e chaves a chocalhar no cinto. Alguns quarteirões eram apenas escombros e carros carbonizados, e ambos iam atentos a eventuais movimentos entre os destroços. Uma menina atirava uma bola de ténis contra a fachada de um edifício e apanhava-a no ressalto. Depararam-se com um par de muletas caídas no caminho e Stanhope afastou-as com um pontapé. Todos os edifícios que tivessem pelo menos parte de uma parede em pé estavam cobertos de *graffiti*. Assinatura após assinatura após assinatura, as curvas e contracurvas coloridas implicavam movimento, sugeriam vida, e em conjunto pareciam quase violentamente berrantes contra um pano de fundo maioritariamente cinzento.

Francis sabia que o turno das oito às quatro era uma dádiva. A menos que houvesse mandatos para executar, as probabilidades de estar tudo tranquilo até à hora de almoço eram bastante boas. Quando finalmente viraram para Southern Boulevard, sentiam-se como viajantes que tinham atravessado um deserto, gratos por chegar ao outro lado. Enquanto as ruas secundárias estavam quase vazias, fantasmagóricas, a avenida era movimentada, com carros a passar, uma loja de roupa para homem que vendia fatos de todas as cores, uma série de lojas de bebidas, uma loja de postais, um barbeiro, um bar. À distância, um carro-patrolha cumprimentou-os com um sinal de luzes e seguiu caminho.

– A minha mulher está grávida – disse Stanhope, depois de estarem os dois calados há já algum tempo. – Está previsto que nasça perto do Dia de Ação de Graças.

– A rapariga irlandesa? – perguntou Francis. – Casaste com ela?

Tentou lembrar-se: estariam já noivos na academia, quando Stanhope lhe falara sobre ela? Contou os meses até novembro – faltavam apenas quatro.

– Sim – respondeu Stanhope. – Há duas semanas.

Um casamento no registo civil. Jantar em Twelfth Street num restaurante francês sobre o qual Stanhope lera no jornal; teve de apontar para a ementa para pedir porque não sabia pronunciar nada. Anne fora forçada a mudar de roupa à última hora porque o vestido que planeava usar no casamento já lhe ficava demasiado apertado.

– Ela quer que um padre nos case depois de o bebé nascer. Não conseguimos encontrar nenhuma paróquia que nos casasse tão depressa, mesmo depois de verem a barriga dela. A Anne diz que talvez consiga arranjar um padre que abençoe o casamento e batize o bebé no mesmo dia. Mais para a frente, quero eu dizer.

– Seja como for, estão casados – disse Francis, e deu-lhe os parabéns. Esperava que Stanhope não se tivesse apercebido de que, por um instante, tentara fazer as contas ao tempo. Era-lhe indiferente, na verdade, apenas um hábito que trouxera da sua terra, um hábito que perderia certamente com o tempo na América. Aqui as pessoas iam à missa de calções e *T-shirt*. Ainda há pouco tempo vira uma mulher a conduzir um táxi. Havia pessoas a passear-se em Times Square de roupa interior.

– Queres vê-la? – perguntou Stanhope, tirando o boné. Ali, presa na fita do forro, tinha a fotografia de uma loira bonita, com pescoço alto e esguio. Ao lado, um cartão com uma oração a São Miguel. E presa também no forro outra fotografia, de um Brian Stanhope mais novo, com outro rapaz.

– Quem é esse? – perguntou Francis.

– O meu irmão George. Somos nós os dois no estádio Shea.

Francis ainda não se lembrara de colocar fotografias no forro do boné, embora também ele tivesse um cartão com a oração a São Miguel dobrado na carteira. Francis pedira Lena Teobaldo em casamento no mesmo dia em que se formara na academia, e ela aceitara. Calculava que em breve seria a sua vez de dizer às pessoas que vinha um bebé a caminho. Lena era meio polaca, meio italiana, e às vezes, quando a observava – enquanto ela procurava qualquer coisa na mala, ou descascava uma maçã com o nó do dedo a guiar a lâmina da faca – sentia um arrepio de pânico ao pensar que por pouco não a tinha conhecido. E se nunca tivesse vindo para a América? E se os pais dela não tivessem vindo para a América? Em que outro lugar, que não aqui, um polaco e uma italiana se juntariam para fazer uma rapariga como Lena? E se ele não estivesse no *pub* naquela manhã em que ela viera perguntar se a família podia reservar a sala dos fundos para uma festa? A irmã ia para a universidade, explicou. Era tão inteligente que conseguira uma bolsa de estudo completa.

– Talvez também consigas uma quando acabares a escola secundária – dissera Francis, e, com uma gargalhada, ela respondeu que já tinha saído da escola há um ano e que não tencionava ir para a universidade, mas não fazia mal porque gostava do seu emprego. Tinha uma cabeleira de caracóis revoltos, ombros morenos que uma camisola sem alças deixava ver. Trabalhava no centro de processamento de

dados da General Motors na Fifth Avenue, alguns pisos acima da FAO Schwarz. Francis não sabia o que era a FAO Schwarz. Ainda só estava na América há alguns meses.

– As pessoas estão sempre a perguntar-me se vamos ficar na cidade – disse Stanhope. – Moramos em Queens, mas é um apartamento minúsculo.

Francis encolheu os ombros. Não sabia nada sobre os arredores da cidade, mas não se via a morar num apartamento para o resto da vida. Imaginava terra. Um jardim. Espaço para respirar. Tudo o que sabia, para já, era que depois de casarem ele e Lena ficariam a viver com os pais dela para poupar dinheiro.

– Já ouviste falar de uma cidade chamada Gillam? – perguntou Stanhope.

– Não.

– Pois, eu também não. Mas o Jaffe... sabes quem é? Um sargento, acho eu? Ele diz que fica só trinta quilómetros a norte daqui e muitos polícias vivem lá. Diz que as casas têm todas grandes relvados e há miúdos a entregar o jornal de bicicleta como naquela série de televisão, *The Brady Bunch*.

– Como é que se chama a cidade? – perguntou Francis.

– Gillam – disse Stanhope.

– Gillam – repetiu Francis.

Um quarteirão mais à frente Stanhope disse que tinha sede, que uma cerveja era capaz de não ser má ideia. Francis fingiu não ouvir a sugestão. Os polícias de patrulha em Brownsville bebiam em serviço, às vezes, mas só se estivessem no carro, não assim à vista de todos. Francis não era cobarde, mas estavam apenas no início. Se algum deles se metesse em sarilhos, nenhum tinha onde se agarrar.

– Não me importava de beber um daqueles refrigerantes com gelado lá dentro – disse Francis.

Quando entraram no restaurante Francis sentiu o calor do interior atingi-lo apesar de a porta estar aberta, presa com dois tijolos. O homem mais velho atrás do balcão tinha um chapéu de papel amarelecido na cabeça e um laço enviesado ao pescoço. Uma mosca preta e gorda esvoaçava freneticamente em torno da sua cabeça enquanto ele olhava de um polícia para o outro.

– Os refrigerantes estão frescos, amigo? O leite está em condições? – perguntou Stanhope. A sua voz e a largura dos seus ombros preencheram o silêncio e Francis olhou para os pés, depois para a montra, que estava coberta de rachas e remendada com fita adesiva. Era um bom emprego, disse a si próprio. Um emprego respeitável. Apesar dos rumores de que não haveria sequer um grupo a sair da academia em 1973, por causa dos cortes orçamentais, a turma dele conseguira safar-se.

Nesse momento os rádios ganharam vida com um som crepitante. Tinha havido algumas comunicações durante a manhã, chamadas feitas e respondidas, mas isto era diferente. Francis levantou o volume. Havia informações de tiros disparados e um possível assalto em curso numa mercearia no número 801 de Southern Boulevard. Francis olhou para a porta do café: 803. O homem atrás do balcão apontou para a parede, para o que quer que estivesse do outro lado.

– Dominicanos – disse, e a palavra pairou no ar, ficou ali suspensa.

– Não ouvi tiro nenhum. Tu ouviste? – disse Francis. A voz no rádio repetiu a chamada. Um tremor saltou-lhe da garganta para o ventre, mas pegou no rádio enquanto se dirigia à porta.

Com Francis à frente e Stanhope logo atrás, os dois novatos soltaram a presilha de segurança dos coldres e aproximaram-se da porta da mercearia.

– Não devíamos esperar? – perguntou Stanhope, mas Francis entrou. Passou por dois telefones públicos e por uma ventoinha que agitava o ar por trás de uma rede.

– Polícia! – gritou à medida que avançava mais para o interior da mercearia. Se havia clientes na altura do assalto, agora não se via sinal deles.

– Gleeson – disse Stanhope, indicando com um aceno de cabeça os volumes de tabaco salpicados de sangue atrás da caixa registadora. O padrão dos salpicos indicava o bater do coração de alguém: sangue que parecia mais roxo do que vermelho e que espirrara até ao teto manchado de humidade, atingindo a grelha enferrujada do respiradouro. Francis olhou rapidamente para o chão atrás da caixa registadora e depois seguiu o rasto macabro pelo corredor três, até se deparar por fim com um homem caído de lado, em frente de uma despensa, com o rosto inerte e uma quantidade espantosa de sangue a formar uma poça ao seu lado. Enquanto Stanhope chamava uma ambulância, Francis encostou dois dedos à pele macia por baixo do maxilar do homem. Endireitou-lhe o braço e fez o mesmo no pulso.

– Está calor de mais para isto – lamentou-se Stanhope enquanto olhava para o corpo de testa franzida. Abriu o frigorífico ao seu lado, tirou uma garrafa de cerveja, fez saltar a carga na beira de uma prateleira e esvaziou-a sem parar para respirar. Francis pensou na cidade que Stanhope mencionara, imaginou-se a caminhar descalço sobre a relva fresca e molhada de orvalho. Era impossível prever a direção que a vida tomaria. Não havia realmente maneira de uma pessoa experimentar alguma coisa e ver se gostava – as palavras que escolhera quando dissera ao tio Patsy que entrara na academia de polícia – porque acabava por experimentar, e experimentar, e experimentar mais algum tempo e, quando dava por isso, era aquilo que se tornara. Num minuto ele estava no meio de uma charneca do outro lado do Atlântico e de repente era polícia. Na América. No pior bairro da cidade mais conhecida do mundo.

À medida que o rosto do homem morto perdia a cor, Francis pensou em como ele parecia desesperado, com o pescoço esticado e o queixo levantado, como um homem que procurava a superfície da água enquanto se afogava. Era apenas o segundo cadáver que via. O primeiro, um homem afogado que emergira em abril depois de um inverno submerso no porto de Nova Iorque, mal era reconhecível como uma pessoa, e talvez por esse motivo quase não lhe parecera real. O tenente que o acompanhava dissera-lhe para vomitar sobre a amurada do barco se quisesse, mas Francis respondeu que estava bem. Pensou no que os Irmãos Cristãos diziam, que um corpo era apenas um invólucro, que o espírito era a luz-piloto da pessoa. Esse primeiro cadáver, um pedaço de carne inchado pela água, içado, a escorrer,

para o convés do barco, separara-se da alma muito tempo antes de Francis lhe pôr os olhos em cima, mas este – pouco a pouco, Francis viu-a partir. No seu país natal, alguém teria aberto a janela para deixar sair o espírito do homem, mas qualquer alma libertada aqui, no sul do Bronx, só seria livre enquanto conseguisse esvoaçar entre quatro paredes até, por fim, exausta, mirrar com o calor e ser esquecida.

– Podes abrir a porta? – pediu Francis. – Mal consigo respirar.

Nesse momento, Francis ouviu qualquer coisa e estacou. Levou a mão à arma.

Stanhope olhou para ele com os olhos muito abertos. Ali estava outra vez, o sussurro de ténis sobre linóleo, alguém a ouvi-los enquanto eles o ouviam, três corações humanos a baterem nas suas gaiolas, outro parado.

– Saia com as mãos no ar – gritou Francis, e de repente viram-no: um adolescente alto e desajeitado, com uma camisola interior branca, calções brancos, ténis brancos, escondido no espaço apertado entre a arca frigorífica e a parede.

Uma hora depois, Francis estava a segurar na mão do rapaz, a impregnar cada dedo de tinta e a rodá-los um a um sobre o cartão, depois os quatro dedos juntos, depois o polegar. Primeiro a mão esquerda, depois a direita, depois novamente a esquerda, três cartões no total – local, estadual, federal. A seguir ao primeiro cartão entrava-se no ritmo, como uma dança antiga: agarrar, rodar, soltar. As mãos do rapaz estavam quentes mas secas e, se estava nervoso, Francis não detetou sinais disso. Stanhope já estava a redigir o relatório. O dono da loja morrera muito antes de a ambulância chegar e agora aqui estava o assassino, com as mãos macias como as de uma criança, as unhas bem tratadas, limpas. As mãos do rapaz eram moles, maleáveis. No terceiro cartão ele já sabia o que fazer e começou a ajudar.

Mais tarde, no fim da papelada toda, os polícias mais velhos disseram que era habitual levarem um tipo a beber um copo depois da sua primeira detenção. Esta fora atribuída a Francis, mas levaram também Stanhope e pagaram-lhe rodada após rodada enquanto ele contava a história, sempre diferente de cada vez que a contava. O miúdo tinha saído do esconderijo e ameaçara-os. O sangue escorria de todas as paredes. Stanhope bloqueara a saída enquanto Francis lutava com o criminoso e o dominava.

– O teu parceiro é criativo – disse um dos polícias mais velhos a Francis.

Stanhope e Francis entreolharam-se. Eram parceiros?

– São parceiros até o capitão dar ordens diferentes – disse o polícia mais velho.

O cozinheiro saiu da cozinha com travessas de hambúrgueres e disse-lhes que era por conta da casa.

– Já vais? – perguntou Stanhope a Francis algum tempo depois.

– Sim, e tu também devias ir. Tens uma mulher grávida à tua espera – retorquiu Francis.

– Por ter uma mulher grávida à espera é que ele não quer ir para casa – brincou um dos outros.

Francis demorou uma hora e quinze minutos, de metro, para regressar a Bay Ridge. Assim que entrou em casa, despiu-se até ficar apenas de *boxers* e enfiou-se na cama que Patsy encaixara a um canto da sala de estar para ele. Alguém telefonara para a mãe do rapaz detido. Outra pessoa levava-o de carro até à Central. Ele queixou-se de ter sede, por isso Francis tirou-lhe um refrigerante da máquina de venda automática. O rapaz bebeu-o de um trago e depois pediu para encher a lata com água da torneira. Francis foi à casa de banho e encheu-a.

– És mesmo parvo – disse-lhe um dos detetives à paisana. Francis ainda não sabia os nomes de todos. Mas quem sabia o que se passara? Talvez o dono da loja tivesse feito alguma coisa má ao miúdo. Talvez merecesse o que lhe acontecera.

Patsy não estava em casa. Francis ligou a Lena e rezou para que fosse ela a atender, de modo a não ter de falar com a mãe dela.

– Aconteceu alguma coisa hoje? – perguntou ela depois de falarem alguns minutos. – Normalmente não me ligas tão tarde. – Francis olhou para o relógio e viu que era quase meia-noite. A papelada e as cervejas tinham demorado mais do que ele pensara.

– Desculpa. Vai dormir.

Ela ficou calada tanto tempo que Francis pensou que adormecera mesmo.

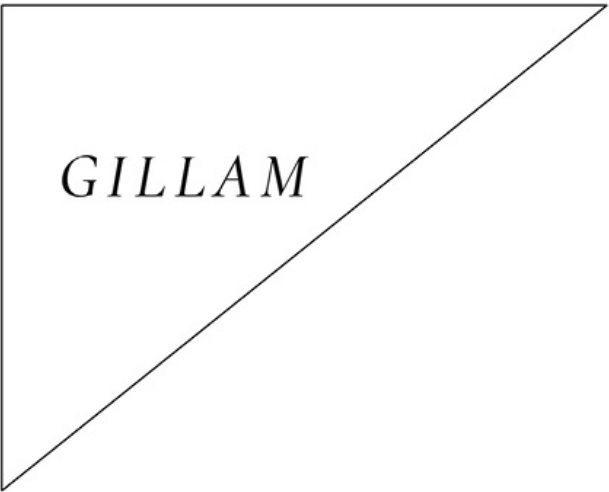
– Tiveste medo? – perguntou ela. – Tens de me dizer.

– Não – respondeu. E era verdade, ou pelo menos não sentira aquilo que entendia como medo.

– O quê, então?

– Não sei.

– Tenta não guardar nada dentro de ti, Francis – disse ela, como se estivesse a ouvir-lhe os pensamentos. – Não te esqueças de que temos um plano, tu e eu.



GILLAM

A right-angled triangle is shown, oriented with its right angle at the top-left corner. The hypotenuse runs from the bottom-left corner to the top-right corner. The word "GILLAM" is written in a serif font, italicized, and positioned in the upper-left portion of the triangle.

Gillam era um sítio simpático mas isolado, pensou Lena Teobaldo da primeira vez que lá esteve. Era o tipo de lugar que, se lá fosse passar férias, adoraria nos primeiros dois dias e começaria a desejar ir-se embora no terceiro. Não parecia completamente real: as macieiras e os áceres, as casas com telhados inclinados e alpendres, os milharais, a leitaria, as crianças a jogarem à bola na rua como se não reparassem que as suas casas ficavam no meio de dois mil metros quadrados de relva. Mais tarde, perceberia que as crianças faziam as mesmas brincadeiras que os seus pais tinham feito quando cresciam na cidade. Basebol. Macaca. Pontapé à lata. Quando um pai ensinava o filho a atirar uma bola de basebol, levava-o para o meio da rua como se estivessem num bairro de prédios, porque fora assim que o seu pai lhe ensinara. Lena acedera a fazer esta visita porque sempre era alguma coisa para fazer e, se ficasse em Bay Ridge nesse sábado, a mãe obrigá-la-ia a ir levar comida à senhora Venard, que nunca mais ficara bem da cabeça desde que o filho desaparecera no Vietname.

O vestido de noiva da prima Karolina estava pendurado no cabide atrás da porta do quarto de Lena, alterado e pronto para ela o usar dentro de apenas seis dias. Tinha os sapatos, o véu. Não havia mais nada a fazer senão esperar, por isso quando Francis lhe perguntou se queria dar um passeio e ir ver como era uma cidade de que um tipo no trabalho lhe falara, respondeu que sim, claro, estava um belo dia de outono, seria bom passar algumas horas no campo, podiam fazer um piquenique ao almoço. Fizeram esse piquenique num banco em frente à biblioteca pública e, no tempo que demoraram a desembrolhar as sanduíches e a comê-las, enquanto bebiam chá da garrafa-termo, apenas uma pessoa entrou na biblioteca. Um comboio com destino a norte parou na estação e dele saíram três pessoas. Do outro lado da praça central havia uma charcutaria e, ao lado, uma loja de descontos com um carrinho de bebé estacionado à porta. Francis trouxera o *Datsun* do pai de Lena – com a cassete do álbum *Led Zeppelin IV* do seu irmão Karol encravada no leitor. Lena não tinha carta de condução, não sabia nada sobre carros. Partia do princípio de que nunca precisaria de aprender.

– Então? O que achas? – perguntou Francis mais tarde, enquanto entravam na autoestrada de Palisades Parkway. Lena abriu a janela e acendeu um cigarro.

– É bonito – disse. – Sossegado. – Descalçou-se e apoiou os pés no *tablier*.

Pedira duas semanas de férias no trabalho – uma antes do casamento e outra depois – e esse dia, sábado, era o primeiro dia das maiores férias que tinha nos últimos três anos.

– Viste o comboio? Também há um autocarro que vai para Midtown – disse ele.

Pareceu-lhe uma informação sem interesse até que se apercebeu subitamente, como um soco no estômago, que ele queria viver ali. Não lhe tinha dito isso. Dissera apenas que queria levá-la a dar uma volta de carro, ver um sítio do qual ouvira falar. Lena pensara que ele queria apenas afastar-se um bocadinho das conversas sobre o casamento. Os familiares de Itália e da Polónia já estavam a

chegar e o apartamento dos pais dela estava apinhado de pessoas e comida de manhã à noite. Não vinha ninguém da Irlanda, mas um parente qualquer de Francis que emigrara para Chicago mandara-lhes uma peça de porcelana irlandesa. Francis dizia que não se importava. De qualquer maneira, o dia era da noiva. Mas agora via que ele tinha um plano. Pareceu-lhe tão rebuscado que decidiu não voltar a tocar no assunto a menos que ele o fizesse.

Algumas semanas mais tarde, com o casamento despachado, os convidados há muito regressados a casa, Lena de volta ao trabalho com um nome novo e uma aliança nova no dedo, Francis disse que estava na altura de saírem do apartamento dos pais dela. Disse que tinham de andar em bicos de pés se a irmã de Lena, Natusia, estivesse a estudar na sala acanhada. Karol estava quase sempre de mau humor, provavelmente porque os recém-casados o tinham expulsado do seu quarto. Não havia sítio nenhum onde uma pessoa pudesse estar sozinha. Francis sentia que devia estar constantemente a oferecer-se para ajudar com qualquer coisa, para fazer alguma coisa. Os presentes de casamento continuavam empilhados pelos cantos e a mãe de Lena passava o tempo a dizer às pessoas para terem cuidado, para se lembrarem dos cristais. Lena gostava de serem meia dúzia a sentar-se à mesa para jantar, às vezes mais, se aparecia alguém de visita. Pela primeira vez, perguntou a si própria se conheceria suficientemente bem o homem com quem se casara.

– Mas para onde? – perguntou.

Procuraram em Staten Island. Procuraram em Bay Ridge. Subiram as escadas de prédios sem elevador em Yorkville, Morningside Heights, na Village. Percorreram casas cheias das coisas de outras pessoas, com as suas fotografias expostas nos parapeitos, os seus arranjos de flores artificiais. Em todas essas visitas, Lena via o caminho para Gillam a aproximar-se como a próxima saída da autoestrada. Com os presentes em dinheiro recebidos no casamento e a maior parte dos salários de ambos que tinham poupado, dispunham do suficiente para uma entrada.

Num sábado de manhã em janeiro de 1974, depois de fazer o turno da meia-noite e algumas horas extra, Francis chegou a Bay Ridge e disse a Lena para vestir o casaco porque encontrara a casa deles.

– Não vou – respondeu ela, erguendo os olhos do café com expressão empedernida. Angelo Teobaldo estava a fazer as palavras cruzadas à frente dela. Gosia Teobaldo tinha acabado de abrir dois ovos para uma frigideira. Francis, de uniforme, com o seu metro e quase noventa, ficou muito vermelho.

– É o teu marido – disse Angelo à filha. Uma reprimenda. Como se ela tivesse deixado os brinquedos espalhados na carpete e se tivesse esquecido de os arrumar.

– Não te metas – disse Gosia, fazendo-lhe sinal para fechar a boca. – Nós vamos tomar o pequeno-almoço ao Hinsch – anunciou, apagando o lume por baixo da frigideira.

– Vamos só ver, Lena. Não temos de fazer mais nada se não quiseres.

– Oh, claro – retorquiu Lena.

Uma hora e vinte minutos mais tarde, Lena encostou a testa ao vidro da janela do lado do passageiro e olhou para a casa que seria a deles. Havia um letreiro colorido a dizer «Vende-se» no relvado. A hidrângea que daria flor em junho era apenas um monte de paus congelados. Os proprietários atuais estavam em casa, o seu *Ford* estava estacionado à entrada, por isso Francis não desligou o motor.

– O que é aquilo? São rochas? – Na parte de trás da propriedade havia cinco pedras enormes, alinhadas pela Mãe Natureza muitos milénios antes por ordem crescente, a mais alta talvez com um metro e meio de altura.

– Pedregulhos – disse Francis. – São normais na região. O agente imobiliário disse-me que os construtores deixaram ficar alguns a servir de divisória natural entre as casas. Fazem-me lembrar a Irlanda.

Lena olhou para ele como quem diz: «Então foi para *isto* que me trouxeste aqui.» Ele já falara com um agente imobiliário. Estava decidido. As casas naquela rua – Jefferson Street – e nas ruas circundantes – Washington, Adams, Madison, Monroe – estavam mais perto umas das outras do que as casas mais afastadas do centro, e Francis disse que era por estas casas serem mais antigas, construídas nos anos 20, quando havia uma fábrica de curtumes na cidade e toda a gente ia a pé para o trabalho. Achara que Lena gostaria disso. Tinha um alpendre à frente.

– Com quem é que eu vou falar? – perguntou ela.

– Com os vizinhos – respondeu ele. – Com as pessoas que conheceres. Não conheço ninguém que faça amigos mais depressa do que tu. Além disso, todos os dias estarás na cidade. Tens as tuas colegas de trabalho. O autocarro para mesmo ao fundo desse quarteirão. Nem sequer precisas de aprender a conduzir, se não quiseres. – Ele seria o seu motorista particular, brincou.

Não podia explicar-lhe que precisava das árvores e do sossego como antídoto para o que via no trabalho, que atravessar a ponte e ter essa barreira física entre ele e o seu giro era como deixar uma vida para trás e entrar noutra. Na sua imaginação, tinha tudo organizado: o agente Gleeson podia existir lá, e Francis Gleeson podia existir aqui. Na academia, alguns dos instrutores eram veteranos que afirmavam que em trinta anos de carreira nunca tinham sequer sacado da arma, mas ao fim de apenas seis meses Francis já empunhara a sua várias vezes. O seu sargento ainda há pouco tempo alvejara um homem de trinta anos no peito, durante um confronto ao lado da Bruckner Expressway, e o homem morrera no local. Mas fora uma morte limpa, todos o tinham dito, porque o homem era um toxicodependente conhecido e estava armado. O sargento não parecera minimamente preocupado. Francis acenara com a cabeça tal como os outros e fora beber um copo com eles depois do seu turno. Mas no dia seguinte, quando alguém teve de se encontrar com a mãe do homem e com a mãe dos filhos dele para lhes explicar o que acontecera, uma vez que elas se recusavam a abandonar a sala de espera, Francis percebeu que era o único que estava minimamente abalado. O homem tinha mãe. Era pai. Nem sempre fora um toxicodependente. De pé ao lado da máquina de café, enquanto rezava para que as mulheres fossem para casa, foi como se conseguisse ver o resto da vida do homem morto – não apenas aquele momento em que ele se virara,

insensatamente, com a pequena .22 na mão.

E, embora não dissesse nada disto a Lena, apenas que o trabalho estava a correr bem, que andava muito ocupado, ela pressentiu aquilo que ele não lhe dizia e olhou novamente para a casa. Imaginou uma fileira de flores por baixo do alpendre. Podiam ter um quarto de hóspedes. Era verdade que o autocarro de Gillam a Midtown Manhattan demoraria menos tempo do que o metro desde Bay Ridge.

Em abril de 1974, poucas semanas antes de encherem a carrinha alugada e se mudarem para Gillam, um médico local concluiu um exame no seu pequeno consultório ao lado do cinema e disse a Lena que estava grávida de nove semanas. Os seus dias de correr para o autocarro estavam contados, disse ele. O seu único trabalho agora era comer bem, relaxar, não passar muito tempo em pé. Ela e Francis estavam a contornar a casa, à procura do melhor sítio para plantar um tomateiro, quando ela lhe deu a notícia. Ele estacou, estupefacto.

– Sabes como é que isto aconteceu, certo? – perguntou ela com expressão muito séria.

– Devias estar sentada – disse ele. Largou a planta, segurou-lhe nos ombros e conduziu-a para o pátio. Os donos anteriores tinham deixado duas cadeiras de ferro forjado enferrujadas e agora ficou contente por não as ter deitado fora. Sentou-se em frente dela, levantou-se, voltou a sentar-se.

– Achas que é melhor ficar aqui sentada até novembro? – perguntou Lena.

Deixou de trabalhar às vinte e cinco semanas porque a mãe estava a dar com ela em doida, a dizer que aquelas pessoas todas no terminal rodoviário podiam empurrá-la, dar-lhe cotoveladas, fazê-la cair. No dia em que colocou a capa na máquina de escrever pela última vez, as colegas organizaram uma festa de despedida na sala de almoço e fizeram-na usar uma touquinha de bebé decorada com as fitas dos presentes.

Passava agora o dia inteiro em casa, com mais tempo livre do que alguma vez tivera na vida, e mal tinha começado a conhecer o casal idoso que vivia na casa à direita da deles quando a mulher morreu de cancro na bexiga e o marido apenas duas semanas depois, de um AVC fulminante. Durante algum tempo não houve sinais de mudanças na casa vazia e Lena começou a pensar nela como um familiar a quem toda a gente se esquecera de dar a notícia. O espanta-espíritos pendurado na caixa do correio continuava a tilintar. Ficara um par de luvas de jardinagem em cima do caixote do lixo, como se alguém fosse aparecer a qualquer momento para as calçar. Por fim, as orlas do relvado começaram a revelar negligência. Os jornais inchados pela chuva e descorados pelo sol formaram um monte ao cimo do caminho de acesso à casa. Um dia, uma vez que ninguém parecia estar a fazer nada a esse respeito, Lena foi lá e apanhou-os. De vez em quando um agente imobiliário mostrava a casa a um casal, mas os seus esforços pareciam ser em vão. A dada altura, Lena apercebeu-se de que se passavam dias inteiros em que não falava com ninguém e não ouvia qualquer voz humana se não ligasse a televisão.

Natalie Gleeson nasceu em novembro de 1974, exatamente um mês depois do

primeiro aniversário de casamento de Francis e Lena. A mãe de Lena veio passar uma semana com eles, mas não podia deixar Angelo sozinho mais tempo. O homem nem ferver água para o chá sabia. Declarou que vinha ajudar Lena, mas passava a maior parte do dia debruçada sobre o berço a murmurar:

– Eu sou a tua *busha*, minha pequenina. Muito prazer em conhecer-te.

Gosia aconselhou a filha a sair com a bebé todos os dias, estivesse o tempo como estivesse, e a passear pelas imediações durante uma hora. Natalie dormia no carrinho, tapada com uma manta de lã muito bem entalada à sua volta.

– Olha para as árvores, para os passeios. Acena aos teus vizinhos e pensa na sorte que tens. E ela também é uma bebé cheia de sorte. Já tem uma gaveta cheia de roupas. O Francis é um bom homem. Repete estas coisas para ti própria, uma e outra vez. Entra nas lojas. Apresenta-te e diz que te mudaste para aqui há pouco tempo. Toda a gente adora um recém-nascido.

Lena desatou a chorar. Quando o autocarro se aproximou, teve uma tentação louca de subir a bordo atrás da mãe, com a bebé nos braços, de deixar o carrinho abandonado no passeio e nunca mais voltar.

– Quando tu nasceste, eu costumava fantasiar que te deixava com a senhora Shefflin... lembras-te da senhora Shefflin? A minha ideia era pedir-lhe para tomar conta de ti enquanto eu ia comprar leite e depois nunca mais voltar.

– O quê? A sério? – disse Lena, com as lágrimas a secarem instantaneamente. Era tão inesperado que começou a rir. Depois riu-se tanto que desatou novamente a chorar.

E depois, na sexta-feira do fim de semana do Dia Memorial em 1975, Lena estava a dar de mamar a Natalie na cadeira de baloiço no piso de cima quando olhou pela janela e viu um camião de uma empresa de mudanças parar lá fora. Lena tinha acabado de descobrir que estava outra vez grávida, já de dois meses, e o médico dissera, a brincar, que o seu marido irlandês quase lhe dera gémeos irlandeses. O cartaz da agência imobiliária tinha desaparecido algumas semanas antes e, agora que pensava nisso, lembrava-se de Francis ter dito qualquer coisa sobre a casa ter finalmente sido vendida. Ultimamente andava sempre tão cansada que era difícil concentrar-se fosse no que fosse.

Desceu a escada a correr e saiu para o alpendre com Natalie ao colo.

– Olá! – disse aos novos vizinhos e mais tarde, quando contou a Francis, disse-lhe que estava com medo de dizer alguma pirosice e causar uma má primeira impressão. Natalie ainda estava com fome, a chuchar na mãozinha fechada.

Uma mulher loira, com um bonito vestido de verão rendado, subia o caminho com um candeeiro em cada mão.

– Comprou a casa – disse Lena, em tom um pouco agudo de mais. – Chamo-me Lena. Nós também nos mudámos para cá no ano passado. Bem-vinda! Precisa de ajuda?

– Chamo-me Anne – disse a vizinha, e Lena apercebeu-se de um vestígio de sotaque irlandês. – Este é o Brian, o meu marido. – Sorriu educadamente. – Que

idade tem a bebé?

– Seis meses – disse Lena. Finalmente, no primeiro dia quente do ano, havia uma pessoa nova para admirar a bebé, para esticar o dedo para Natalie segurar. Queria fazer mil perguntas ao mesmo tempo. De onde vinham, há quanto tempo estavam casados, porque tinham escolhido Gillam, como se tinham conhecido, de que tipo de música gostavam, de que parte da Irlanda era Anne, se queriam vir beber qualquer coisa mais tarde, depois de desfazerem as malas?

Lena reparou que Anne era muito bonita, mas havia mais qualquer coisa. Uma vez, no trabalho, quando Lena não conseguira uma promoção que esperava, o patrão, o senhor Eden, dissera-lhe que não tinha razão de queixa do desempenho dela, mas que a outra mulher tinha mais presença e a promoção implicava ter de lidar com os clientes. Lena não fazia ideia do que ele queria dizer mas não queria parecer estúpida, por isso aceitou a explicação e voltou para a sua secretária. Seria por causa do seu sotaque, talvez. Demasiado Brooklyn. Ou talvez fosse o seu hábito de arranjar o cabelo à secretária depois de almoço. Uma vez, ficara com um fio de aipo preso entre os molares e não conseguia de maneira nenhuma tirá-lo com a língua, por isso enfiara o dedo na boca e puxara-o com a unha. Agora, pensou que essa presença devia ser o que a sua nova vizinha tinha, se era algo com que a pessoa nascia e que não se podia aprender.

Anne olhou para o marido por cima do ombro, pousou a mão na barriga lisa e baixou a voz.

– Terá companhia daqui a alguns meses.

– Oh, que bom! – exclamou Lena.

Brian Stanhope, que ainda não a tinha cumprimentado, estava a atravessar o relvado atrás delas nesse momento e ouviu o que a mulher disse. Cambaleou como se tivesse tropeçado em alguma coisa e, em vez de se aproximar das duas mulheres como parecia prestes a fazer, virou-se abruptamente e continuou a descarregar o camião. Lena perguntou a Anne se se sentia cansada, se tinha enjoos. Era tudo normal, disse-lhe. Todas as gravidezes são diferentes. Ter sempre bolachas de água e sal à mão talvez ajudasse. Ela, quando tinha fome e não comia logo qualquer coisa, ficava mal disposta o dia inteiro. Anne acenou com a cabeça mas pareceu ignorar os conselhos e aparentemente não queria falar no assunto com Brian a ouvir. Lena lembrou-se de que ela própria não dera grande importância aos conselhos que lhe davam. Cada mulher aprende pela sua própria experiência.

Por fim, Brian aproximou-se delas.

– Eu trabalho com o Francis – disse. – Quero dizer, trabalhava. Estive na Quatro-Um até há poucas semanas.

– Não me diga – respondeu Lena. – Que coincidência!

– Nem por isso – admitiu Brian com um sorriso. – Foi ele que me falou na casa. Ele não lhe contou?

Mais tarde, quando Francis chegou a casa, Lena quis saber por que razão não a avisara da chegada dos novos vizinhos. Ela podia ter preparado qualquer coisa para lhes dar as boas-vindas, uma refeição. Mas Francis insistiu que lhe dissesse, sim.

Dissera-lhe que a casa se tinha vendido, respondeu ela, mas não que o comprador era um amigo.

– Bom, não sei se pode considerar-se um amigo – retorquiu Francis.

– Trabalhas com ele. Almoças com ele. Conhece-lo desde a academia. Não foram parceiros durante algum tempo? É um amigo – disse Lena.

– Desculpa. Esqueci-me. Ele foi transferido. Não o vejo há umas semanas. – Puxou-a para si. – O que achaste da mulher? Eles perderam um bebé, cheguei a contar-te? Nasceu morto, parece-me. Há uns dois anos, talvez.

Lena soltou uma exclamação de pesar e pensou em Natalie, a sua barriguinha quente a subir e descer ao ritmo da respiração no berço lá em cima.

– Que horror. – Horrorizada, lembrou-se dos conselhos que dera a Anne, do silêncio com que ela os recebera.

Lena prestou atenção à barriga da vizinha para ver se estava a crescer, mas Anne usava sempre roupas tão largas – uniforme de enfermeira uns tamanhos acima nos dias de trabalho, e nos dias de folga blusas soltas e saias tão compridas que quase roçavam no chão. Lena costumava ver Anne a correr para o carro de manhã, com as chaves na mão, e sentia uma pontada de inveja da liberdade da outra mulher. Às vezes saía para ir ver o correio quando via que Anne estava lá fora e tentava abordá-la, meter conversa, mas na maior parte das vezes Anne limitava-se a acenar distraidamente com a mão e entrava em casa. Algumas vezes, quando via que o carro de Anne estava estacionado em frente à casa, batera à porta dos vizinhos mas ninguém abria. Uma vez, deixara-lhe um bilhete na caixa de correio a perguntar se queriam vir jantar com eles um destes sábados – deixava a data ao critério deles – mas não obteve resposta.

Francis disse que talvez não tivessem visto o bilhete. Talvez o leiteiro o tivesse tirado.

– Podes falar com o Brian? – pediu Lena.

– Ouve – disse Francis. – Não te preocupes com isso. Há pessoas que não gostam de fazer amigos tão perto de casa. Eu compreendo, e tu?

– Compreendo perfeitamente – disse Lena. Pegou em Natalie, levou-a para o quarto e sentou-se na beira da cama com ela ao colo.

O verão chegou e passou. Um sábado, Brian estava no jardim a apanhar as folhas secas quando Lena viu Francis a conversar com ele na faixa estreita de relva que separava os caminhos de acesso às duas casas. Francis estava a rir tanto que teve de se dobrar para a frente para recuperar o fôlego. Sara já tinha nascido, mais uma menina saudável, só que desta vez Lena não podia dormir quando a bebé dormia porque tinha também Natalie, que mal começara a andar e andava sempre a fugir para a escada. Por fim, passaram nove meses desde a chegada dos Stanhope e, por mais recente que fosse a gravidez no dia da mudança, o bebé Stanhope já deveria ter vindo ao mundo. Lena nunca detetara qualquer crise na casa do lado, nunca se apercebera do manto de tristeza que a perda de um bebé causaria. Um dia,

depois de chegar a casa das compras, com ambas as filhas a berrar no banco de trás do carro, abriu a bagageira e olhou para as dezenas de sacos que tinha de levar para dentro. Quando levantou a cabeça, viu Anne a fitá-la do seu alpendre. Lena aprendera a conduzir mas não conduzia de forma confiante. Até agora, o único trajeto em que se aventurara sem Francis era até ao supermercado e do supermercado para casa. Receou ter feito algum disparate e que Anne tivesse visto.

– Olá! – cumprimentou, mas Anne virou costas e entrou em casa.

Quando estava quase a chegar o primeiro aniversário de Sara, Lena reparou que a barriga de Anne parecia estar a crescer. Insistiu com Francis para perguntar a Brian da próxima vez que o visse.

– Oh, vá lá – disse Francis. – Se eles quisessem dizer-nos, já nos tinham dito.

Mas um dia o assunto devia ter vindo à baila. Lena estava a coser um botão numa camisa de Francis quando ele entrou na cozinha para lavar as mãos. Sem se virar do lavatório, disse que ela tinha razão, os Stanhope iam de facto ter um bebé. Como homem que era, não perguntara os pormenores, mas Lena percebeu que Anne devia estar perto da data prevista para o parto quando começou a ver o carro dela em casa o dia inteiro e parecia que ela deixara de ir trabalhar. Lena esperou pelo momento certo, pelo dia certo, e depois pôs Sara no parque de brincar, ligou a televisão para Natalie, fechou o velho baloço de bebé e atravessou a relva coberta de neve até à porta dos Stanhope. Anne pareceu surpreendida com o gesto e, embora não tivesse convidado Lena a entrar, pediu-lhe se não se importava de mostrar como se montava, como se prendia. Lena, encantada, tirou as luvas e abriu o baloço no alpendre dos Stanhope, mostrou-lhe como tirar o tecido se fosse preciso lavá-lo, como o voltar a montar e a prender na estrutura. Enquanto falavam, Anne, que vestia apenas uma camisola de lã fina, disse que o parto estava previsto para a semana seguinte e Lena disse-lhe o que ainda não contara a ninguém, nem sequer à própria mãe, que também estava grávida, outra vez. Uma vez que, pelos seus cálculos, o bebé nasceria seis meses depois do de Anne, achava que o bebé Stanhope podia usar o baloço nos primeiros seis meses – de qualquer maneira, era a idade máxima recomendada pelo fabricante – e depois Anne podia devolvê-lo. Podiam juntar aquilo que tinham e ajudar-se uma à outra. Anne disse-lhe que ia ficar em casa algum tempo com o bebé e depois decidiria o que fazer em relação ao trabalho. Gostava de trabalhar, explicou a Lena, como se fosse uma confissão, e Lena, ao sentir uma abertura, disse-lhe que compreendia, que estar em casa com um bebé era mais difícil do que parecia de fora, mais difícil do que parecia que devia ser.

– Se precisar de alguma coisa... se o Brian não estiver em casa quando a hora chegar... ou outra coisa qualquer, sabe onde me encontrar.

Enquanto atravessava de novo o relvado para voltar a casa, pensou: tínhamos apenas começado com o pé esquerdo. Pensou: ela provavelmente perdeu o outro bebé e não conseguia encarar-me, por eu ter duas. Pensou: talvez a tenha ofendido de alguma forma, sem me aperceber, mas agora são águas passadas.

Peter nasceu menos de uma semana depois, com quatro quilos e trezentos gramas.

– Foi horrível – disse Brian a Francis.

– Tanto quanto sei, são todos assim – disse Francis. E depois perguntou: – Não assististe... daquela vez em que?...

– Não, não. Não foi nada parecido. Eles sabiam antecipadamente, da outra vez.

– Desculpa, não quis...

– Não te preocupes. Não faz mal.

Anne trouxe o filho ao colo na viagem de carro desde o hospital e quando o levou para dentro de casa a ponta da mantinha azul abanou sob o vento cortante de fevereiro. Lena tinha mandado Natalie e Sara fazer desenhos de boas vindas e deixara-os à porta dos Stanhope, presos debaixo de um pão de sementes de papoila que fizera nesse dia.

Na manhã seguinte, enquanto Francis esperava que a chaleira fervesse e Lena preparava as papas de aveia para o pequeno-almoço das filhas, a campainha tocou. O vento abanara a casa a noite inteira e no noticiário da manhã diziam que tinha feito cair ramos de árvores por toda a região. Francis pensou que a campainha tivesse alguma coisa a ver com isso, alguém a precisar de ajuda, ou a avisá-los de alguma coisa, um cabo caído, uma estrada fechada. Em vez disso, quando abriu a porta deparou-se com Anne Stanhope, com um bonito casaco de inverno creme pelos tornozelos, abotoado até ao pescoço, e o baloço de bebé nas mãos. Pusera batom vermelho mas tinha olheiras escuras debaixo dos olhos.

– Tome – disse, e estendeu-lhe o baloço.

– Está tudo bem? – perguntou Lena por cima do ombro do marido. – O bebé está bem?

– Eu consigo tomar conta do meu bebé sozinha – disse Anne. – E posso fazer pão para o meu marido.

Lena ficou sem palavras, de olhos arregalados.

– Claro que sim! – disse, por fim. – Só que eu sei como é difícil ao princípio, por isso pensei...

– Não é nada difícil. Ele é um bebé perfeito. Está tudo bem.

Francis encontrou palavras para responder muito antes de Lena.

– Bom, muito obrigado – disse, aceitando o baloço, e começou a fechar a porta mas Lena impediu-o.

– Espere um bocadinho, só um segundo. Penso que houve aqui um mal-entendido. Fique com o baloço – disse. – É bom para o bebé fazer a sesta. A sério. Nós não precisamos dele.

– Não ouviu o que eu disse? – retorquiu Anne. – Não o quero. Se precisar de alguma coisa para o meu filho, posso perfeitamente comprá-la.

– Muito bem – disse Francis, e desta vez fechou a porta. Atirou o baloço fechado para o sofá, onde ressaltou nas almofadas e tombou para o chão. Viu Lena de boca aberta no meio da sala, com uma colher de pau na mão, encolheu os ombros e disse: – Tenho pena é dele. É bom rapaz.

– Mas que raio é que eu lhe fiz? – perguntou Lena.

– Não fizeste nada – respondeu Francis, já a caminho da cozinha, do chá e do jornal. – Passa-se ali qualquer coisa. – Tocou com o dedo na cabeça. – Não percas mais tempo com ela.

Seis meses depois Kate nasceu, na humidade abafada de agosto. Lena diria sempre que nunca conseguiu amamentar Kate porque assim que estavam pele com pele ficavam ambas tão transpiradas que a bebé escorregava. Desistiu ao fim de apenas um ou dois dias, e quando Francis estava no turno da meia-noite, chegava a casa, largava as coisas junto à porta e dava a Kate o primeiro biberão do dia. Era um tal alívio para Lena, e tão encantador ver pai e filha a olharem um para o outro enquanto ela bebia o leite, que Lena desejou ter feito o mesmo com as outras filhas.

– És adorável – dizia Francis à bebé quando ela acabava, e depois encostava-a ao ombro para arrotar.

Peter, seis meses mais velho, já comia cereais e papa de maçã enquanto Kate estava deitada, toda nua, na barriga da mãe, a aprender a aguentar o peso da própria cabeça. Mais tarde, ambos se interrogariam sobre quando é que os seus cérebros se tinham apercebido pela primeira vez da presença um do outro. Será que Peter conseguia ouvir Kate a chorar quando as janelas de ambas as casas estavam abertas? Quando ele aprendeu a pôr-se em pé, encostado ao corrimão do alpendre, teria alguma vez visto as irmãs de Kate a empurrá-la pelo passeio no seu triciclo e pensado quem seria ela?

Pelo resto da sua vida, sempre que lhe perguntavam qual era a sua primeira memória, Kate lembrar-se-ia de o ver a correr à volta da casa com uma bola vermelha na mão e de já saber como ele se chamava.

Tinham dito que a neve ia passar ao lado de Gillam, que atravessaria o Hudson até Westchester County, passaria pelo Connecticut em direção ao mar. No entanto, quando a professora, Mrs. Duvín, disse à sua turma do sexto ano para abrir os livros de Estudo do Meio, todos a conseguiam cheirar no ar pesado, adivinhavam-na no céu cor de chumbo. Peter escreveu «1988» no caderno, apesar de já terem passado dois meses inteiros de 1989. O rádio ligado com o volume baixo na sala dos professores trouxe a notícia de que a tempestade mudara de rumo e agora as cidades a oeste do Hudson podiam esperar mais trinta centímetros de neve a somar aos vinte e dois que tinham caído no fim de semana.

– Neve! – exclamou Jessica D’Angelis, endireitando-se subitamente na cadeira e apontando para a janela, que dava para o parque de estacionamento dos professores.

Mrs. Duvín acendeu e apagou as luzes da sala de aula para os acalmar. Depois, como se se tivesse esquecido do que a trouxera até junto do interruptor, ficou parada na sala escura e olhou das cabeças dos alunos para o céu lá fora.

Quando o intercomunicador se ligou com um estalido, todos conseguiram ouvir a respiração da Irmã Margaret no microfone.

– Devido à aproximação da tempestade, as aulas hoje acabam ao meio-dia. Os vossos pais foram avisados. Os alunos que vão no autocarro da escola têm de ir para a fila às onze e cinquenta e cinco.

Kate já tinha dificuldades em estar sentada, sossegada, num dia normal, mas com a tempestade a alterar as rotinas da sala de aula – tiveram de ir buscar as lancheiras à prateleira e guardá-las, com o almoço intacto, novamente nas mochilas; tiveram de rever o vocabulário às dez horas uma vez que já lá não estariam à uma e um quarto – era como se tivesse perdido o poder da audição. Peter conseguia senti-la a vibrar, num frenesim, da sua cadeira duas filas mais atrás. Mrs. Duvín ainda estava a falar à frente da sala, a bater com os nós dos dedos no quadro negro e a dizer-lhes para não se mexerem enquanto ela não desse ordem, enquanto Kate enfiava pastas e cadernos na mochila e se torcia na cadeira para ver melhor as janelas. Queria fazer um ringue de gelo no quintal, estava ela a dizer a Lisa Gordon, e Peter viu que Lisa estava a tentar ignorá-la, ou pelo menos a tentar que a professora não a visse a dar-lhe atenção. Fora o pai que lhe dera a ideia, disse Kate.

– Kath-leen Glee-son! – exclamou Mrs. Duvín, separando as sílabas do nome dela em quatro repreensões distintas. Porém, em vez de a mandar ao diretor como era habitual, lançou-lhe apenas um olhar suplicante e apontou para o relógio. Precisamente às 11h55, Kate, Peter e os outros miúdos do autocarro estavam a percorrer o corredor. Kate baloiçava a mochila e caminhava em bicos de pés como se pudesse desatar a correr a qualquer segundo. Quando chegaram lá fora, deslizou sobre uma poça de gelo, a rodopiar os braços como num desenho animado.

Peter seguiu-a enquanto percorriam o corredor do autocarro escolar até à fila da

saída de emergência. Kate parou junto do lugar habitual para o deixar passar primeiro – desde o jardim de infância que ele se sentava à janela. Como sempre, Peter atirou a mochila para o chão e deslizou no banco de napa até ter os joelhos encostados ao banco da frente. Kate ajoelhou-se no banco, virada para trás, para poder ver e falar com toda a gente.

– Ganhaste ao John esta manhã – disse Kate enquanto se instalava ao lado dele. – Ele ficou zangado? – Os rapazes costumavam jogar à bola todas as manhãs enquanto as raparigas se reuniam em grupos, a assistir. Uma vez, no início do ano, Kate posicionara-se ao lado dos rapazes e quando um deles lhe perguntou o que pensava que estava a fazer, olhou em volta como se fosse a coisa mais óbvia do mundo, como se fosse perfeitamente normal ela juntar-se ao jogo quando na verdade, em todos os anos desde que estavam em St. Bartholomew, nenhuma rapariga alguma vez jogara com eles. Kate era rápida, o que a aguentou alguns minutos no jogo, mas os rapazes eram mais fortes, e, claro, estavam decididos a eliminá-la. Deixou cair a bola. Deixou-a cair novamente. Em menos de nada tinha três faltas e estava virada para a parede, com as mãos apoiadas nos tijolos, enquanto eles lhe atiravam a bola ao rabo, um de cada vez. John Dills correu para ganhar balanço e atirou de tão perto que Peter se encolheu e Kate tirou uma mão da parede para esfregar o sítio onde fora atingida.

– És mesmo estúpido – disse Peter quando John regressou ao seu lugar, a rir. As raparigas que estavam a assistir olharam de Kate para os rapazes, sem saber por quem torcer. Quando foi a sua vez, Peter atirou com pouca força e a bola mal roçou na parte de trás das pernas de Kate. Os outros protestaram.

– É uma regra estúpida – disse ele, recusando-se a atirar de novo, mas estranhamente foi Kate quem ficou mais aborrecida.

– Porque é que não atiraste a sério? – perguntou-lhe mais tarde, furiosa, olhando de um lado para o outro para ver se estava alguém a ouvir. Porque não queria magoá-la, balbuciou ele. Kate não lhe dirigiu a palavra o resto do dia.

– Ei, Kate – chamou agora. Lembrara-se de uma coisa quando Mrs. Duvin estava a passar os trabalhos de casa no quadro, de a mãe ter entrado no quarto dele de madrugada à procura de qualquer coisa na sua estante. E depois parecera enervada durante o pequeno-almoço. Peter sabia que era melhor não dizer nada. Mas várias horas depois, quando todos os outros miúdos estavam de cabeça inclinada sobre o caderno a copiar o que a professora Duvin escrevia no quadro, ele estabeleceu a ligação entre essa manhã e a última vez que vira o modelo de navio que a mãe lhe dera depois de jantar na semana passada. Ainda não era o seu aniversário. O Natal já tinha passado. Navegava tão bem como um navio a sério, dissera a mãe orgulhosamente, era uma réplica exata em miniatura do *Golden Hind* de Sir Francis Drake, cada mastro e vela como nessa grande embarcação, tudo historicamente correto, até ao pormenor do beque comprido, do gancho do leme e das cavilhas dos remos. A mãe ignorara o pai quando ele perguntou quanto é que tinha custado. O pai olhara para a caixa em que viera, examinara os carimbos dos correios, procurara uma guia de remessa. Era pesado, sólido. Não era propriamente

um brinquedo, mas então o quê?

– Sabes aquele modelo de barco que te mostrei no outro dia? – perguntou Peter a Kate. – Lembras-te se o deixámos na rua?

– Não – disse Kate. – Porquê? Não o encontras?

– Não. E acho que a minha mãe andava à procura dele esta manhã.

Kate sentou-se sobre os calcanhares.

– Estivemos com ele ao pé das pedras. Oh, mas depois pusemo-lo a boiar. Foi no mesmo dia?

Um monte de neve tinha derretido ao sol e eles tinham colocado o barco de madeira reluzente no curso de água estreito que ia do cimo do caminho de acesso à casa de Kate até à rua.

– Acho que o vi depois disso.

Kate virou-se e fitou-o calmamente com os seus grandes olhos verdes. Era como ver um lago agitado tornar-se liso como vidro. Em tempos – no jardim de infância ou no primeiro ano – um deles podia ter pegado distraidamente na mão do outro para lhe estalar as articulações, para comparar o comprimento dos dedos, para declarar uma guerra de polegares, e já nessa altura ele conseguia sentir algo em Kate acalmar-se, a silenciar-se, quando ela lhe dedicava toda a sua atenção. Mas já estavam demasiado crescidos para guerras de polegares. Kate afastou o cabelo do rosto e prendeu-o atrás das orelhas. Os outros estavam a chamá-la do fundo do autocarro.

– Estás metido em sarilhos?

– Não, não faz mal – disse Peter. Tinha uma crosta no nó do dedo e arrancou-a com a unha.

– Mas é melhor se o encontrarmos – disse ela.

Peter encolheu os ombros.

– Sim.

Ao longo dos anos, sempre que o assunto dos pais de Peter vinha à baila, Kate estudava-o e ficava involuntariamente calada. Só uma vez, quando estavam sentados perto das pedras – Kate com uns *collants* pretos enfiados na cabeça para fingir que as pernas eram dois totós compridos que lhe chegavam à cintura – ela dera a entender que tinha reparado que a mãe dele era diferente de alguma forma, em comparação com as outras mães. Nesse dia, tinham levantado a cabeça ao mesmo tempo quando o carro da mãe de Peter se aproximou. Viram-na estacionar, entrar apressadamente em casa sem olhar para os lados e sem cumprimentar ninguém. A mãe de Kate estava no jardim a arrancar ervas daninhas. Mr. Maldonado estava a pintar o poste da caixa de correio. Duas casas mais abaixo, Mr. O'Hara abria um buraco para plantar um rebento de árvore e convidara os miúdos do quarteirão para o ajudarem a tapá-lo quando a árvore estivesse no sítio.

– Porque é que a tua mãe é assim? – perguntou Kate nesse dia. Os quintais eram pequenos, protegidos pela sombra de árvores pesadas. Peter sabia, pelos raios de luz que passavam entre os ramos e pelo crescendo do coro de cigarras, que em breve seria hora de as crianças irem para casa. Tivera esperança de que Mr. O'Hara

lhes pedisse ajuda antes de a sua mãe chegar.

– Porque é que a minha mãe é como? – respondeu Peter passado um instante.

Estavam no segundo ano da escola, tinham acabado de fazer a primeira comunhão. Peter abriu as mãos como se estivesse a rezar, inclinou-se sobre as ervas altas entre as duas pedras maiores – que eram impossíveis de alcançar com um corta-relva por mais que Mr. Gleeson praguejasse e o tentasse enfiar na fenda – e, unindo as palmas, apanhou um gafanhoto. Segurou-lhe as asas com os polegares para que Kate o conseguisse inspecionar melhor e, quando aproximou as mãos da cara dela, sentiu a respiração quente da menina nos pulsos. Tinham passado o verão a tentar apanhar um gafanhoto e ali estava este, mesmo ao lado deles quando praticamente já tinham desistido.

– Como ela é. Sabes o que quero dizer.

Mas Peter não sabia, na verdade. E Kate também não. Por isso puseram o assunto de lado.

A seguir a Central Avenue vinha Washington, depois Madison, depois Jefferson, e assim que o autocarro passou pelo pinheiro dos Berkwood, Peter conseguiu ver o caminho de acesso à sua casa.

– Vamos fazer uma guerra – informou Kate, inclinando-se por cima dele para espreitar pela janela. Metade dos miúdos tirara os almoços das mochilas e comera as guloseimas. O autocarro cheirava a batatas fritas e sumos. – Duas equipas. Vinte minutos para fazer munições e depois a guerra começa.

Os solavancos do autocarro faziam-nos saltar para cima e para baixo, sacudiam-nos para a frente e para trás. Ramos, o céu, e depois Peter viu-o: o castanho do carro dela. Sabia que, ao seu lado, Kate também o vira.

– Bom, mas pergunta, está bem? – disse Kate. – Pode ser que possas.

– Sim – disse Peter.

Desceram os degraus do autocarro, um atrás do outro, e saíram para o ar da tarde.

– Até já, talvez – disse Peter, e pôs a mochila ao ombro. As nuvens estavam iluminadas por trás e pareciam fosforescentes. Kate ficou parada um instante, como se tivesse esquecido alguma coisa, e depois subiu os degraus a correr e entrou em casa.

Encontrou-a na cozinha, quase às escuras, a tirar a pele amarela de um monte de pernas de frango. Os punhos da camisa roçavam na carne crua.

– Podes fazer tu isto, não podes? – disse ela sem se virar.

Era meio-dia e vinte. Faltavam mais de seis horas para o jantar. Geralmente ela prendia o cabelo no alto da cabeça quando estava a cozinhar, mas hoje tinha-o solto, caído à volta da cara, oleoso. Peter tentou perceber o que aí vinha pela postura dos ombros dela. Pousou a mochila, abriu o casaco. Ela não comera nada ao jantar na véspera, e Peter vira o pai olhar para ela de soslaio enquanto contava uma longa história sobre qualquer coisa que acontecera no trabalho. O pai

preparara uma bebida e os cubos de gelo tilintavam no fundo do copo. Ela tinha o hábito de se encolher e fechar os olhos como se quisesse proteger-se da imagem de algo demasiado penoso de encarar, mas era apenas Peter, era apenas o pai de Peter. Estavam apenas sentados à mesa. Apenas a falar das coisas que lhes tinham acontecido nesse dia.

– A mãe não se sente muito bem – disse Brian Stanhope quando ela finalmente subiu a escada para se deitar. Parecia que mal tinha reparado na saída da mulher, mas assim que ela desapareceu preparou outra bebida, partiu a batata assada e pôs um bocado de manteiga sobre o interior branco e fumegante. – Ela passa o dia inteiro em pé, sabes? Não é como trabalhar num escritório. – Estendeu a mão para o saleiro.

– Mas tu também estás em pé o dia inteiro, não é?

– Ah, o dia inteiro não – disse Brian Stanhope. – E é diferente para as mulheres. Elas precisam de... nem sei.

Peter perguntou-se se a forma como a mãe agia, às vezes, estaria relacionada com o motivo pelo qual Renee Otler podia sempre ir à casa de banho a meio das assembleias, embora ninguém pudesse fazê-lo. Kate recusara-se a falar sobre o assunto no autocarro. Quando ficaram a sós, perto das pedras, disse-lhe que não podia contar nada aos rapazes, mas tinha aparecido a Renee aquilo-que-tu-sabes no recreio no dia anterior e a enfermeira tivera de a ensinar a pôr um penso. Era a primeira das raparigas, pelo menos que Kate soubesse.

– Eu provavelmente vou ser a última – acrescentou, enquanto esticava a *T-shirt* contra o peito e olhava para baixo de testa franzida.

Quando Kate disse «penso», Peter sentiu uma pontada de choque e a cara a arder de embaraço. Kate inclinou a cabeça, interessada.

– Sabes o que é o período, certo?

– Claro. Assim? – disse Peter, puxando a ponta da pele de frango escorregadia. A cozinha estava tão escura que ele mal conseguia distinguir as tigelas que ela pusera em cima da mesa: ovos batidos numa, uma pirâmide de pão ralado na outra. Enquanto a mãe subia a escada para o quarto, Peter tentou encontrar o ritmo que ela parecia ter quando tratava do jantar. Untou o tabuleiro com óleo, como a vira fazer muitas vezes, e alinhou nele as pernas de frango panadas. Ouvia os outros miúdos a reunirem-se lá fora. Lavou as mãos e, enquanto ouvia o *tiquetique* suave do forno a gás a aquecer, parou junto à porta dos fundos e viu o casaco às riscas azuis e vermelhas de Larry McBreen quando ele passou pelo atalho atrás da casa dos Gleeson. Os Maldonado não deviam estar em casa. Ali estavam as irmãs de Kate. Os Dills. Os gémeos Frankel, que andavam na escola pública. Toda a gente.

Quando encontrasse o barco, iria lá acima mostrar à mãe que o tinha, que não o perdera. Ela ficara tão entusiasmada quando lho dera. Juntos, tinham lido o certificado que o acompanhava e ela dissera que o levaria à biblioteca para procurar um livro sobre Sir Francis Drake, ou sobre trabalhos em madeira, ou sobre construção naval, ou as três coisas. Nessa noite, quando ele foi buscar o leite

ao frigorífico, ela puxou-o para si como costumava fazer quando ele tinha cinco ou seis anos e sussurrou-lhe ao ouvido que o barco tinha custado seiscentos dólares, mais setenta e cinco de portes. Depois abriu muito os olhos, como se tivesse deixado escapar a informação sem querer e não estivesse, na realidade, morta por lhe dizer, e foi quando ele soube que nunca podia contar ao pai. Ela vira-o num catálogo que um dos pacientes deixara no hospital e decidira que Peter tinha de o ter. Quando imaginara como seria ter um filho, sempre o imaginara a brincar com coisas como aquele navio. Fora feito em Londres, continuou, com os olhos repletos de malícia e diversão, como se ele soubesse o que isso significava. Ela tinha vivido em Inglaterra quase dois anos, há muito tempo. Tinham lá coisas encantadoras, disse-lhe. Porque é que metera na cabeça que tinha de vir para Nova Iorque? Não se lembrava. Por causa de um emprego? Por alguma ideia de que era um sítio melhor do que a Inglaterra? Já tinha contado tudo isto a Peter antes. Era o seu tema preferido quando estava com vontade de falar. Peter ficava agitado quando ela falava desses anos. Era evidente que, do ponto de vista da mãe, fora uma tragédia ter deixado essa vida para acabar nesta. Um caminho bifurcara-se no bosque e ela escolhera aquele de que se arrependeria para sempre. E contudo ali estava Peter, muito contente por ter nascido, a ouvi-la, a pensar que ela era mais bonita do que as outras mães quando se arranjava um pouco e lavava o cabelo. Enfim, disse ela, com um ligeiro sorriso. Estava muito contente por ele ter gostado do barco, porque isso dizia alguma coisa sobre ele, dizia mesmo. Dizia algo sobre o seu bom gosto e a sua inteligência. E depois, quando ela foi trabalhar na segunda-feira de manhã – a única manhã em que tinha de sair antes do autocarro da escola – Peter trouxe o barco para a rua para o mostrar a Kate e nunca mais o voltara a ver.

A questão era que o barco era bonito de se ver, mas depois de alguns dias a olhar para ele não havia muito mais para fazer. Boiava, tal como ela prometera, mas quando o puseram a navegar na corrente de neve derretida ficou com dois riscos paralelos no casco. Peter tirou as luvas e esfregou os riscos com o polegar, mas ali estavam eles, penosamente óbvios no verniz reluzente da madeira. Kate queria pô-lo outra vez a navegar, desta vez com uma velha Barbie a bordo, mas Peter teve medo de que ficasse com mais arranhões. Por isso pusera-o num sítio seguro. Mas onde?

O sossego da casa quando a mãe estava no quarto não era como o silêncio de uma biblioteca, nem nada assim tão tranquilo. Era, imaginava Peter, mais como o interlúdio de *suspense* entre o instante em que um botão é pressionado e a bomba explode ou é despoletada. Nessas ocasiões, conseguia sentir o seu próprio coração a bater. Conseguia seguir o sangue a correr-lhe pelas veias.

O pai parecia continuar com a vida normal como se ela estivesse simplesmente no trabalho, ou tivesse saído para ir às compras. Não parecia reparar quando ela começava a saltar refeições, quando os seus dentes ficavam baços e cobertos de tártaro, quando a sua postura se alterava. Mesmo que ela passasse praticamente o tempo todo no quarto durante três, quatro, cinco dias, o pai continuava a comer os cereais de pé, encostado ao lava-loiça. Continuava a ler as manchetes do *Post* em

voz alta. Quando pegava no pequeno pacote de café em pó e o encontrava vazio, continuava a dizer a Peter «O café acabou», e depois ia escrevê-lo na lista que Anne tinha num bloco ao lado do telefone, como se ela tivesse saído apenas por um instante. Quando Peter era pequeno – quando andava no primeiro e no segundo ano – o pai às vezes falava com ela antes de sair para o trabalho, fechando a porta do quarto para Peter não entrar.

– Vai ver se o autocarro chega – dizia, e Peter, enrolado no casaco de inverno, com a mochila às costas, olhava para o relógio por cima da mesa. Quando o ponteiro mais pequeno estava quase no oito e o ponteiro maior estava entre as nove e as dez, sabia que era hora de ir esperar lá fora.

Depois, no terceiro ou no quarto ano, Peter reparou que o pai já não ia falar com ela. Às vezes, lançava um olhar para a escada antes de sair para o trabalho. Outras vezes dizia adeus e depois voltava para trás, como se se tivesse esquecido de alguma coisa. Peter achava que o pai na realidade gostava destes períodos em que ela desaparecia no quarto durante vários dias. Parecia mais animado, mais descontraído. Sentava-se no sofá, depois do trabalho, e punha a bebida na mesinha de café. Uma noite, disse a Peter que fazia trinta e seis anos nesse dia, e Peter sentiu-se horrível porque provavelmente ninguém lhe tinha dado os parabéns o dia todo, mas o pai não parecia estar aborrecido com isso. Deixou Peter comer *waffles* ao jantar. Viu basquetebol na televisão e ficou acordado a noite toda. O zumbido da televisão às três da manhã era, de certa forma, mais aflitivo para Peter do que o facto de a mãe não sair do quarto há uma semana. Peter costumava acordar desorientado, em pânico, como se não tivesse ouvido o despertador e tivesse perdido o autocarro. Às vezes, levava a almofada para o corredor e ficava à espera. Sabia que a mãe ia à casa de banho. Ela inclinava-se sobre o lavatório, encostava a boca à torneira e bebia grandes goles de água fria antes de regressar ao quarto.

– Mãe – chamava ele quando ela aparecia, e ela parava e pousava a mão na cabeça dele, nada surpreendida por encontrar o filho deitado no corredor no meio da noite.

Peter lembrava-lhe – com duas semanas de antecedência, um mês – que fora convidado para uma festa de anos, que era preciso comprar um presente, que tinha de fazer uma árvore genealógica para a escola e precisava da ajuda dela. Informava-a de que comeria uma sanduíche com doce de uva ao pequeno-almoço e ao almoço, na esperança de a despertar. Mas ela simplesmente fechava os olhos como se o som da voz dele fosse abrasivo e retirava-se novamente para a gruta do seu quarto até estar pronta para sair.

E quando saía, alguns dias depois, era geralmente a versão que Peter preferia da mãe. Devia estar cansada e a precisar de descansar, pensava ele, e agora estava repousada. Muitas vezes, depois de ver apenas vislumbres fugazes da mãe durante dias, acordava com o cheiro de *bacon* com ovos, de panquecas. Ela cumprimentava-o com voz suave e depois ficava a vê-lo comer enquanto fumava um cigarro junto à porta das traseiras e soprava o fumo para o quintal. Estava calma. Serena. Como alguém que passara por uma experiência lancinante e estava

aliviada por a ter conseguido ultrapassar.

Talvez estivesse a ficar doente, pensou Peter enquanto punha o frango no forno e procurava na despensa o que ficaria bem a acompanhar. Uma lata de feijão-verde. Qualquer coisa que a deixasse contente. Talvez tivesse apanhado uma gripe. Podia ir bater-lhe à porta do quarto e dizer que estava tudo tratado. Que não precisava de se preocupar. Ele trazia-lhe um prato mais tarde, ou ela podia descer, o que lhe apetecesse fazer. Tinha acabado de pegar num tacho quando ouviu o pai abrir a porta.

– Anne? – chamou ele, e depois exclamou, quando entrou na cozinha e viu Peter: – Oh!

– A escola acabou mais cedo.

– Onde está a tua mãe?

– A descansar – disse Peter. – Eu estava só a... – Levantou a lata de feijão-verde.

– Tratamos disso mais tarde, filho. Demora só uns minutos, quando quisermos comer.

Peter pousou a lata. Deixou o tacho em cima do fogão para mais tarde.

– Bom, então posso ir brincar lá fora um bocadinho? Alguns dos outros...

– Eu vi-os. Vai. Diverte-te.

– O frango está...

– Eu trato disso.

O primeiro tiro da guerra ainda não tinha sido disparado. As equipas estavam reunidas no terreno liso atrás da casa dos Maldonado. Foi Kate que o viu primeiro.

– O Peter é da nossa equipa! – gritou, e todas as cabeças se viraram. – Encontraste-o? – perguntou quando ele se posicionou no seu lugar ao lado dela. Tinham estabelecido fronteiras: uma equipa dispararia de trás do maciço de árvores, a outra de trás do *Cadillac* de Mr. Maldonado.

– Ainda não – respondeu ele.

Uma bola de neve explodiu contra a roda da frente do *Caddy*. Num instante, Peter, Kate e os outros estavam a retribuir fogo, o frio a queimar-lhes as mãos, as bochechas, enquanto, por baixo dos casacos, os seus corpos iam aquecendo. Enquanto Kate acumulava tantas bolas de neve quantas conseguia, Peter, agachado ao lado dela, arremessava-as contra a outra equipa mais depressa do que ela as conseguia fazer. Com o nariz a pingar, as faces dormentes, esqueceu-se do barco, da mãe, das pernas de frango que esperava que o pai se lembrasse de tirar do forno. Kate estava a rir tanto que caiu de cara num monte de neve.

A sua equipa ficou sem munições. Quando metade dos membros se afastaram para reabastecer o arsenal, os que continuavam a lutar foram massacrados e tiveram de se ir esconder no cemitério.

– Que seca – disse Natalie, a irmã de Kate, ao fim de alguns minutos. – Vou para dentro.

Quando se levantou e atravessou o campo de batalha, desviando-se dos corpos

mortos como se não fossem nada, o jogo desfez-se e o campo de batalha tornou-se novamente um terreno vulgar, os soldados tornaram-se miúdos. Um a um, os outros saíram dos esconderijos e dirigiram-se a casa. A neve começou a cair com mais força.

– Vens? – perguntou Sara a Kate enquanto se dirigia à porta de casa. As três irmãs Gleeson partilhavam algumas características. Kate era mais parecida com Natalie, mas Natalie tinha cabelo escuro e era pelo menos dez centímetros mais alta do que Kate. Sara e Kate eram ambas loiras, mas tirando isso não eram nada parecidas. As três tinham o hábito de falar com as mãos, como a mãe.

– Já vou – disse Kate. Depois de estar a sós com Peter, perguntou-lhe: – Vais para casa?

– Acho que sim.

– A minha mãe fez chocolate quente. Podíamos pôr num termo e levá-lo para as pedras.

– É melhor não.

– Está bem – disse ela, olhando para a casa dele, para a janela de cima onde a mãe estava a olhar para eles. – Olha a tua mãe – disse Kate, e fez adeus com alguma hesitação. Depois baixou a mão e esperou, como que a dar oportunidade à mãe de Peter de lhe responder.

– A minha mãe? – Peter girou sobre si próprio e protegeu os olhos com a mão para ver melhor.

– É o teu quarto, não é? A tua janela? – perguntou Kate.

Quando acabou de tirar as luvas molhadas, o gorro, o cachecol, o casaco e as botas, e subiu a escada a correr até ao seu quarto, o barco estava em pedaços. Algumas coisas tinham saído facilmente, como se estivessem preparadas para isso em caso de necessidade de substituição. A vela da bujarrona, o portaló, o cesto da gávea. Mas todo o casco estava estilhaçado. Ver o interior em bruto da madeira que fora envernizada até brilhar era como ver algo nu e vulgar, e Peter teve de afastar os olhos.

– Estava na garagem – disse ela em voz calma. – Em cima da tampa do caixote do lixo.

– Eu sei – disse Peter, estupefacto. Sentia-se tonto, confuso. – Foi onde eu o deixei. – Lembrava-se agora perfeitamente: ouvira o ronco do motor do autocarro escolar a contornar a esquina e entrara a correr na garagem com o barco para o deixar num sítio seguro até voltar.

– Deixaste-o num sítio onde podia cair? Deixaste-o onde podia estragar-se? Porquê?

– Estava a brincar com ele. Queria mostrá-lo à Kate. Porque gostei tanto dele, sabes. Gostei mesmo do meu presente, mãe. E depois ouvi o autocarro e deixei-o ali. – Peter olhou para os destroços espalhados em cima do seu edredão e sentiu um rugido nos ouvidos. A mãe levou os dedos às têmporas e levantou-se.

– Porque havias de querer mostrá-lo àquela rapariga? Porque é que o levaste

para a rua?

– Não sei. Só queria que ela o visse.

– Bom, que te sirva de lição. – Atravessou o quarto e deu-lhe uma bofetada, com força. – E que isto te sirva de lição.

Peter recuou cambaleante, primeiro com a cara entorpecida e depois com a face esquerda a arder como se tivesse sido picada por mil agulhas. Tocou no canto da boca com a língua à procura de sangue. Enquanto levava a mão à cara, olhou em volta para os livros, o *poster* do sistema solar. Qual era a lição que devia aprender? Tentou realmente perceber. Sentia-se como se estivesse a respirar através de uma palhinha.

– Mas tu é que o partiste – disse. – Não estava estragado quando o encontrei. E depois destruíste-o. – Sentiu a voz presa na garganta ao falar e a pressão na sua cabeça era tanta que teve medo de rebentar alguma coisa. – Disseste que tinha custado aquele dinheiro todo. Não estava partido quando eu o deixei.

De súbito, perdeu a cabeça. Correu para a cama e puxou o edredão e os cobertores e todos os pedacinhos do barco que não estavam ainda espalhados voaram pelos ares. Deitou abaixo a torre de livros em cima da sua secretária. Atirou com um cesto de marcadores que tinha na prateleira. Dirigiu-se à janela e pegou no globo de neve que tinha no parapeito, o que a mãe lhe dera quando ele andava no jardim de infância. O Pai Natal no seu trenó, a voar sobre o Empire State Building. Levantou-o acima da cabeça.

Brian subiu a escada a correr e entrou no quarto de Peter, ainda com o comando da televisão na mão.

– Que diabo se passa aqui? – Viu os destroços do barco. – Céus.

Anne apertou o roupão à volta do corpo.

– Pergunta-lhe a ele. Pergunta-lhe como é que trata as coisas boas que lhe dão. – Aproximou-se de Peter e empurrou-o. – Pergunta-lhe. – Outro empurrão. – Pergunta-lhe.

– Para com isso, Anne – disse Brian, e puxou-a. – Para. – Entrelaçou os dedos das mãos na nuca e olhou para a janela por um instante, de costas para eles. Quando se voltou, disse: – Muito bem, Pete. – Começou a abrir as gavetas da cómoda de Peter. Tirou roupa interior, uma camisola interior. Um fato de treino. Enfiou a roupa nos braços de Peter e disse-lhe que pusesse tudo na mochila.

A mãe olhou para eles.

– O que estás a fazer? – inquiriu ela.

– Foste tu que fizeste isto – disse Brian calmamente. – Com a forma como ages. Foste tu que fizeste isto.

Enquanto Peter seguia o pai pela escada ouviram-na gritar atrás deles, embora as palavras tenham deixado de se perceber assim que Brian fechou a porta de casa.

O facto de terem de esperar que o motor do carro aquecesse cortou o drama da partida, e a adrenalina que tirara o ar a Peter já estava a diminuir. Ainda lhe doía a cara, mas menos. Não parecia certo, deixá-la sozinha em casa com aquela expressão estupefacta no rosto, e ocorreu-lhe novamente a ideia de que devia haver

um mal-entendido qualquer. Havia uma peça da história que ela não tinha, ou ele não tinha.

Ao seu lado, a ajustar a ventilação para apontar para o para-brisas, o pai estava preso num turbilhão privado que Peter sentia apenas vagamente. Brian deu uma palmada no volante. Voltou a fazê-lo. A neve já cobria as ruas e as caixas de correio, as cicatrizes da batalha que as crianças tinham deixado no terreno dos Maldonado tinham desaparecido. Quando conseguiram finalmente sair de marcha-atrás para a estrada, o carro derrapou e quase atingiu a caixa de correio, e foi a derrapar até ao fundo do quarteirão. O pai ia debruçado sobre o volante para ver melhor a estrada, entre os movimentos frenéticos dos limpa-para-brisas. Viraram para Madison, depois para Central. Um limpa-neves fez-lhes sinal de luzes ao passar, seguido por uma carrinha de sal. Mais à frente, viram que Overlook Drive e a sua subida íngreme estavam cortadas. Todos os semáforos em direção à cidade estavam com o amarelo intermitente a piscar, para que ninguém pensasse em travar de repente por causa do vermelho e perdesse o controlo do carro. Peter apertava a mochila com tanta força que começou a sentir câibras nos dedos.

O pai parou o carro cuidadosamente no meio de Central Avenue. À volta deles, tudo tinha a imobilidade perfeita de uma fotografia a preto e branco, um silêncio fantasmagórico que pairava sobre os carros estacionados, o parque abandonado, o coreto na Central onde tocavam quartetos de *jazz* nas sextas-feiras de verão e onde agora reinava o silêncio. Os limpa-para-brisas continuaram a trabalhar.

– Raios – disse ele.

– Está mesmo mau tempo – disse Peter.

– Pois.

– Onde é que vamos?

O pai esfregou os olhos.

– Só preciso de pensar por um segundo, filho.

Um carro azul apareceu à distância e aproximou-se. Peter só percebeu que era o carro de Mr. Gleeson quando estava mesmo ao lado deles. Ambos os homens abriram as janelas e a neve entrou pelo carro adentro como se a tempestade estivesse apenas à espera de uma oportunidade para os apanhar.

– As estradas estão uma confusão! – gritou Mr. Gleeson. – Está tudo bem?

– Tudo! Tudo bem! – respondeu o pai de Peter. Estava a usar a sua voz de polícia. Segura. Carregada de autoridade.

– Esse é o Peter? Onde é que vão?

– Queríamos ir alugar um filme! – disse o pai de Peter. – Pelo que parece, vamos ficar algum tempo presos em casa.

– Está tudo fechado – disse Mr. Gleeson. – A Parkway também. – Por um momento, Peter pensou que Mr. Gleeson ia sair do carro e espreitar para dentro do deles.

– Já saímos tarde, então! Esperámos demasiado! – gritou o pai de Peter com uma expressão cómica, como se tivesse sido apanhado a fazer algo que lhe ia custar muita troça mais tarde. A neve embatia-lhe no rosto e transformava-se

imediatamente em gotas de água sobre a pele quente.

– Tenham cuidado! – gritou Mr. Gleeson para o turbilhão da tempestade.

– Claro! – gritou o pai de Peter em resposta.

Com a janela novamente fechada o carro parecia mais silencioso do que nunca. A tempestade assobiava lá fora e de vez em quando uma rajada de vento levantava a neve do chão e parecia que estava a nevar de baixo para cima e em todas as direções. Continuaram parados no meio da rua, com o motor a trabalhar.

Por fim, o pai de Peter apontou para a oficina de automóveis na esquina.

– Telhado liso – disse. – Estás a ver aquilo? Já deve ter uns trinta centímetros de neve ali em cima. Se eu fosse a ele, antes de amanhecer limpava aquele telhado.

– Não seria perigoso subir ao telhado com esta tempestade? – perguntou Peter.

– Sim, mas se não quer que o telhado abata... – Brian encolheu os ombros e pousou as mãos no volante às dez para as duas.

Peter olhou para os edifícios à sua volta, à procura de mais telhados lisos. A pizaria. A manicure. O salão de cabeleireiro. Tudo fechado.

– Não posso convidar amigos lá para casa – disse Peter sem olhar para o pai. – Nunca. Não posso ter lá ninguém. Mesmo quando ela parece estar bem.

– Pois não, é verdade.

– Porquê?

– A tua mãe, ela é... não sei. É uma pessoa sensível. Enerva-se muito. Mas acredita no que te digo. Há miúdos que estão muito pior do que tu, meu amigo. Muito pior. Já vi coisas que tu nem queiras saber.

– Mas...

– Ouve. Tens uma boa vida. Sabes o que é que eu andava a fazer na tua idade? A trabalhar. A entregar jornais. E a minha mãe? Bebia o dia inteiro, Pete. Provavelmente ainda nem tens idade para perceber o que isso significa. Ela punha álcool no café, no sumo de laranja, em todo o lado. Com a tua idade, eu recebia telefonemas dos vizinhos, da mercearia, «Olha, vem buscar a tua mãe, Brian, está num estado vergonhoso.» E depois ela deva-me um beijo... «Desculpa, meu querido»... e eu tinha de a deixar fingir que me estava a ajudar com os trabalhos de casa para ela não se sentir tão mal.

– Mas disseste que ela te tinha levado, e aos teus amigos, ao Polo Grounds, daquela vez. Que tinha comprado bilhetes para toda a gente.

O rosto dele suavizou-se com a memória e, após um momento, acenou com a cabeça.

– É verdade. Conteí-te isso? Sim, era eu, o teu tio e mais dois miúdos do prédio. Uma vez... não sei se também te contei isto... ela assinou um teste em que o meu amigo Gerald tinha tido negativa. Estava a nevar como hoje e ele trouxe o teste na mão o caminho todo até casa. O papel estava todo molhado e amachucado, com a nota a vermelho por cima do nome dele. Era preciso ser assinado por um adulto responsável e ele estava com tanto medo que passou pelo nosso apartamento primeiro para pensarmos numa estratégia. Ela devia estar a ouvir, porque lhe pediu para ver o teste. Quando demos por isso, estava a assinar o nome da mãe dele, em

letra bem grande, ao cimo da folha. «Não te preocupes tanto», disse-lhe. Depois deu-nos dinheiro para irmos comprar um chocolate. A professora nem olhou duas vezes.

– Os teus amigos gostavam dela.

– Adoravam-na. Quem me dera que a tivesses conhecido.

Depois ligou os quatro piscas do carro e devagar, muito devagar, regressaram a casa.

Na véspera de Ano Novo de 1990 – o ano em que Kate e Peter estavam no oitavo ano – Anne Stanhope dirigiu-se ao balcão de charcutaria no supermercado Food King e tirou uma senha. Estava linda. Tinha um casaco comprido e elegante. Não trazia chapéu, apesar do dia frio, mas o cachecol de xadrez dava-lhe duas voltas ao pescoço. Mrs. Wortham, que trabalhava no consultório de podiatria na cidade, também estava à espera e reparou na altura dos saltos dos sapatos de Anne – dez centímetros, talvez mais, uns sapatos muito finos e delicados, principalmente tendo em conta as ruas cobertas de lama e sal. Pensou «Oh, deve ter vindo direta do trabalho, nem toda a gente tem folga hoje», e depois lembrou-se de que Anne Stanhope era enfermeira. Talvez fosse a uma festa, decidiu a senhora Wortham. Depois de tirar a senha do rolo e sem cumprimentar ninguém, Anne afastou-se um pouco, como os outros que esperavam que um dos empregados avançasse com os números no mostrador em cima do balcão.

– Quarenta e três! – chamaram. – Quarenta e quatro!

Um a um, os vários residentes de Gillam avançaram e fizeram os seus pedidos por cima do vidro do balcão frigorífico. Meio quilo de presunto fumado, em fatias finas. Duzentos e cinquenta gramas de queijo *provolone*. A loja estava cheia, nesse dia. As pessoas já tinham acabado com os restos do Natal e queriam um recomeço para o ano novo. Anne Stanhope tinha o número cinquenta e um.

Quarenta e cinco, quarenta e seis, quarenta e sete. Johnny Murphy, que a mãe mandara ir à loja, viu um dos seus antigos treinadores de basebol da escola secundária. Johnny, que estava no primeiro ano da universidade e viera a casa de férias, cumprimentou calorosamente o homem mais velho e encostou-se ao balcão a bloquear o acesso até alguém dizer, a brincar, que o Senhor Jogador Profissional tinha de se chegar para o lado. Entrara na universidade com uma bolsa de desporto e toda a cidade seguira as suas vitórias no último ano do secundário, contra cidades vizinhas mais ricas, com melhores instalações desportivas. O número quarenta e oito esquecera-se da lista que a mulher lhe fizera antes de sair, por isso hesitou e hesitou até se decidir por rosbife e meio quilo de salada de batata alemã. O quarenta e nove e o cinquenta foram chamados ao mesmo tempo, para lados opostos do balcão. Agora os números estavam a andar mais depressa porque o gerente mandara outra funcionária ajudar na charcutaria.

Quando Anne Stanhope deu por isso, parecia que todas as outras pessoas que estavam à espera com ela já tinham sido atendidas, ou estavam a ser atendidas. Havia pessoas que tinham chegado depois – não as saberia descrever; sentia apenas uma presença crescente de pessoas ao seu lado e atrás de si – que já tinham as suas carnes frias e os seus queijos e as suas saladas e estavam despachadas. Só faltava Anne Stanhope. Os empregados atrás do balcão estavam tão ocupados que o mostrador ia no cinquenta e dois e depois, quase instantaneamente, no sessenta. O sessenta e um foi chamado. As pessoas passavam ao lado dela, à frente dela, e Anne sentiu – no corpo todo, até às pontas dos dedos – uma espécie de frémito.

Este crescendo de energia era-lhe familiar, embora não o sentisse há algum tempo – o bater do coração e a pulsação e uma fúria selvagem aliavam-se, num ritmo que ganhava mais força e velocidade quanto mais tempo ela ficava parada, quanto mais tempo olhava em volta e reparava. A sua visão periférica tremeluzia e distorcia os contornos de tudo, de tal modo que quando se virava rapidamente para olhar para qualquer coisa o objeto escapava à sua visão. E, enquanto tudo dentro do seu corpo parecia acelerar, tudo fora do seu corpo – os movimentos dos outros clientes, os pacotes e caixas a serem colocados nos carrinhos – abrandou. Um pacote de leite a acumular humidade ao longo da união do cartão. A ponta do nariz de um homem de idade, tão coberta de veias que parecia azul, e quando ele a esfregou Anne viu os pelos delicados no interior das narinas, tão privados como os pelos em partes mais escondidas do corpo. Na frente da loja, à distância, as portas automáticas abriam-se com um zumbido e ela sentiu o ar gelado a percorrer o corredor e a enfiar-se sob a gola do seu casaco. Viu que as pessoas à sua volta não se importavam que ela estivesse a ser ignorada. Recuou um passo e viu em cores nítidas – porque a sua mente ficava muito atenta nestes momentos, realçava tudo ao ponto de pormenores que antes lhe passariam despercebidos serem estupidamente óbvios – que, na verdade, eles tinham orquestrado esta sua exclusão, por motivos privados e mesquinhos que nem valia a pena tentar compreender. Trocavam sorrisos maliciosos, e acenos, e sinais. Tinham-se aliado e decidido que o número cinquenta e um seria ignorado.

Descalçou os sapatos de salto alto para se aperceber melhor do que estava a acontecer, para se defender se fosse preciso, e com um movimento ágil baixou-se e apanhou os sapatos, atirando-os para dentro do cesto. Desenrolou o cachecol do pescoço.

– Esperem! – gritou, com a mão no ar como uma criança que se lembrou da resposta certa na aula. Abriu caminho até ao balcão.

– Sente-se bem? – perguntou uma mulher ao lado dela. – Não pode tirar os sapatos.

– Porque é que não posso? – retorquiu Anne, virando-se para a mulher para a inspecionar. Tinha lábios como borracha, que não inspiravam confiança, e tonalidades de preguiça na expressão que Anne achou repugnantes. Uma parte distante dela reconheceu a mulher: era uma pregadora eucarística em St. Bartholomew's e Anne estava espantada por nunca antes ter reparado como ela era repugnante. Esta mulher tinha colocado os seus dedos imundos na hóstia, no corpo de Cristo, e Anne recebera-o na boca. Sentiu o estômago às voltas e uma comichão ao fundo da garganta. Levou o punho fechado aos lábios franzidos e fez um esforço para não vomitar.

– Parem! – gritou, quando a sensação passou. Toda a gente, desde o balcão de peixe e marisco aos queijos importados, parou de falar e olhou para ela. Anne levantou a senha bem alto e deu um passo em frente. – É a minha vez.

Havia algo patético na sua voz – conseguia ouvi-lo como se estivesse a ouvir outra pessoa – e, para o caso de alguém pensar que ela ia chorar, repetiu-se em voz

mais alta, com mais determinação. Mas nos poucos passos que a separavam do balcão – sentiu o frio do chão de linóleo nos pés descalços causar câibras na parte inferior da barriga da perna – esqueceu-se do que queria ou do motivo para ali estar, e sabia apenas que todas as pessoas à sua volta tinham estado a maquiinar contra ela.

– Como se atrevem – disse, ao homem idoso de pé em frente das saladas de massa. E depois: – Pare de olhar para mim.

– Peço desculpa – disse o homem, e afastou-se. – Faça favor.

– Pare de olhar para mim – repetiu ela.

– Não estou a olhar para si. Não estava a olhar. Não é preciso levantar a voz, minha querida – disse ele calmamente, e toda a gente compreendeu que estava a tentar acalmá-la, que esta era uma situação que podia desenrolar-se de cem formas diferentes e que ele estava a tentar que fosse da forma mais pacífica e fácil possível. – Peço muita desculpa. Se lhe passei à frente foi sem querer, mas faça favor.

– Pare de olhar para mim – gritou ela, e depois virou-se e gritou o mesmo na direção do resto da loja.

A mais alta das duas mulheres de touca atrás do balcão pediu-lhe em tom firme para baixar a voz, enquanto a outra chamava o gerente. Anne girou lentamente num círculo, observando tudo e todos, e depois aproximou-se da pirâmide de caixas de bolachas de água e sal – artesanais, integrais, de sésamo, simples – e deu-lhe um encontrão com a anca. Quando a pirâmide se desmoronou, apertou os braços à volta do corpo e fechou os olhos com força. A dúzia de pessoas que estava antes à volta dela crescera agora para duas dúzias. Ou mais. Ninguém disse uma palavra.

– Parem de olhar para mim – disse em tom de voz normal. Depois tapou os ouvidos e começou a uivar.

Pelo intercomunicador, alguém chamou novamente o gerente.

Peter, que preferira ficar no carro a ouvir a contagem decrescente do *Top 100* no rádio, tinha acabado de olhar para o relógio do *tablier* quando ouviu uma ambulância à distância. Quando parecia que a sirene não podia aproximar-se mais, aproximou-se mais um pouco e a ambulância parou em frente do supermercado, onde se silenciou abruptamente. Peter observou-a pelo retrovisor lateral durante alguns instantes e depois virou-se para continuar a olhar pelo vidro traseiro do carro. Havia várias pessoas reunidas e os paramédicos estavam a tentar afastá-las com gestos dos braços. Um carro-patrolha da polícia parou atrás da ambulância. Um segundo carro-patrolha aproximou-se vindo de sul. Uma vez, quando Peter estava no Food King, um cliente sofrera um ataque cardíaco. O homem tinha um garrafão de leite na mão e, embora Peter não tivesse visto o homem cair, vira o garrafão a vomitar leite pelo gargalo, o líquido branco a espalhar-se pelo chão da loja enquanto o homem caído se agarrava ao ombro. O pai afastara-o antes que ele conseguisse ver o que aconteceria a seguir. Peter não sabia por que razão nunca

mais pensara nesse homem, até agora. A morte era uma preocupação de adultos, mas mesmo assim ele sabia que, quando chegasse a sua hora, não queria nada que fosse num supermercado Food King. Janet Jackson começou a tocar na rádio pela segunda vez e Peter encostou-se no banco. Não estava a ver como conseguiriam passar as cem músicas do *top* antes da meia-noite, como o DJ prometera. Quando ergueu os olhos, um homem mais velho, que reconheceu como sendo o avô de Chris Smith, estava de pé do lado de fora da janela do condutor. Mr. Smith fez um gesto circular com a mão e Peter abriu a janela.

– És o Peter, não és? Sabes quem eu sou? O meu neto é da tua turma. Ouve. A tua mãe sentiu-se mal na loja. Não é preciso ficares preocupado mas vão ter de a levar ao hospital. Posso dar-te boleia para casa? Ainda bem que te vi.

Peter piscou os olhos, fitou Mr. Smith durante um momento e depois saiu do carro tão depressa que deixou as chaves na ignição.

– O que aconteceu? – perguntou, olhando para a multidão em frente da loja de uma perspetiva diferente. Começou a correr pelo parque de estacionamento. Quando viu que estavam a trazer alguém numa maca, correu mais depressa.

– Mãe? – chamou, por trás da multidão que se reunira. Ela agitou-se quando ouviu a voz dele e um dos paramédicos tropeçou.

– Peter! – gritou ela, em tom agudo e urgente, e Peter sentiu todos os rostos virarem-se para ele. As pessoas afastaram-se para o deixar passar. – Depressa! – gritou-lhe ela, mas Peter não sabia o que isso queria dizer.

Reparou que um terceiro paramédico trazia os sapatos e o cachecol dela. A mãe tinha as pontas dos dedos dos pés azuladas e frias e o cabelo diferente do que estava quando saíra do carro. Peter pensou se a teriam forçado a deitar-se na maca e se ela teria resistido. Estava tapada com o casaco, como se fosse uma manta.

– Depressa! – gritou ela de novo, e fixou-o com um olhar desvairado, mas Peter ficou pregado ao chão, sem saber o que fazer. As mesmas caras que se tinham virado para ele desviaram agora o olhar. O casaco escorregou e ele viu que ela tinha as mãos presas. Os tornozelos também. Começou a tremer. Puseram-na dentro da ambulância e um polícia fez sinal a toda a gente para recuar, incluindo Peter.

– Peter! Depressa! – guinchou ela.

Peter olhou para o polícia que lhe bloqueava a passagem.

– Sou eu – murmurou. – Eu sou o Peter. Posso ir com ela?

– Peter – disse Mr. Smith, aproximando-se atrás dele. – Se calhar é melhor eu levar-te e podemos ligar para o teu pai da minha casa. Mrs. Smith faz-te uma sanduíche. – Mas Chris vivia com ele, lembrou-se Peter, e assim Chris ficaria a saber e depois toda a escola saberia. Tinha os ombros a tremer agora com tanta violência que sabia que toda a gente devia estar a ver. Mr. Smith passou-lhe o braço sobre os ombros, mas ainda era pior.

O polícia perguntou:

– És o filho dela? – Apresentou-se como agente Dullely.

– Sim – respondeu ele.

O agente Dulley pediu-lhe o nome completo e a morada e, quando ele não respondeu, Mr. Smith disse ao polícia como ele se chamava e que tinha quase a certeza de que os Stanhope viviam em Jefferson Street. Sim, Peter vivia com a mãe. Sim, o pai estava presente. Agora estavam a falar sobre o pai dele. O agente Dulley desapareceu dentro da ambulância durante alguns minutos e depois voltou. Ninguém parecia ter grande pressa de ir a qualquer lado.

– Ela teve um ataque de coração? – perguntou Peter quando o polícia reapareceu.

– Não – disse o agente Dulley, sem dar a entender se o que realmente acontecera era melhor ou pior do que isso.

– Em que esquadra está o teu pai? – perguntou o agente Dulley, mas Peter não se conseguia lembrar. A informação estava algures no seu cérebro, mas não conseguia localizá-la.

– Ele é polícia, não é?

Peter acenou afirmativamente.

Ficou então decidido que ele ficaria em casa dos Smith até conseguirem entrar em contacto com o pai.

– Espere – disse Peter, libertando-se do braço de Mr. Smith e vendo as portas da ambulância a fecharem-se. – Quero ir com ela.

Mas a ambulância já estava a arrancar.

– Ela está bem, Peter. Vai ficar boa.

– Bom, então não pode deixar-me em casa? – A ambulância parou no cruzamento de Middletown Road e tocou a sirene duas vezes para avisar os outros carros de que ia passar. – O meu pai deve estar a chegar.

– Tens a certeza de que é isso que queres?

– Tenho.

Na curta viagem até casa, Mr. Smith disse que, bem vistas as coisas, era uma época do ano muito cansativa, na verdade. Era um período de alegria, sim, com a família e as festas, mas também podia ser avassalador para algumas pessoas. Para começar, a quantidade de dinheiro que se gastava.

– Além disso, é diferente para as mulheres – acrescentou –, porque acham sempre que tem de estar tudo perfeito para os jantares e os festejos. Esta tigela tem de combinar com aquela tigela. É preciso usar esta colher específica. Antigamente, as pessoas faziam bolachas de gengibre e recebiam quando muito um presente, mas hoje em dia é diferente.

Olhou para Peter como se isso explicasse tudo. Peter teve vontade de lhe dizer que ele e o pai é que tinham montado a árvore de Natal. Ele fizera as bolachas sozinho no dia da venda de doces da escola. Seguiu as instruções do pacote e tinham ficado deliciosas. Depois colocara-as dentro de uma caixa de sapatos como vira as mães dos outros miúdos fazerem. Quando a mãe chegou a casa, ralhou com ele por se ter esquecido de forrar a caixa com papel de alumínio ou vegetal. Quem é que ia querer bolachas de uma caixa onde tinham andado sapatos de um lado para o outro? Da maneira como falou, mais parecia que ele tinha metido as bolachas

dentro da sanita de uma casa de banho pública. Que desperdício de ingredientes. E usara o resto da manteiga. A mãe bateu com a porta do frigorífico. O resto do açúcar mascavado. Bateu com a porta do armário. Mas depois, quando viu o tabuleiro e as tigelas lavadas e a secar em cima do balcão, parou de discutir e foi como se uma mão invisível lhe tivesse tapado a boca. Passou os dedos pela mesa e viu que estava limpa. Parou em frente da caixa de sapatos e escolheu uma bolacha da camada de cima. Peter esperou. Olhou para ela. Por fim, ela disse calmamente que estavam tão boas que seria uma pena vendê-las por apenas vinte e cinco centimos cada uma. Estavam extraordinárias.

– Vamos ficar com estas para nós – disse. – Amanhã compramos mais na padaria para venderes na escola.

Agora, enquanto viravam a esquina para Jefferson Street, Peter perguntou Mr. Smith:

– O que é que aconteceu no supermercado? Alguém lhe disse alguma coisa? Alguém foi mal-educado com ela?

– Não sei – respondeu Mr. Smith. – Não sei mesmo.

– Ela é apenas uma pessoa sensível – disse Peter.

Quando iam a descer Jefferson Street, Mr. Gleeson estava na rua, a puxar o caixote do lixo para o passeio. Olhou para o carro de Mr. Smith e viu-o parar em frente da casa de Peter.

– Aquele não é o Francis Gleeson? – perguntou Mr. Smith, inclinado sobre o volante. Parecia aliviado.

Os dois homens falaram junto à rua enquanto Peter ia buscar a chave suplente ao esconderijo, debaixo de uma pedra, e entrava em casa. Ainda estavam a falar depois de Peter ir buscar um copo de água e subir para o seu quarto. Bebeu a água de costas para a janela e contou até quarenta. Quando se virou eles ainda lá estavam, só que se tinham virado de costas para a casa, como se achassem que ele podia tentar ler-lhes os lábios e perceber o que estavam a dizer.

Ela tinha uma arma na mala. Não chegara a tirá-la, nem sequer falara nisso, mas tinham-na encontrado na ambulância quando estavam a mexer nas suas coisas. Tudo o que queria era sentir aquele peso secreto no ombro, a sua frieza e solidez ao procurar a carteira. Não planeava usá-la. Nem sequer conseguia imaginar-se a usá-la. Era só uma coisa para ter. Uma coisa que surpreenderia as pessoas, se fosse preciso, uma coisa que a surpreendeu quando se lembrou de que ali estava e de qual era a sua finalidade. Mas o paramédico que a encontrou entregou a mala toda ao polícia como se estivesse em chamas.

– O seu marido é polícia? – perguntou ele, segurando a pequena pistola de cinco balas de Brian na ponta dos dedos como se estivesse contaminada. – Local ou na cidade? – Abriu o cilindro. – Valha-me Deus –, disse, e inclinou a arma, fazendo as cinco balas deslizarem-lhe para a palma da mão. Anne Stanhope recusou-se a responder. Depois de parar de gritar na loja, ficara incapaz de falar. Não tinha interesse algum em falar. Falar era um hábito que adquirira há muitos

anos, no passado distante, e agora que lhe pusera fim não tinha qualquer desejo de recomeçar. Era inútil, de qualquer maneira – todo aquele blá-blá-blá e mesmo assim ninguém compreendia ninguém. O paramédico aproximou-se dela com um pequeno copo descartável, no fundo do qual rebojava um grande comprimido amarelo e branco. Levantou-lhe a cabeça para lhe colocar o comprimido na língua e ela cuspiu.

– Porque é que trazia isto na mala hoje, Anne?

Eram uns idiotas, pensou ela. Cada um mais idiota do que o outro. Não tinham cérebro capaz de compreender subtilidades. Não conseguiam conceber formas de pensar diferentes das deles.

– O seu marido deixou isto em casa?

Partiam do princípio de que Brian estava a trabalhar, mas Brian não estava a trabalhar. Estava na oficina a pouco mais de um quilómetro do Food King, a rezar para que o mecânico conseguisse dar mais seis meses de vida ao seu *Chevy*. Deixara a arma onde a deixava sempre quando não estava de serviço – em cima da estante da sala. Sim, devia andar com ela, mas não se dava a esse trabalho. Estava em Gillam. Porque precisaria da arma? Anne tencionava voltar a arrumá-la em cima da estante sem que ele se apercebesse sequer de que a tirara.

Na luz fluorescente do corredor do hospital, à vista de toda a gente, soltaram-na da maca e transferiram-na para uma cama. Uma pessoa virou-a e outra puxou-lhe as calças para baixo até ela sentir o traseiro nu exposto para quem o quisesse ver. Desatou a rir. Disseram-lhe para estar sossegada, por isso abanou o traseiro um bocadinho só para lhes mostrar que não mandavam nela. Alguém lhe espetou uma agulha e Anne apercebeu-se de que estava a chorar. Não se lembrava de ter parado de rir. Virou a cara para o colchão para ninguém ver. Agora o lençol debaixo da sua cara estava molhado e ficaria molhado até mudarem a roupa da cama ou a voltarem a transferir. Sentiu alguém a calçar-lhe umas meias nos pés descalços.

Quando eles se afastaram, calculou que teria dois ou três minutos. Talvez menos. Tudo dependia do que lhe tinham injetado. O polícia estava junto do balcão das enfermeiras, o médico estava com outro paciente – por isso Anne recorreu a todas as suas forças e levantou-se da cama. Parecia que lhe tinham prendido pesos aos pulsos e tornozelos. Tinha uma âncora de chumbo amarrada ao peito. Percorreu o corredor com a mesma sensação de quando era criança e tentava correr dentro de água. Direita. Esquerda. Um. Dois. Um grande esforço mas sem chegar a lado nenhum. Crescera a nadar na praia de Kiliney, com as pedras dentro da água a chocalharem no meio das ondas como ossos dentro de um saco. Se mergulhasse, arriscava-se a levar uma pedrada. Tinha a boca aberta e os lábios secos. Um pé à frente do outro até chegar ao fim do corredor e passar pelas portas. Eles ainda tinham os sapatos dela, o seu casaco, a sua mala, mas em casa tinha mais sapatos, tinha outro casaco. Quando chegou ao átrio apoiou a mão no balcão da receção por um segundo, para recuperar o fôlego, e a funcionária nem sequer reparou que ela ali estava. Quando saiu viu um táxi parado, à espera, e encontrou ainda forças

suficientes para abrir a porta e se atirar para cima do banco liso, o banco mais confortável em que alguma vez se sentara. Estava quentinho dentro do táxi e o motorista olhou para ela pelo espelho retrovisor como se estivesse à sua espera. Percebeu então que tudo tinha mudado desde o supermercado, e que agora o mundo estava a fazer todos os possíveis para voltar a cair nas suas boas graças.

– Gillam – disse ao motorista. – Um-se-te-um-um-Jeff-er-son-Street. – Disse-o lentamente, como se estivesse a falar com uma criança. Sabia que não conseguiria repetir. Fechou os olhos e adormeceu.

O próximo rosto que viu foi o de Francis Gleeson. O seu maxilar, com a barba por fazer, era diferente do de Brian. Tinha um rosto simpático, na verdade. Não era tão atraente como Brian, mas era simpático. De confiança. Uma cabeça irlandesa, grande como uma couve. Francis estava a segurá-la nos braços fortes. Queria perguntar-lhe sobre o som das ondas em Galway, se era um saco de ossos como em Dublin. Ele tinha tentado falar com ela sobre a Irlanda, uma vez. Muito, muito, muito ao princípio. Lena Gleeson ocupava a maior parte da memória desses anos, entre as mamas e a barriga e as bebés esfaimadas sempre penduradas nela. Mas agora Anne desejou ter sido mais amável. Ele transportava-a com facilidade, e, como se tivesse entrado na casa dos Stanhope todos os dias da sua vida, passou pela ombreira, subiu a escada e deitou-a na cama. Anne decidiu que se ele tentasse violá-la o deixaria fazê-lo e lidaria com o assunto mais tarde, porque não tinha forças para lutar. Tentou dizer-lhe que havia dinheiro para o táxi na sua carteira, mas a boca não funcionou. E não tinha a carteira. Os seus pés estavam gelados.

Peter pensou que ele e a mãe conseguiriam esconder todo o sucedido do pai se pensassem bem e trabalhassem juntos. Ela não lhe dissera o que fazer, mas calculou que tinham tempo; sabia que o pai não acharia estranho se chegasse a casa e ela estivesse a dormir lá em cima. Mas depois de levar a mãe para cima Mr. Gleeson não foi para casa, como Peter esperava que ele fizesse.

– A tua mãe está a descansar – disse, e perguntou a Peter se queria ir um bocadinho para casa dele. Kate não estava lá, mas podia ver um filme com Natalie e Sara. Quando Peter recusou, Mr. Gleeson sentou-se nos degraus do alpendre dos Stanhope e esperou. Peter não se lembrava se tinha desligado a ignição do carro ou se este ainda estaria a trabalhar no parque de estacionamento do Food King, ainda a tocar as cem melhores músicas de 1990. Depois o polícia que fizera todas aquelas perguntas a Peter no Food King apareceu; dirigira-se imediatamente ao número 1711 de Jefferson Street assim que descobriram que Anne desaparecera do hospital. Mr. Maldonado estava cá fora, a tirar as luzes de Natal apesar de o sol já se ter posto, e Peter viu-o olhar para o agente Dulley, com o seu uniforme azul-escuro.

O agente Dulley e Mr. Gleeson conversaram no jardim e, quando Brian finalmente chegou a casa, Peter viu da janela os dois homens a falarem com ele, e depois afastarem-se para o lado quando ele entrou a correr em casa e apalpou a

prateleira de cima da estante. Mr. Smith telefonou para se certificar de que estava tudo bem com Peter. Assim que chegara a casa e contara à mulher o que tinha acontecido, esta ralhara com ele por ter deixado Peter em casa, por o deixar sozinho quando era quase de noite, que situação para o rapaz ter de lidar sem apoio nenhum.

– Mais devagar – disse Brian Stanhope, esticando o fio do telefone para se afastar o máximo possível de Mr. Gleeson e do agente Dulley. – Não se importa de repetir isso tudo?

Nas horas seguintes, houve conversações ao nível adulto que Peter não conseguiu acompanhar. O pai reparou nele, sentado na escada às escuras, a ouvir, e mandou-o para o quarto, mas ele voltou menos de dois minutos depois e continuou à escuta. Mr. Gleeson e o pai estavam novamente na mesma esquadra, depreendeu Peter, como tinham estado durante alguns anos no início da carreira, mas agora a esquadra era em Manhattan, a Dois-Seis, perto da Universidade de Columbia. Agora lembrava-se do número. Mr. Gleeson tinha um sotaque irlandês diferente do da mãe, mas ambos diziam «Brine» em vez de «Brian» – colando as sílabas numa só.

– Brian – disse Mr. Gleeson –, ninguém te quer arranjar problemas.

A expressão do agente Dulley confirmava isto mesmo. O pai levantou a voz.

– Eu estava em casa! Estava fora de serviço!

Mr. Gleeson observou que, na verdade, Brian não estava em casa. Na verdade, estava no mecânico em Sentinela e agora estava metido numa alhada. Mr. Gleeson parecia simultaneamente zangado e aborrecido e, pela primeira vez, Peter pensou se o pai de Kate seria chefe do seu pai. Tentou lembrar-se da ordem das patentes. O pai era um agente de patrulha. Mr. Gleeson era um tenente.

– Organiza-te, Brian – disse Mr. Gleeson. – Tens de *pensar* – disse, tocando com o dedo na têmpora ao dizê-lo. Peter tentou espreitar pelo corrimão para ver o rosto do pai, iluminado pela luz fraca do candeeiro ao canto.

Uma vez, quando Mrs. Duvin dissera a Peter que tinha de se recompor, em frente de todos os colegas, ele sentira a cara a arder e reudara desatar a chorar. Rezou para que o pai não chorasse, mas não conseguia ver-lhe a cara, só o joelho e a perna das calças. Os três homens ficaram muito tempo em silêncio. Depois, sem aviso, pareceram decidir alguma coisa. O agente Dulley entregou ao pai uma arma que Peter percebeu tratar-se da pistola dele. O pai enfiou-a no cós das calças de ganga.

A mãe dormiu e dormiu.

Mil novecentos e noventa e um chegou, as férias acabaram e Peter regressou à escola. Nesse primeiro dia de escola do novo ano preparou e comeu um bom pequeno-almoço. Guardou o almoço. Lavou os dentes. A mãe desceu quando ele estava a lavar a tigela dos cereais mas, ao princípio, não falou com ele. Limitou-se a abrir a janela por cima do lava-loiça e fechou os olhos para receber a rajada de ar frio que entrou.

– És igualzinho a ele – disse, passado um minuto, ainda com os olhos fechados.
– A quem? Ao pai? – perguntou Peter. Sabia que ela não o dissera com intenção de ser um elogio.

– «A quem? Ao pai?» – imitou ela em voz trocista, exagerando a sua expressão sem olhar para ele, com uma careta estúpida, como se estivesse a representar para uma plateia de pessoas que queria fazer rir. – «Ao paaaaai? Ao paaaaaaaai?»

Calmamente, Peter tirou a mochila do cabide junto à porta e colocou-a aos ombros. De súbito, sentia-se muito sozinho. Tudo em sua casa era solitário: o armário escuro das porcelanas, cheio de coisas frágeis em que nunca ninguém tocava, a planta artificial ao lado do sofá, a persiana torta, um silêncio tão violento que só queria tapar os ouvidos com as mãos. O autocarro buzinou lá fora.

– Adeus – disse.

Ela agitou a mão no ar como se estivesse a enxotar uma mosca.

– Aconteceu alguma coisa à tua mãe? – perguntou Kate depois de se sentarem no autocarro.

– Não – respondeu Peter.

– Pareceu-me que tinha ouvido os meus pais a dizerem alguma coisa.

Na escola, nenhum dos miúdos disse nada, nem sequer Chris Smith. Peter sabia que podia contar a Kate, mas nem sequer sabia o que dizer. A mãe agora tomava comprimidos. Isso era novo. Podia dizer a Kate que os comprimidos tinham aparecido ao lado do lava-loiça da cozinha no dia de Ano Novo. Eram dois frascos grandes cor de âmbar e ela tomava um comprimido de cada um com um grande copo de água. Depois inclinava-se sobre o lava-loiça durante um minuto e gemia. Às vezes, o pai pegava nos frascos e observava-os a contraluz, sacudindo-os ligeiramente como se estivesse a contar os comprimidos.

– A mãe está doente? – perguntou Peter uma noite.

– Quem? A tua mãe? – disse o pai. E não respondeu à pergunta.

Ela regressou ao trabalho na mesma semana em que Peter regressou à escola. Tinha tirado o resto das suas férias no Natal e tudo o que acontecera encaixara perfeitamente nesse período de duas semanas. Ninguém mencionou o Food King, nem a ambulância, nem Mr. Gleeson a trazê-la ao colo para dentro. Mas ao fim de algumas semanas Peter começou a sentir algo novo a agitar-se, uma alteração na pressão do ar, uma inclinação numa direção que o forçou a reorientar-se. Pequeno-almoço, escola, trabalhos de casa, brincadeira – os dias e semanas pareciam mais ou menos iguais ao que sempre tinham sido. Aos domingos, depois da missa, ainda se escapuliam pela porta lateral enquanto as outras famílias conversavam em frente à igreja. Agora faziam compras no supermercado mais caro, a duas cidades dali, e sempre que saíam a mãe ficava um minuto parada junto ao carro a analisar o recibo com a testa franzida. Mas não era isso. Desde o Ano Novo, era como se aquilo que diziam uns aos outros – ele e a mãe e o pai – não fosse aquilo que realmente estavam a dizer uns aos outros.

A mãe parecia melhor. Quando os frascos cor de âmbar estavam quase vazios,

foram substituídos por dois frascos cheios. No Dia de São Valentim ela deixou um chocolate em forma de coração no prato dele, e um no do pai também. Uma noite, partilhou com eles uma piada que ouvira no trabalho – três cirurgiões entram num bar – e o pai sorriu. No entanto, ele parecia sempre prestes a dizer alguma coisa, como se mudasse de ideias no último instante. Ela também o sentia. Algumas noites, quando o pai de Peter estava mais calado, ela saltava da mesa e enchia-lhe outra vez o prato apesar de ele ainda não ter acabado completamente a primeira dose. Ia ao congelador buscar gelo para a bebida dele. Nunca fizera estas coisas antes.

– Eu trato disso – dizia quando ele começava a levantar a mesa, e ele deixava-a fazê-lo e retirava-se para o sofá. Mais tarde, quando Peter descia para lhes dizer que terminara os trabalhos de casa e que se ia deitar, encontrava-os em cantos opostos da sala, o pai a olhar para a televisão, a mãe a folhear uma revista e a olhar para ele de soslaio cada vez que virava a página.

E depois, certa manhã, quando estava a preparar-se para a escola e a mãe a preparar-se para ir trabalhar, Peter desceu a escada a correr para ver se havia meias lavadas na máquina de secar e quase escorregou num panfleto reluzente caído ao fundo da escada. Parecia ser sobre um campo de golfe na Carolina do Sul. Peter sabia que o pai jogava golfe, ou pelo menos comprara um conjunto de tacos na esperança de aprender. Tinha prometido ensinar Peter, um dia, quando ele tivesse altura suficiente. O homem na frente do panfleto tinha acabado de dar uma tacada e estava a sorrir enquanto via a bola voar. Por dentro, havia uma fotografia de um homem e uma mulher, aparentemente num encontro. Peter viu listas de números e preços. Estúdios. Apartamentos de uma, duas e três assoalhadas. Para arrendamento sazonal ou o ano inteiro. Geralmente, era Peter que trazia o correio para dentro na maior parte dos dias, mas não se lembrava de ter visto este panfleto. Pousou-o na mesa para o caso de ser importante, foi procurar as meias e regressou ao quarto. Depois de estar vestido, olhou pela janela do quarto e viu o pai com a pá na mão, a tirar a neve que cobria o carro depois de um nevão de março que os apanhara de surpresa. Viu o pai virar a pá ao contrário e dar uma pancadinha com a pega no gelo que cobria o para-brisas. O gelo fraturou-se em estilhaços e ele tirou a luva para os remover um a um, atirando-os para o chão. De vez em quando, protegia os olhos com a mão e olhava para o fundo de Jefferson Street.

Ele não quer estar aqui, pensou Peter. Quer ir-se embora. A ideia pousou levemente e com facilidade e, assim que Peter reparou nela, tudo o que não estava a fazer sentido fez novamente sentido.

Ouviu o pai bater com as botas no tapete para sacudir a neve, e depois o ruído estridente das tiras de borracha por baixo da porta quando ele entrou em casa. Quando Peter desceu para tomar o pequeno-almoço, o panfleto desaparecera.

No entanto as semanas foram passando sem que acontecesse nada. A primavera chegou. A época de baseball começou. O pai declarou que estava mais do que na hora de Peter ir assistir a um jogo a sério. Ia procurar a lista de jogos em casa e

decidir uma data. As tulipas começaram a brotar junto à parede da casa dos Gleeson. Os dias estavam mais quentes e Peter e Kate saíam do autocarro todos os dias com as camisolas do uniforme escolar amarradas à cintura. Começaram a ensaiar para a cerimónia de formatura. Kate ficara emparelhada com John Dills para a procissão. Havia mais rapazes do que raparigas na turma, por isso Peter e o segundo rapaz mais alto tinham de desfilar juntos. Em breve seguiriam para a escola secundária e depois tudo começaria a acelerar. Carta de condução. Um emprego. Universidade. Liberdade. Entretanto, por ele, as coisas podiam ficar exatamente como estavam. E, durante algumas semanas, foi o que aconteceu.

Havia um sítio perto das pedras, se estivessem na posição certa, do qual conseguiam ver o carro da mãe de Peter através do cipreste dos Maldonado antes de ela virar para Jefferson Street. Peter tinha o acne assanhado na testa e sabia que Kate reparara. Nessa manhã levava o boné dos Mets para a escola e só o tirara ao ouvir o segundo toque. Ao final do dia, tirara o boné da mochila e pusera-o no colo, pronto para o enfiar de novo na cabeça assim que estivessem na fila para os autocarros. Kate tinha as pernas esfoladas do jogo de *softball* do fim de semana, em que deslizara mal para a terceira base. Não conseguia parar de passar as mãos pelas feridas – como se quisesse comparar a aspereza das crostas com a suavidade do resto da sua pele. Peter deu por si a seguir-lhe os movimentos das mãos como se estivesse em transe. Kate comentara há pouco tempo que as pernas de Peter eram muito mais grossas e fortes do que as dela.

– Ei – dissera ela nessa tarde, aproximando-se mais dele. Ambos estavam de calções e ténis, ambos sentados na beira do passeio a ver se aparecia mais alguém. – Olha.

Quando a pele dela roçou na sua, Peter, sobressaltado, afastou-se. Depois disso ela ficou calada e quando Peter voltou a falar, «Soubeste que o Joey Maldonado comprou um carro?», Kate corou.

Nesse dia, uma tarde em finais de maio, com as mochilas cheias de livros e de informações sobre a cerimónia de formatura do oitavo ano para a qual faltavam poucas semanas, Peter jurou que ia manter um ambiente ligeiro, mas esta coisa estranha que estava a acontecer entre ele e Kate começava a pesar-lhe. Sean Barnett dissera aos outros rapazes que gostava de Kate, que tinha quase a certeza de que ela também gostava dele, e nem sequer olhara para Peter enquanto o dizia.

– Que merda é essa? – disse Peter, sem saber bem porque estava tão furioso.

– O que foi? – retorquiu Sean. – Vocês os dois não são primos, ou lá o que é?

– Ah... não. De certeza que não somos primos.

– Bom, então já a beijaste?

Todas as cabeças se voltaram para o inspecionar, todos os rapazes do oitavo ano que se tinham reunido para jogar à bola no parque de estacionamento, todos os rostos à espera de ouvir o que ele ia dizer.

– Porque é que achas que ela também gosta de ti? – perguntara Peter, estupidamente, e nesse instante sentiu que qualquer prerrogativa que tivesse sobre os outros em relação a Kate acabara de se evaporar aos olhos deles.

– Porque sei – respondeu Sean.

– Mas como sabes? – insistiu Peter. – Porque eu tenho muitas dúvidas.

Disse-o de uma forma que implicava informação privilegiada, dando a entender que Kate lhe diria se isso fosse verdade, e ao fazê-lo esperava recordar a toda a gente que ninguém conhecia Kate Gleeson tão bem como ele. E ela ter-lhe-ia realmente dito se gostasse de Sean, pensou. Ou pelo menos ele achava que sim.

Não havia nada a que Kate desse mais valor do que informação, conhecimento

do que os rapazes diziam quando as raparigas não estavam por perto. Mas Peter não queria contar-lhe o que Sean Barnett dissera, não fosse isso dar-lhe ideias de retribuir os sentimentos do outro rapaz. Assim, com um olho no cipreste dos Maldonado, saltou da pedra mais pequena para a do lado, e depois para a do lado, enquanto confessava que os rapazes da turma tinham todos concordado em fazer lançamentos fáceis para Laura Fumagili no jogo, de modo que ela conseguisse atirar a bola para além do *Mercedes* preto do Monsenhor Repetto – o único carro que podia estar no parque de estacionamento da escola durante os intervalos. Se ela fizesse um *home run*, isso significava que podiam ver-lhe os seios a abanar por baixo da camisa enquanto corria pelas bases.

Kate, deitada na relva, acenou com a mesma expressão séria que tinha quando estava a estudar História ou Matemática. Peter viu uma centelha fugaz de inveja, mas apenas uma centelha, imediatamente extinta pela admiração com a astúcia dos rapazes e a forma como se tinham unido em torno desse objetivo. Acenou como se concordasse completamente que fazia todo o sentido.

– Não lhe vais dizer nada, pois não? – pediu Peter.

– Claro que não – respondeu Kate, ofendida. Levantou-se abruptamente, aproximou-se da pedra do meio e saltou para cima dela com um salto perfeito, como se tivesse molas nas pernas. Olhou para Peter, para ver se ele estava impressionado. Ele encolheu os ombros, mas não conseguiu disfarçar um sorriso. Ela espetou-lhe o dedo na barriga.

– Foi bom. Admite.

E enquanto Kate começava a contar-lhe que a mãe de Laura a tinha levado a comprar *soutiens* no quinto ano, ambos saltaram para a pedra mais alta ao mesmo tempo e Kate escorregou e bateu com o queixo ao cair.

Peter saltou para o chão e ajoelhou-se ao lado dela.

– Kate! Magoaste-te? – perguntou. Encostou a mão ao rosto dela.

– Acho que parti um dente – disse Kate e, com uma mão no cabelo dela, Peter encostou o polegar ao seu lábio inferior para lhe indicar que abrisse a boca. Passou-lhe levemente o dedo pelos dentes. Kate sentiu o sabor a sal da ponta do dedo dele. Quando olhou para ela, Peter viu que Kate estava a observá-lo atentamente, à procura dos seus olhos por baixo da pala do boné.

– Está a sangrar que se farta – disse ele, tirando a mão tão depressa como se ela o tivesse mordido. Kate sentou-se e inclinou-se para o lado para cuspir. Limpou a boca com o braço e cuspiu outra vez.

– Oh... Olha, Peter. Merda – disse então, as palavras abafadas como se tivesse a boca anestesiada do dentista. Inclinou a cabeça na direção da porta das traseiras de Peter e ele virou-se. Ali estava a mãe, a olhar para o quintal com a testa franzida.

Peter levantou-se atabalhoadamente. A mãe atravessou o quintal num instante e estava de pé em frente deles antes mesmo de Peter ter oportunidade de pensar. Era como se, além de ter visto o que acontecera, conseguisse ver também o que eles estavam a pensar, aquela coisa que estava a despontar nas suas mentes e nos seus corações.

– Ela só...

– Para dentro – interrompeu a mãe.

– Mas eu estava só...

– Já.

– Espera – disse Kate, e Peter virou-se para ela apesar de conseguir sentir a fúria da mãe a crescer.

– Ele estava só a ajudar-me – disse Kate à mãe de Peter enquanto se levantava.

– Estávamos a conversar e eu caí. Bati com o queixo. Como pode ver, estou a sangrar. – Kate pousou a mão no braço de Peter para o acalmar.

Cala-te, pensou Peter. Abanou a cabeça o mais discretamente que conseguia e percebeu que Kate vira o gesto de aviso mas decidira ignorá-lo.

– A senhora é enfermeira, não é? – perguntou Kate. Virou-se para o lado e cuspiu mais sangue. A sua intenção era tão clara como se a tivesse dito em voz alta. *Obrigada pela sua preocupação.*

Mrs. Stanhope aproximou-se dela com dois passos rápidos. Peter encolheu-se e Kate recuou. Porém, quando viu que a mãe não lhe tinha batido, Peter pensou, por um segundo, que a ia ajudar. Que, apesar de estar zangada, ia ver se Kate estava bem antes de lidar com o filho. Mas ela parou quase encostada a Kate e não demonstrou o mínimo interesse por identificar a origem do sangue. Inclinou-se como se tivesse um segredo para murmurar ao ouvido de Kate. Esta olhou para os olhos dela enquanto a examinavam desde o cabelo, passando pelo corpo, até aos ténis brancos com atacadores azuis.

– Achas-te muito espertinha – disse Anne por fim. Algumas manhãs antes, tinha tirado os dois comprimidos do costume dos frascos mas, em vez de os tomar, colocara-os dentro de uma casca de ovo vazia, depois de abrir o ovo sobre a pequena frigideira. Encaixou as duas metades para parecerem inteiras e colocou a casca no lixo.

– Não devias estar a fazer isso, pois não? – perguntara Peter.

– Não devia estar a fazer o quê? – respondera ela enquanto se aproximava do filho e lhe pousava a mão no rosto. Ao princípio pareceu uma carícia, mas depois apertou com mais e mais força, até ele se afastar.

– Desculpe? – disse, então, Kate.

– Eu *disse* que te achas muito espertinha. Não é?

Kate olhou para Peter como se ele pudesse traduzir.

Do lado da casa de Kate, ouviram o som da porta de rede dos Gleeson a abrir e a fechar. Lena saiu rapidamente de casa.

– O que aconteceu? – perguntou, num tom que juntava preocupação, amor e reprimenda.

Pareceu avaliar a situação tão depressa que Peter sentiu o embaraço invadir-lhe o peito. Ao longo de todo este tempo, toda a gente soubera exatamente como a mãe dele era, só que nunca tinham dito nada.

– Para dentro – disse Lena a Kate.

– Não estávamos a fazer nada. Alguém pode dizer-me porque é que estamos

em sarilhos?

- Vai imediatamente para dentro.
- Que treta – disse Kate, e a mãe deu meia-volta e esbofeteou-a.
- Mãe! – exclamou Kate com voz embargada, a tentar não chorar.
- Céus, Mrs. Gleeson, ela já estava magoada.
- Tu, cala a boca – ordenou a mãe dele.

Um dia vamos deixá-los a todos, pensou Peter, e não era a primeira vez que esse pensamento lhe ocorria. Vamos viver sozinhos e não teremos de dar ouvidos a ninguém.

Depois de entrarem, a mãe percorreu a cozinha de um lado para o outro enquanto Peter apertava as costas de uma cadeira, recusando-se a sentar-se. Por fim, quando falou, ela disse que isto mostrava bem o tipo de gente que eles eram, os Gleeson. Lixo. Imaginem, bater à filha em público, à frente de uma vizinha.

Peter pensou em todas as coisas que podia dizer-lhe nesse momento. Pensou no quanto tinha crescido desde o ano anterior. Já era da altura do pai. Podia arrancar todos os armários da cozinha. Podia sair pela porta das traseiras, empurrando-a para a afastar do caminho se fosse preciso, podia ir buscar Kate e podiam apanhar um autocarro para qualquer lado, agora mesmo. As pessoas estavam sempre a fazer esse tipo de coisas, Peter tinha a certeza disso. Ele já fizera os catorze anos e Kate faria no verão.

- Não vais voltar para lá – disse a mãe, interrompendo-lhe os pensamentos.
- Para onde?

– Para aquela escola. Onde as vadias como a Kate Gleeson querem tentar prender-te.

– Está bem! A Kate também não vai voltar para lá, sabes. A cerimónia de formatura é daqui a três semanas.

– Não, quero dizer que não vais voltar nunca mais. Nem amanhã. Nem para a cerimónia. Nem para mais nada.

Peter olhou para ela.

- O que estás a dizer?
- Ah, agora já me ouves.
- Vou ligar ao pai.

– Não, não vais. – Ela correu através da cozinha e arrancou o auscultador do telefone. O sol do final da tarde incidia na mesa, num quadrado de luz. Peter sentiu o calor na perna, nas pontas dos dedos.

– Está bem, mãe. – Peter levantou as mãos. – Imaginemos que eu não volto. Não te incomoda que toda a gente te odeie?

- Vai para o teu quarto.
- Não.

Ela arremessou o telefone mas Peter desviou-se. Estava tão magoado que pensou que iam nascer-lhe asas para o levarem dali.

- Vai para o teu quarto.

– Não.

Ela abriu a gaveta onde guardava as colheres de servir, as colheres de pau, uma vara de arames, algumas espátulas, um martelo de ferro pesado que usava para martelar a carne. Levantou o martelo acima da cabeça e correu para ele. Peter segurou-lhe no pulso e deteve-a.

– Para com isso – disse Peter. – Para.

A mãe largou o martelo, que caiu no chão com estrondo. Olhou em volta como se tivesse perdido alguma coisa, como se algo importante tivesse ficado por entregar. Peter arrumou as cadeiras contra a mesa, uma a uma.

– Não vais voltar a ver aquela rapariga – ordenou ela.

– Claro que vou – respondeu ele, e saiu.

O pai costumava concordar com ela para acalmar a situação.

«Está bem, Anne», dizia, e depois o seu rosto ficava inexpressivo, olhava para a frente e dedicava-se a uma tarefa qualquer que o afastasse da situação, que o afastasse dela. Ligava a televisão, ou desaparecia na garagem, ou ia ao Grasshoper Pub durante algumas horas. «Tens razão», dizia, e depois movia-se como se estivesse alheado da realidade, como se nada tivesse acontecido. Se falava, era para comentar o preço da gasolina, para questionar se a população de veados disparara realmente nos últimos anos ou era só impressão.

Uma exceção tivera lugar no Dia de Ação de Graças anterior, quando o tio de Peter – George, o irmão do seu pai – veio visitá-los a Gillam com a nova mulher, Brenda, uma viagem desde Sunnyside que raramente acontecia. George Stanhope era dez anos mais novo do que Brian e os dois irmãos nem sequer pareciam ser da mesma família. Enquanto Brian era loiro e magro, George tinha o peito largo e braços grossos devido ao trabalho, a levantar e instalar traves de aço o dia inteiro. Era baixo e moreno e tinha uma barriga proeminente. A mulher dele não parecia muito mais velha do que Peter. Trabalhava nos escritórios do sindicato, tratava das questões relacionadas com seguros e indemnizações. Peter só vira George meia dúzia de vezes: uma vez num restaurante no Bronx, outra num funeral para o qual o pai o arrastara porque era numa quinta-feira no verão e a mãe estava a trabalhar. No restaurante, George fingiu ter encontrado no bolso um pacote novo de cartas de basebol e perguntou casualmente a Peter se estava interessado. No funeral, enquanto os adultos conversavam em grupo no parque de estacionamento do cemitério, George dobrou uma nota de vinte dólares e enfiou-a no bolso da camisa de Peter. Na altura, Peter tinha apenas seis ou sete anos e não sabia o que fazer com uma nota de vinte dólares.

– Aposto que gostavas de estar noutro lado qualquer – disse-lhe George baixinho.

De outra vez, Peter chegou a casa da escola e encontrou George a ajudar o pai a arrancar um toco de árvore do quintal, e foi como chegar a casa e encontrar uma celebridade à sua espera. Os três comeram piza sentados nos degraus das traseiras e, apesar de Peter desejar ardentemente que George ficasse mais tempo, que

passasse a noite lá em casa e tomasse o pequeno-almoço com eles na manhã seguinte, sabia, de alguma forma, que George se iria embora antes de a mãe de Peter chegar a casa.

Quando o pai lhe disse que George e Brenda vinham passar o Dia de Ação de Graças com eles, Peter conteve cuidadosamente o entusiasmo, para o caso de os planos se alterarem. Há anos que Peter via carros a pararem em frente das casas dos Gleeson e dos Maldonado no Dia de Ação de Graças e no Natal, mas nunca parara carro nenhum em frente da casa dele nesses dias. Imaginou George a entrar pela porta da frente com uma pilha de caixas de pastelaria, como os convidados dos Gleeson pareciam fazer. Quando George chegou, antes mesmo de apresentar a mulher, pôs a mão no ombro de Peter e este sentiu-se como se conhecesse o tio muito melhor do que o justificavam as poucas ocasiões em que tinham realmente estado juntos.

– Como vai isso? – perguntou-lhe George. – Estás tão alto! O teu pai pôs-te adubo nos sapatos?

Correu tudo bem durante algum tempo. Os adultos falaram sobre as eleições, pobre Michael Dukakis, e se Kitty teria realmente queimado uma bandeira na universidade ou se o pessoal de Bush inventara essa história. Peter saiu de casa um instante para testar o pau saltador que George lhe trouxera – Kate gritou-lhe um olá da janela do quarto e Peter acenou-lhe – e, quando voltou a entrar, o ambiente tinha mudado. Em apenas quinze minutos, a mãe de Peter parecia ter desenvolvido uma forte antipatia pela mulher de George, Brenda. Fazia um esgar com os lábios de cada vez que a mulher mais nova falava, e Peter viu que George estava a reparar. Não tinha havido casamento, pelo que Peter percebia, mas não estava a ver porque havia isso de incomodar alguém.

George foi o primeiro a levantar a voz.

– Tem lá calma – disse a Anne, e levantou a mão para indicar que estava a ficar farto. Anne levantou também a voz para ele e, depois de alguns minutos de gritaria, Anne foi ao armário buscar o aspirador. Levantou-o acima da cabeça e a mulher de George gritou quando ela o brandiu contra eles. Todos conseguiram desviar-se, mas três copos de água voaram da mesa, bem como alguns talheres e uma tigela de puré de batata. A loiça deslizou pelo soalho, até à carpete. O pai de Peter gritou com Anne como Peter nunca o tinha ouvido fazer, e ela, ainda com o aspirador na mão, fechou os olhos com força. Peter recuou um passo, depois outro, até sentir a parede atrás de si, e ficou a olhar. Quando a mãe finalmente subiu a escada e bateu com a porta do quarto, com tanta força que fez estremecer a casa toda, as quatro pessoas que estavam na sala de jantar olharam em volta, para os estragos e uns para os outros.

– Que merda foi esta, Brian? – disse George. – Por que raio estava ela tão zangada? Escapou-me alguma coisa?

– Não se consegue falar com uma pessoa que se recusa a ouvir – disse Brian em voz baixa. Uma súplica para o irmão não insistir. Um reconhecimento de que se passava algo que escapara ao seu controlo, algo que ele não compreendia, em

relação ao qual teria de tomar uma atitude muito em breve.

– Eu não te disse? – perguntou George. – Eu não te disse... quando foi?... há quinze anos?

– George – disse Brian, e lançou um olhar rápido a Peter.

Porém, em vez de abandonar o assunto e fingir harmonia como todos os adultos faziam, George virou-se e estudou Peter.

– Isso é que é manter a calma, rapaz.

Quem começou a rir primeiro? George, provavelmente. O pai foi buscar uma garrafa de qualquer coisa ao armário e quando George serviu um bocadinho no fundo de um copo de água e o estendeu a Peter, o pai não se opôs. A mãe não deu sinais de tencionar voltar a descer.

– Estás bem, meu querido? – perguntou Brenda a Peter passado algum tempo. Os dois irmãos estavam a tornar-se mais ruidosos. Brian deu um murro na mesa enquanto contava uma história qualquer da infância e Peter sentia-se como se estivesse a ouvir um desconhecido.

– Sim, estou. Porquê? – respondeu Peter descontraidamente, como se não tivesse compreendido a pergunta. O primeiro gole de álcool queimara-lhe um trilho da garganta ao estômago. Sentia o hálito mais quente quando expirava. Bebeu o resto de um trago, como vira George e o pai fazer.

– Está bem, já vi que és um durão.

O puré de batata ainda estava no chão, os copos tombados sobre a carpete. Ele podia empurrar o puré de novo para a tigela e despejá-lo no caixote do lixo da cozinha. Podia apanhar os copos ao passar e deixá-los no lava-loiça para que ninguém os pisasse e fizesse um corte no pé. Olhou em volta para ver se todos tinham os sapatos calçados. Mas teve a sensação de que limpar e arrumar ia estragar alguma coisa, portanto virou costas à desarrumação e ignorou-a. Nunca ouvira o pai falar tão alto. Nunca o vira dar um murro na mesa. Não sabia se vê-lo assim o deixava contente ou assustado. George inclinou a cadeira para trás, sobre duas pernas. Tinham-se mudado da sala de jantar para a cozinha e as coisas espalhadas pelo chão continuavam exatamente no mesmo sítio. George serviu mais meio centímetro de bebida no copo de Peter. Brian Stanhope olhou mas não levantou objeções.

– Vou só... – disse Peter, enquanto pegava num rolo de papel de cozinha e se virava para a comida entornada. Brenda seguiu-o com uma esponja húmida.

Dentro da casa dos Gleeson, Kate tentou perceber o que acontecera enquanto a mãe enrolava um cubo de gelo num pano fino e o dava a Kate para chupar. Os dentes estavam inteiros, mas tinha mordido a língua com tanta força que deixara dois cortes roxos e inchados e sempre que mexia a cabeça sangravam mais um pouco. Não parecia ter sido nada de especial, quando Kate pensava no sucedido, mas a soma era maior do que as partes. *Achas-te muito espertinha*, dissera Mrs. Stanhope. Kate pensou que talvez isso a estivesse a incomodar tanto porque era verdade: ela considerava-se realmente esperta. Era como se Mrs. Stanhope tivesse

escancarado o segredo de Kate e enfiado lá o dedo, remexendo até trazer ao de cima a parte mais vergonhosa.

Toda a interação – que não durara mais do que um minuto – já estava revestida na sua mente da coloração de um sonho. Talvez, pensou Kate, como era adulta, Mrs. Stanhope visse algo nela que Kate, desprovida dessa perspectiva, não conseguia ver, e que a sua própria mãe também não via porque gostava tanto dela. Kate lembrou-se de uma manhã, poucas semanas antes, dia de vestuário casual na escola – por um dólar, todos os alunos podiam aparecer de calças de ganga e ténis como os alunos da escola pública andavam todos os dias, e o dinheiro era para comprar uniformes de basquetebol novos para os rapazes. Nessa manhã, Kate pusera um pouco de pó cor-de-rosa nas maçãs do rosto e imaginara que talvez alguns dos rapazes reparassem. Foi o dia em que o diácono e Mrs. Gallagher vieram dar a aula mensal de educação sexual. Eles tinham nove filhos – o mais novo era da turma de Sara – e ao vê-los juntos, a preparar as coisas para a aula antes de o diácono levar os rapazes para uma sala à parte, Kate não conseguira parar de pensar que estes dois – ela baixa e roliça, como um hidrante com pernas, ele alto e anguloso e sem um único fio de cabelo na cabeça – tinham feito aquilo que Kate sabia que as pessoas tinham de fazer para ter nove filhos.

Nessa noite, muito depois de as irmãs e os pais estarem a dormir, muito depois de a dor na língua ter finalmente acalmado, Kate viu uma luz a incidir na parede do seu quarto. Assim que reparou nela – um círculo mesmo no meio da parede em frente à janela – a luz apagou-se. Depois voltou. E tornou a apagar-se. Quando apareceu de novo, dirigiu-se à janela. Ali, do outro lado da noite imensa, estava Peter, à janela do seu quarto. Virou a lanterna para si próprio e depois para algo que tinha na mão. Abriu a janela e lançou para a escuridão aquilo que parecia ser um avião de papel. Tentou segui-lo com a luz da lanterna, mas o papel branco e o círculo de luz correram atrás um do outro sem nunca se encontrarem, num espetáculo frenético contra a quietude perfeita da noite. O avião aterrou na relva, do lado da casa de Kate. Peter encontrou-o e apontou para ele com a lanterna durante um momento, antes de a virar para Kate, que acenou com a cabeça e com a mão para ele saber que ela o tinha visto, que sabia que era para ela.

Nessa quinta-feira, ao longo de todo o dia na escola e enquanto o autocarro percorria lentamente as ruas de Gillam, o plano de Kate se encontrar com Peter foi como uma pedrinha quente escondida nas suas mãos. O avião de papel estava encharcado de orvalho, mas ele prevenira-se contra isso escrevendo a mensagem a lápis para que as palavras não debotassem. Kate saíra de casa a correr para o apanhar antes mesmo do pequeno-almoço, antes de o resto da família poder olhar para a janela e vê-lo ali, ao lado do arbusto de azevinho.

– Já andas na rua? – perguntou a mãe quando Kate entrou, com folhas de relva molhada coladas aos pés descalços.

– Pensava que tinha deixado um livro lá fora – justificou-se Kate, e a mãe não perguntou mais nada, ainda ensonada antes do seu primeiro café.

Meia-noite, dizia o bilhete de Peter. Tinha de falar com ela. Provavelmente não iria à escola. Esperava que ela estivesse melhor da boca. Encontravam-se junto à sebe.

Ao pequeno-almoço, Natalie e Sara quiseram saber exatamente o que acontecera. Houvera uma prova de atletismo na tarde anterior e por isso tinham chegado tarde a casa e ainda com os trabalhos de casa para fazer. Só começaram a perceber que se passava alguma coisa quando Kate se recusou a sair do quarto para jantar e a mãe as baniu da cozinha para poder falar com o pai em privado.

– Foi tão estranho – começou Kate, em voz baixa.

– O quê? – perguntou Natalie, e tirou uma maçã da fruteira.

– Eu caí da pedra e mordi a língua. Sangue por todo o lado. Mrs. Stanhope saiu de casa e estava tão zangada! Perguntou-me se achava que era esperta. Depois a mãe saiu de casa e deu-me uma bofetada com tanta força... – Mas Kate sentia os olhares confusos das irmãs. Não conseguia explicar. Não conseguia resumir toda a interação numa só frase empolgante.

– O que é que se passa contigo e com o Peter? – perguntou Natalie. – Andam enrolados?

– Não! – gritou Kate, e sentiu uma bola de fogo formar-se no peito.

O simples facto de Kate ainda estar em St. Bart's e Nat e Sara já andarem na Escola Secundária de Gillam significava que as histórias de Kate nunca podiam ser tão interessantes como as delas. Nada era importante até à escola secundária.

Sara inclinou-se sobre a tigela para ficar mais perto de Kate.

– A Nat anda com o Damien Reed.

– Sara! – ralhou Natalie.

– Ela não conta a ninguém – respondeu Sara.

– Oh – disse Kate, e sentiu a sua própria história passar para segundo plano. Não sabia quem era Damien Reed.

Sara continuou:

– Ela diz que se alguma vez engravidar, aluga um carro, vai ao Texas, faz um aborto e diz à mãe e ao pai que esteve numa prova de atletismo.

– Sara! – exclamou novamente Natalie, desta vez com mais sentimento. – Eu mato-te!

– Porquê ao Texas? – quis saber Kate.

Nat suspirou.

– Não tem de ser o Texas. Um sítio qualquer distante.

– Não querias que fosse alguém contigo? – Se esperavam que ela ficasse escandalizada com o assunto, não lhes daria essa satisfação.

– A Sara vinha comigo – disse Natalie, e olhou para Sara em busca de confirmação. Virou-se para Kate. – Também podias vir, se quisesse. Agora ainda não, mas daqui a um ano ou dois. Não que eu esteja a pensar que isso vai acontecer.

Kate pensou no assunto.

– E se vocês alguma vez precisarem de fazer um, podem dizer que me vão visitar à universidade – sugeriu Nat, encerrando o assunto. Ia para a Universidade de Syracuse no outono.

A mãe entrou e começou a tirar do frigorífico e da caixa do pão aquilo de que precisava para fazer os almoços delas.

– Segredinhos, segredinhos – disse, enquanto contava seis fatias de pão, três ameixas, três garrafas de sumo. Abriu uma caixa de salada de atum. – Espero bem que estejam prontas para o autocarro. Não me apetece nada ter de ir levar alguém à escola esta manhã.

Mrs. O'Connor ergueu os olhos da lista de presenças e chamou o nome dele duas vezes antes de passar ao seguinte. Na aula de ginástica, Mr. Schiavone anunciou que era a vez de Peter Stanhope ser o capitão, e depois olhou em volta e acabou por chamar outro rapaz. Kate sentia um frémito de medo e alegria percorrê-la de cada vez que a ausência dele era notada, como se a forma de Peter estivesse ali ao seu lado. Distraidamente, durante o dia, levava de vez em quando a mão ao sítio onde ele lhe tocara, no queixo, menos de vinte e quatro horas antes.

– Onde está o Peter? – perguntaram alguns dos miúdos na viagem de autocarro para casa.

– Deve estar doente – disse Kate, disfarçando um sorriso.

Quando saiu do autocarro teve o cuidado de não olhar demasiado para a casa de Peter, na eventualidade de estar alguém a ver. O carro da mãe dele estava à entrada. A porta da frente estava fechada. Lena Gleeson, de pé no alpendre com as mãos cheias de correspondência, fez adeus ao motorista do autocarro quando ele arrancou.

– O Peter não foi à escola hoje? – perguntou depois de entrarem.

– Não. – Kate encolheu os ombros.

– Hum – disse a mãe.

Trabalhos de casa, jantar, loiça: Kate fez tudo obedientemente, para tentar não atrair as atenções.

– Sentes-te bem? Mostra lá a língua – disse a mãe quando Kate anunciou que ia

para cima, ler um pouco antes de dormir. Kate abriu a boca e deitou a língua de fora o máximo que conseguia.

– Parece-me bem – disse Lena, afastando-lhe o cabelo do rosto. Encostou a testa à de Kate, como costumava fazer quando ela era pequena. – Estás preocupada com o teu amigo?

– O que queres dizer?

– Ele provavelmente não vai ter autorização para brincar mais contigo, Katie.

– Nós não *brincamos*, mãe. Céus. Tenho quase catorze anos.

– Bom, sim, o que quer que seja que fazem, tenho a certeza de que a mãe o vai proibir de continuar a fazer. Mas não te metas, Kate, está bem? O Peter é bom rapaz, mas a família é problemática.

Nessa noite, Kate deitou-se em cima das cobertas e esperou que os minutos passassem. Natalie e Sara partilhavam um quarto desde que Kate nascera, já que os seus dias e noites estavam trocados nessa altura. Tinham mantido os mesmos quartos desde então e só esta noite é que ocorreu a Kate que talvez isso tivesse algum significado, que talvez estivesse predestinado, que talvez ela tivesse ficado com um quarto só para si apenas para, tantos anos depois, poder escapulir-se para se encontrar com Peter à meia-noite.

O pai estava no turno das quatro à meia-noite, o que significava que não chegaria antes da uma da manhã, pelo menos. Quando as irmãs subiram, por volta das dez, Kate sentiu os nervos começarem a ficar eletrizados. Às onze, os risos gravados da série que a mãe estava a ver silenciaram-se abruptamente quando ela desligou a televisão, e o silêncio instalou-se sobre a casa. Kate pensou que, a menos de quinze metros, Peter estava a fazer o mesmo: deitado às escuras, à espera. Se as paredes dos quartos deles desaparecessem, poderiam sair por esse lado e estariam junto um do outro quase instantaneamente. A infância de Kate acabaria em breve, e não fazia mal, porque isso significava que ninguém poderia dizer-lhe o que podia e não podia fazer, e ninguém podia dizer a Peter o que podia e não podia fazer. Um dia, ela e Peter sentar-se-iam em restaurantes, pediriam o jantar de uma ementa e fariam descontraidamente sobre o que lhes acontecera naquele dia. Às vezes a idade adulta parecia muito distante, mas nessa noite, quando o relógio marcou finalmente as onze e cinquenta e oito e Kate vestiu um casaco de malha por cima do pijama, pareceu-lhe muito próxima. E sentia-se pronta para isso. Essa prontidão preencheu-a enquanto descia a escada em bicos de pés até à porta das traseiras, enquanto pousava a mão na maçaneta e empurrava a porta. Lá fora, correu até ao relvado ao lado da casa, onde Peter já estava à sua espera.

– Vamos – murmurou ele, e pegou na mão de Kate.

Lado a lado correram para norte por Jefferson Street – o casaco de Kate a esvoaçar, os atacadores de Peter desatados – e viraram para Madison, onde havia uma casa vazia, com um cartaz torto de «Vende-se» no jardim da frente. Contornaram-na até um velho baloiço. Fora a casa dos Teague, cujos filhos eram

mais velhos do que Natalie. Tinham-se mudado para sul depois de o mais novo ir para a universidade, e a casa estava vazia desde então. Ao lado do baloiço havia outro brinquedo com um espaço protegido por um telhado, para o qual se subia por uma escada enferrujada. Peter afastou as latas de refrigerante vazias. Kate sentia a pulsação a latejar na língua ferida.

– Tenho de fazer chichi – disse.

– Isso é dos nervos – respondeu Peter.

Tudo nele parecia agora muito masculino a Kate: o tamanho das mãos, o trejeito especial da boca, até o tom de azul dos seus olhos. Desde pequenos que comparavam os seus corpos e Kate apercebeu-se agora de como o corpo dele devia ter trabalhado para ficar tão maior do que o dela, as células a multiplicarem-se ao dobro da velocidade, os músculos a ficarem mais compridos, mais fortes. Quando estavam em pé, o alto da cabeça de Kate dava pelo queixo dele.

– E tu não estás nervoso? – perguntou-lhe. Não sabia bem o que havia de fazer. Para onde devia olhar? Peter aproximou-se mais, pegou-lhe novamente na mão, deslizou a sua até ao pulso dela, contornou-o com os dedos, pegou também no outro pulso. Avançou com as mãos até estar a segurar-lhe nos cotovelos e Kate pousou os antebraços nos dele. Juntos, pareciam preparados para saltar. Nenhum deles disse nada, e depois o silêncio prolongou-se tanto que a vontade de o preencher passou. Ele vestia a *T-shirt* dos Mets que usava pelo menos duas vezes por semana há uns bons dois anos. Estava a ficar-lhe pequena – o tecido um bocadinho esticado nos ombros.

– Se calhar – disse.

Kate reparou que havia qualquer coisa de diferente quando falava com ele agora, além das circunstâncias, além de ele a estar a segurar como se quisesse confirmar que ela estava mesmo ali.

– Tens a certeza de que os teus pais estão a dormir? – perguntou ela. – Tenho de voltar antes da meia-noite e meia.

– Kate – disse ele, e mudou ligeiramente de posição. Agora estava a examinar os dedos dela, a medi-los contra os seus como costumavam fazer quando eram pequenos. Depois inclinou-se e beijou-lhe os dedos. Virou-lhe a mão e beijou-lhe a palma. Kate pensou: tudo o que vivi na minha vida foi apenas para chegar a este momento, para sentir a boca quente dele na minha mão. Ele tinha dois buraquinhos na costura da *T-shirt*. Depois inclinou-se e beijou-a nos lábios.

Separaram-se para respirar e Kate estremeceu, embora se sentisse mais calma agora que tinha acontecido. Limpou a boca com as costas da mão e viu-o olhar para ela com ar divertido, fingir-se ofendido.

– Oh, desculpa – disse ela, e riu-se. Um carro passou em Monroe Street e eles seguiram a direção dos faróis enquanto os raios de luz passavam entre as árvores. Virou para Central Street.

– O meu pai vai-se embora – disse Peter. – Vai viver para Queens com o meu tio.

– Vão-se mudar?

– Só o meu pai.
– Estás a falar a sério? Peter! Quando é que ele te disse?
– Ontem, depois de jantar. A minha mãe... perdeu a cabeça depois de... sabes, quando me viu contigo lá fora. Por isso ligou-lhe para o trabalho e ele veio para casa e depois... não sei. Ela disse uma data de coisas e acho que foi quando ele tomou a decisão.

– Ele pediu-te para ires com ele e tu não quiseste, ou nem sequer te pediu?

Peter puxou uma lasca de madeira da tábua do chão.

– Acho que eu lido melhor com ela do que ele.

– Bom, e o que é que ela disse?

Ele puxou outra lasca.

– Peter? Tens a certeza de que não queres tentar convencer o teu pai a levar-te também? Sei que ia ter saudades tuas, mas...

– O problema, Kate, é que acho que ela não ia ficar bem se eu fosse. Percebes?

– Mas... – Kate pensou na melhor forma de dizer o que estava a pensar, e não se saiu melhor do que quando era pequena. – Porque é que a tua mãe é assim? Talvez tenha sido um mal-entendido e nós...

Peter abanou a cabeça. Contou-lhe o que acontecera no Food King no inverno. Isso explicava porque é que os Stanhope tinham agora sacos do supermercado Evergood no caixote do lixo. O Evergood nem sequer vendia frutos secos e passas em pacotes fechados; os clientes tinham de se servir a granel. O facto de terem passado quase cinco meses e Kate não ter ouvido nada sobre o assunto na escola significava que provavelmente não teria sido tão grave como Peter estava a dizer, mas depois ocorreu-lhe a possibilidade oposta: que fora tão grave que os adultos tinham tido o cuidado de não falar nisso em frente dos filhos.

– Peter...

– Só queria que soubesses que as coisas se calhar vão ser diferentes durante algum tempo. – Beijou-a novamente, desta vez durante mais tempo. Kate sentiu as mãos dele a apertá-la na cintura. Pousou levemente as mãos nos ombros dele e depois apertou-o com força. Se a mãe dele perdera a cabeça depois da tarde anterior, quando Peter estava apenas a ver se Kate estava bem, o que faria se fosse procurá-lo esta noite e descobrisse que ele não estava no quarto? Kate afastou-se.

– Podes dizer-me tudo, sabes? Eu nunca contaria a ninguém.

– Eu sei. – Peter sentou-se sobre os calcanhares. – Quando éramos pequenos, era diferente, mas agora... não sei. Penso em como quero contar-te tudo, e às vezes, quando as coisas não estão famosas em casa, lembro-me de alguma coisa engraçada que tu dissesse. E penso na tua relação com as tuas irmãs e os teus pais. Dantes, às vezes, tentava imaginar como seria a minha vida se fôssemos irmãos em vez de vizinhos, mas há algum tempo percebi que não queria ser teu irmão porque assim não podíamos casar um dia.

– Casar! – gritou Kate antes de desatar a rir.

– Estou a falar a sério.

A luz do alpendre da casa do lado acendeu-se e ambos deram um salto.

– É melhor irmos – murmurou Peter.

Kate desceu pela escada e Peter pelo escorrega. Correram para o passeio – Kate deu uma palmada no cartaz de «Vende-se» ao passar – correram por Madison Street e viraram para Jefferson. Aí, Peter parou, pegou em Kate, fê-la girar com as pernas no ar e voltou a pousá-la no chão. Tontos, esfuziantes, continuaram a correr até avistarem as respectivas casas. Quando se aproximaram, agacharam-se um momento à sombra da sebe dos Nagle.

– Lamento muito o que aconteceu ontem – disse Peter. Kate estudou-lhe o rosto sob a luz fraca do luar e teve um vislumbre de como ele seria quando crescesse. Levantou a mão e pousou-a no seu pescoço. Peter fechou os olhos.

– Não faz mal.

Nada disso importava. Agora estavam unidos por aquilo que ele dissera, pelo beijo, por se conhecerem desde sempre. Em silêncio, saíram a correr de trás da sebe, como um par de raposas – Peter em direção à sua casa, Kate em direção à casa dela.

E não teriam sido apanhados, se Lena Gleeson não se tivesse lembrado de que deixara a mangueira do jardim ligada depois de jantar. Tinha acabado de plantar a hidrângea, e agora o mais certo era que a tivesse afogado. Estava já a dormir mas algo nos seus sonhos a lembrou disso e acordou sobressaltada. Quando chegou à cozinha encontrou a porta das traseiras entreaberta. Olhou para a porta, espreitou rapidamente para a sala para ver se Francis tinha chegado mais cedo e depois pensou que talvez se tivesse esquecido de a fechar. Saiu para o ar gélido e fechou a água. O chão debaixo dos seus chinelos estava ensopado. Voltou para a cozinha e rodou o trinco da porta. Quando subiu e espreitou para o quarto de Kate, quase ficou contente por estar certa.

– Onde é que foste? – perguntou, quando Kate finalmente saiu de trás do arbusto de azevinho e se dirigiu à porta das traseiras. Lena estava sentada nos degraus. Kate soltou uma exclamação abafada e levou a mão ao coração.

– Mãe!

– Fiz-te uma pergunta. Onde é que foste?

A sua voz parecia tão calma que, ao princípio, Kate pensou que talvez não estivesse metida em sarilhos. Atrás dela, a sombra de Peter atravessou o relvado em direção à porta das traseiras da sua própria casa.

– Espera aí um bocadinho – disse Lena em voz alta, atravessando o relvado ensopado com os chinelos de quarto brancos. – Espera aí. – Passou por Peter e bateu na porta das traseiras dos Stanhope.

– O que estás a fazer? Mãe! Espera, por favor – implorou Kate, puxando a manga da mãe como uma criança pequena. – Não compreendes. Porque é que tens de lhes contar?

Uma luz acendeu-se no primeiro andar da casa de Peter. Depois a luz da cozinha. Kate olhou para Peter, à espera que ele dissesse alguma coisa, que ajudasse, mas Peter simplesmente suspirou.

– Sabe que mais – disse Lena quando Brian abriu a porta e a luz se derramou sobre ambos –, pode dizer à sua mulher que o filho dela também não é nenhum anjinho. Isto foi ideia dele, esta saidinha às escondidas. – Do bolso do roupão, tirou o avião de papel. Um carro parou em frente à casa dos Gleeson. Uma porta bateu. Todos ouviram Francis subir o caminho de acesso, enfiar as chaves na porta. Ele acendeu a luz da sala e saiu imediatamente de casa pela porta das traseiras, que estava escancarada.

– O que se passa? – perguntou quando se aproximou, embora Kate conseguisse ver que ele já tinha percebido tudo.

– Ela que te diga – respondeu Lena, e agarrou no cotovelo de Kate pela parte mais sensível enquanto a puxava para casa. Brian abriu a porta para Peter entrar e este passou pelo pai de cabeça baixa.

– Ai! – queixou-se Kate enquanto tentava libertar-se da mão da mãe.

– Estou a magoar-te? – disse Lena, e apertou com mais força.

Em todos estes anos, desde que viviam ao lado deles, os Gleeson nunca tinham ouvido os Stanhope gritar. Quando os ouviram discutir, desta vez – uma voz de mulher, sim, todos a conseguiam ouvir, e uma voz de homem, e a de Peter – todos pararam, à escuta. Kate sentiu a atenção afastar-se dela temporariamente. Sara apareceu ao fundo da escada.

– Passa-se qualquer coisa aqui ao lado. – Depois viu Kate e disse: – Oh, bolas. – Deixou-se cair no sofá e olhou em volta, claramente interessada no que ia acontecer a seguir.

– Ele vai deixá-los – disse Kate, desesperada para os manter concentrados nos Stanhope. – Mr. Stanhope. Vai morar com o irmão. O Peter só queria contar-me.

– Isso não tem nada a ver contigo, Kate – gritou Francis, e deu um murro na mesa, com tal força que Lena deu um salto. – Faz amigos novos, por amor de Deus. Afasta-te daquela gente. – A culpa era dele, e sabia-o. Mesmo enquanto estava a gritar, sabia que a culpa era sua. Anne Stanhope fizera disparar os seus alarmes mentais logo que a conhecera, e mesmo assim não fizera nada. Porque gostava de Brian. Porque pensara, são apenas crianças, que mal tem? Mas na verdade tudo o que uma criança pequena quer é ter alguém com quem brincar. Até uma certa altura, podiam ter substituído Peter por outra criança qualquer e Kate nem teria reparado. Nat e Sara andavam sempre juntas, mas ele e Lena podiam ter deixado Kate convidar colegas da escola para ir brincar lá em casa. Era o que algumas das colegas de Kate faziam, segundo Lena. Parecia tão americano, convidar uma criança qualquer que morava do outro lado da cidade, quando havia tantos miúdos ali ao lado de casa, mas deviam tê-lo feito. Deviam tê-la encorajado a ir mais vezes a casa dos Maldonado. Susannah podia ser um bocadinho burra e aquele irmão mais velho parecia sempre que andava a tramar alguma, mas pelo menos os pais eram normais. Mas Lena sempre dissera que era tão engraçado, a forma como Kate e Peter se procuravam um ao outro. Costumava ficar à janela da cozinha a olhar para eles lá fora, no quintal, sempre a falar, a falar, a falar. Lena

dizia que era importante ter um bom amigo e, de qualquer maneira, acabariam por se afastar quando crescessem. Um havia de se fartar do outro e seguiriam os seus caminhos.

– Como sabes? – perguntara Francis depois do incidente no Food King, quando não havia sinais de eles estarem a afastar-se. Brian ficara notavelmente menos simpático com Francis depois do drama do Ano Novo e, uma ou duas vezes, parecera-lhe mesmo declaradamente hostil. As pessoas ficam estranhas quando sabem que não têm razão.

– Chama-se adolescência – respondera Lena. – É a vida.

Kate parecia tão escanzelada no pijama fino, o corpinho esguio igual ao que era quando andava no jardim de infância, só que esticado. Era a sua menina, pensou Francis, embora tivesse sempre o cuidado de não mostrar preferência entre as filhas. Às vezes, sentia o coração crescer quando a via a correr no quintal, estivesse o tempo como estivesse, enquanto as irmãs pintavam as unhas dentro de casa. Era a única capaz de o acompanhar à loja de ferragens numa manhã de sábado, embora soubesse tão bem como ele que Francis passaria metade do tempo na conversa com os outros polícias que as mulheres tinham mandado arranjar qualquer coisa, instalar qualquer coisa. Juntos, com as peúgas puxadas até meio da perna e os calções de xadrez – todos com a arma no coldre por baixo das camisas de manga curta – inspecionavam cada broca, prego e parafuso sem ter a mais pequena ideia do que fazer com eles, porque todos tinham sido criados na cidade, onde se limitavam a aborrecer o senhorio até ele arranjar o que era preciso. O facto de ter crescido na Irlanda não tornava as coisas diferentes para Francis; de onde ele vinha, ninguém ambicionava ter um alpendre de cedro nas traseiras.

– Então o que é que tinhas? – perguntou-lhe Kate uma vez. – Um pátio?

Ele respondera com uma gargalhada. Uma vez, quando Kate ainda mal tinha largado as fraldas, juntara todos os bonecos de peluche na escada e dissera ao pai que estava a reuni-los para a chamada da esquadra.

Mas agora tinha treze anos e viu-a esfregar bruscamente o nariz com a mão aberta. Lena estava sempre a chateá-la para não fazer isso.

– Ouve, Kate. Já há problemas suficientes no mundo, não precisamos de ir à procura de mais.

Lena listou todas as coisas que ela não podia fazer. Não havia uma grande festa do final do ano em breve? Bom, podia esquecer isso. E ainda: estava proibida de usar o telefone, de ver televisão. Kate sorriu e cruzou os braços. Nunca usava o telefone, de qualquer maneira. Praticamente não via televisão.

– E não podes ir para a rua depois da escola – acrescentou Francis, e o coração de Kate parou por um segundo. Sentiu o sorriso desaparecer-lhe do rosto. – Nem ir no autocarro. A partir de agora eu ou a tua mãe levamos-te à escola.

Natalie apareceu, a esfregar os olhos.

– Que raio se passa aqui? – Olhou para além da mãe e do pai, na direção da porta, de testa franzida. – Aquele não é o Peter? O que é que ele está a fazer?

Kate deu um salto e virou-se rapidamente. Ali estava Peter, de pé sob a luz

apagada do alpendre, como se estivesse a tentar decidir se havia de bater à porta ou não. Quando viu que estavam todos a olhar para ele, levantou as mãos num gesto de rendição.

Foi Francis que abriu a porta.

– O que foi agora? – perguntou, perscrutando a escuridão atrás de Peter.

– Acho que por esta noite já chega – disse Lena.

Peter acenou com a cabeça, absorvendo os comentários. A sua maçã de Adão subiu e desceu no pescoço magro quando engoliu em seco, cada vez mais nervoso. Olhou para a sua casa e depois respirou fundo como se estivesse a preparar-se para mergulhar e entrou.

– Podem chamar a polícia, se faz favor? – pediu, olhando apenas para Kate. Mas, em vez de esperar por resposta, simplesmente passou por toda a família Gleeson, atravessou a sala de estar e a de jantar e entrou na cozinha, onde o telefone estava montado na parede, exatamente no mesmo sítio que na sua própria casa. Todos ficaram precisamente onde estavam por um instante, a ouvir o som oco do auscultador de plástico a ser levantado do descanso.

Lena abriu a boca para falar mas Francis levantou a mão.

– O que se passa? – exigiu saber, seguindo o rapaz até à cozinha.

Peter olhou diretamente para ele enquanto falava para o telefone.

– Estou? Sim. Pode mandar alguém ao número dezassete onze, em Jefferson Street? Sim. Por favor, despachem-se. A minha mãe tem a arma do meu pai.

Lena levou a mão à boca enquanto Sara e Natalie corriam para a janela. Kate não tirou os olhos de Peter. Francis abanou a cabeça. Não era possível. O rapaz devia ter percebido mal. Era por isto que os espectadores davam testemunhas terríveis. A mãe de Peter já tinha pegado na arma no passado, por isso o rapaz achava que ela voltara a fazê-lo. Pensaram – ele e Brian – que conseguiriam esconder esse pormenor dos miúdos, tal como o tinham escondido do resto das pessoas de Gillam, mas hoje em dia os miúdos sabiam tudo. Observavam e ouviam e sabiam demasiado.

– Eu vou lá – disse Francis.

– Espere – disse Peter. – Espere um minuto. – Enquanto Peter segurava o auscultador curvo e azul como um suplicante a oferecer uma esmola, Kate viu que ele estava a tentar pensar numa forma de minimizar o drama, uma forma de não os envolver, apesar de se ter visto obrigado a usar o telefone deles. Enquanto Peter se debatia para articular aquilo que queria dizer, Kate apercebeu-se de como ele era parecido com o pai. Tinham a mesma maneira de se conter, de parecer levar os seus problemas com ligeireza.

No entanto, o minuto que Peter pedira acabou. Francis passou por Lena e, aparentemente em menos de nada, estava em cima do tapete esbatido dos Stanhope, aos murros à porta, com as pernas afastadas numa pose que Kate nunca vira antes.

– Brian! – gritou. – Anne! – Tentou rodar a maçaneta. Bateu de novo. Ele próprio dera a Brian o cadeado para a arma, em janeiro. Era Dia de Ano Novo e a

loja de ferragens estava fechada, mas Francis tinha um cadeado de combinação a mais, ainda na embalagem, no telheiro. Levava lá Brian e, ao abrir a porta, foram atingidos pelo cheiro a relva e gasolina. Encontrou-o imediatamente, um milagre, e viu Brian abrir a embalagem. Enquanto fechava a porta do telheiro depois de saírem, disse a Brian para não escrever o código em lado nenhum. Brian olhou para ele como se quisesse perguntar se Francis o achava realmente assim tão estúpido, e Francis encolheu os ombros, subitamente irritado, com vontade de lhe dizer que Brian é que era o imbecil que perdera o rasto a uma arma carregada.

Portanto o rapaz tinha de estar enganado. Talvez ela tivesse feito alguma ameaça. Tinham passado quase cinco meses desde o incidente no Food King, desde que ele dera o cadeado a Brian. Quase cinco meses para criar um hábito. Enquanto pensava no que havia de fazer, Francis inclinou-se e tocou na barriga da perna, como se a arma que Peter pensava ter visto pudesse, de alguma forma, ser a sua. Abriu a presilha de segurança do coldre, depois voltou a fechá-la. Era completamente impossível. Lembrou-se de uma história na Irlanda, pouco antes de ele vir para a América. Uma família ao fundo da rua perdera dois filhos, afogados no poço, com três anos de intervalo. Primeiro morreu um e, três anos depois, o outro, exatamente da mesma maneira, quase com a mesma idade.

– Deus os ajude – murmurara a sua mãe a falar com o pai na cozinha, abalada pela tristeza. – Não podia ter acontecido a qualquer um de nós?

Agora, quase trinta anos depois, Francis queria regressar a essa cena, queria ressuscitar o pai e a mãe só para lhes dizer que não, agora que tivera tempo para pensar nisso, não estava de acordo. Não podia ter acontecido a qualquer um deles.

– Francis! – gritou Lena do outro lado do quintal. Uma luz acendeu-se na casa dos Maldonado. Os Nagle também tinham acordado. A operadora da linha de emergências dera instruções a Peter para continuar em linha e ele assim fez. Olhou para Kate para que ela lhe contasse o que estava a passar-se lá fora. Devia desligar, pensou ele. Provavelmente estava tudo bem. Se calhar enervara-se e exagerara, e agora ia ser tudo ainda pior. O pai tencionava sair de casa nesse fim de semana. Dissera-lhe que talvez fosse só durante algum tempo e Peter decidiu nesse momento que não ia contestar nada do que ele dissesse, que o deixaria dizer todas as coisas ridículas que quisesse e ele, Peter, faria o que bem entendesse. Foi nessa noite que enviou o avião de papel pela janela. Foi então que decidiu que não se importava se fosse apanhado. A operadora do outro lado da linha estava a perguntar-lhe o que acontecera, que tipo de arma era, se estava carregada, mas Peter ignorou-a.

– Diga-lhes só que venham depressa – pediu. – O mais depressa que conseguirem.

Ouviram-se então passos dentro da casa dos Stanhope.

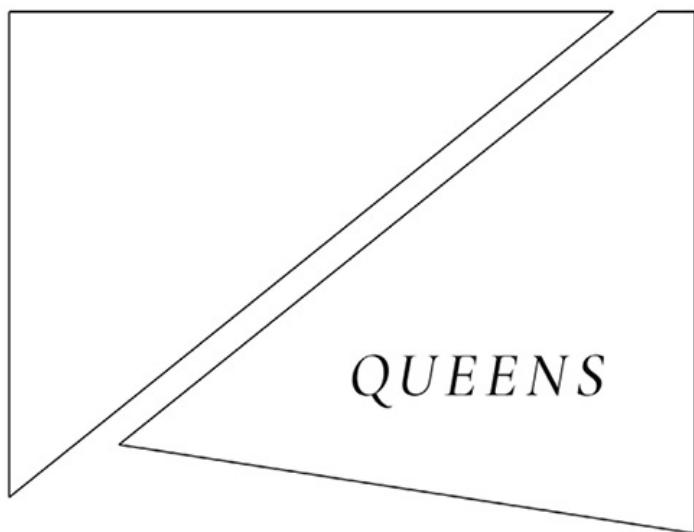
– Já vai! – gritou Anne Stanhope, em tom tão descontraindo como se fossem três da tarde. Francis olhou para Lena e acenou para lhe indicar que estava tudo bem.

Anne abriu a porta e recuou alguns passos, cambaleante. A primeira coisa em que Francis reparou foi que ela não tinha nada nas mãos. Vestia uma camisa de

dormir com padrão de cornucópias, com franjas coloridas a baloiçar sobre as pernas esguias. Parecia estar em sofrimento e, por um instante, Francis pensou que o rapaz estava só meio enganado. Que, na verdade, fora Brian que atingira o limite e deitara mão à arma.

– Está ferida? – perguntou, e deu um passo hesitante em frente. Anne caiu lentamente de joelhos e sentou-se sobre os calcanhares. Francis olhou rapidamente em volta, para a escada, para o espaço sombrio atrás da porta aberta. À distância, soaram sirenes. – Onde está o Brian? – avançou mais alguns passos para dentro da casa.

– Lamento muito esta confusão toda – disse Anne, e, quando Francis olhou para ela, parecia realmente arrependida. Estava branca como a cal e parecia exausta, de coração partido. Depois enfiou a mão debaixo da almofada do sofá caída no chão ao seu lado e, mais depressa do que Francis alguma vez julgaria possível, tirou a pistola, apontou e disparou.



No apartamento de George, comiam em pratos descartáveis. Peter acompanhava o tio quando ele ia aos armazéns em Long Island City, de poucos em poucos meses, para comprar uma embalagem de seis camisolas interiores brancas, que George usava todos os dias, e uma embalagem de dois mil pratos descartáveis de primeira qualidade, resistentes, que ele punha em cima do balcão da cozinha em duas pilhas idênticas. Não havia mesa na cozinha, por isso comiam em frente à televisão, com o jantar equilibrado nos joelhos. Usavam os talheres que Brenda deixara quando voltara para casa dos pais, e o lava-loiça tinha sempre o fundo coberto de facas, garfos e colheres. Na casa de banho, Brenda deixara um boião de creme para a cara que George empurrara para o canto do balcão, onde foi ficando gradualmente escondido por latas de creme de barbear, frascos de *Old Spice*, bisnagas de *Clearasil*, elixir dentário, escovas de dentes caídas sobre pequenas poças de água suja aqui e ali. De vez em quando, depois de tomar banho, Peter abria esse boião de creme e cheirava-o. Pepinos. Amaciador da roupa. A tampa prateada do boião parecia nunca acumular pó, e Peter pensava com os seus botões se o pai e George fariam o mesmo que ele.

Brian fora transferido para serviço de secretária depois de tudo o que acontecera, e posteriormente para a Brigada de Trânsito após o caso ser arquivado. A casa vendeu-se rapidamente, adquirida por uma jovem família de Rockaway, e o agente imobiliário arranjou alguém para ir avaliar todas as suas mobílias. As loiças. As roupas de cama e toalhas. Os *Tupperwares*. O suporte dos chapéus de chuva e os três chapéus de chuva que continha. A velha bicicleta de Peter foi vendida, os seus velhos blocos de construção. Cada dólar conseguido tinha de ir para as custas jurídicas, as custas médicas – o dinheiro entrava e saía imediatamente, como numa porta giratória. Brian cometeu o erro de dizer isso a Peter, e Peter, que fora estoico ao longo de toda a provação, que permanecera inabalável enquanto a mãe passava pelo processo de detenção – cadeia local, acusação, julgamento, até chegarem a um acordo e ela ser internada num hospital estatal – ficou, finalmente, abalado por esta informação: pela ideia de haver desconhecidos a percorrerem a sua casa em Gillam, a inspecionarem a sua coleção de autocolantes e a experimentarem a sua cadeira, enquanto ele e o pai estavam sentados no sofá de George em Queens, a ver o concurso *Jeopardy!* na televisão. Brian viu o filho reagir à notícia. Eram agora quase da mesma altura. Tinham as mãos do mesmo tamanho. Peter corou profundamente e Brian afastou o olhar. Era fácil esquecer-se de como ele ainda era novo.

– E as minhas coisas? – perguntou Peter. – As coisas que não têm valor monetário. Os meus cadernos. Outras coisas.

– Hão de chegar às nossas mãos, Pete. Não te preocupes. A senhora vai pôr essas coisas de lado e depois podemos ir buscá-las.

– As minhas cassetes?

– Sim, eu disse-lhe para as pôr de lado também.

– Estão numa caixa de sapatos no meu armário. Disseste-lhe isso?

– Não, mas posso dizer-lhe hoje. Eu ligo-lhe.

– Os meus livros também. – Tinha uma bonita edição de capa dura de *O Hobbit*, com uma página dourada mais grossa no princípio e outra no fim. Ganhara-o no concurso para o melhor cartaz de prevenção de incêndios no sexto ano e, assim que o tivera nas mãos, decidira que nunca o abriria para não estragar a lombada. Quando a curiosidade sobre a história levou a melhor, levantou um exemplar do livro na biblioteca para ler e deixar aberto o dia inteiro, virado para baixo, em cima da almofada. Kate ficara em segundo lugar e ganhara um exemplar de *Anne dos Cabelos Ruivos*.

– Sim, os teus livros também. Isso tudo. Vamos lá voltar para trazer essas coisas.

– Quando?

– Não sei, filho. Em breve.

Peter assentiu com um aceno e pousou cuidadosamente o garfo em cima da folha de papel de cozinha que lhe servia de guardanapo. Pegou no casaco, que tinha atirado para cima da televisão, e saiu do apartamento. A charcutaria lá em baixo tinha duas máquinas de jogos de vídeo ao fundo, e Peter costumava ir lá jogar *Duck Hunt* ou *Pac-Man* à tarde. Também gostava de se sentar em frente da loja de *noodles* em Queens Boulevard e ver o comboio número 7 passar com estrondo por cima dele.

– O que é que eu disse? – perguntou Brian depois de ele sair, recostando-se nas almofadas do sofá.

– O rapaz só quer as coisas dele – disse George. – Vais mesmo lá voltar? Como lhe disseste?

– Claro. Porque não o faria?

George encolheu os ombros e olhou para a porta fechada do apartamento antes de se concentrar novamente no programa de televisão.

Brian sabia que havia quem achasse que ele devia ter sido despedido, que havia quem o considerasse incompetente, quem pensasse que ele era um idiota que não conseguia controlar a própria mulher. Mas ele não tinha cometido crime nenhum; apenas ela. Ele fora uma testemunha. Uma vítima, até. Brian ouvira dizer que o rosto de Francis Gleeson estava melhor. Não propriamente normal, mas não tão mau que obrigasse uma pessoa a desviar o olhar. Consequia falar e comer. Já voltara a andar. Tinham percebido quase imediatamente que ele ia sobreviver. Quando ele ultrapassou as primeiras doze horas, foi motivo de esperança. Ao fim de vinte e quatro horas, ficou evidente que ele era mais forte do que alguém esperava, mas e depois? Viveria, mas em que condições? No monte de papelada recebido meses depois dessa noite, pouco antes de o caso criminal ser encerrado, Brian leu que, enquanto o levavam para a sala de operações nessa primeira noite, uma enfermeira dissera a Lena Gleeson que ele já tinha recebido uma transfusão de sangue e perguntara se deviam dar-lhe outra, caso fosse preciso. Ao princípio, Lena não compreendeu a pergunta, a pergunta por trás da pergunta, mas assim que

caiu em si tornou-se uma fera e disse-lhes para usarem o sangue deles próprios se fosse necessário; disse-lhes que se espremessem até não restar nada, desde que o salvassem. E depois esperou do outro lado da porta, seis, sete, oito horas, só para o poder ver durante dez minutos. E ficou ali o dia e a noite toda, e os dias seguintes, durante três meses, até ele ser transferido para um hospital de reabilitação no norte do estado. Algumas das enfermeiras aborreciam-se com a obstinação dela, com a forma desconfiada com que encarava todos os gestos que elas faziam, mas outras diziam que fora a força de vontade dela que o salvara. Ele era forte, sim, e tivera sorte, mas essas coisas, só por si, não seriam suficientes.

O monte de papelada tinha quinze centímetros de altura, mas era aos detalhes sobre Lena que Brian voltava uma e outra vez. Ouviu dizer, no trabalho, que assim que Francis recuperou um pouco as forças, ela pegava no carro e ia buscá-lo à instituição de reabilitação, só para o trazer novamente para Gillam e o levar ao lago. Ele ainda estava numa cadeira de rodas nessa época, por isso ela instalava-o ao lado de um banco, com um chapéu de abas largas na cabeça e uma manta sobre os joelhos. Depois sentava-se no banco ao seu lado a conversar com ele, e Brian imaginava que, para quem passasse atrás deles e visse apenas as silhuetas contra o sol, pareceriam um casal qualquer a apreciar o dia. As pessoas que passavam por eles nos seus passeios matinais cumprimentavam-nos, perguntavam como ele estava. Lena virava-se e sorria a Francis para o incluir, como se a cara dele não fosse uma massa distorcida, como se ele fosse um homem capaz de acrescentar alguma coisa: está um lindo dia, hoje. Quando ele recuperou o suficiente para ir à missa, e começou a ser capaz de percorrer curtas distâncias sem ajuda, ela conduzia-o pela mão ao longo da coxa lateral. Agora, pelo que Brian ouvira dizer, já não precisava de lhe dar a mão. Ele conseguia, sozinho, contornar completamente o lago. Brian vira-o pela última vez no tribunal. Francis tinha o cabelo muito curto, uma pala sobre o olho esquerdo. A sua pele parecia em carne viva, muito esticada. De um lado da cara, a bochecha unia-se ao pescoço sem a interrupção de um maxilar, ou pelo menos assim parecia.

Insensatamente, Brian julgara que tudo passaria assim que Francis estabilizasse. Que Francis acordaria e diria ao mundo que a culpa era parcialmente sua, a bem da verdade. Afinal de contas, fora Francis que usara a sua influência – toda a gente o conhecia, toda a gente gostava dele – para manter o incidente no Food King em segredo. E porquê? Francis devia tê-los deixado acusá-la logo nessa ocasião. Devia ter deixado que a prendessem. Ela teria passado um mês no hospital e regressaria a casa melhor.

Há mais de um ano que Brian passava os seus dias a orientar os carros e camiões no lado de Manhattan da Ponte de Queensboro.

– Oh, correu tudo bem – respondia sempre que Peter ou George lhe perguntavam como corra o seu dia. Ou: – Foi bom, tirando o raio da chuva. – Ou o raio do frio. Ou o raio do calor. Mas dizia-o em tom agradável, ou tentava, e praticamente não havia ninguém que não se queixasse da chuva e do frio e do calor. Era apenas uma coisa que se dizia. Peter achava que ele reparava mais no

tempo agora que estavam em Queens (nunca dizia que se tinham *mudado* para Queens, apenas que estavam *em* Queens agora) porque passava muito mais tempo ao ar livre, à espera de autocarros, a caminho da estação de comboio, a caminho de casa depois das compras, com as asas dos sacos de plástico carregados a cortar-lhe as palmas das mãos. Um dia, Brian apanhou o Q32 para a cidade como sempre mas, em vez de sair na Second Avenue, deixou-se ficar, baloiçando com o resto dos passageiros enquanto o autocarro seguia pela Third, Lex, Park. Saiu na 32nd, comprou um cachorro-quente, comera-o e depois apanhara novamente o autocarro para Sunnyside, onde se deitara no retângulo de luz dourada que incidia no chão de parqué gasto do apartamento de George. Nem sequer sabia o que lhe passara pela cabeça. No dia seguinte, fingiu que tinha feito confusão com os dias de folga. Ligou para o administrador do seu fundo de pensões e confirmou o nível em que se encontrava, a sua elegibilidade. Ainda era novo. Seria melhor esperar até fazer os vinte anos de serviço, mas quando imaginava mais um ano inteiro no meio de 59th Street, a inalar os vapores dos escapes, sentia algo dentro dele enroscar-se e morrer. Depois, um dia, algumas semanas mais tarde, sem dizer nada a Peter, sem dizer nada ao irmão, cujo sofá-cama ele e Peter partilhavam desde que tinham saído de Gillam, Brian apresentou a demissão e entregou o distintivo. Sempre imaginara que esperaria por uma sexta-feira para o fazer, mas não conseguia aguentar nem mais um dia, por isso fê-lo numa quinta-feira. A seguir, apanhou o autocarro para Sunnyville, meteu-se no carro (embora estivesse estacionado num lugar mesmo bom, onde podia ficar até sábado) e conduziu até ao estádio Shea, onde parou, com o motor a trabalhar, junto ao portão do campo, com uma vista desimpedida das bancadas na linha da terceira base.

Nessa noite, enquanto Peter fazia os trabalhos de casa, Brian levantou-se em frente da televisão e disse que tinha algo muito empolgante para lhes dizer. Quando Peter ergueu os olhos, reparou novamente que o pai estava mais magro. Todos os pares de calças que possuía lhe estavam largos, e apertar mais o cinto só fazia com que lhe ficassem pior. Andava nervoso, sorria muito, mas o seu sorriso tinha algo de maníaco que inquietava Peter. Agora, enquanto via o pai pigarrear como se estivesse prestes a dirigir-se a uma plateia cheia de gente, Peter viu uma centelha de alegria nos olhos dele, pela primeira vez desde a noite em que a mãe disparara contra Mr. Gleeson.

Tal como eles sabiam, começou Brian, ele sempre quisera viver no sul – George e Peter entreolharam-se – e depois de fazer alguns telefonemas e falar com algumas pessoas, tinha uma boa dica sobre um apartamento na Carolina do Sul. Também conhecia uma pessoa que podia arranjar-lhe lá um emprego como segurança particular. Era um tipo que se aposentara também da Polícia de Nova Iorque e o trabalho estava praticamente garantido. Ia receber a sua pensão, e a vida era mais barata lá. Peter podia vir com ele, se quisesse.

Peter percebeu que o tio estava tão surpreendido como ele. Peter tinha quinze anos. Estava a ler sobre a captura do Forte Ticonderoga porque o professor dera a entender que ia haver um teste surpresa no dia seguinte. Tinha acabado de começar

o seu segundo ano na Escola Secundária para Rapazes de Dutch Kills, que ainda lhe parecia um lugar temporário. Mrs. Quirk, que fora sua professora de Ciências em St. Bart's, encontrara-se com ele na cidade e levava-o a conhecer uma data de pessoas que ele percebeu que estavam a avaliá-lo, de alguma forma. Era verão. Peter partira do princípio de que os professores se escondiam no verão, mas aqui estava a professora Quirk, a descer do autocarro para o passeio no calor de finais de julho.

– Anda daí, Peter – dissera, e ele foi.

Os adultos falaram em privado. A única coisa em que ele conseguia concentrar-se era em como lhe parecia estranho ver a professora Quirk a caminhar por uma rua na cidade com o mesmo penteado armado e as mesmas meias grossas que usava em Gillam, e a primeira coisa em que pensou foi que mal podia esperar por contar a Kate. Depois, como acontecia sempre que se lembrava de Kate, sentiu o estômago contrair-se, como se estivesse a preparar-se para um soco. O pai andava tão ocupado nesse verão – advogados e médicos todos os dias – que foi George que levou Peter onde ele precisava de ir, foi George que ficou com os números de telefone e as moradas e os prazos que a professora Quirk lhe deu. Foi George que disse a Peter que podia agradecer à professora Quirk quando entrasse em Dutch Kills.

– O que é isso? – perguntara Peter. E quando lhe disseram que era uma escola secundária especializada, uma espécie de escola particular mas sem ter de pagar propinas, que era uma das melhores escolas da cidade, públicas ou privadas, mesmo assim ele não compreendeu completamente o que eles queriam dizer. Ficar em Queens durante algum tempo era uma coisa. Frequentar a escola lá, era outra. Quando imaginava a escola secundária, ainda era a fachada da Escola Secundária de Gillam que lhe vinha à cabeça.

Isso acontecera tudo há um ano. Desde então, fizera alguns amigos na escola, nenhum dos quais sabia nada sobre a sua mãe ou sobre o que sucedera em Gillam. Nunca se encontrara com nenhum deles ao fim de semana, ou depois da escola. Os outros iam a sítios juntos, a casa uns dos outros, ou ao parque. Falavam sobre coisas que Peter percebia terem acontecido depois da escola, depois dos treinos. Alguns dos seus colegas da equipa de corta-mato tinham visto um tipo que andava a passear vários cães ficar enrolado nas trelas e ser arrastado por Central Park. Tinham falado disso durante semanas, Rohan a imitar a forma como o homem saltitara e tropeçara, Drew e Matt a uivar e a ganir como cães.

– Terias achado muita graça, Peter – diziam-lhe, por isso ele sabia que não estavam a excluí-lo, sabia que gostavam dele, e isso era suficiente. Parecia-lhe que seria excessivo entrar nas casa deles e ver os seus quartos e comer com os seus irmãos e irmãs, como eles pareciam fazer uns com os outros. Percebia que partiam do princípio de que ele fazia outras coisas ao fim de semana, que voltava para «o campo», talvez, pois sabiam que viera de lá. Uma vez, nas suas primeiras semanas na escola, quando os outros ainda o cobriam de perguntas que ele basicamente evitava, disse-lhes que deixara lá uma namorada e que tentava ir ter com ela aos

fins de semana. Disse-lhes que, às vezes, apanhava o autocarro até lá, e outras vezes era ela que vinha à cidade. Perguntaram-lhe como ela era, não por estarem curiosos, Peter sabia-o, mas porque estavam a tentar decidir se haviam de acreditar nele. Disse-lhes a verdade: cabelo loiro escuro até meio das costas, olhos verdes, altura média.

– Mamas grandes? – perguntara um rapaz chamado Kevin, e todos se riram enquanto faziam os alongamentos. Peter sorriu também mas sentiu algo gelado passar através dele e, por um momento assustador, teve medo de começar a chorar.

Agora, no seu segundo ano em Dutch Kills, era o segundo melhor atleta da equipa de corta-mato e, quando Barry Dillon se formasse, passaria a ser o melhor. O treinador queria transferi-lo dos mil e quinhentos metros para os mil e duzentos na época de inverno, e para os oitocentos na primavera. No verão, disse-lhe que Barry Dillon não conseguia fazer os tempos que ele fazia quando tinha a idade dele e que, se trabalhasse bem, podia acabar por ser o melhor corredor de meia distância da cidade. Peter andava a pensar que, se mandasse a Kate apenas o calendário das provas, ela compreenderia o que ele lhe queria pedir. Se o mandasse por correio, com uma morada falsa no remetente, talvez lhe dessem a carta para abrir sem pensar muito nisso. Depois ela podia arranjar maneira de vir à cidade e conseguiriam finalmente ver-se. Apesar do que os amigos da escola pensavam, Peter não via Kate desde a noite em que usara o telefone dos Gleeson para chamar a polícia.

O que Peter compreendeu foi que o pai tencionava ir, fosse como fosse, que se aposentara da polícia, que assinara o contrato de arrendamento da casa na Carolina do Norte ou do Sul; Peter estava sempre a confundi-las. Se houvera algum debate sobre se devia ou não ir, esse debate já acontecera, em privado, dentro da cabeça de Brian. Estava a convidar Peter para ir com ele, mas estava também a convidá-lo para ficar. Peter ficou com a impressão de que o convite estava a ser feito por mera cortesia, em consideração ao facto de as suas vidas terem estado interligadas até este momento. Se fosse um inconveniente para George a permanência de Peter, então, na maneira de ver do pai, esse era um problema para George e Peter resolverem entre eles.

– Como é que vais ver a mãe? – perguntou Peter.

– Como é que vou ver a mãe? – repetiu Brian num tom que sugeria que a resposta era óbvia. Passou a mão pelo cabelo, aparentemente à procura de alguma coisa no bosque cerrado dos seus próprios pensamentos. – As temperaturas médias lá em baixo são cerca de sete graus mais quentes do que aqui. A comunidade que eu encontrei tem uma piscina para residentes. E também um ginásio.

– E também um ginásio – repetiu George. Virou-se para Peter. – És bem-vindo em minha casa enquanto quiseses aqui ficar, rapaz. – George passava grande parte dos seus dias de trabalho em cima de uma viga de aço de dez centímetros de largura, muitos metros acima do chão; com o tempo, desenvolvera um sexto sentido para o perigo por ter de estar sempre atento aos riscos à sua volta. – Eu

levo-te a Westchester sempre que queiras.

– Nesse caso, fico – disse Peter. – Pelo menos durante algum tempo. Logo vemos como corre. – Observou atentamente o pai.

– Muito bem! – exclamou Brian. – Está combinado.

Trinta minutos depois, George percorreu os dois quarteirões da avenida até à loja de *noodles* e juntou-se a Peter, que estava sentado no degrau.

– Ainda bem que decidiste ficar, rapaz. Vamos divertir-nos, nós os dois. – Depois pousou a mão na cabeça de Peter. – Estás bem?

– Eu? Sim, tudo bem.

– Não percebo nada de golfe, mas sei que aquilo lá em baixo não é sítio para mim. Nem para ti. E estás numa boa escola. Sabes que há muitos miúdos desesperados por entrar nessa escola? E olha para ti, a mandar naquilo tudo, com as corridas e tudo mais.

– Obrigado pela conversa profunda, George. A sério.

George soltou uma gargalhada que fez virar cabeças na plataforma do comboio.

– Já pareces um mafioso. Acho que lá no sul não têm mafiosos.

Brian partiu algumas semanas depois, na manhã da prova de corta-mato mais importante da época. Peter odiava a sensação que o invadia sempre que chegava a casa e encontrava o pai a fazer as malas, a organizar as coisas. Num dia, havia um saco de viagem novo. No outro dia, um monte de camisas de golfe em cores vivas a transbordar de um saco de plástico da Marshalls. Não o irritava, propriamente; mas preferia beber uma *Coca-Cola* no degrau do prédio de George e ver as pessoas a caminharem apressadamente para casa, ou a passearem os cães. Uma tarde, enquanto o pai estava ao telefone, desceu para a rua e viu uma mulher estacionar a carrinha de marcha-atrás com apenas três manobras, deixando não mais de cinco centímetros de espaço de cada lado. Teve vontade de aplaudir. Um miúdo que ele reconhecia da escola passou, mas não era um dos atletas e não era da turma de Peter, por isso cumprimentou-o apenas com um «Olá» rápido e desviou o olhar.

Quando a manhã chegou, Brian atirou dois sacos para o banco de trás do carro e fechou a porta com força.

– Deixei algum dinheiro ao George – disse a Peter, que saíra com ele. – Portanto não te preocupes com essa parte.

Peter não se tinha preocupado com essa parte. Só se tinha preocupado em ter tempo suficiente para digerir o pequeno-almoço antes do tiro de partida. Agora ocorreu-lhe que fora George que comprara esse pequeno-almoço. Teria de contribuir para as despesas, de vez em quando. Não fazia ideia de quanto ganhava um operário siderúrgico.

– Boa viagem – disse Peter. Ouvira George dizer o mesmo essa manhã, antes de sair. De súbito, Peter estava cheio de pressa. Não podia perder a carrinha da equipa. Tinha de fazer o aquecimento. Tinha de ir à casa de banho. A manhã estava fresca e cheirava a maçãs. Estava a desperdiçá-la, ali parado no passeio.

– Porta-te bem – disse Brian. – Vemo-nos em breve, está bem, Pete?

– Sim, eu sei. Já me disseste.

Peter ficou no passeio enquanto o pai tirava o carro do lugar de estacionamento apertado, se dirigia a Woodside Avenue e virava à direita. Em segundos, um carro parou e ocupou o lugar vago.

Duas horas mais tarde, depois de uma viagem repleta de nervos até Van Cortland Park com o resto da equipa, Peter desistiu da corrida ao fim de apenas um quilómetro e meio. Começara bem, ia à frente como de costume, mas quando o grupo entrou no bosque ficou para trás. Não conseguia encontrar o fôlego habitual. Pesavam-lhe os músculos. Os outros começaram a ultrapassá-lo. Abrandou até parar e afastou-se para o lado para deixar passar os restantes.

– Uma câibra? – quis saber o treinador, enquanto corria para ele. Não era normal em Peter. Depois da prova, na carrinha de regresso a Queens, o treinador pediu-lhe que se sentasse à frente com ele. – Estás bem? – perguntou. – O que é que aconteceu?

Peter encolheu os ombros.

– Não me sinto muito bem.

– Queres que ligue ao teu pai?

– Não, eu falo com ele. Logo lhe digo para me vir buscar. – Peter sentiu uma pressão no peito, falta de ar. Esticou-se, mas não parecia ajudar. Abriu a janela e fechou os olhos quando o ar lhe atingiu o rosto.

– Fecha a janela! – pediu um dos colegas do banco de trás, e Peter assim fez. Pouco depois, a carrinha estava de volta ao lugar habitual, junto às portas do ginásio, e Peter estava de pé ao lado do cemitério, com o saco, à espera do autocarro.

Ia ver a mãe aos domingos. Não todos os domingos, mas quase. Era o pai que o costumava levar, mas ao fim de alguns meses Peter começou a apanhar o comboio. Gostava de ir sozinho. Geralmente apanhava o 7 para Grand Central e depois mudava para o Metro-North para a viagem de setenta minutos ao longo do Hudson. Levava o *Walkman* para que ninguém metesse conversa com ele enquanto olhava pela janela e via as cidades de Westchester passarem do lado de fora, uma após outra, tão depressa que se confundiam umas com as outras, e depois cada vez menos à medida que a paisagem se abria e transformava em terrenos agrícolas, com muros de pedra a traçarem formas à distância. As casas davam lugar a cercados para cavalos, os caminhos pavimentados davam lugar a estradas de terra e gravilha. Nenhuma das cidades por onde o comboio passava era parecida com Gillam, mas dava por si a compará-las com Gillam, apesar disso. De vez em quando avistava uma vaca. Quando saía do comboio, era uma caminhada de cerca de três quilómetros até ao hospital, por uma estrada de duas faixas. Uma vez, quando estava a chover, apanhou um táxi depois de sair do comboio e quando a condutora lhe perguntou quem ia visitar ao hospital, disse-lhe a verdade. Quando ela parou em frente ao hospital, disse-lhe que lamentava muito mas tinha de lhe cobrar os cinco dólares na mesma, porque já tinha comunicado a viagem à central e

as coisas também não estavam fáceis para ela.

Durante um período de vários meses, não pudera ver a mãe. O pai vira-a algumas vezes quando ela estava detida no hospital no Bronx, mas tanto os advogados como os médicos achavam que Peter não devia vê-la ainda, até as coisas estarem mais calmas. Ver Peter, dissera-lhe o pai, iria perturbar o pouco equilíbrio que ela ainda tinha, e não queriam correr esse risco. Parecia ser uma decisão deles, de todos os homens envolvidos no destino dela, e Peter preocupava-se com o que a mãe pensaria por ele não a ir ver. Uma noite, pouco depois de o julgamento terminar e de ela ser transferida para o hospital estatal em Westchester, quando o pai finalmente regressou a Queens depois de a visitar, pousou a mão na cabeça de Peter e disse-lhe que ela acabaria por cair em si em breve.

Depois tentou voltar atrás:

– Quero dizer...

– Então é ela que não me quer ver?

– Ela não sabe o que quer, Peter. Sinceramente. Só queria dizer que... nem sei o que queria dizer.

Peter refletiu sobre o assunto. Era como se tivesse estado a olhar para o mundo por uma janela e agora tivesse atravessado a sala para olhar para o mesmo mundo por outra janela.

– Se eu for, ela vai querer ver-me. Tenho a certeza.

– Está bem – disse o pai. – Para a próxima, experimentamos.

E Peter tinha razão. Ela não virou costas quando o viu à sua espera na sala das visitas, com o pai. Trazia um vestido largo com flores coloridas estampadas no tecido, um casaco de malha preto, chinelos. Parecia cansada. Ganhara muito peso. Cheirava a sopa.

– É dos remédios – explicara-lhe o pai depois. – Fazem-na inchar muito. Mudam-lhe até a cor da pele. É um dos motivos pelos quais ela os detesta. São medicamentos muito fortes. Têm de lhe tirar sangue dia sim, dia não, para ver se não estão a envenená-la.

A mãe não fez perguntas a Peter, por isso ele simplesmente começou a falar. Contou-lhe da sua escola nova. Falou-lhe sobre Sunnyside. Ela ouviu com o olhar perdido na distância durante alguns minutos e depois levantou um dedo para o mandar calar. O pai olhou para o relógio e usou a sua voz sorridente para dizer que era melhor irem andando, que devia haver trânsito. Sorriu mais ainda enquanto se dirigiam à porta.

– Vai àquele *workshop* de que o doutor Evans estava a falar a semana passada – disse à mulher. – Vais gostar! Anne, não foi bom o Peter ter vindo? Ele queria tanto ver-te.

– Sai daqui – disse Anne. – Lamento o dia em que te conheci. – Depois apertou o casaco à volta do corpo e algo naquele gesto altivo reconfortou Peter, confirmou que a mãe que ele conhecia ainda ali estava, algures.

Brian sorriu como se ela estivesse a brincar, sorriu por Peter e por si próprio, e depois pela enfermeira que estava sentada a menos de dois metros.

– Mas tu – disse ela a Peter, e os seus olhos encheram-se de lágrimas. Susteve a respiração. – Tu. – Apertou-lhe os ombros e depois tirou as mãos. – Não venhas cá mais – pediu.

– Está na hora – disse a enfermeira, aproximando-se por trás dela e conduzindo-a pelo corredor. – Por hoje, já chega.

– Outra idiota – disse Anne.

*

Brian começou a ir cada vez menos ao hospital. Dizia que tinha de trabalhar. Afirmava ter ido vê-la quando Peter estava na escola. Foi ele que disse a Peter que seria fácil ir de comboio se quisesse ir sozinho. George já não bebia tanto como noutros tempos – apenas duas cervejas durante os jogos dos Mets e, para não ceder à tentação, comprava garrafas individuais de Budweiser – e pedia a Brian que fosse ao Banner se quisesse um uísque. Peter sabia disto porque o pai lhe contou.

– Ele é que estragou tudo, sabes – contou Brian a Peter poucas semanas depois de se terem mudado. – Com a Brenda. – Queria avisar Peter, explicou, do que podia acontecer a quem perdia o controlo com a bebida. O que acontece é que a mulher se vai embora e um tipo acaba por ter medo de ir ver um jogo ao estádio, ou até de ver o jogo no mesmo *pub* em que foi criado.

– Tenho pena dele – acrescentou Brian.

E onde é que tu acabaste?, queria Peter perguntar. Se George era um falhado tão grande, o que é que isso dizia sobre o irmão mais velho que dormia no sofá-cama dele? Agora, em vez de levar Peter ao hospital aos domingos, Brian ia ao Banner e fazia conversa de circunstância com o empregado do bar.

O pessoal do hospital não gostava quando Peter, que era menor de idade, aparecia sozinho, mas depois de conferenciar através da máquina da Xerox atrás da receção, deixavam-no entrar. Eram sempre as mesmas enfermeiras que lá estavam aos domingos, por isso já conhecia algumas pelo nome e elas conheciam-no a ele. Às vezes, só podia ver a mãe brevemente através do vidro da porta. Nessas ocasiões ela estava geralmente sentada no chão, num quarto almofadado. Da primeira vez que a viu assim, a enfermeira pareceu aperceber-se do que tinha feito e ficou subitamente preocupada por o ter deixado vê-la, e ofereceu a Peter um refrigerante do frigorífico das enfermeiras, que normalmente era vedado aos visitantes.

– És tão alto – disse-lhe. – Já estás no último ano da escola secundária?

Quando ele lhe disse que estava apenas no segundo, ela empalideceu. De outra vez, viu que a mãe tinha uma ferida na testa e, embora normalmente ele tentasse dar o menos nas vistas possível, não conseguiu afastar a preocupação e a necessidade de saber o que se passara. A tremer, aproximou-se do balcão e perguntou o que tinha acontecido, porque é que não tinham avisado a família. Sentia-se muito crescido.

– Tenho a certeza de que alguém falou com o teu pai – disse a enfermeira chamada Sal. E depois inclinou-se para a frente com ar conspirador e acrescentou: – Peter, provavelmente foi ela que se aleijou a si própria.

Uma vez, quando chegou, descobriu que lhe tinham cortado o cabelo. De outra vez ela recusou-se a sair do quarto e ele palmilhou os três quilómetros a martirizar-se por não lhe ter deixado um bilhete a dizer que não fazia mal, que a veria para a semana. Às vezes ela percorria o corredor com passos arrastados e sentava-se com ele mas recusava-se a falar.

E agora Peter tinha notícias que a iam perturbar. Não tencionava dá-las de chofre. Esperaria até ela perguntar por Brian. Mas nesse domingo, vinte e quatro horas depois de o pai partir para um apartamento na Carolina do Sul ou do Norte, ela estava à espera de Peter. Tinha o cabelo bem penteado. Parecia limpa e bem arranjada, um pouco menos inchada.

– Então ele foi-se embora – disse. Peter ainda nem se tinha sentado.

– Sim, parece que sim – respondeu Peter. – Como soubeste?

– Ele passou por aqui e, ao princípio, não percebi nada do que estava a dizer, mas depois juntei as peças. E tu continuas com o George? – Estava lúcida. Perfeitamente lúcida. Como se alguém tivesse feito uma série de ajustes e aqui estava a sua verdadeira mãe, de volta.

– Sim.

– E estás na escola? Tens boas notas?

– Sim.

– Ótimo. Muito bem, Peter, ouve. Vai correr tudo bem. O que vai acontecer é que eu vou sair daqui. Vão deixar-me sair dentro de pouco tempo. Estava a pensar que podíamos abrir uma loja, tu e eu. Não em Nova Iorque. Em Chicago, talvez. Ou em Londres. Uma loja especializada. Um sítio onde as pessoas possam comprar coisas que são difíceis de encontrar. Teremos de viver numa casa de habitação social durante algum tempo, e depois podemos arranjar o nosso próprio apartamento. Conheceremos montes de gente através da loja, e serão pessoas de qualidade. Se o George te tratar bem... ele trata-te bem?... deixamo-lo entrar como investidor.

Peter não sabia o que dizer, por isso não disse nada. Os segundos passaram lentamente. Ela levantou-se e parou junto de uma estante repleta de jogos de tabuleiro.

– Mas eu acho que não vais sair tão cedo, mãe – disse ele, por fim.

Agora cabia-lhe a ele dizer-lhe a verdade. Era melhor dizer-lhe a verdade do que dizer que o plano dela o preocupava, que não parecia muito sólido, que não tinha interesse algum em se envolver com uma loja especializada, que nem sequer sabia bem o que isso era. As enfermeiras e pessoal administrativo passavam pela sala das famílias, que estava decorada com uma falsa intimidade, com um conjunto de sofás e poltronas como se os pacientes pudessem fingir que estavam sentados na sala da sua própria casa.

Anne apertou os braços à volta do corpo e ergueu os olhos para um canto do teto, como se tivesse visto uma teia de aranha.

– Tens falado com aquela rapariga? – perguntou, passado algum tempo.

– Qual rapariga? – perguntou Peter, apesar de saber. E depois respondeu: –

Não.

– E o pai dela? Está como novo?

– Não sei, mãe. Sei que ele está em casa porque ouvi o pai e o George a falarem sobre isso, uma vez. Mas penso que já não trabalha. Não sei.

A mãe ficou em silêncio durante muito tempo.

– Eu conheci muitas raparigas como ela. A minha irmã era uma delas. É bruxaria, ou coisa parecida, a forma como elas trabalham. Mas tu és forte, Peter, e és inteligente. Usa a cabeça. Visualiza-a. Ela é vulgar, em todos os aspetos. Com certeza que agora vês isso? Uma miúda banal. Não é ninguém.

Peter disse a si próprio que não era cobardia aquilo que o impedia de defender Kate. De que adiantava? Nesse momento lembrou-se de como Kate costumava fixar os olhos nele quando sabia que algo o estava a incomodar. Pensou na forma como ela prendia e voltava a prender o cabelo atrás das orelhas quando estava entusiasmada com alguma coisa. E pensou que ela provavelmente agora o odiava.

– Não sabia que tinhas uma irmã.

– Estás a prestar atenção? Diz-me. Diz: «Sou forte.» Diz: «Sou inteligente.»

– Onde está a tua irmã agora? Como é que ela se chama?

Sabia que a mãe viera da Irlanda, que tinha família lá, mas ela nunca, nunca falava disso.

– Estás a ouvir-me? – inquiriu ela em tom cortante. Uma das enfermeiras ergueu os olhos e começou a aproximar-se.

– Sou forte. Sou inteligente – murmurou ele. Ela pareceu ficar satisfeita. Mandou-o à mesa do canto buscar um copo de água e uma bolacha mole, com um pedaço de cereja cristalizada emborrachado no centro.

– Agora – disse, quando ele voltou –, conta-me como foi a corrida ontem.

A enfermeira que se tinha aproximado retirou-se novamente para os bastidores.

Peter não sabia que ela acompanhava as corridas, que se lembrava sequer de uma visita para a outra de que ele fazia parte de uma equipa. Viu-se apoiado com um braço numa árvore depois de desistir da corrida, as pernas magras e pálidas de Jim Bertolini a passar por ele, tão perto que Peter conseguia ver os poros arrepiados nas coxas. Dutch Kills acabara por ficar em terceiro lugar. E eram os favoritos para a vitória.

– Correu bem. Foi boa. Eu estive bem.

– Estás a ver? – disse ela. – És forte. És inteligente. Eu bem te disse.

Nessa tarde, ao regressar a Queens, Peter abriu a porta do apartamento e encontrou-o completamente remodelado. George estava no meio da sala, como um rei a inspecionar o seu reino. Havia uma pequena mesa de madeira com duas cadeiras em frente uma da outra. O sofá estava na parede oposta, a televisão afastada para o canto. A poltrona desaparecera. A enorme aparelhagem de som desaparecera. A sala parecia ter o dobro do tamanho. As caixas de plástico que Peter usava como roupeiro tinham também desaparecido, substituídas por uma pequena cómoda de verga. Ao lume, um tacho de molho de carne borbulhava.

Peter sentiu o coração cheio e teve medo de dizer alguma coisa. Largou a mochila, fechou as mãos com força e susteve a respiração.

– Está bom, não está? Ficou fantástico, hã? – George aproximou-se dele e, quando viu que Peter estava a tentar conter as emoções, abraçou-o com força, levantou-o do chão e fê-lo girar um bocadinho, até Peter desatar a rir. – Bolas – disse George, e estendeu-lhe um guardanapo. – Olha, comprei guardanapos.

Quando o jantar ficou pronto, George pôs a mesa com dois pratos de massa, dois *ginger ales*. Sentaram-se à mesa, que era tão pequena que os joelhos de ambos se tocavam. Rodaram um pouco as cadeiras. George tagarelou sobre os Mets, a construção na FDR, sobre uma rapariga que conhecera há uns anos e que gostava de ter convidado para sair, sobre o inverno, se seria frio ou ameno. Peter queria que ele nunca parasse de falar.

– Então, não disseste nada – disse George quando finalmente acabaram de comer e se preparavam para levantar a mesa. – Não reparaste.

– Em quê? – perguntou Peter, alarmado.

– Calma, miúdo – disse George amavelmente. – Só queria dizer que não reparaste nisto.

Abriu o armário e revelou uma pilha de seis pratos de loiça brancos, novos e reluzentes.

Os médicos deixaram Francis ir para casa assim que ele conseguiu fazer uma volta completa ao corredor do quarto piso sem parar. Francis pensava agora no seu cérebro como uma joia delicada incrustada numa coroa dura. Tinha de ser protegido porque era ele que controlava tudo. Já o sabia antes, mas agora estava ciente disso. Pensamentos, sentimentos, todas as coisas que as pessoas diziam que vinham do coração, das entranhas, eram todos processos físicos, não mais abstratos do que um osso ou um tendão. Um dos neurocirurgiões disse-lhe que uma vez pusera o dedo no sítio onde os pensamentos são feitos, e Francis perguntara a si próprio como é que uma pessoa conseguiria esvaziar a máquina da loiça depois disso, como conseguiria organizar o livro de cheques e tratar da roupa suja. O cérebro de Francis estava danificado, mas a boa notícia era que a bala não atravessara os hemisférios. Ele e Lena ficaram rapidamente a saber que as boas notícias se chamavam sempre boas notícias. As más notícias eram outra coisa qualquer.

A bala entrara algures por trás do lado esquerdo do seu maxilar e saíra pelo olho esquerdo, destruindo a parede medial e a maior parte da parede lateral da órbita. Francis conseguia agora fazer um diagrama da anatomia da órbita e do arco superciliar tão facilmente como conseguia desenhar um mapa para o Food King a partir da sua casa. Os médicos explicaram-lhe os próximos passos em fotografias e modelos em 3-D, e ele adquiriu o hábito de passar os dedos pelo rosto para dar sentido ao que lhe diziam e para se familiarizar com a nova topografia. Havia dias em que a dor traçava o seu próprio mapa, linhas cortantes que se estendiam do nariz à orelha, como lâminas em brasa a moverem-se por baixo da pele.

Os terapeutas disseram-lhe para dividir tudo o que fazia numa série de pequenos movimentos. Dobrar o joelho direito, inclinar-se para a frente, passo. Baloçar o braço esquerdo. E descansar. Caminhar, virar-se na cama, levar o telefone ao ouvido – qualquer movimento lançava vagas de choques elétricos através da arquitetura frágil do seu rosto. Tinham tirado pele de outras partes para esticar sobre a bochecha, onde nunca mais cresceria barba. Francis só conseguia comparar as explicações que lhe davam com os trabalhos de construção que costumava fazer em casa – reparar a parede de gesso cartonado com rede metálica, rebocar, lixar, pintar. Quando apanhou uma infeção na maçã do rosto nova, tiveram de a desfazer e voltar a construir. O lado esquerdo do seu corpo não precisava de treinos e, na maioria dos dias, o lado direito seguia-lhe o exemplo, mas nos dias em que o seu passo era demasiado descoordenado para conseguir andar muito, imaginava que a pequena ponte levadiça que ligava as duas metades do seu cérebro tinha sido erguida e o tráfego não conseguia passar. Às vezes, quando estava na cama, olhava para a luz amarela por onde as enfermeiras passavam quando vinham tratar dele e via formas e padrões a flutuar, a rodopiar uns sobre os outros, como se tivessem medo de ser vistos. Quase todas as tardes, durante alguns minutos, a forma de um pequeno bote surgia na parede em frente da cama, mas quando afastava os olhos e voltava a virá-los para a parede lentamente, nunca lá estava.

Ocasionalmente, via silhuetas humanas do outro lado da janela, apesar de estar no quarto andar. Tinham chapéus escuros e, na maioria das vezes, estavam de costas para ele. Parecia-lhe que estavam a jogar às cartas. Uma vez, num dia em que se sentia melhor, inclinou-se para puxar uma das meias para cima e o sangue afluíu-lhe rapidamente às costuras de rosto; a dor foi tanta que desmaiou. Quando recuperou os sentidos estava no chão frio de linóleo e uma enfermeira estava a dizer à outra que os saís de cheiro não adiantariam de nada porque o nervo olfativo estava praticamente destruído. Ainda ninguém lhe tinha dado essa informação. Isso explicava por que razão os jantares pesados e cheios de molho que lhe serviam na maior parte das noites não sabiam a nada e a única diferença de uma refeição para a outra era a textura da comida na boca, mas às vezes o cheiro de uma fogueira entrava no quarto sem causa ou explicação.

Francis só contava aos médicos e a Lena uma parte daquilo que sentia, daquilo em que reparava. Perdera o olho esquerdo e o direito estava descontrolado e via coisas que não estavam lá. Eles sabiam disso. Porquê entrar em pormenores quanto ao que poderia significar? Diziam-lhe que tinha tido sorte. A bala não acertara na propriedade mais valiosa, o tronco cerebral e o tálamo. O facto de conseguir falar tão pouco tempo depois de o tirarem do ventilador significava que a cognição verbal e da fala estavam intactas. Ao princípio tinham-lhe removido uma parte do crânio, que voltaram a colocar depois de o inchaço do cérebro diminuir, mas tiveram de a retirar novamente quando teve uma infeção e de a pôr no sítio depois de esta passar. Coisas que, em tempos, lhe teriam parecido saídas de um filme de terror, pareciam agora normais. As filhas costumavam apanhar dentes de leão da relva e cantar «A mamã teve um bebé, e a cabeça dele caiu.» Depois, com os pequenos polegares, separavam a flor do caule.

Só estaria em condições de receber uma prótese ocular depois de cicatrizar mais, por isso colocaram-lhe uma pala de pressão e disseram que era para o olho direito ficar mais forte, começar a fazer o trabalho dos dois, mas assim que Francis viu a sua cara pensou que talvez servisse também como um gesto de misericórdia para a família e os amigos que tinham de olhar para ele.

Não tinha espelho na casa de banho do quarto. À noite, com a luz acesa, conseguia olhar para a janela e ver o seu reflexo, mas ficava demasiado luminoso na parte de cima por causa da lâmpada fluorescente do teto. Quando finalmente viu o rosto – Lena sentou-se ao lado dele na cama e tirou um espelho de mão da mala – fez-lhe lembrar um modelo de uma cabeça em barro, manuseado sem cuidado antes de secar. Da parte de cima da testa até ao maxilar tinha uma reentrância côncava pouco profunda, como um para-choques amolgado. A pele estava descolorada, coberta de azuis e amarelos e cinzentos. Os médicos estavam a repará-lo aos poucos, e ele compreendia que aquilo que estava a ver já tinha sido muito pior, que já progredira muito no seu caminho para parecer novamente uma pessoa normal.

– Não está assim tão mau, pois não? – disse Lena baixinho. – Não é nada que não tenha arranjo.

Francis quase não a vira chorar desde que tudo acontecera, mas nesse dia ela chorou.

– Diz alguma coisa – pediu-lhe, mas ele não sabia o que dizer. Não que alguma vez se tivesse considerado muito bonito. Não que alguma vez tivesse dado grande importância a essas coisas. Mas da última vez que olhara para um espelho, reconheceu-se a si próprio.

Uma semana antes de lhe darem alta, levaram-no até à escada e fizeram-no subir dez degraus. Ainda sentia cada um deles na cara. Lena segurou-lhe no cotovelo e o fisioterapeuta estava a postos, de mãos esticadas e pés apoiados, para o caso de ele tombar. A assistente social assistiu, fez perguntas sobre a casa deles que já tinham sido feitas e respondidas, quantos degraus à frente, quantos degraus no interior, corrimões, se as portas interiores abriam para dentro ou para fora. Quando chegou ao cimo da escada, Francis descansou e tentou afastar as tonturas concentrando o olho num ponto fixo. Apertou o corrimão. Sabia que Lena queria que ele ficasse mais tempo no hospital. Era mais seguro, dizia ela. O hospital tinha o equipamento todo de que ele precisava. O quarto tinha um chuveiro preparado. Mediam-lhe a temperatura e organizavam os medicamentos para as dores, os antibióticos, controlavam a alimentação e as excreções e nada passava despercebido. Logo ao princípio, antes de o inchaço cerebral baixar completamente, ele ainda estava demasiado entorpecido para sentir uma infeção urinária a queimá-lo por dentro. Foi uma enfermeira que se apercebeu quando foi ver o cateter e reparou num fiozinho mínimo de sangue.

– O que teria acontecido se estivesse em casa? – quis saber Lena.

– O seguro está a pagar por isto? – perguntou ele quase assim que conseguiu falar. – Na totalidade?

E a forma como Lena disfarçou, fingindo-se atarefada, disse-lhe que ela não fazia ideia e não queria saber. As contas eram algo com que podiam preocupar-se quando ele recuperasse.

Esteve num hospital de reabilitação três semanas e, quando veio finalmente para casa, recebia visitas diárias de uma enfermeira, um fisioterapeuta, um terapeuta ocupacional e outro da fala, mas vinham a horas diferentes e por isso geralmente era Lena que tinha de o levar para cima, quando ia para o quarto ou à casa de banho. Não tinha casa de banho no piso térreo, e Lena dizia, a brincar, que talvez assim conseguisse fazer a renovação em casa que andava a pedir há uma década. Até isso acontecer, punha o braço dele sobre os seus ombros, o braço dela à volta da cintura do marido e, juntos, subiam os degraus, um de cada vez. O duche era outro problema, a borda da banheira era demasiado alta para ele conseguir passar a perna por cima sozinho, portanto tinha de o ajudar também aí: segurava-o bem, com a cara encostada ao seu peito nu, inclinava-se e levantava-lhe primeiro o joelho direito e depois, quando ele estava pronto, o esquerdo, tal como o fisioterapeuta lhe explicara. A água tinha de estar apontada para o peito dele, ou mais abaixo, porque se Francis sentia no rosto alguma pressão de água superior a

um leve salpico não conseguia conter um grito, principalmente se já estivesse a passar o efeito do último comprimido para as dores mas ainda não fosse hora de tomar o próximo. Durante algumas semanas, Lena teve tanto medo do que podia acontecer que entrava para a banheira com ele e o ajudava a lavar-se, vestida apenas com a roupa interior e uma combinação.

– Estás a molhar a roupa – dizia ele.

– Não faz mal – respondia ela.

– Porque é que não a despes?

– Não sei.

Ao fim de algumas semanas começou a deixá-lo lavar-se sozinho, mas ficava dentro da banheira com ele. Francis sentia-se ainda mais nu pelo facto de ela estar vestida. Algum tempo depois, ela começou a ficar sentada na tampa da sanita fechada enquanto ele tomava banho sozinho. Por fim, ganhou confiança suficiente para o deixar andar pela casa sem ela e começou a sair para tratar de outras coisas – para ir às compras, essencialmente. À farmácia. Ao banco. E só quando estava na fila num desses locais, a transpirar por baixo do casaco, ansiosa para voltar para junto dele, é que perguntava a si própria se alguma vez na vida voltaria a ir a algum lado. Passava pelo salão de cabeleireiro que costumava frequentar e parecia-lhe uma relíquia de outra vida.

As filhas tinham dificuldade em olhar para ele. Tanto Nat como Sara falavam com o pai sem o fitar diretamente, com os olhos a saltitar em torno da sua presença geral mas sem nunca pousarem em lado nenhum, sem se focarem. Kate era mais corajosa. Pálida, solene, parecia fazer questão não só de olhar para o olho que não estava tapado, mas para o resto das lesões, com o olhar a descer lentamente do alto da cabeça, pelo lado do rosto, até ao pescoço do pai. Durante muito tempo foi assim enquanto o visitavam no hospital, onde as visitas rapidamente entraram numa rotina e as mesmas interações se repetiam todos os dias. Podiam contar com Nat e Sara para preencher o silêncio com conversas sobre a escola e os vizinhos, numa animação determinada que copiavam de Lena, enquanto Kate estudava o pai sem ouvir uma palavra do que as irmãs diziam.

Uma vez, do nada, quando ele ainda estava no hospital, mais ou menos na altura em que os médicos começavam a falar em mandá-lo para casa, Sara ia a meio de uma história sobre as audições para a peça da escola quando Kate disse:

– Consegue ver-se onde ela estava pelo ângulo.

– O quê? – perguntou Lena.

Kate levantou-se e agachou-se mais perto de Francis, olhando para o ponto de entrada da bala por baixo do seu maxilar.

– Aposto que viraste a cabeça para a direita, o que deixou exposto o lado esquerdo. Se calhar tentaste desviar-te. Ela estava provavelmente mais ou menos...

– Kate atravessou o pequeno quarto e parou por baixo da televisão. – Aqui.

– Credo, Kate – disse Nat. Sara parecia nervosa.

– O que foi? – disse Kate. – Não podemos falar nisso? Não percebo porquê.

Silêncio.

– Além disso, onde estava Mr. Stanhope? Ninguém nos disse.

– Já chega, Kate – interveio Lena.

Todas olharam para Francis.

– Não faz mal – disse ele. Porque seria que Kate precisava de saber para se sentir melhor? De todas, ela era a única que nunca aceitaria uma história em traços gerais. Ele fora alvejado. Anne Stanhope fora presa. E o que se passara entre uma coisa e outra? Kate queria saber, desde o primeiro dia. O que é que Anne fizera a seguir? Tentara controlar a hemorragia? Onde estava Brian Stanhope? Onde estava Anne agora? Tinham tentado proteger as filhas, afastando-as dos advogados e da investigação, evitando jornais em casa, mas talvez tivessem feito mal.

– Sim, foi mais ou menos daí – disse Francis nesse dia. – Mais meio metro, menos meio metro.

E viu que o mero facto de ter esse pequeno pormenor reconhecido e confirmado ajudava a tranquilizá-la. Parecia mais calma. Ouviu o resto da história de Sara e depois viu televisão com eles.

As pessoas que se tinham mudado para a casa dos Stanhope podiam não saber muito sobre o que acontecera antes de fecharem o negócio, mas depois não conseguiam sair de casa sem ouvir falar sobre o assunto em qualquer lado. O casal tinha uma filha de dez anos chamada Dana, por quem Kate não nutria grande interesse até lhe ocorrer que a menina podia saber onde Peter estava. Assim, jogou à macaca com ela no passeio algumas tardes seguidas. Dana deixava-a usar o giz branco porque era o mais desinteressante e o verde porque era a cor de que gostava menos. Quando Kate desenhou o seu nome em letras gordas, Dana exigiu que fizesse o mesmo com o dela, uma e outra vez, até a palavra «Dana» cobrir todo o caminho de acesso à casa. Depois de se conhecerem suficientemente bem, Kate perguntou-lhe se tinha conhecido o rapaz que ali morava, se ele tinha estado presente no dia da entrega das chaves.

– Não – respondeu Dana. – Mas acho que encontrei umas coisas que eram dele.

– Que coisas? – inquiriu Kate.

– Uma data de coisas. Cartas de basebol. Soldadinhos. Uns carros de corrida. Tralha, basicamente. Está tudo numa grande caixa de sapatos.

– Onde é que estava?

– No armário, no meu quarto.

Kate apontou para a janela de Peter.

– O teu quarto é aquele?

A rapariga assentiu.

– Posso ver a caixa?

Ela encolheu os ombros.

– Claro.

Enquanto subiam para o alpendre, Kate estava tão nervosa como se Mrs. Stanhope ainda se encontrasse no interior. Dana abriu a porta e descalçou os ténis. Kate teve um vislumbre de uma série de grandes fotografias a preto e branco

emolduradas na parede, um sofá de cabedal com duas filas de botões nas costas. A casa cheirava a baunilha e a mãe de Dana espreitou da cozinha, a limpar as mãos a um pano da loiça.

– Oh, olá! Kate, não é? Entra.

Kate ficou parada à entrada como se estivesse pregada ao tapete. Já não queria ir lá acima. Não queria dar nem mais um passo.

– A Dana disse-me que tinha algumas coisas que deviam ser do Peter.

– Sim? O rapaz que morava aqui antes de nós? – disse a mãe, enquanto Dana olhava para Kate com a testa franzida.

– É só uma caixa de tralhas – disse Dana.

– Vou levar as coisas e guardá-las para o Peter – declarou Kate.

– Não vais, não – ripostou Dana, alarmada. – São minhas. Vinham com o quarto.

– São do Peter e sabes muito bem que são – insistiu Kate. Inclinou-se para se aproximar mais da menina mais nova. – Passa-as para cá.

– Dana, querida, vai buscar a caixa – disse a mãe dela.

– Que treta! – gritou Dana.

– Dana!

Quando Dana subiu a escada a bater com os pés, a mãe virou-se para Kate.

– Eu sei que eras muito amiga do filho deles.

Kate fitou-a com ar inexpressivo.

– Pobre rapaz – disse ela, e olhou para Kate com expressão amável, convidando-a a dizer mais. Quando Kate continuou em silêncio, a mãe de Dana soltou uma risada forçada. – Claro que o agente imobiliário não nos disse grande coisa sobre o que aconteceu. Mencionou apenas um incidente doméstico e uma saída apressada. – Kate percebeu que os novos vizinhos ainda sabiam menos do que ela sobre os Stanhope. Não valia a pena tentar descobrir informações por este lado.

– Toma – disse Dana, atirando-lhe a caixa para as mãos quando voltou.

– Dana, por favor – disse a mãe. – Um bocadinho de sensibilidade.

Kate pôs a caixa debaixo do braço direito, inclinou-se e disse:

– És uma grande chata, Dana, sabias? – E, com estas palavras, saiu e bateu com a porta.

Assim que tiveram a certeza de que Francis ia recuperar – com o tempo, com a fisioterapia – as raparigas Gleeson voltaram à escola para terminar o ano letivo. Kate não se lembrava de ter uma única conversa com qualquer pessoa na escola ao longo desse mês. Mais tarde, não conseguiu recordar se tinha recuperado o trabalho atrasado ou se os professores lhe tinham facilitado a vida. A cerimónia de formatura era um borrão indistinto. Nat também acabou a escola. Ninguém se lembrou de tirar fotografias. Ninguém comprou um bolo. Em tempos, tinham falado na possibilidade de celebrarem juntas a conclusão dos respetivos níveis de ensino, mas claro que isso não aconteceu.

Lena Gleeson tinha deixado Francis por um dia para ir à cerimónia de Nat e levar as filhas a jantar a seguir, mas a escola secundária era mais importante do que a preparatória, por isso na manhã da formatura de Kate, que teve lugar apenas um dia depois da de Nat, Lena beijou Kate e deu-lhe os parabéns e depois saiu para o hospital. Os tios de Kate foram à cerimónia no lugar de Lena e destacavam-se da multidão com as suas roupas urbanas e por não se misturarem com os outros pais. A Irmã Michael cantarolou entre dentes enquanto retirava os dois ganchos castanhos que Kate usara para prender o chapéu de finalista e os substituiu por uns brancos, que segurou entre os lábios enquanto lhe ajeitava o chapéu. Esse ano não havia um orador finalista. Toda a gente sabia que Peter tinha esse cargo garantido desde o sexto ano e, uma vez que nenhum aluno na história de St. Bart's deixara de vir à escola a um mês do final do ano letivo, ninguém sabia o que fazer. Talvez o diretor Basker quisesse deixar a opção em aberto, na eventualidade de Peter entrar pela escola adentro na manhã da formatura, e Kate passou a maior parte da cerimónia a pensar se ele apareceria. Na ausência de Peter, pediram a Vincent O'Grady que dissesse algumas palavras. As notas de Vincent eram assim-assim, mas era acólito do padre, estava nos escoteiros e cantara o solo no musical de Natal e os professores adoravam-no. Embora nenhum professor ou qualquer outro funcionário da escola tivesse alguma vez abordado o que acontecera de forma específica, exceto para lhes pedir que rezassem pela família Gleeson e pela família Stanhope, Vincent subiu ao palco e disse uma data de coisas sobre as cartas que nos calham em sorte na vida, que crescer é aprender a lidar com elas, e que com a orientação de Deus e as bases adquiridas em St. Bartholomew's, todos seguiriam o seu caminho e honrariam a dádiva divina da vida. Só quando Melissa Romano se inclinou para ela e lhe perguntou baixinho se estava tudo bem é que Kate percebeu o quanto a enfurecia estar a receber conselhos de Vincent O'Grady, um rapaz cuja mãe ainda descascava e partia em gomos a laranja que lhe mandava com a sanduíche do almoço.

Nesse verão, o calor bateu recordes. Nat arranjou um emprego na geladaria. Sara tomava conta de alguns miúdos do quarteirão de vez em quando mas, na maior parte dos dias, do final da tarde até à hora de ir dormir, estavam em casa juntas, sozinhas. Em vez de fazerem os disparates que lhes apetecesse, como sempre tinham fantasiado, ou de convidarem os amigos para festas, preparavam refeições fáceis para o jantar e viam televisão no sofá até adormecerem ou até a mãe chegar do hospital e as mandar para a cama.

No sábado em que Natalie ia partir para a universidade, Mr. Maldonado trouxe a sua carrinha até à casa deles e encheu-a com as coisas de Nat. Era ele que a ia levar a Syracuse porque era o fim de semana em que Francis ia ser transferido para o hospital de reabilitação e Mr. Maldonado oferecera-se porque não tinha absolutamente nada que fazer. Quando Nat percebeu que nenhum dos filhos dos Maldonado vinha também, implorou a Sara e a Kate para irem com eles porque seria demasiado constrangedor passar quatro horas sentada num carro sozinha com Mr. Maldonado, mas o carro estava tão cheio que Kate teve de se sentar à frente,

entre Nat e Mr. Maldonado, e Sara no banco de trás, soterrada debaixo de um saco preto do lixo que continha os lençóis, toalhas e almofadas de Nat. Só depois de estarem a caminho é que Kate e Sara se aperceberam de que teriam de fazer a mesma viagem de regresso sem Nat, e que ele ia passar o tempo a perguntar-lhes se precisavam de «fazer chichi». Poucos minutos depois de iniciarem a viagem de regresso, Kate sabia que se ele o perguntasse mais uma vez e se ela fizesse o mais breve contacto visual com a irmã, se desmancharia a rir ou desataria a chorar. Quando ele parou numa estação de serviço para lhes comprar McDonald's, obrigou-as a comer ao ar livre enquanto ele fazia ginástica na faixa de relva ao lado do parque de estacionamento. Sara aguardou educadamente que ele acabasse, enquanto Kate o cobria de perguntas sobre a sua rotina física, se concebera o programa sozinho, se fora atleta quando era novo, se tinha algum vídeo preferido, se Mrs. Maldonado também fazia exercício, se gostavam de treinar juntos.

Depois, quando não conseguia lembrar-se de mais nenhuma pergunta, disse:

– Estou ansiosa que o meu pai volte para casa – e Sara lançou-lhe um olhar a avisá-la para não ser mal-educada.

Francis voltou para casa em outubro e, com ele, veio uma série de terapeutas, um após o outro. Ao longo de todo o dia, Sara e Kate passavam o tempo a tentar retirar-se para outras partes da casa para lhes dar privacidade, mas às vezes davam por si na cozinha ao mesmo tempo, a preparar um lanche e a ouvir.

– Uma bem grande – ouviam dizer um dos terapeutas ao pai, em tom encorajador. – Muito bem, outra grande. – Embora soubessem que o pai estava apenas a respirar fundo, a esticar as mãos para o teto, a tocar nos dedos dos pés, Kate achava que deviam estar a fazer um bocadinho de troça do terapeuta, com as suas calças de fato de treino justas e o traseiro que parecia dois punhos apertados encostados um ao outro. Mas os novos Gleeson eram uma família que fingia não achar graça às coisas.

Ao longo de tudo isto, Kate sempre pensou que Peter poderia ligar-lhe, um dia. As irmãs nunca falavam nele e o facto de não mencionarem o seu nome fazia com que Kate achasse que também não devia fazê-lo. Não sabia bem o que aconteceria se ele ligasse e não fosse ela a atender, por isso tentava atender o telefone, sempre que podia. De vez em quando, ao correr para ele, via Nat e Sara entreolharem-se. No dia do seu aniversário sentiu um frémito de expectativa quando se aproximou da caixa de correio e enfiou o dedo no trinco. Mas encontrou apenas um panfleto dos armazéns Caldor e uma carta qualquer de St. Bart's.

Estava sempre com saudades dele. Até sentia falta da expectativa de o ver. Sentia falta de o procurar e do frémito que lhe percorria o corpo todo quando o via a sair para o alpendre. Imaginava-o a brincar com o fecho do seu casaco de capuz verde enquanto andava por Queens, onde calculava que ele devia estar porque era para onde o pai estava a planear ir quando decidira deixá-los. Mas Queens era muito grande. Procurara a área num mapa. Ele nunca mencionara um bairro específico. E talvez, agora que pensava melhor, tivesse falado em Brooklyn e não

em Queens. Ou no Bronx. Às vezes tinha a certeza de que ele nem sequer estava em casa do tio, e por isso imaginava-o noutro lado qualquer. Não lhe tinha dito uma vez que tinha família em Paterson? Tentou imaginar Paterson, onde nunca estivera, e depois colocar Peter sobre este cenário imaginado para ver se encaixava. Tinha a certeza de que, se encontrasse a resposta certa, saberia; o seu corpo e a sua mente silenciar-se-iam e ela conseguiria finalmente ler um livro. Mas naqueles primeiros segundos depois de acordar de manhã, antes mesmo do seu primeiro pensamento consciente, sentia o corpo orientado para a janela, já à escuta. Uma vez, antes de Dana e a família se mudarem para a casa do lado, pareceu-lhe ouvir o som do caixote do lixo dos Stanhope a ser arrastado para a beira do passeio. Saltou da cama para espreitar mas não viu nada e não voltou a ouvir o mesmo som. Alguns dias, sempre que o telefone tocava e não era Peter, tinha a certeza de que ele estava algures com o dedo suspenso sobre o telefone, mas sem coragem de pressionar as teclas.

Às vezes ia para as pedras, mas levava sempre um livro para o caso da mãe ou das irmãs olharem lá para fora. Uma vez pareceu-lhe ver o canto de um envelope a espreitar entre a terceira e a quarta pedra. Esticou-se o mais que conseguia entre elas, raspando os nós dos dedos ao tentar enfiar a mão na fenda uma e outra vez. Quando finalmente teve uma ideia melhor e arranjou um pauzinho para empurrar o papel, descobriu que não era um envelope mas sim um recibo dobrado, de maio, de uma *Coca-Cola* e uma pastilha elástica.

Certa noite – Nat estava na universidade, Sara a ler e o pai a dormir, finalmente, na sua própria cama – a mãe sentou-se ao lado de Kate no sofá.

– Tens saudades do teu amigo – disse ela.

As lágrimas brotaram antes que conseguisse contê-las. Era a semana antes do Dia de Ação de Graças. Não via Peter há seis meses. Era tão bom ter o pai em casa e, ao mesmo tempo, não era como ela imaginara. Às vezes, quando ele entrava numa divisão, Kate sentia um impulso súbito e confuso de lhe dizer todas as coisas que lhe iam na cabeça. Depois continha-se, de forma igualmente súbita, e sentia-se inexplicavelmente triste. Afinal de contas, ali estava ele, vivo. A preparar um lanche. A coçar o ombro. A ler o jornal. O problema não era a cara dele; Kate já mal reparava nisso.

– Foi por minha culpa que aconteceu? Minha e do Peter?

– Oh, meu amor, não.

– Mas nós saímos às escondidas. E ela odiava-me mesmo. Odiava que o Peter gostasse de mim.

– Saíram às escondidas porque eram dois miúdos de treze anos. Um dia, daqui a cem anos, eu conto-te as coisas que fiz quando tinha a tua idade.

Ficaram ambas em silêncio durante algum tempo. Depois Lena disse:

– Mas é verdade que ela te odiava. Acho que deves saber o que ela disse no tribunal. O teu pai acha que não, mas eu não concordo com ele.

– Saber o que Mrs. Stanhope disse?

– Sim.

– O que foi?

Lena acariciou o cabelo de Kate, espalhou-o sobre os ombros da filha.

– Sabes que és uma menina muito bonita, não sabes?

Kate encolheu os ombros.

– E inteligente. E... não sei, «forte» parece a palavra errada. És mais parecida com o teu pai do que comigo.

Mais uma vez, algo dentro de Kate vacilou por um instante. Ele era forte. No entanto, parecia não haver qualquer futuro no horizonte. Estavam todos à espera de que este período passasse, mas talvez esta fosse a forma como as coisas iam ser daqui em diante, todas sempre a observá-lo e a recordar-lhe que devia tirar as mãos dos bolsos quando andava.

Lena puxou Kate para si.

– Ela disse que te mataria se te aproximasses do filho. Disse que tinha disparado contra o teu pai porque, se ele morresse, nós teríamos de nos mudar para algum sítio distante e tu deixarias de estar perto do Peter.

Lena deu-lhe um minuto para absorver a informação.

– Antes que comeces a sentir-te culpada, vou contar-te o resto. Ela disse também que sabia que os Nagle tinham pintado a casa deles de um tom de azul semelhante ao da casa dela só para provar que o azul que tinham escolhido era mais bonito. Disse que estava farta de ver o Monsenhor Repetto a falar dela na missa. Também estava farta de que toda a gente pensasse que ela era a responsável pela explosão do *Challenger*. Mencionou uma irmã com quem já não falava, que tinha tentado sabotar sabe-se lá o quê quando eram pequenas, e uma pessoa com quem trabalhava e que estava a maquinar para fazer com que ela fosse despedida. E por aí fora.

Ficaram em silêncio alguns minutos.

– Falou em tantas pessoas e fez tantas queixas que acabou por diluir o que disse sobre ti. Mas mencionou-te várias vezes, sempre a bater na mesma tecla, como se tu estivesse a planejar roubar-lhe o filho. Foi tudo tão disparatado que mais parecia uma piada. A explosão do *Challenger*, por amor de Deus. Mas depois uma pessoa lembra-se do que ela fez.

Kate lembrou-se de correr por Jefferson Street de mão dada com Peter.

– A questão é que ela está doente, Kate.

Kate acenou com a cabeça, embora sem saber bem porquê.

– O que estou a dizer é que aquilo que aconteceu, na verdade, não foi culpa de ninguém. Nem mesmo dela, se pensarmos bem. Esta semana chegámos a um acordo. Em vez de ela ir para a prisão, todos concordamos que deve ficar no hospital durante muito, muito tempo. O teu pai concordou com isso, por mim. Caso contrário o julgamento ia prolongar-se durante imenso tempo e eu não os quero ver mais. Não quero falar mais sobre eles. O teu pobre pai. Imagina se...

– Sabes onde está o Peter? – interrompeu Kate.

– Querida...

– Só quero saber. Prometo que não o vou contactar.

– Não sei. É a verdade. Não sei mesmo.
– Alguém sabe?
– Bom, claro que sim. Os advogados. Os médicos da mãe dele devem saber, imagino. E provavelmente ela também tem uma assistente social. Com certeza que sabem na esquadra. O Brian ainda está a trabalhar, acho eu.

Kate ergueu os olhos para ela e rezou para que a mãe não a obrigasse a dizê-lo. Passado algum tempo, Lena abanou a cabeça lentamente.

– Esquece – disse, mas com ternura, como se compreendesse que ela tinha de perguntar.

– Mas eles provavelmente ainda estão em Nova Iorque – disse Kate. – Uma vez que ela também está.

Lena fitou-a com expressão empedernida.

– Kate, eu conheço o Peter desde o dia em que ele nasceu. Sei que é um bom rapaz. Ninguém diz o contrário. Mas tens de o esquecer. Era teu amigo, mas agora foi-se embora. Podes não acreditar nisto agora, mas um dia terás outro amigo de quem gostarás tanto como gostas do Peter. Tudo isto é demasiado para uma menina da tua idade. Tens a vida inteira pela frente.

Kate não disse nada.

– Pelo teu pai, Kate, não vás à procura de sarilhos, está bem?

O telefone tocou. Era Natalie. O preço das chamadas de longa distância baixava depois das nove da noite.

– Está bem?

– Está bem.

E não foi à procura de sarilhos. Às vezes, sentia que merecia mais crédito por ter evitado procurar sarilhos de forma tão completa e sincera, ou pelo menos os sarilhos a que a mãe se referia.

Fazia amigos com facilidade, sem se esforçar, e não compreendia como podia haver pessoas que não o conseguiam. Bastava dizer uma coisa engraçada para fazer um amigo. Havia um grupinho de raparigas de St. Bart's que continuavam unidas, agora que estavam misturadas com os miúdos da escola pública, e andavam todas no futebol. Kate entrou para a equipa das mais velhas apesar de haver uma equipa de caloiras. Nos dias dos jogos ia equipada para a escola e almoçava com um grupo de sete outras raparigas e estava em todas as aulas avançadas. Levantava a mão quando lhe apetecia falar e não achava que isso fosse nada de extraordinário, até o professor Behan dizer aos pais dela na reunião que ficava contente por ver uma rapariga levantar a mão. As amigas de Kate decidiram que iriam todas juntas ao baile de Natal em dezembro e iam encontrar-se em casa de Marie Halladay para se arranjam.

– Que divertido – repetiu a mãe dela várias vezes enquanto a levava a casa de Marie, com o vestido cuidadosamente dobrado dentro de um saco do Macy's. Quantos mais detalhes Kate contava à mãe, mais contente ela parecia, por isso começou a inventá-los:

– Provavelmente vamos trocar de joias – disse. – A Jeannie fez uma cassete com músicas para ouvirmos enquanto nos arranjam. A Marie vai maquilhar-nos a todas.

– Maquilhagem? – perguntou o pai do banco do passageiro. – Já podes usar maquilhagem?

Fizera recentemente outra operação, desta vez para reconstruir o maxilar, e tinha metade da cara envolta em ligaduras. Tomava comprimidos para as dores, mas o efeito parecia passar muito depressa e os médicos tinham-no avisado para não antecipar a dose seguinte. Apesar de as suas palavras estarem um pouco abafadas, Kate percebeu que estava a meter-se com ela, pelo tom. Estava tão contente por ela como a mãe.

– Kate – disse a mãe –, estamos tão orgulhosos de ti.

As tardes pareciam longas e vazias sem Peter, mas uma rotina acabou por tomar conta dos seus dias. Escola, futebol, trabalhos de casa, televisão, cama. Sara era editora do jornal da escola e, nas semanas em que estavam a preparar a nova edição, Kate ia sozinha para casa. O céu parecia maior, mais vazio, desde que a escola secundária começara, e pela primeira vez começou a ver Gillam como um sítio pequeno, no meio de outros sítios pequenos, e ansiava saber como seria caminhar para além desta cidade, para além da cidade seguinte, e da outra, até esse anseio estar satisfeito. Imaginava uma câmara a afastar-se por cima dela, cada vez mais, como faziam nos filmes, e Gillam a perder-se no meio das luzes cintilantes

de tantos outros locais até ser apenas um pontinho, e depois Nova Iorque era um pontinho, e os Estados Unidos, a América do Norte, o planeta inteiro.

Às vezes, tentava reviver a sensação de ter Peter a caminhar ao seu lado – a forma dele, o seu cheiro. De vez em quando, geralmente às sextas-feiras, convidava as amigas para ir a sua casa depois da escola e tagarelavam o caminho todo até Jefferson Street. Depois, em casa, devoravam bolachas e refrigerantes que a mãe de Kate lhes servia e continuavam a tagarelar até as mães das amigas as virem buscar e elas saírem a correr de casa dos Gleeson, com gritos de «Até segunda!».

– Divertiste-te? – perguntava-lhe sempre a mãe, observando-a atentamente, e ela garantia-lhe que sim. No entanto, enquanto dizia adeus às amigas e gritava as suas despedidas através do relvado banhado pela luz do crepúsculo, sentia-se sempre aliviada, completamente exausta, como se estivesse ansiosa por se ver sozinha.

Quando o primeiro ano na escola secundária acabou, Kate arranjou trabalho como monitora de um campo de férias. De segunda a sexta-feira, acordava já atrasada, enfiava um *soutien* por baixo da *T-shirt* com que dormira, lavava os dentes e pegava numa maçã ou numa banana antes de correr os dez quarteirões até aos campos de Central Avenue, onde ficava o campo de férias. Havia algumas noites em que os miúdos ficavam quase até anoitecer e Kate oferecia-se para fazer também esses turnos.

– Andas muito ocupada! – comentava a mãe quando ela chegava a casa depois de um desses dias mais longos, e o pai observava-a enquanto ela andava pela cozinha. Perto do final do verão, uma das amigas de Kate que também trabalhava no campo de férias, uma rapariga chamada Amy que era da equipa de Kate no futebol e que já tinha estado muitas vezes em casa dela, disse em frente dos outros monitores que Kate era como uma irmã para ela, e dirigiu-lhe um sorriso radiante. Kate estava a encher garrafas de água quando a ouviu dizer isso e sentiu um baque no coração. Tossiu. Ficou vermelha como um tomate quando percebeu que estavam todos a olhar para ela, à espera que dissesse alguma coisa.

– Mas tu tens irmãs – disse Kate por fim, a única coisa que lhe ocorreu.

– É uma maneira de dizer, Kate – respondeu Amy, e revirou os olhos. Os outros, embaraçados, desviaram o olhar.

– Sim, eu sei. Só queria dizer que tu tens duas irmãs. E eu também. E isto não é a mesma coisa.

O sorriso desapareceu do rosto de Amy, substituído por uma expressão fugaz de raiva.

– O que é que se passa contigo hoje?

Mais tarde, Kate teve de lhe dizer que não estava a prestar atenção, que não percebera o que Amy estava a dizer. Tudo não passara de um mal-entendido.

– És uma das minhas melhores amigas – assegurou ela a Amy. – O que eu queria dizer era que as minhas irmãs às vezes são umas chatas. – Amy concordou que isso era verdade e Kate passou o resto do caminho até casa a tentar lembrar-se

se a irmã mais velha de Amy se chamava Kelly ou Callie.

No outono do seu segundo ano na escola secundária aconteceram duas coisas interessantes ao mesmo tempo. Entrou para a equipa de futebol mais avançada e ouviu dizer que Eddie Marik gostava dela. As raparigas estavam doidas com a novidade porque Eddie estava no último ano, e era giro, e tinha dois irmãos mais velhos que também eram giros o que, por algum motivo, o tornava ainda mais giro do que se estivessem a avaliá-lo por si só. Não houve qualquer debate sobre se Kate devia ou não gostar também dele. Ao princípio, Kate pensou que ele estivesse a referir-se a Sara, que era do ano dele, que tivesse confundido os nomes das irmãs. Elas não eram parecidas, mas mesmo as pessoas que não as conheciam lhes diziam às vezes que se via logo que eram irmãs pela maneira de andar. Mas chegou-lhe aos ouvidos que ele não estava a falar de Sara; era mesmo a Kate que se referia. Todos os dias, ao almoço, as raparigas debruçavam-se sobre a mesa no refeitório até terem as cabeças quase encostadas umas às outras e transmitiam os pormenores que tinham ouvido: Eddie dissera a Joe Cummings que Kate Gleeson era bonita. Achava que ela era uma jogadora de futebol fantástica. Estava a pensar em convidá-la para sair.

– O que vais fazer? – perguntaram-lhe um dia, quando isto durava já há algumas semanas.

– Nada – respondeu Kate. – Vou ver o que acontece, acho eu.

Eddie era um daqueles rapazes de dezoito anos com aspeto de quem podia ter vinte e cinco. Era simpático, tanto quanto Kate sabia, apesar de nunca ter falado com ele, e não conseguia imaginar por que razão, de todas as raparigas na escola secundária de Gillam, ele virara a sua atenção para ela. Sara também parecia confusa com toda a história. Disse a Kate que, com base nas poucas interações que tinha tido com Eddie, ele não parecia ser nem muito burro nem muito inteligente. Não era engraçado nem sério. Trabalhara algum tempo no jornal antes de desistir. Mudara-se para o comité do livro de curso mas era possível que tivesse desistido também disso. As raparigas gostavam dele, admitiu Sara. Era apenas mais um facto em relação a Eddie, como o facto de ter cabelo castanho.

Um dia, Eddie esperou por ela depois do treino e, quando as outras jogadoras o viram, deixaram-se ficar para trás e empurraram Kate na direção dele. Kate fingiu não o ver e contornou a escola pelas traseiras, entrando nos balneários das raparigas pela porta dos funcionários. Na manhã seguinte ele estava à espera dela junto do cacifo, e tudo isto parecia um filme que Kate vira uma vez.

– Olá – disse ele.

– Olá – respondeu ela.

À hora de almoço, toda a escola sabia que eles estavam juntos.

Eddie não tinha carro, mas quando saíam conseguia geralmente que a mãe lhe emprestasse o dela. Foram ao cinema algumas vezes, sempre com outros colegas da escola, e o filme que iam ver era indiferente porque passavam o tempo a beijarem-se e a acariciarem-se na escuridão da fila de trás enquanto os amigos que

não tinham par lhes atiravam pipocas. Uma vez, depois de a ir buscar, Eddie teve de voltar a casa porque se esquecera da carteira e, quando ela partiu do princípio de que ficaria cá fora à espera, ele fitou-a como se fosse maluca e insistiu para que entrasse.

– Olá – disse Kate, atrapalhada, quando Mrs. Marik veio à cozinha para a cumprimentar. – Muito prazer. Estou só a...

– Senta-te, senta-te – disse Mrs. Marik. – Tens fome? És a filha do Francis Gleeson, não és?

Quando assentiu com um aceno, Kate percebeu que Mrs. Marik sabia tudo o que acontecera em Jefferson Street ano e meio antes e perguntou pela primeira vez a si própria se Eddie também saberia.

O calendário dos jogos de ambos era muitas vezes coincidente, mas ele conseguia ir assistir a alguns dos jogos dela e levava os amigos, o que deixava as outras raparigas da equipa todas contentes. Uma noite, foram ao Gillam Diner jantar, só os dois, e em vez de a levar logo para casa depois ele estacionou o carro da mãe no canto mais escuro do parque de estacionamento atrás dos correios, pegou na mão dela e enfiou-a dentro das suas calças.

– És tão séria – murmurou, enquanto ela mexia a mão para cima e para baixo como ele lhe ensinara.

À luz do luar – a lua estava cheia e luminosa nessa noite – Kate viu como ele era atraente, o quanto gostava dela, e contudo às vezes, depois de passar algumas horas com Eddie, sentia-se mais sozinha do que nunca. Ele levantou a mão e soltou-lhe o cabelo. Fechou os olhos e suspirou.

A única discussão que tiveram nem foi bem uma discussão, apenas algumas horas de tensão. Estavam na Pies-on-Pizza, com o jogo dos Giants aos berros na televisão por cima das suas cabeças. Eddie continuava a chupar a palhinha apesar de o copo já estar vazio. Sacudiu o gelo dentro do copo, olhou para ela e, do nada, perguntou-lhe por Peter e por tudo o que tinha acontecido no final do oitavo ano.

– Quando chegaste à escola, no ano passado, era como se fosses famosa. Toda a gente sabia que eras a irmã mais nova da Sara e da Natalie e que o teu pai tinha levado um tiro. Então esse Peter gostava mesmo de ti, era? – Eddie apoiou os cotovelos na mesa. – E a mãe ficou maluca?

Kate sentiu algo fechar-se dentro de si. Não conseguia explicar por que razão estava tão zangada por ele ter perguntado, por ele achar que sabia alguma coisa sobre o que se tinha passado.

Pousou a piza e empurrou o prato.

– Ouvi várias versões diferentes na escola, mas achei que era melhor perguntar-te a ti.

– Não é da conta de mais ninguém, na realidade.

Eddie sorriu.

– Bom, isso é verdade. Mas a mãe do teu ex-namorado deu um tiro no teu pai. Uma coisa dessas gera falatório, Kate. Basta olhar para a cara do teu pai. Achas mesmo que as pessoas não falam disso?

– Não fales sobre o meu pai – disse Kate, e levantou-se da mesa.

– Posso falar do que eu quiser. – Ele recostou-se e cruzou os braços. – Porque é que estás a reagir desta maneira?

– E ele não era meu namorado.

Saiu da pizaria. Virou para Central Avenue e, de cabeça baixa, passou pelo estúdio de dança, pela tabacaria, pelo quartel dos bombeiros.

Eddie correu atrás dela.

– Está bem, está bem. Desculpa. No jornal dizia que ele era teu namorado.

Kate nunca pensara que o caso tivesse sido falado no jornal. Acelerou o passo. Pelos vistos a mãe impedira que os jornais entrassem em casa. Com certeza escondera-os.

– Era o meu melhor amigo.

– Então...

– Quero ir para casa.

– Kate, vá lá...

– Eu vou a pé. Podes ir à tua vida.

Mas não podia, claro, porque fora educado a levar uma rapariga a casa quando saía com ela. Assim, seguiu-a, alguns passos mais atrás, até chegarem a Jefferson Street. Depois voltou para trás para ir buscar o carro da mãe.

Em casa, Kate disse a Sara que nunca mais dirigiria a palavra a Eddie. Disse à mãe que estava mal disposta e deitou-se mais cedo. Ouviu o telefone a tocar, a mãe a pedir a Sara para ir ver se ela estava acordada, por isso fechou os olhos e tapou a cabeça com as mantas. Na manhã seguinte, domingo, quando Kate e os pais saíram de casa para ir à missa – Sara disse-lhes que tinha ido na véspera mas Kate sabia que ela tinha passado essa hora a experimentar batons no CVS – abriram a porta e encontraram um vaso de crisântemos no tapete, com um bilhete de Eddie.

– São de quem? – perguntou o pai, enquanto a mãe lhe dava uma cotovelada. – O filho do John Marik? Mas não é mais velho do que a Kate?

– O que quer ele que eu faça com um vaso de crisântemos? – disse Kate.

– Devias convidá-lo para jantar connosco uma destas noites – sugeriu Lena.

– Oh, isso seria maravilhoso – disse Sara.

Fizeram as pazes porque era a coisa mais fácil. Paul Benjamim convidou Sara para o baile de Natal e, por um segundo, parecia que iam ficar sentados na mesma mesa que Eddie e Kate. Kate estava contente por ficar sentada à beira de Sara, mas esta parecia aborrecida com essa perspetiva, portanto acabou por ser pelo melhor quando se viu que a mesa estava demasiado cheia e tiveram de se dividir em dois grupos. No baile, depois de Sara sair para ir fumar, Kate deixou que Eddie a beijasse na pista de dança, à vista de todos os professores e acompanhantes. Eddie puxou-a para si, com a mão a apertar o corpete rígido do vestido dela, a luz da bola de espelhos a dançar sobre o seu rosto e sobre a camisa branca de cerimónia que alugara, sobre a faixa roxa escolhida depois de a mãe dele ligar para Lena para saber a cor do vestido de Kate. Deixara o casaco do *smoking* nas costas da cadeira, mas tinha as costas da camisa todas transpiradas e estava sempre a perguntar a

Kate se queria beber alguma coisa. Estava nervoso, percebeu Kate, e sentiu uma vaga de afeto genuíno por ele. Depois do baile, Eddie disse aos amigos para irem andando sem eles. Sara lançou um olhar interrogativo à irmã por cima do ombro enquanto ela e Paul saíam do ginásio, a perguntar se estava tudo bem. Kate agitou a mão e disse-lhe para ir.

Sozinhos no parque de estacionamento, Eddie perguntou se Kate queria ir ver o apartamento do irmão mais velho, e Kate foi. O irmão dele já terminara a universidade, trabalhava na cidade e renovara a garagem sozinho, para ter o seu próprio espaço. Os Marik viviam apenas a dois quartos da escola, por isso foram a pé e, quando Kate se queixou de que lhe doíam os pés por causa dos estúpidos sapatos de salto alto, ele ofereceu-se para a levar às cavalitas.

– Sobe – disse, e ela assim fez. Kate deu-lhe uma palmadinha no traseiro e ele galopou pelo passeio, com o vestido dela a arrastar pelo chão.

Quando chegaram ao apartamento do irmão, o irmão não estava lá e Kate compreendeu imediatamente.

– Ele está em Boston até domingo – explicou Eddie em tom causal. – A visitar uns amigos da universidade.

As luzes da casa principal apagaram-se e ela perguntou a si própria se seriam só os pais das raparigas que esperavam a pé até elas chegarem, ou apenas os pais dela em particular. Eddie abriu-lhe o fecho do vestido e ela pensou, pode ser, não há problema. Quando ele a conduziu para um sofá-cama que tinha sido previamente aberto, sentiu-se um bocadinho assustada. Vestira roupa interior nova. Pusera perfume na barriga. Sabia que uma pessoa que fazia essas coisas não podia fingir que estava a ser apanhada de surpresa.

– Tem cuidado – dissera-lhe a mãe quando ele a fora buscar com outro casal, um par de alunos do último ano, nos bancos da frente de um carro desconhecido. Olhara para Kate como se quisesse dizer-lhe alguma coisa urgente mas se tivesse esquecido e agora já não tivessem tempo.

E, embora Kate não se importasse com o que estava a acontecer, não colocasse objeções, deu por si a pensar na sua casa, e que teria ficado igualmente feliz se não tivesse saído nessa noite. Enquanto Eddie se afastava dela para abrir um preservativo – do irmão, sem dúvida – e para o colocar com uma expressão de total concentração, Kate pensou numa caneca de chá quente com mel, e Sara no sofá ao seu lado com um monte de bolachas no colo, e Natalie ao telefone ao bater das nove para perguntar o que estavam a fazer, a pedir para a porem em alta voz e a deixarem ouvir os barulhos da casa por um bocadinho.

Depois, Eddie soergueu-se nos cotovelos e estudou-lhe o rosto. Queria saber se tinha doído. Quando ela disse que sim, ele perguntou se tinha sido praticamente só dor, ou se doera apenas um bocadinho. Também tinha sido bom? Kate disse que sim, embora não fosse verdade. Ele parecia muito sóbrio, apesar de ter bebido da garrafa de bolso que os rapazes estavam a passar entre eles na escola.

– Amo-te, Kate – disse ele.

– Deixa-te de coisas, Eddie. – Kate estava a pensar no que fariam com os

lençóis. O irmão teria uma máquina de lavar e secar aqui, ou Eddie teria de os levar para casa às escondidas?

– Estou a falar a sério – disse ele. – Não quero que me digas o mesmo se não o sentes, mas acho que tu também me amas.

Kate esticou-se para o beijar.

Não contou a ninguém. Nem a Sara, nem a Nat. Nem às amigas com quem costumava almoçar. Não parecia assim tão importante, nem de longe tão importante como as outras pessoas achariam. Era apenas uma coisa que tinha acontecido, como todas as outras coisas que aconteciam. A principal diferença era que Eddie agora aparecia a toda a hora e já nem ligava primeiro. Kate via a silhueta dele no vidro antes de ele tocar à campainha e sentia-se cansada, desejava ter tido pelo menos cinco minutos de pré-aviso para se poder esconder. No Natal ele comprou-lhe um par de brincos e quando ela abriu a caixa e os viu soube que já aprendera alguma coisa, por pouco que fosse, porque não disse imediatamente que não tinha as orelhas furadas. Sara e Nat tinham-na avisado de que ele provavelmente lhe daria um presente, por isso ela comprara-lhe um livro sobre futebol porque era o desporto preferido de Eddie e porque estava em destaque ao fundo da estante na livraria.

– Gostas dele? – perguntou-lhe o pai uma noite. Estava sentado na sua poltrona, com uma bebida numa mão, o comando da televisão na outra, e por um minuto Kate conseguiu fingir que ele tinha acabado de chegar do trabalho. Tinham falado na possibilidade de ele voltar ao trabalho daqui a alguns meses, um trabalho administrativo, pelo que Kate o ouvira dizer a Lena, mesmo que fosse amarrado a uma secretária, eles haviam de lhe arranjar qualquer coisa. Mas a visão era um problema, apesar da prótese. Receberia a sua pensão e, embora não estivesse de serviço quando fora ferido, haviam de arranjar maneira de ele ficar no escalão mais alto do subsídio de incapacidade para receber mais. Às vezes, vinham visitá-lo homens em pares ou grupos de três, e Kate reconhecia-os como polícias assim que saíam dos carros e olhavam em volta. Agora, o pai tirou o som à televisão e virou-se para ela.

– Sim, ele é simpático – disse Kate.

A sala estava silenciosa. Na cozinha, Lena esmagava bananas para um bolo e via um episódio gravado da sua série preferida.

– Kate – disse Francis sem mais nada, uma censura e uma pergunta fundidas naquela única palavra.

E depois a sua *busha* morreu. Tinha uma tosse, que afinal era uma gripe e que depois se agravou para uma pneumonia. O parceiro de Kate no laboratório de Ciências tivera pneumonia no outono mas regressara à escola ao fim de uma semana, por isso nunca passou pela cabeça de Kate que a *busha* não regressaria à sua pequena cozinha, aos restinhos de comida que costumava guardar embrulhados em película aderente no frigorífico durante demasiado tempo. Lena foi passar uma

noite a Bay Ridge para ajudar a tratar das coisas e decidir o que haviam de fazer em relação ao *nonno*. Enquanto planeavam o funeral e tomavam decisões, os pais de Kate falaram aberta e francamente sobre dinheiro, algo que nunca tinha acontecido antes, e pela primeira vez Kate sentiu-se preocupada com a possibilidade de não terem o suficiente. O preço de um caixão de mogno. O preço da comida para a receção a seguir, se bastariam sanduíches ou se as pessoas estariam à espera de comida quente, se precisariam de um bar completo ou apenas cerveja e vinho. Lena disse que não queria que o pai ficasse envergonhado, e Francis suspirou. Quanto é que Karol podia contribuir, com o seu salário de empregado de bar? E Natusia?

– Agora não pode haver surpresas – disse Francis a Lena enquanto se sentavam à mesa da sala de jantar e faziam contas e mais contas.

Mas como é que uma pessoa se pode prevenir daquilo que não sabe que vai acontecer? pensou Kate. Lembrou-se da expressão no rosto da mãe quando lhe dissera que as chuteiras já lhe estavam pequenas.

Se Kate pudesse fazer um gráfico sobre quando pensava em Peter e quando não pensava, a semana do velório e funeral da *busha* teria mostrado um pico de sete dias. Nova Iorque era uma cidade grande, e Bay Ridge era apenas uma pequena parte dela, mas mesmo assim não conseguia parar de o imaginar a aparecer na igreja para o serviço fúnebre. Tinha a fantasia de se virar para trás e o ver de pé ao fundo da igreja, junto da pia de água benta, mas quando o dia chegou e se virou, a metade de trás da igreja estava completamente vazia e a metade da frente ocupada essencialmente por amigos de infância da mãe, da tia e do tio. Depois do funeral, Kate e Sara passaram duas noites no apartamento, a fazer companhia ao *nonno*, enquanto Lena e Natusia tratavam das papeladas sentadas à pequena mesa da cozinha da *busha*. Sempre que tinha oportunidade de estar sozinha – um dia foi ao restaurante da esquina comprar um bolo, no dia seguinte até à beira-rio para ver a ponte e os pássaros – pensava: vai ser numa ocasião destas. Um dia normal, nublado, e ele vai passar por mim, parar bruscamente, virar-se para trás e dizer: «Kate?»

Eddie estava à espera dela quando chegou a casa. A família dele enviara flores para a igreja mas agora ali estava ele, no alpendre, com um tabuleiro de *rollatini* de beringela enviados pela mãe. Deu um abraço a Lena.

– Olá, Eddie – disse Sara, e passou por ele em direção à porta.

– Estás zangada por eu não ter ido? – perguntou ele a Kate depois de os outros Gleeson se terem afastado. – Eu queria, mas a minha mãe precisava do carro e de autocarro e metro teria demorado horas.

– Ido onde? – perguntou Kate.

– Ao funeral.

– Não, claro que não. De qualquer modo eu estava ocupada com a família.

– Ainda bem. – Depois respirou fundo. – Adivinha? Entrei para a Holy Cross.

– Tinha a carta no bolso. – Quem sabe, pode ser que consiga um quarto individual.

Talvez tu entres lá também. – Pegou-lhe na mão e puxou-a gentilmente para o carro, obviamente para a levar até à casa do irmão. Era fim de semana e Jack parecia passar a maior parte dos fins de semana fora.

– Sim, quem sabe – disse Kate, e pela primeira vez em semanas sentiu uma vaga de alívio invadi-la. Dentro de poucos meses ele desapareceria no Massachusetts e assim que isso acontecesse, se ela tivesse o cuidado de não sair muito nas férias e feriados escolares, podia nunca mais ter de o ver.

– Kate – chamou a voz do pai da porta, que tinham deixado aberta, só com a porta de rede fechada. Kate corou e pensou há quanto tempo ele estaria ali. – A tua mãe precisa de ajuda.

Eddie, sobressaltado, largou-lhe a mão.

– Tenho de ir – disse-lhe Kate, e passou pelo pai.

Francis ficou onde estava e, por isso, Eddie ficou também, sem ter a certeza se devia ir-se embora ou esperar.

– Ela é fantástica – disse Eddie por fim. – A Kate, quero eu dizer. Estávamos só a falar sobre...

– É a melhor – interrompeu Francis, e continuou onde estava, a olhar para o rapaz como se estivesse à espera de alguma coisa. – É a melhor de todas.

Dana passou por eles de bicicleta e tocou a campainha.

– A Kate passou por muita coisa – disse Francis. – E ainda está a passar, embora possa não parecer.

– Sim, eu sei – disse Eddie, com alguma impaciência. Não era preciso dizer, muito menos a ele.

Nem George nem Peter atendiam o telefone no apartamento porque George dizia que eram sempre pessoas à procura de dinheiro e que se alguém precisasse mesmo de falar com ele podia encontrá-lo no trabalho. Anne nunca ligara, nem uma única vez, embora de poucos em poucos meses a assistente social do hospital deixasse uma mensagem para os informar de que Anne precisava de uma camisola, ou de um par de chinelos, ou de um sabonete específico porque o do hospital lhe causava alergia. Não tinham preenchido nenhuma papelada oficial para informar a escola de Dutch Kills de que Brian se mudara, nem para dizer que George era na prática o guardião de Peter, por isso sempre que Peter precisava da assinatura do pai, George simplesmente assinava com o nome de Brian. A secretária da escola tinha o número da empresa de George e do escritório da construção onde ele estivesse a trabalhar de momento. Uma vez por semana, talvez, ouviam as mensagens gravadas no atendedor e apagavam-nas todas antes de a pessoa acabar de falar.

– Blá, blá, blá – resmungava George para a máquina, e encostava-se à parede ao lado do telefone como se não aguentasse estar ali em pé a ouvir nem mais um segundo.

Muito de longe a longe havia uma mensagem de Brian, aos gritos para o atendedor como se estivesse a telefonar de Beirute com uma má ligação, a dizer que era uma pena não os ter apanhado em casa, que voltaria a tentar noutro dia. George ouvia a mensagem do irmão até ao fim e depois perguntava com expressão impassível se Peter queria ouvi-la outra vez ou guardá-la. Quando Peter lhe dizia que podia apagá-la, George carregava no botão como fizera com todas as outras. Brian ligava sempre à hora em que Peter estava na escola, e durante muito tempo ele achou que o pai era muito distraído por se esquecer que ele nunca estava em casa para atender aos dias de semana.

Cerca de um ano depois de Brian se ter ido embora, o atendedor de chamadas avariou-se. Certa noite, rebobinou a cassete tão depressa que a fita se partiu e saltou para fora.

– Oh, por amor de Deus – disse George, e atirou-a para o lixo. Durante uns dias disse que tinha de ir comprar outra cassete, mas acabou por não o fazer. – Não estamos à espera de muitos telefonemas, pois não? – dizia, e encolhia os ombros.

No outono do penúltimo ano de Peter na escola, o treinador Bell começou a indicar-lhe os caçadores de talentos das universidades nas provas mais importantes: geralmente eram homens magros, eles próprios ex-corredores, com ténis, calças de caqui e camisa, que ficavam um pouco afastados da multidão com um cronómetro e um bloco de notas nas mãos.

– Não quero que isso te suba à cabeça – disse-lhe o treinador Bell depois de uma prova –, mas estás a ter uma boa época. Eles vão reparar em ti.

Mas ninguém falou com ele, por isso Peter pensou que o treinador estava enganado. Depois, na primavera, Peter recebeu uma carta manuscrita do treinador de uma escola da I Divisão na Pensilvânia – pouco depois de ter batido o seu

recorde pessoal nos oitocentos metros e vencido Bobby Obonyo, cujo pai fora corredor olímpico de meia distância e que corra ele próprio os mil e quinhentos metros mais rápidos da cidade. Uma semana depois, recebeu outra carta, de outro treinador, e um questionário sobre aquilo que procurava numa universidade, o que esperava alcançar, tanto em termos atléticos como académicos. Uma semana depois disso, o treinador que lhe escrevera da escola da Pensilvânia veio apresentar-se pessoalmente durante o campeonato local, disse-lhe que estava impressionado com a sua prova e perguntou-lhe se já tinha começado a pensar em universidades.

– Os teus pais estão cá? – perguntou o treinador, olhando por cima do ombro de Peter para as bancadas, onde os pais dos outros miúdos aguardavam há horas, cansados e esfomeados, para verem os filhos correr uma prova que podia não durar mais de trinta segundos.

– Não puderam vir hoje – disse Peter. – Mas temos andado a falar em universidades, sim.

Ainda nessa semana a orientadora de Peter lhe pedira para fazer uma lista de empregos que gostaria de ter quando crescesse, para poderem começar a delinear a estratégia de candidaturas. As mãos dela tinham esvoaçado como passarinhos em frente à parede coberta de panfletos. Foi tirando um daqui, outro dali, até ter um conjunto para lhe dar.

Depois de a época acabar e o verão chegar, começaram também a chegar os telefonemas. O treinador Bell foi dos primeiros, a dizer a Peter para arranjar o raio do gravador de chamadas, que já o tentara apanhar em casa mais de vinte vezes e que não se considerava o seu secretário pessoal. George arranjara-lhe um estágio de verão no sítio onde trabalhava – Peter teve de dizer que tinha dezoito anos, embora só tivesse dezassete – e quando o treinador o informou de que os treinos começavam em meados de julho, Peter disse que tentaria ir mas que tudo dependia dos turnos que lhe calhassem semana a semana. Estava a ganhar 9,20 dólares à hora, muito mais do que os amigos nos seus empregos de verão, e tencionava dar todo esse dinheiro a George. O treinador ficou em silêncio durante muito tempo, ou assim pareceu a Peter.

– Está bem, eu marco os treinos de acordo com os teus turnos – disse, por fim.
– Mas Peter, peço-te... não te lesiones. Não sei se estás a compreender o que se passa aqui.

– O que é que se passa aqui? – perguntou Peter.

– O que se passa é que vais entrar numa boa universidade. Não quero dar-te esperanças vãs, mas há dinheiro nestes programas. Se jogares bem as tuas cartas, é possível que não tenhas de pagar muito mais do que pagarias no City College.

– E quanto é o City College?

– Não sei. Três mil dólares, talvez?

Peter dividiu três mil por nove vírgula vinte.

– Bolas! E quanto é uma universidade particular?

– A tua orientadora na escola não falou contigo sobre estas coisas?

– Ms. Carcara está sempre a perguntar pelo meu pai – disse Peter, e depois, porque já dissera mais do que tencionava e porque começava a perceber que se calhar precisava de ajuda, continuou: – O meu tio foi às reuniões da escola este ano e toda a gente partiu do princípio de que ele era o meu pai, por isso não dissemos nada. Quando os treinadores mandam aqueles questionários, eu deixo sempre a parte sobre a família em branco. Não sei o que escrever.

– Eu trato disso – prometeu o treinador. – Mas onde está o teu pai, Pete? Sei que a tua mãe não está... disponível. Mas cheguei a conhecer o teu pai, não foi?

– No primeiro ano, talvez.

– Ele trabalha muitas horas, é isso?

– Foi viver para outro lado, durante algum tempo. Portanto se estes recrutadores das universidades tiverem de falar com alguém, tem de ser com o meu tio.

No trabalho, ninguém estava interessado nos seus tempos dos oitocentos metros nem nos seus horários de treino. Só o mandavam fazer coisas aos gritos – vai para o outro lado da viga ou sai da minha frente, segura aqui, agarra ali, faz café, vai lá abaixo buscar um *pack* de *Gatorade*. Disseram-lhe para não subir muitos andares porque era tão escanzelado que a primeira rajada de vento o atiraria ao chão. Perguntavam-lhe sobre raparigas, que raio de rapariga havia de querer um tipo que era só pele e osso, e depois alguém recordava os outros de que ele andava numa escola só de rapazes e gozavam com ele por causa disso. Havia dois tipos no trabalho que eram apenas um ano mais velhos do que Peter e já trabalhavam a tempo inteiro. Um deles tinha barba e peito largo, como George, e Peter costumava olhar para ele de soslaio, com dúvidas de que tivessem mesmo só um ano de diferença. Estes rapazes de dezoito anos tinham deixado a escola e um familiar – o pai, ou um tio – metera-os no sindicato. Ganhavam o dobro do que Peter ganhava e estavam os dois a poupar para um projeto grande. Passavam a hora de almoço a perguntar a Peter o que achava que a universidade ia fazer por ele, se achava que por ir para a universidade acabaria a viver numa mansão, e, fosse qual fosse a resposta de Peter, olhavam um para o outro como se ele fosse um idiota. Afirmavam que os miúdos que se formavam na universidade hoje em dia só podiam sonhar com o salário que eles tiravam por ano, e ainda por cima tinham de passar o dia enfiados num escritório, e ainda por cima não podiam pensar em ganhar dinheiro a sério antes de acabarem os estudos, lá para os vinte e dois anos.

– Uma perda de tempo – diziam, enquanto devoravam as suas sanduíches de frango panado e faziam planos para a noite. Ambos tinham uma namorada. Ao fim de algumas semanas, Peter começou a perguntar a si próprio se eles não teriam razão.

Os homens no trabalho sabiam que ele era sobrinho de George, e Peter sabia que todos gostavam do seu tio. Era um tipo resmungão, talvez, mas justo. Convidavam-no a sair com eles depois do trabalho mas George recusava sempre. Já não tinha tempo para bares, disse a Peter, desde que Brenda o deixara, desde que *essa* lição o pusera no seu lugar, como costumava dizer.

– Talvez seja uma parvoíce ir para a universidade – disse Peter uma tarde, enquanto entravam no carro de George depois do trabalho. – Podia começar a trabalhar a tempo inteiro contigo depois da escola secundária e assim arranjava uma casa e deixava-te em paz. O Jimmy estava a dizer...

Ainda não tinham saído do estaleiro da obra quando George pisou o travão com tanta força que Peter foi projetado para a frente e teve de se apoiar no *tablier*.

– O Jimmy McGree não sabe somar dois e dois nem com a ajuda de uma calculadora, Pete.

– Parece-me que está a safar-se. Diz que já poupou o suficiente para comprar um *Camaro*.

George olhou-o intensamente.

– Que é que isso interessa? Queres comprar um *Camaro*, tu?

Peter pensou durante algum tempo e depois concordou que, realmente, não tinha grande interesse em carros. Mas talvez fosse apenas porque nunca pensara muito nisso.

– Está bem, mas o John diz que já tem dinheiro quase suficiente para uma casa que viu em Staten Island. Diz que vai pedir a namorada em casamento.

George suspirou.

– O John Salvatore devia ter ido para a universidade. E ainda podia ir. Espero que vá. Eu guardava um emprego para um miúdo como ele. Mas, Peter, não me faças arrepende de te ter metido aqui. Se calhar devias estar a vender faturas em Coney Island, como eu fiz quando tinha a tua idade.

George arrancou com o carro.

– Não me entendas mal. Esta é uma excelente carreira. Um bom sindicato. E há um certo orgulho em ver crescer um edifício que fomos nós que fizemos. Procurar esse edifício no horizonte da cidade e pensar que somos uma das razões pelas quais ele existe. Se ainda quiseses trabalhar comigo depois da universidade, farei o que puder para te ajudar.

– Mas então qual é o objetivo, se é só para voltar depois?

– O objetivo é saíres daqui e teres uma educação. Ver um pouco como as coisas são para outras pessoas, e por que motivo pensam como pensam. E vais conhecer pessoas que têm carreiras que nem sequer nos lembramos que existem. Sabes o que eu estava a ver no outro dia? Um programa sobre as pessoas que fazem os sons nas séries de televisão. Quando as portas batem, ou quando se entorna alguma coisa. Quando um tipo dá um soco noutro. Sabias que há pessoas cujo emprego é fazer com que tudo isso pareça real?

Peter foi apanhado de surpresa pela intensidade da resposta do tio e ficou em silêncio enquanto pensava nisso.

– Além do mais, tu não és como eles, Pete. Os rapazes estão a partir do princípio de que tu és como eles, mas não és. Tirando a idade, não tens absolutamente nada em comum com o Jimmy McGree. Já com o John Salvatore, por outro lado... – George ficou calado por um momento. – Se ele fosse meu filho, tinha-o obrigado a continuar a estudar.

– E tu, porque não foste para a universidade?
– Porque sou burro.
– Isso não é verdade.
– Não, talvez não seja completamente burro, mas há várias maneiras de ser burro e eu sou algumas delas. Ou era.

– E eu, sou como o meu pai?

George riu-se.

– O teu pai não era nada parecido com o que é hoje quando tinha a tua idade, sabes? Se calhar saís mais à tua mãe. Não a conheço muito bem, mas acho que é bastante inteligente. Escola de enfermagem, essas coisas todas. E veio para cá tão nova. Acho que ela era chefe de uma data de pessoas no Montefiore, mas tens de perguntar ao teu pai se quiseses saber mais.

Enquanto refletia sobre estas palavras, os pensamentos de Peter abriram-se e foram buscar imagens de Gillam. Às vezes, quando estava deitado no sofá-cama de George, tentava lembrar-se dos pormenores do seu antigo quarto, o tamanho, o tom de azul das paredes, se tinha mesmo prateleiras na parede por cima da cómoda para os livros e cartas e os super-heróis. Tentava lembrar-se da sensação de fechar uma porta e ficar completamente sozinho num espaço que era só seu. Agora, só estava sozinho quando George ia jogar *bowling*, ou ao cinema «com uma amiga». Peter lembrava-se de como era sossegada a casa em Gillam, um sossego que ia para além do silêncio. George dava-lhe privacidade; retirava-se para o quarto sempre por volta das dez da noite e via as notícias lá em vez de ficar na sala. Quando estava sozinho, Peter tentava lembrar-se de como era ver Kate todos os dias, olhar pela janela do quarto a qualquer hora e vê-la quase sempre no quintal, com as faces coradas do frio ou de correr. Ao princípio, no primeiro e até no segundo ano nesta escola, pensava em Kate sempre que podia. Fechava os olhos e enviava-lhe mensagens com a mente. Via raparigas de outras escolas nas provas de atletismo e estudava-as, à procura de uma que lhe fizesse lembrar Kate, mas nunca encontrava nenhuma. Durante muito tempo, pensou em ligar para a casa dela sempre que via um telefone, mas era impossível saber o que dizer, e, se ela o odiava, Peter não queria saber. À medida que o tempo passava, foi pensando cada vez menos nela. Ultimamente, quando Kate lhe vinha à cabeça, sabia que ela estaria diferente, mais velha, que se se encontrassem podiam nem sequer gostar um do outro; as pessoas mudavam muito. Quando pensava nisso – que Kate era agora, basicamente, uma desconhecida para ele – uma espécie de medo fazia-o estremecer.

– Como eram os meus pais antes de eu nascer?

George abanou a cabeça.

– Não sei, Peter. De qualquer maneira, isso é tudo passado. Tiveram aquele bebé que nasceu morto uns dois anos antes de tu nasceres. Às vezes até me esqueço disso. Eu estava no hospital quando ele nasceu. Sabiam que o bebé estava morto mas por alguma razão o médico obrigou a tua mãe a passar pelo trabalho de parto. Era mais saudável para ela, ou coisa parecida, e como era enfermeira ela compreendeu. Lembro-me que, depois, ela pegou no bebé. O teu pai... nem pensar!

Nem se aproximou do quarto. Ligou-me para lhe ir fazer companhia enquanto esperava, e quando acabou fomos beber um copo. Mas que sabia eu? Lembro-me que fui diretamente para lá do treino de basebol. A nossa mãe ainda era viva mas nunca soube de nada. Ela não gostava muito da tua mãe. Seja como for, o Brian tinha uma pequena garrafa de bolso que costumava guardar dentro da bota. Não percebia por que raio a tua mãe havia de querer pegar num bebé morto e ela não percebia porque é que ele não queria fazê-lo. Eu era tão novo que só pensei nestas coisas muito mais tarde, percebes? Tinha apenas... – George fez as contas. – Uns catorze anos, se calhar. Céus, mais novo do que tu és agora. Lembro-me de achar que o Brian era muito, muito mais velho do que eu. Quando bebemos pela garrafa, não tentámos esconder-nos nem nada. Fiquei a sentir-me muito adulto.

Depois de algum tempo em silêncio, acrescentou:

– A morte do bebé veio agravar tudo, mas as coisas já estavam más entre eles antes disso.

Aproximaram-se de um semáforo.

– Não sabias desta história? Do bebé? – perguntou George, lançando um olhar rápido a Peter enquanto a luz passava de amarelo para vermelho.

– Não – respondeu ele. Pensou na única fotografia de si próprio em bebé que tinha visto e depois imaginou-se morto, a pele pálida e fria. – Foi por isso que eles casaram? – perguntou.

– Acho que teriam casado de qualquer maneira. Quanto mais penso nisso, mais acho que são os dois completamente malucos.

Apesar do calendário de provas, apesar dos trabalhos de casa que se tinham tornado mais pesados ao longo dos anos, Peter ainda tentava ir ver a mãe pelo menos duas vezes por mês. Quando estava com ela, não mencionava o seu trabalho na construção nem os caçadores de talentos que lhe ligavam, nem, na verdade, nada do que se passava consigo. Ela tinha começado a tomar um medicamento novo que a deixava numa espécie de transe e parecia completamente indiferente a tudo o que ele dizia. Na verdade, parecia até ficar aborrecida quando o via no corredor, ao domingo à tarde, com os auscultadores à volta do pescoço e a mochila ao ombro.

– Porque é que estás aqui? – perguntou ela um domingo, para o fim do verão.

Era o fim de semana do Dia do Trabalhador. Sentado na cadeira na sala das famílias, Peter sentia o calor a erguer-se da sua própria pele. Estava mais bronzeado nesse verão do que alguma vez estivera, e mais forte: o trabalho duro na construção tinha-lhe modificado o corpo, conseguia senti-lo. Deixara crescer o cabelo e o sol tingira-o de reflexos dourados. Ela estava sentada numa cadeira idêntica à dele, com o casaco de malha apertado e as pernas cruzadas no joelho e no tornozelo, uma enrolada na outra como uma trepadeira se enrola a um poste. A escola, o último ano do ensino secundário, começava na terça-feira seguinte. Peter tinha tirado uma caixa de perguntas do jogo Trivial Pursuit – a mãe gostava de ler as perguntas mas detestava jogar o jogo – mas ela recusou-se a jogar. De testa

franzida, olhou para o canto da sala.

– Não tens coisas para fazer? Não estás ocupado? Perguntei-te porque é que estás aqui. Não tens resposta?

A mãe gostava dele, disse Peter a si próprio. Isto era só a forma como agia às vezes. Era a forma como agia quando estava com medo.

– Porque queria ver-te.

Ela virou a cara e encostou a face às costas da cadeira. Se ele não viesse vê-la, quem viria? Como é que ela se sentiria se nem uma única pessoa neste mundo se preocupasse com ela o suficiente para a vir ver durante uma ou duas horas? Assim, durante cinquenta minutos, Peter ficou ali sentado, a ler em voz alta as perguntas que achava que a interessariam mais e, depois de alguns segundos, virava o cartão e lia a resposta. Quando chegou a hora de se ir embora, ela ficou de pé junto da janela e recusou-se a despedir-se dele.

– Vou-me embora – disse ele, e esperou.

Não podia dizer que se importava quando ela ficava assim; sentia-se apenas constrangido, como se não soubesse o que fazer com as mãos, ou o que dizer. Sabia que esta reação não tinha nada a ver com ele mas às vezes, geralmente quando menos esperava, Peter transferia a pena que sentia da mãe para si próprio, envolvia-se nela. Às vezes parecia tudo temporário, uma provação que tinham de ultrapassar, e outras vezes parecia que as coisas seriam assim para sempre, que ele continuaria calado, e trabalharia, e seria um bom rapaz, à espera de uma mudança que nunca chegaria.

Nessa tarde, à saída, uma mulher com um cartão de identificação do hospital ao peito deteve-o, disse-lhe que era administradora e perguntou se o pai o vinha buscar. Peter disse-lhe que ia apanhar o comboio e a mulher pediu-lhe se podia dizer ao pai que o diretor do hospital precisava de falar com ele o mais depressa possível.

– Tentámos ligar, mas...

– Sim, claro, eu digo-lhe – respondeu Peter. Não se lembrava da última vez que falara com o pai. Antes de George voltar a montar o ar condicionado na janela. Antes do verão.

Nessa noite, quando George saiu para ir buscar umas fatias de piza, Peter encontrou a pequena agenda preta na gaveta perto do telefone e folheou-a até encontrar o nome do pai escrito na letra de George, com um número ao lado. Marcou. Deixou tocar e tocar. Desligou e voltou a tentar. E outra vez. O pânico cresceu dentro dele, seguido por fúria. Pousou o auscultador, depois levantou-o e voltou a tentar.

– O que se passa? – perguntou George quando regressou, com dois sacos de papel manchados de gordura. Mas Peter só conseguia pousar o telefone, voltar a pegar nele e recomeçar o ciclo. – Peter, o que estás a fazer?

– Tenho de falar com o meu pai – disse Peter, e virou toda a fúria contra si próprio quando se apercebeu de que, por mais que contraísse os maxilares, estava a chorar. – Temos de arranjar a merda do atendedor de chamadas, George – disse

Peter com a voz embargada pelas lágrimas. – Ele deve estar farto de ligar. Deve estar preocupado comigo.

George acenou afirmativamente e pousou os sacos no balcão.

– Tens razão. Vou tratar disso amanhã. Está bem? Tens toda a razão. Desculpa. Estou sempre a adiar as coisas, sou terrível.

E no dia seguinte, o primeiro dia de escola, quando Peter acordou descobriu que tanto o telefone como o gravador de chamadas tinham sido desligados e atirados para o lixo. Vestiu as calças novas e a camisa nova que comprara na semana anterior com o dinheiro que ganhara no verão – George insistira para que ele ficasse com o seu salário e prometera que lhe pediria dinheiro se alguma vez lhe fizesse falta – e pôs a velha mochila ao ombro. George saíra muito antes dele. Na escola, conheceu os novos professores desse ano. Recebeu o seu cacifo novo, na ala dos finalistas. Levantou os manuais de que ia precisar, mas ia ser difícil concentrar-se enquanto não soubesse porque é que o hospital precisava de falar com o pai. No treino, o treinador fê-los correr até dois miúdos vomitarem. Dois dos caloiros aproximaram-se dele, muito corados, para lhe dizer que o tinham visto correr no campeonato estadual na primavera.

Quando entrou em casa, ao fim da tarde, viu um telefone novo no lugar do velho. Sem fios. Moderno. Reluzia como um carro novo, e George explicou que já não precisavam de cassete porque as mensagens ficavam todas gravadas dentro do telefone, uma coisa chamada *voicemail*. Tinha esperado por Peter para definir o código, para que Peter pudesse escolher alguma coisa fácil de recordar. Peter sentiu a tensão do dia abandonar-lhe lentamente o corpo.

– Mas, Peter... – disse George, enquanto coçava a cabeça e se apoiava, ora num pé, ora no outro. – O teu pai mudou-se. Agora está a viver na Georgia, acho eu. Falei com ele há uns tempos e queria esperar que ele me desse o número de telefone novo para te contar. Mas ele nunca mais me disse nada, e o número da Carolina do Sul já está desligado.

– Mas os médicos da minha mãe precisam de falar com ele. Têm qualquer coisa para lhe dizer.

– Pois, tu disseste-me. Por isso telefonei para o hospital hoje e afinal era só para lhe dizer que ela vai ser transferida para outro hospital, no norte do estado. Houve um problema qualquer de espaço.

– Onde?

– Em Albany.

– A que distância fica Albany?

– A duas horas de caminho.

– Há algum comboio?

– De certeza que deve haver. Mas estava a pensar que podias tirar a carta de condução e levar o meu carro, se quisesse, podias...

– Quando é que ela vai?

George aproximou-se dele como se quisesse tocar-lhe mas não soubesse bem como ou onde.

– Foi hoje.

Peter sentiu a informação passar através dele como uma rajada de ar.

– Ela já sabia, ontem. Já sabia que a iam mudar.

– Não tenho a certeza – admitiu George.

Peter acenou com a cabeça uma e outra vez e apertou os braços à volta do corpo quando sentiu que estava a tremer.

– Eu devia ter-te contado que o teu pai se mudou, Peter. Devia ter...

– Não quero saber do meu pai. – Assim que o disse, percebeu que era verdade.

– Não me importo se nunca mais o vir.

Agora era a vez de George acenar, absorver a informação.

– Está bem. Compreendo. Ele foi egoísta. Estava a passar um mau bocado e tomou uma atitude a pensar unicamente nele. Eu também já fiz coisas egoístas. Tu provavelmente hás de fazer algumas coisas egoístas ao longo da vida. Mas ele gosta de ti, Peter. Eu sei que sim. Quando eras pequeno e nós os dois não nos víamos muito, ele costumava ligar-me e contar-me as coisas engraçadas que tu fazias, e estava sempre a dizer que eras tão inteligente.

– Porque é que ele não ajudou a minha mãe? Ele sabia que ela tinha um problema qualquer. Sabia. Tudo isto... – Peter fez um gesto largo, abrangendo o sofá que lhe servia de cama, os livros da escola empilhados no chão, o pequeno varão com rodas que era o seu roupeiro – ...podia ter sido evitado.

– Bom, se ele soubesse o que ia acontecer, talvez o tivesse feito, Peter. Mas não sabia. Tu não sabias. Mesmo a tua mãe, ela também não sabia.

– Ele podia tê-la impedido de pegar na arma. Depois do que aconteceu no Food King ele começou a escondê-la, num armário pequenino em cima do frigorífico que nunca usávamos. E escondia as balas noutro sítio qualquer, mas ao fim de algum tempo deixou de o fazer. E se eu me apercebi logo, de certeza que ela também se apercebeu. Nessa noite, depois de eles estarem a discutir há horas, ele viu-a empurrar a cadeira para chegar ao armário. E sabes o que fez? Virou costas e subiu a escada. O que é que pensou que ela ia fazer? Assim que a deixou sozinha na cozinha com a arma, eu percebi que ele não ia ajudar e por isso é que fui a casa da Kate ligar para a polícia. Não queria ligar da nossa casa porque tinha de passar por ela para chegar ao telefone. Nunca pensei que Mr. Gleeson decidisse ir lá.

Contar a George o que nunca tinha contado a ninguém trouxe de volta memórias tão nítidas da casa de Gillam que conseguiu ver o velho candeeiro ao canto da sala, aquele que não dava luz quase nenhuma. Conseguiu ver cada um dos seus jogos empilhados, os sapatos arrumados ao fundo do roupeiro do quarto. Pensou nas pedras nas traseiras, em saltar de uma para a outra enquanto Kate olhava para ele. Pensou em como o cabelo dela estava quente quando enfiara os dedos nele, ajoelhados frente a frente por cima daquele baloiço abandonado em Madison Street.

– Pensava que tinhas dito à polícia que ele passou a maior parte da noite no quarto, que não fazia ideia de que ela tinha a arma.

– Foi o que eu disse, sim.

– Foi ele que te pediu para dizeres isso?

– Não, mas eu sabia que era o que devia dizer.

Na rua lá em baixo ouviu-se o alarme de um carro e, dois segundos depois, outro. George inclinou-se e fechou a janela.

– O problema, Peter, é que os adultos não sabem o que estão a fazer, tal e qual como os miúdos. Essa é que é a verdade.

Em outubro do seu último ano de escola, Peter tinha quatro universidades com bons programas de atletismo a pedir-lhe para marcar uma visita oficial. Eram escolas boas, com padrões académicos elevados. O treinador Bell explicou que a visita seria uma oportunidade para Peter ver as instalações, os programas, falar com os treinadores para ver o que tinham em mente. Peter não fazia ideia do que devia procurar numa universidade, por isso seguiu o treinador Bell durante estas visitas como se fosse um miúdo do jardim de infância. O treinador certificou-se de que Peter tinha tempo a sós com a equipa, para poder fazer quaisquer perguntas que não quisesse fazer em frente dos treinadores, mas mesmo assim, longe dos ouvidos dos adultos, Peter não sabia bem o que havia de dizer.

– Quanto serão as propinas? – perguntava sempre Peter no regresso a casa depois destas visitas, mas o treinador Bell não sabia. Pelo menos metade das propinas seriam pagas pela bolsa de estudos. Tinham de esperar para ver. Só metade? queria Peter responder, mas tinha a noção de que era um dos sortudos e devia estar calado.

E depois, logo a seguir ao Halloween do seu ano de finalista, recebeu o telefonema de um treinador numa pequena universidade em Nova Jérсия da III Divisão. A escola nem sequer podia oferecer bolsas de estudo atléticas. Mas o treinador sabia as notas dos exames de Peter, as avaliações das aulas, a sua classificação geral. Sabia os seus tempos nos mil e quinhentos metros, nos oitocentos metros, nos quatrocentos metros. O que esta escola podia oferecer-lhe era uma combinação de subsídios e bolsas de estudo de mérito e carência que pagariam a totalidade das propinas, e ainda alojamento e alimentação. Para ele ter dinheiro no bolso, nas palavras do treinador, arranjar-lhe-iam um bom horário, e um trabalho flexível para quando tivesse provas fora. Uma vez que ele já não era dependente dos pais, ainda se qualificaria para mais. Tudo o que tinha de fazer era preencher uma data de impressos.

O Elliott College não era a melhor escola em termos académicos e, quando pensou na oferta, Peter pensou também no panfleto de Dartmouth que trazia dentro do livro de História Americana há já alguns meses. História era a sua disciplina preferida porque era como um romance longo e fascinante, repleto de surpresas e reviravoltas, e muitas vezes, antes dos testes, quando os outros alunos aproveitavam todos os minutos para estudar, Peter pegava no panfleto e examinava as fotografias mais uma vez. Ms. Carcara prometera-lhe que Dartmouth não estava fora de questão, que o treinador Bell já tinha falado com o treinador de lá e que não havia dúvidas de que Peter se qualificaria para uma bolsa de estudo académica

parcial, para um subsídio por carência. Não podiam oferecer-lhe tudo de graça, mas havia empréstimos para estudantes que cobririam o resto. Quando Peter falou a Ms. Carcara no Elliott College ela pareceu desapontada.

– Eles têm um presidente novo – disse-lhe Ms. Carcara depois de ter tempo para pesquisar melhor. – Estão a tentar ser mais competitivos. Por isso é que estão dispostos a fazer isso por um miúdo como tu.

Nenhuma outra escola lhe oferecera a oportunidade de sair de lá sem estar a dever um único dólar. Quando, algumas semanas depois, ele ainda não tinha respondido, ofereceram-lhe também uma mesada para os gastos.

– Desculpa? – disse George, na noite em que Peter lhe explicou a situação, e pousou o garfo e a faca.

Tinha um encontro, ia ao cinema, à sessão das sete e quinze, por isso correra para casa depois do trabalho para tomar banho e aquecer a lasanha que comprara de caminho para ele e para Peter. Peter estava ansioso para ficar sozinho em casa. Esta mulher era fantástica, dissera George apressadamente enquanto abotoava a camisa, mas era paramédica e as suas únicas noites livres eram as terças e as quartas-feiras. Peter tentou explicar-lhe o que se passava através da porta da casa de banho, e novamente enquanto ele se vestia, mas George estava distraído, demasiado apressado. Finalmente sentaram-se à mesa e Peter tentou outra vez.

– Estás a dizer-me que alguém te oferece uma bolsa de estudos completa para a universidade e eu só estou a saber disso agora?

Peter encolheu os ombros.

– Desculpa, mas será que podes tirar um dia do trabalho? Querem que eu leve um adulto comigo. Podia pedir ao treinador Bell, mas é uma escola da III Divisão e sei que ele não ia ficar contente. Eu vou ficar nos dormitórios com outro rapaz da equipa de atletismo, mas posso dar-te algum do dinheiro que ganhei no verão para passares a noite num hotel.

– Peter, eu posso pagar um quarto de hotel, por amor de Deus. Preocupas-te demasiado, sabes disso? Então és mesmo assim tão bom? Se calhar devia ter ido assistir a uma das tuas provas. Quando é que fizeste os exames?

Dois dias depois, enquanto o resto dos alunos de Dutch Kills ia almoçar, George e Peter arrancaram no velho *Ford* de George, que foi a perder óleo ao longo de toda a New Jersey Turnpike. George tinha comprado roupa nova para a viagem e, no McDonald's, prendeu guardanapos à volta da gola toda e abriu mais no colo. Peter vestia uma das camisas que costumava levar para a escola, mas George perguntara-lhe se não podia pôr uma camisola por cima, talvez, para parecer mais universitário. Duas horas e meia depois chegaram a uma longa estrada ladeada de árvores que terminava nos portões de ferro que assinalavam a entrada do Elliott College.

Juntos, George e Peter dirigiram-se do parque de estacionamento ao gabinete de admissões, onde uma jovem os cumprimentou e lhes ofereceu qualquer coisa para comer – «Obrigado, querida», disse George quando ela apareceu com um

tabuleiro de fruta e bolachas – e lhes explicou tudo sobre as exigências da escola e disse que Peter cumpria a maior parte delas graças às suas notas e classificações atléticas. Peter lançou a George um breve olhar pesaroso mas George estava muito atento e não parecia nada entediado. Quando acabaram a conversa, a mesma jovem acompanhou-os até à pista de atletismo, onde o treinador de meia distância estava à espera deles.

– George Stanhope – apresentou-se George, com um aperto de mão, e depois recuou imediatamente para trás de Peter. – Como pode ver, não sou tipo de muitas corridas.

O treinador convidou-os a ambos para o acompanharem ao seu gabinete, mas George mandou-os ir sozinhos.

– Vou dar uma voltinha e deixo-vos conversar à vontade – disse. – Peter, vemo-nos amanhã.

Ficou a ler uma placa sobre a equipa de futebol enquanto eles se afastavam. Assim que desapareceram no interior, George aproximou-se de um segurança para fazer conversa de circunstância e colocar algumas perguntas. Os alunos por aqui eram bons miúdos, na sua maioria, tanto quanto ele conseguia ver? Havia miúdos normais ou eram todos ricos? O guarda disse que havia muitos que eram esquisitos, mas na sua maioria eram bons miúdos. Quanto a ele, o salário era o mesmo que noutro lado qualquer, apesar de a universidade se vangloriar de pagar salários justos, e se tivesse oportunidade tencionava aceitar outro emprego em Toms River, para ficar mais perto do mar.

– Como correu? – perguntou George quando Peter entrou no carro na manhã seguinte. George tinha chegado ao estádio um pouco mais cedo e vira Peter a fazer alongamentos num círculo de rapazes pouco mais velhos do que ele. Viu-os despirem as roupas suadas no ar frio de novembro e remexerem nos sacos à procura de roupas secas exatamente iguais às que tinham despido, que vestiram enquanto conversavam. Peter era branco como alabastro, viu George, mas mais forte do que parecia com a camisola vestida. Por fim, Peter saiu do círculo e correu para o carro de George, igual a si próprio – calças de fato de treino, a velha camisola de gola alta, as bochechas vermelhas. Pela primeira vez, George perguntou a si próprio se Peter se teria divertido na escola secundária. Passara tudo tão depressa. Nem por uma vez ele chegara tarde a casa, ou bêbado, ou trouxera uma rapariga com ele. Os miúdos hoje em dia já não fumariam? Não faltariam às aulas? Quando Peter usava um prato, lavava-o. Quando acabava com o papel higiénico, ia à loja comprar mais. Às vezes deixava o monte da roupa suja crescer de mais – e, Céus, se tresandava de vez em quando! – mas da única vez que George se metera com ele por causa disso, Peter parecera terrivelmente embaraçado e George até se sentira mal. Nessa mesma noite o rapaz foi à lavandaria, com as roupas sujas num saco e um livro na mão, e insistiu que era o que estava a planear fazer, de qualquer maneira. Não sabia absolutamente nada sobre lavagem e tratamento de roupas quando se mudara para casa do tio, mas

George ensinara-lhe, e a mulher que trabalhava na lavanderia também o ajudara, e agora era capaz de tirar nódoas e pôr de molho e passar a ferro e dobrar roupa como uma dona de casa dos anos 50. George pensou se Peter ainda se sentiria um hóspede no apartamento ou se já pensaria nele como a sua casa. Nunca pedira para colocar um *poster* ou fotografia na parede. Se calhar, pensou George agora, devia ter-lhe dito que o podia fazer, se quisesse.

– Foi divertido – disse Peter, e atirou o saco para o banco de trás. Tinha ficado com um grupo de corredores do segundo ano e ficara com a mesma impressão que tivera em todas as escolas que visitara, que os alunos estavam a exhibir-se um bocadinho à frente dele. Estes, em particular, tinham passado parte da noite a falar de uma ocasião no ano anterior em que se tinham embebedado e rapado a cabeça. Tinha perguntado a Peter os seus melhores tempos, em que lugar ficara nos campeonatos locais, nos estaduais. Quando ouviram os tempos dele ficaram muito calados. Um deles perguntou-lhe por que raio estava a pensar em candidatar-se a Elliott.

– Mas – disse Peter enquanto George entrava no tráfego –, acho que se calhar devia ficar em Nova Iorque. Foi divertido por uma noite, mas estou a pensar em tirar um ano ou dois antes da universidade, para organizar a parte financeira.

A ideia de Peter – embora ainda não tivesse dito nada a ninguém, nem ao treinador Bell, nem a Ms. Carcara – era trabalhar com o tio mais um ano ou dois, guardar esse dinheiro e depois entrar numa universidade de topo sem ter de pedir tantos empréstimos.

George ficou calado durante muito tempo. Pensou se isto teria alguma coisa a ver com a mãe do rapaz. Peter não a via desde que ela fora transferida. Anne não queria vê-lo, mas George sabia que o rapaz não tinha conhecimento de que ela oficializara essa decisão, que se recusara a pôr o nome do filho na lista de visitantes. Na verdade, não pusera nome nenhum na lista. George não sabia se havia de contar já a Peter ou esperar que ele fizesse planos para a ir ver, e depois tentar dissuadi-lo da viagem ou então levá-lo para poder estar ao seu lado quando lhe barrassem a entrada. O Centro Psiquiátrico Distrital tinha regras mais rigorosas, era muito mais gerido como uma prisão do que o hospital em Westchester. Talvez Peter se sentisse reconfortado, de alguma forma, por viver no mesmo estado que ela, mesmo que não a pudesse ver. Depois George pensou se seria com ele que Peter estava preocupado, se acharia que ele se ia sentir sozinho ou coisa parecida. Tentou imaginar como encararia esta decisão se estivesse no lugar de Peter. Talvez para um miúdo com os problemas que Peter tivera de enfrentar na vida fosse mais importante estar sossegado no mesmo sítio – quem podia saber? Aos dezoito anos, um rapaz só consegue olhar para a frente e não imagina olhar para trás. Depois George pensou no irmão e sentiu a raiva invadir-lhe o corpo. Há anos que andava a remexer nas suas memórias para encontrar evidências de que Brian seria capaz deste grau monstruoso de egoísmo. Precisamente quando o filho mais precisava dele, olhara para uma fotografia de um campo de golfe e desaparecera.

Os milharais e campos de pessegueiros do centro de Nova Jérсия foram ficando

para trás no espelho retrovisor. Peter, que não esperava uma resposta do tio, de qualquer maneira, olhou para a janela com o queixo apoiado na mão.

Quando George finalmente falou, já tinham deixado para trás as estradas secundárias e estavam a entrar na autoestrada.

– Ouve, Peter, não sou teu pai. Eu sei disso. Mas, na minha humilde opinião, se não aproveitares uma oportunidade destas é porque não és bom da cabeça. – George só começara a preocupar-se com a universidade do sobrinho agora, pois estava convencido de que essas coisas só se decidiam no final do último ano da escola secundária. E ainda estavam apenas no início. Tinha pensado dizer a Peter que o ajudaria como pudesse, mas depois de falar com o contabilista que o sindicato usava para organizar os subsídios de aposentação, só para pedir alguns conselhos, parecia que a única ajuda prática que podia oferecer a Peter era ser fiador de algum empréstimo. E, mesmo assim, George não sabia se teria capacidade de crédito suficiente para ser aceite. Estava a tentar pagar as suas dívidas, andava a fazer tudo o que devia ter feito anos antes para Brenda não o deixar, mas não conseguiria ficar livre delas a tempo de ajudar Peter.

Peter sentiu o sangue subir-lhe às faces.

– O quê?

– És mesmo um miúdo inteligente, Pete? Como toda a gente diz? Ou és burro?

– A sério que me estás a perguntar isso?

– És inteligente ou és burro?

– Sou inteligente?

– Podes ter a certeza de que és. Portanto usa o cérebro que Deus te deu.

Foi Francis que decidiu que deviam dar uma festa. No espaço de uma semana, o frio passou e o calor chegou e, como todos os anos, as pessoas disseram que as estações antigamente não mudavam assim tão depressa. No dia em que ele teve a ideia da festa, tinham aberto as janelas de casa para deixar entrar o ar e acabaram por as deixar abertas durante a noite. Kate foi para a escola com uma camisola de manga comprida na segunda-feira, e na sexta já andava com uma blusa fina de alças, e o pai perguntou-lhe se não era uma camisola de usar por baixo de outra, como um – mas engasgou-se na palavra *soutien* e ela percebeu e abriu um sorriso divertido.

– É um *top* de alças, pai – disse. – É mesmo assim.

– Não parece roupa suficiente – disse ele, mas ela ainda estava a rir e não o ouviu. Com Natalie e Sara, Francis estivera demasiado ocupado para reparar nestas coisas, mas agora não estava ocupado. Era como se tivesse passado por uma porta e de um lado a sua vida fosse sempre a correr, a correr: saltar para o banho, fazer a barba, pegar no café, meter-se no trânsito, tratar de papelada, ir a uma reunião, outra reunião, procurar lugar para estacionar, discutir ao telefone, voltar para o carro, à procura de um criminoso, a prender alguém, novamente para o carro, mais um café, e assim sucessivamente, uma e outra vez. E agora o que havia era principalmente silêncio, o bater das asas de um pássaro de manhã, o motor distante do camião do lixo nas suas rondas, as tulipas que plantara em bolbo antes do Halloween a rebentarem agora através da terra dura, como uma fila de lâminas verdes.

A festa seria para Lena, na verdade, embora Francis a tivesse sugerido pela formatura de Kate.

– Tu? – disse Lena. – Tu, Francis Gleeson, estás a sugerir uma festa? – Parecia estupefacta, como se ele tivesse sugerido um passeio na Lua, e Francis perguntou a si próprio se teria sido sempre um tipo mais rezingão do que julgava. Podiam convidar toda a gente, disse ele, os amigos das miúdas, os vizinhos todos de Jefferson Street, as pessoas que conheciam de St. Bart's, as pessoas da pequena agência de seguros local onde Lena trabalhava agora a tempo inteiro, desde que Kate começara o último ano do ensino secundário. Podiam arranjar uma tenda, para não terem de se preocupar com o tempo. Convidariam muito mais pessoas do que caberiam dentro da casa, e isso era metade da diversão. Por alguma razão, a partida de Kate para a universidade parecia a Francis o início de uma nova era – melhor ou pior, ainda estava para se ver – mas seria também um grande agradecimento, disse, pelas refeições que as pessoas lhes tinham trazido, e pela ajuda que tinham dado, e por toda a simpatia recebida nos últimos anos.

– Mas nós agradecemos – disse Lena, estudando-o atentamente, como era seu hábito agora. – Eu nunca teria esperado tanto tempo para lhes agradecer. – Já raramente lhe perguntava se ele se sentia bem, mas a pergunta estava sempre lá, subentendida. – Mas adorava dar uma festa. Tens a certeza? Não vai ser barato.

– Tenho a certeza. Manda os convites.

Não faziam amor há quase dois anos e, antes dessa vez, a última fora antes de ele ser ferido: outros dois anos. Francis passava agora tempo suficiente em casa para saber que este era o tipo de coisa discutida com ar trágico nos programas da tarde, mas não conseguia encontrar forma de abordar o assunto com Lena sem ser enquanto jantavam ou viam as notícias, e isso só tornaria tudo muito pior. De qualquer forma, a oportunidade de abordar o assunto passara. Uma vez, levantara-se da cadeira e aproximara-se do sofá onde ela estava a ler e tirara-lhe o livro das mãos. Antes, não seria preciso mais nada. Mas agora ela limitara-se a fitá-lo, confusa.

– Está tudo bem? – perguntara, esticando a mão para ele lhe devolver o livro. E ele assim fez. Dois anos era uma quantidade de tempo extraordinária se pensasse na totalidade, mas passara dia a dia, semana a semana, mês a mês, até o tempo se acumular e eles se terem habituado à situação. Francis nunca fora homem de estar atento a essas coisas. Antes o sexo simplesmente acontecia, às vezes alguns dias seguidos, outras vezes só ao fim de uma semana, mas nunca tinha importância porque eles estavam sempre à procura de formas de voltarem um para o outro. Dessa última vez estavam no quarto, de manhã, as miúdas na escola, Francis sentado na beira da cama, Lena agachada aos pés dele. Estava a ajudá-lo a calçar as meias porque, há dois anos, ele ainda ficava tonto quando se inclinava – muito provavelmente era por causa dos medicamentos, diziam os médicos, não por o seu cérebro ainda não ter recuperado. Ela pousara a mão na coxa dele para se equilibrar e ele puxara-a para cima, para mais perto. Colocara uma mão no pescoço quente da mulher e a outra naquela faixa de pele entre o cós da saia e a bainha da camisola. Quanto mais tempo tinha a mão na pele dela, mais se lembrava da sua vida anterior, e por uns minutos pareceu-lhe que conseguiria regressar a essa vida, passo a passo, braçada a braçada. Sentiu que Lena estava a fazer um esforço, mas não quis saber. Ela não o beijou como antigamente. Não lhe tocou na cara. Simplesmente enfiou a mão debaixo da saia, despiu as cuecas e movimentou-se com muito cuidado e hesitação até estar em cima dele. Não precisava ter medo de nada, disse-lhe ele então, mas ela habituara-se de tal forma a cuidar dele, a preocupar-se com ele, que fazia lembrar a Francis o tempo em que as filhas eram bebés, quando Lena passava os dias a afastar obstáculos, a segui-las pelas escada.

Não a via completamente nua desde antes de ser ferido. Ela começara a vestir-se e a despir-se na casa de banho. Nos meses mais frios, enfiava-se na cama todas as noites com uma camisa de xadrez até aos pés, a cara lavada. No verão, usava uma *T-shirt* que lhe chegava até aos joelhos. Era atenciosa, muito mais atenciosa do que antes. Agora, nunca pedia para deixar a luz acesa para ler se achasse que ele estava com sono.

Dessa vez, dessa última vez, depois de ele acabar ela inclinara-se para a frente e encostara a testa à dele. Não tentou incentivá-lo a continuar, e foi então que Francis soube que ela o fizera apenas por ele, e não por ela.

– Lena, meu amor – disse, quando percebeu que ela estava a chorar, e tentou pegar-lhe nas mãos. Mas ela levantou-se, vestiu a roupa interior, foi para a casa de

banho e Francis ouviu a água a correr durante alguns minutos. Depois saiu do quarto.

Desde então, Francis estava à espera de um sinal de que alguma coisa podia surgir novamente entre eles, e às vezes, quando ela baloiçava as ancas ao som da música do rádio da cozinha, ou enrolava o fio do telefone no dedo enquanto falava, o desejo abria-se no peito dele como uma flor. Toda a gente lhe dizia a sorte que tinha, e ele sabia que não era mentira. Lena cuidara dele desde o instante em que o tiro fora disparado e recusara-se a sair do seu lado. Naquelas primeiras semanas, antes de ele conseguir andar, nunca o largava: estava sempre a pegar-lhe num braço ou numa perna e a massajá-lo para estimular a circulação. Dava-lhe a comida à boca, mantinha-o quente, punha-lhe vaselina nos lábios e verificava o soro e a ferida, e quando não gostava do que algum médico ou enfermeira lhe diziam, pedia para falar com outro.

– Vais ficar bom – repetia-lhe uma e outra vez, e graças a ela Francis nunca duvidara disso. Mas agora via que ela se habituara a ser a cuidadora e ele o paciente. Já não empalidecia de cada vez que ele se dirigia à escada, mas colocara-o numa categoria distinta, juntamente com as filhas e a hipoteca: mais uma coisa com que tinha de se preocupar.

Na maior parte dos aspetos, Francis era de novo a mesma pessoa. Tinha demorado quatro anos mas chegara finalmente, mais ou menos, ao ponto de partida – com menos um olho e com alguma paralisia dos músculos da cara. Um lado do seu corpo cansava-se mais depressa do que o outro. Uma constipação vulgar parecia-lhe sempre uma infeção. Mas começara a fazer as tarefas que fazia antes. Já cortava a relva. Podava as árvores e os arbustos e levava os ramos mortos para o contentor. Quando fazia esforços transpirava, e quando uma gota de suor lhe escorria da testa para a cara, a sensação era completamente diferente se fosse do lado direito ou do lado esquerdo. Tirava a neve do caminho quando nevava, e plantava a relva na primavera e no outono, e soldara o cano da cave que pingava água há anos. Quando colocou as luzes de Natal no beiral do telhado, Lena ficou a segurar na escada e a ralar com ele o tempo todo, que não devia estar lá em cima, que não valia a pena, e se lhe desse uma tontura, que o melhor era descer imediatamente. Mas ele acabara o trabalho e corra tudo bem.

Apesar disso, não pareciam conseguir encontrar o caminho de regresso um ao outro. Nem por uma vez, desde que ele viera do hospital, Lena se encostara a ele enquanto dormia, nem por uma vez lhe pousara a mão no peito como costumava fazer. Quando pensava muito nestas coisas, Francis sentia-se infantil por deixar que o incomodassem tanto.

– Abraça-me! – gritara uma vez Kate a Lena, quando era pequena. O pastor alemão de alguém na vizinhança soltara-se e corra atrás das crianças pela rua, a tentar morder-lhes os calcanhares através do açaim. Aterrorizada, Kate corra para dentro. – Abraça-me! – exigira a Lena, de bracinhos abertos. Com um sorriso, Lena abraçara-a com força.

De vez em quando, à noite, Francis testava os limites dela para ver o que

acontecía, mas era mais difícil de dia para dia. Ainda na outra noite passara os dedos pelas pontas do cabelo dela, que estava espalhado sobre a almofada. Um toque leve e silencioso, na escuridão. Tudo o que ela tinha de fazer era não se mexer, e talvez ele tivesse ousado algo mais.

– Desculpa – disse ela, de costas para ele, e afastou rapidamente o cabelo. – Está tudo bem? – perguntou por cima do ombro.

Mas agora Kate ia deixá-los e a casa seria novamente só dos dois. Francis mal conseguia acreditar na rapidez com que isso acontecera. Há vinte anos que andavam a falar em aumentar a casa, talvez, como muitos vizinhos tinham feito, mas de repente chegavam à conclusão de que afinal já não era preciso. Antes, ele chegava a casa do trabalho e andava sempre a gritar com toda a gente para arrumarem as canetas, os papéis, as camisolas, as mochilas, e depois um dia olhou em volta e não havia mochilas em lado nenhum. E agora, durante o dia, nem sequer havia Lena. Ela trabalhava na companhia de seguros das nove às cinco e quando chegava a casa ia diretamente para a cozinha e começava a tratar do jantar. Quando era novo, quando era um jovem pai, Francis nunca imaginara que chegaria o dia em que estaria sozinho em casa todos os dias. Pensava cada vez mais na Irlanda, tentava lembrar-se se o seu próprio pai alguma vez tivera um dia ao longo da vida inteira sem nada que fazer. Às vezes deixava a televisão ligada para lhe fazer companhia, e um dia, enquanto saltava de canal em canal, deparou-se com uma cena em que uma mulher e um homem se beijavam no que parecia ser um quarto de hotel. Deixou ficar nesse canal. A seguir, o homem começou a despir a mulher, virou-a, empurrou-a para cima da cama e penetrou-a por trás. Francis nunca fora homem de ver pornografia, mas isto era diferente. Estava na televisão por cabo. Não se via nada explícito, apenas a sugestão de algo. Enquanto olhava, enfiou a mão nas calças e tocou-se até atingir o clímax, e foi o início de um período de vários meses que lhe fizeram lembrar os seus catorze anos, quando desaparecia num campo remoto qualquer onde podia deitar-se e enfiar a mão nas calças com privacidade, porque a casa estava sempre cheia de gente e não tinha um sítio para estar sozinho.

Ainda tomava um comprimido para as dores todos os dias, e quando o médico lhe disse, então, que um comprimido já não fazia grande coisa, entendeu que ele estava a dar-lhe autorização para tomar dois. Às vezes, dois de manhã e dois à tarde. Não pareciam fazer nada exceto dar-lhe uma sensação de calma interior, de paz. Tomava um antidepressivo, que não resultava nem de longe tão bem como os dois comprimidos para as dores, e que o deixava ligeiramente embaraçado, mas o médico dizia que era o tratamento habitual.

Às vezes, quando estava junto do lava-loiça a olhar pela janela, ouvia o zumbido de um corta-relva e ainda esperava ver a cabeça de Brian Stanhope do outro lado das pedras. Depois lembrava-se e ficava novamente estupefacto. Tentava lembrar-se do que pensava de Anne Stanhope nessa altura. Essencialmente, era alguém que ele procurava evitar. Tirando isso, não pensava muito nela. Uma mulher excêntrica, nada mais. Uma pessoa com quem tinham de

interagir durante algum tempo mas que um dia, quando os filhos fossem à sua vida, poderiam ignorar. Francis era simpático com ela. Mais simpático do que qualquer outra pessoa. E mesmo assim... Às vezes, deixava a imaginação vaguear e visualizava Kate naquele alpendre, em vez dele. E se ela tivesse matado a sua filha?

Sabia que ela fora transferida para outro hospital. Sentia que tinha sido generoso ao aceder ao acordo que a impedira de ir para a prisão, e às vezes achava que essa generosidade merecia um maior reconhecimento. Se ele fosse outro, se fosse uma pessoa vingativa, teria insistido numa pena de prisão, e sabia bem o que acontecia aos loucos na prisão. Quando o advogado lhe ligara, temera por um segundo que fosse para lhe dizer que ela fora libertada para uma instituição de integração ou uma casa de transição ou um disparate qualquer desse género, mas parecia que o novo hospital não era tão agradável como o primeiro e Francis ficou satisfeito com isso. Tentou analisar esta satisfação – o que é que isso dizia sobre ele? Tal como Lena perguntara muitas vezes, que importância tinha realmente o sítio onde ela estava, desde que não estivesse perto deles? – mas depois destas análises chegava sempre à conclusão de que tinha todo o direito de lhe desejar mal. Se nada tivesse acontecido, agora já seria capitão. Seria capitão ou algo melhor, e, se as coisas tivessem corrido como deviam, quando ele entrasse em casa ao final do dia a mulher olharia para ele como não olhava há já quatro anos. Uma vez polícia, polícia para sempre, diziam os colegas quando o visitavam. Porém, quanto mais o diziam, menos verdadeiro lhe soava.

Enquanto enchia o carrinho de garrafas de refrigerante, cervejas, batatas fritas, molhos, embalagens de carne picada para os hambúrgueres, caixas e caixas de macarrão para a salada, gás para o grelhador, Lena pensou que fora assim que em tempos imaginara a vida em Gillam. Imaginara-se a dar festas, a abrir as portas de casa e a convidar quem quisesse vir. Imaginara música a tocar, garrafas a serem abertas. Imaginara-se sentada no jardim com amigos e vizinhos enquanto as crianças corriam à volta da casa. Escolhera uma mesa extensível para a sala de jantar porque imaginara que precisaria de poder sentar doze pessoas, um dia, mesmo que isso significasse que a mesa aberta se estendia até à sala de estar. Mas agora, quando foi ao sótão buscar as tábuas para abrir a mesa, reparou que eram de uma cor ligeiramente diferente do resto da mesa. Os encaixes ainda estavam protegidos pelo plástico do fabricante. Chamara Francis para a ajudar – eram demasiado pesadas para as levar sozinha – e, enquanto ela recuava, ele cambaleara um pouco.

– Levanta os pés! – gritara ela, e insistira em trocar de lado.

A cerimónia de formatura era num sábado. Kate ganhara o prémio de Ciências e teve de atravessar o palco para receber um diploma e apertar a mão do diretor. Natalie terminara o curso em Syracuse na semana anterior e Sara estava a meio do seu curso na SUNY em Binghamton. Com a pensão de Francis e o emprego de

Lena e alguns empréstimos, tinham dinheiro suficiente para o primeiro ano de propinas de Kate. Lena sempre partira do princípio de que ela iria para uma universidade estatal como Sara, mas fora Francis que reparara nas brochuras e envelopes da Universidade de Nova Iorque a chegarem.

– Queres ir para lá? – perguntou-lhe ele uma noite, depois de ir buscar o correio.

Kate estava a comer uma tigela de cereais antes de se ir deitar; Lena já subira para o quarto. Francis pensou na Nona Esquadra e em Brian Stanhope, sem saber porquê – um pensamento fugaz que lhe passou rapidamente pelo cérebro e desapareceu. Kate encolheu os ombros e Francis sentiu o coração apertado por ver que ela se tornara uma rapariga que não dizia aquilo que queria.

– Se pudesses escolher qualquer universidade, qual seria? – Estava determinado a fazer com que ela o admitisse.

– Bom, não podemos pensar em universidades privadas, certo?

– Estamos a falar num cenário ideal, Kate. Qual seria?

Finalmente, ela apontou para o envelope que ele tinha nas mãos.

– E consegues entrar? – quis saber o pai.

– Acho que sim.

– Então candidata-te, e logo se vê.

A festa começou às três e a maior parte dos convidados chegaram exatamente à mesma hora. Alguns tocavam à campainha antes de contornarem a casa até ao quintal. Outros simplesmente seguiam o som da música e apareciam nas traseiras com flores, vinho, tabuleiros de bolachas e tartes. Francis não se lembrava de como as pessoas costumavam cumprimentá-lo antes de ele ser ferido, mas agora parecia que faziam questão de ser especialmente amáveis, e pensou que talvez falar com ele fizesse com que se sentissem virtuosas, como se tivessem feito uma boa ação. Percebeu que a maioria das pessoas tinha alguma dificuldade em olhar para as suas pupilas desencontradas – os olhos dos convidados, perfeitamente sincronizados, saltitavam entre o olho esquerdo e o direito de Francis antes de decidirem qual fixar. A maioria das pessoas trazia presentes para Kate, e quando Francis viu isso sentiu-se culpado – não estava à espera de que ainda fossem comprar presentes, depois de tudo o que tinham feito por eles. Mas Kate aceitou tudo alegremente e quando ele olhou para ela, do outro lado do pátio, lembrou-se de como, quando era pequena, ela fazia um inventário silencioso de todos os presentes à medida que os recebia. Os amigos cumprimentaram-na com abraços, e os rapazes da turma juntaram-se ao círculo de raparigas, todos desengonçados, na sua maioria tímidos.

Acendeu o grelhador às quatro e começou a alinhar hambúrgueres, salsichas e maçarocas de milho enroladas em papel de alumínio em cima da grelha. Bebeu uma cerveja. Duas cervejas. Quatro cervejas. Reabasteceu as geleiras. Alguns homens fizeram-lhe companhia enquanto as mulheres se juntavam à volta da mesa dos aperitivos. A dada altura, Lena conduziu um grupo delas lá acima, para lhes mostrar o roupeiro do quarto e pedir conselhos sobre o que podia fazer para

melhorar a arrumação. Estava encantada por ser a anfitriã de uma festa e, quando a sua voz chegou aos ouvidos de Francis, era animada e juvenil. Tinha feito jarros de *margaritas* e, quando desapareceram ao fim de uma hora, foi buscar todas as garrafas que usara para as preparar, e um monte de limas, e fez mais. Comeram, comeram mais, beberam mais, e continuavam a chegar pessoas, Francis continuava na grelha. Havia outras festas de formatura nesse dia e alguns dos convidados iam de uma para a outra, e para a outra, até parecer que Gillam era uma festa gigantesca.

Uma mulher aproximou-se para pedir um hambúrguer sem queijo e enquanto esperava perguntou-lhe como estava, se ainda tinha aquelas pontadas de dor na parede orbital. Francis virou-se rapidamente para ela e a mulher sorriu e pôs-lhe a mão no braço.

– Não se lembra de mim. Eu estava a começar em Broxton quando foi transferido para lá. Não trabalhava no mesmo andar mas cheguei a ir vê-lo porque as nossas filhas eram da mesma turma.

– Sim, claro que me lembro.

Ela riu-se.

– Não se lembra nada. Mas obrigada pela consideração. Nessa época você recebia muitas visitas. Lembro-me de uma procissão de polícias sempre dentro e fora. Algumas das enfermeiras mais novas até se davam ao trabalho de pôr batom para o caso de algum ser solteiro. Ficaram tristes quando você teve alta.

– Ah, estou certo de que teria dado jeito saber disso na altura.

Francis olhou melhor para ela. Era pequena e delicada, com cabelo castanho avermelhado comprido e um vestido bonito, com um padrão florido.

– Já tem uma filha na escola secundária? Parece tão nova – disse, e corou. Não tencionava dizê-lo em tom sedutor. Mas ela parecia realmente muito nova.

– Tinha, até ontem. A Casey. Conhece a Casey? Está... – Virou-se e tentou encontrá-la. – Bom, está por aqui algures.

Francis pôs o hambúrguer no prato dela e ela pousou-lhe mais uma vez a mão no braço e apertou suavemente. Sentiu uma corrente elétrica na pele onde ela lhe tocara.

– Fico contente por o ver com ar tão saudável – disse ela, e afastou-se para se juntar ao grupo de mulheres que conversavam junto ao telheiro.

*

Era quase crepúsculo quando desligou o grelhador, e o sol já se pusera quando finalmente se sentou. Ainda havia pessoas a chegar, e agora, que era quase noite, traziam vida nova quando se juntavam ao grupo reunido no quintal. Um polícia local chamado Dowd estava a falar com ele sobre um caso quando Kate se aproximou por trás da cadeira de Francis e sussurrou que estava alguém a vomitar junto ao rododendro. Tinham dito às raparigas para terem cuidado, para tomarem conta das amigas, mas era inevitável, supôs Francis. Deviam ter colocado as geleiras em posições mais estratégicas, mas não pensaram que houvesse problema. Lena recordara-lhe que quando eles tinham dezoito anos era legal beber álcool, que

a lei era arbitrária, e que com a idade delas Francis já vinha a caminho da América, por amor de Deus. Além disso, a maioria dos adolescentes que estavam na festa tinham lá também o pai ou a mãe ou ambos.

Francis pediu licença e enquanto atravessava o quintal olhou em volta, à procura de Lena, que devia ter entrado. Alguém desencantara um baralho de cartas e, ao passar pela janela da cozinha, viu um grupo de homens sentados à volta da mesa enquanto Oscar Maldonado dava cartas. Algumas das cadeiras de madeira lá de dentro estavam cá fora, e a espreguiçadeira cá de fora encontrava-se agora no meio da cozinha. Kate tinha uma expressão de urgência no rosto e caminhou rapidamente à frente dele. Quando virou a esquina, Francis estava à espera de ver um grupinho, mas era o lado mais escuro da casa, o que não dava para o caminho de acesso, e quando chegaram ao arbusto e Kate parou de andar a festa parecia muito distante.

– O que é que ela bebeu? – perguntou a Kate.

– Não sei. Vi-a vir sozinha para este lado e vim atrás dela.

Francis teve de semicerrar os olhos para distinguir a rapariga na escuridão, de gatas, com o cabelo caído sobre o rosto.

– Está bem, eu trato disto – disse, sentindo-se subitamente sóbrio, ou quase. – E, Kate? Isto serve para vocês todos. Tirando os miúdos que vieram com os pais, ninguém com menos de vinte e cinco anos de idade sai desta casa sem eu olhar bem para ele. Entendido?

– Entendido – disse Kate, mas olhou para ele de lado enquanto se afastava.

Francis apoiou um joelho no chão e segurou o cabelo da jovem na nuca. Ela vomitou durante alguns segundos, com um barulho e um drama desproporcionais ao pouco que saiu.

– Pronto, pronto – disse ele, dando-lhe uma palmadinha nas costas. – Vamos lá limpar-te. – Segurou-lhe firmemente nos braços e ajudou-a a levantar-se. – Oh! – exclamou, quando viu quem era.

– Estou tão envergonhada – disse ela, a cambalear. Estava descalça, com uma alça do vestido caída sobre o cotovelo. Apoiou-se por um momento no peito dele e fechou os olhos. Quando Francis sentiu o ritmo tranquilo da sua respiração, percebeu que ela adormecera. O seu cabelo cheirava a chá verde. Era mais pequena do que Lena. Empurrou-a, gentilmente.

– Desculpe, como é que se chama? Esqueci-me de perguntar, há bocado.

Mas ela levantou as mãos, agarrou-se aos ombros dele e murmurou qualquer coisa que ele não percebeu.

– Oh, pobrezinha! É a Joan Kavanagh – disse Lena quando foi à procura de Francis e viu quem ele estava a ajudar a contornar a casa. O jogo de cartas continuava na mesa da cozinha, mas Lena passou por trás dos homens para ir buscar um copo de água e duas *Aspirinas*, que Francis enfiou na boca de Joan, uma de cada vez. Lena também não estava muito bem e, depois de lhe perguntar duas vezes se conseguia tratar disto sozinho, subiu e deitou-se em cima da cama, vestida e calçada. A filha de Joan já se tinha ido embora, felizmente. Ela e meia dúzia de

outros miúdos tinham ido a pé para outra festa próxima.

– Está tudo bem? – perguntou Kate, e Francis viu que ela decidira ficar e deixar as amigas irem sem ela. Sara estava no quarto. Não fazia ideia onde estaria Natalie, mas já era uma adulta, uma jovem com um curso universitário. – Bebeu de mais – disse Kate.

Era tão óbvio que Joan Kavanagh bebera de mais que a afirmação de Kate, formulada com uma certeza cautelosa, era bem reveladora da sua inocência. Francis percebeu que, até este momento, a filha sempre pensara que beber de mais era coisa de jovens.

– Ou pode ter comido alguma coisa que lhe caiu mal. Quem sabe?

Kate olhou para a mulher durante muito tempo, como se estivesse a tentar decidir.

– Pode dormir aqui, não pode? Não a vais obrigar a ir para casa?

– Não, não a vou obrigar a ir, mas se calhar ela prefere acordar na sua própria casa. – Depois pensou no problema seguinte. – Sabes onde é que os Kavanagh moram?

Kate abanou a cabeça.

– Num daqueles prédios perto do parque infantil, acho eu. – Olhou para a mãe da amiga como se quisesse certificar-se de que ela não estava a ouvir. – Acho que ela mora só com a Casey. Não tenho a certeza. Parece-me que o pai já não está com elas.

Francis contemplou a desconhecida adormecida, agora tapada com uma toalha de praia. Ressonava baixinho, de boca aberta.

– Eu trato do assunto, Katie, está bem? Podes ir para a cama.

Há quanto tempo estariam aqui fora? Um a um, sem que ele desse por isso, todos os convidados tinham saído. A única luz na cozinha era a lâmpada por cima do fogão. Francis entrou e tirou as mantas do sofá e da poltrona. Desligou a televisão, que passava vídeos de música aos berros. Quando saiu novamente aproximou duas cadeiras de braços, viradas uma para a outra, e usou uma para se sentar e a outra para apoiar os pés. Tapou Joan com uma das mantas e enrolou-se na outra.

Estava bêbado, percebeu enquanto olhava para um grupo de traças que dançavam sob a luz do alpendre. Estava bêbado e estava exausto. Tentou lembrar-se de Joan em Broxton, mas era um esforço demasiado grande e decidiu que se dedicaria ao trabalho de recordar no dia seguinte.

Quando acordou, no ar fresco da madrugada, ela estava a olhar para ele por cima da beira da manta. No espaço entre as cadeiras havia alguns guardanapos sujos, um mar de batatas fritas esmagadas.

– Estou morta de vergonha – murmurou ela. O dia ainda não nascera completamente e Francis sentiu o pescoço dorido e gelado. Tinha a boca a saber horivelmente mal. Ela levantou-se e dobrou muito bem a manta, que colocou nas costas da cadeira onde dormira. – Vou-me embora – murmurou. – Vou a pé para

casa. Você devia ir para dentro.

Demorou um momento a encontrar os sapatos e, quando os encontrou, pegou neles mas não os calçou. Quando passou por ele, Francis esticou o braço e pegou-lhe na mão, segurou-a com força. Virou-se na cadeira e pousou as mãos nas ancas dela, depois na cintura, e por um segundo, talvez apenas meio segundo, sentiu-a aproximar-se, os músculos a ficarem tensos sob as palmas das suas mãos. A manhã parecia fina e frágil e sabia que se lhe fizesse uma pergunta isso levaria a outra. E depois a outra. E por aí fora.

– Vou-me embora – repetiu ela, e desapareceu.

George foi jogar basquetebol em Skillman enquanto Peter fazia as malas. Tinha planeado ajudá-lo, mas nessa manhã, quando estavam lado a lado em frente ao sofá a dobrar as poucas roupas de Peter, perceberam que não era tarefa para duas pessoas. No princípio de agosto, George levava Peter a uma loja Sears em Long Island onde lhe comprara um conjunto de toalhas de casa de banho e lençóis novos, extralongos, de xadrez azul e vermelho, para a cama no dormitório. Perguntara-lhe do que é que precisava mais, e Peter sabia que alguns dos miúdos levavam mini-frigoríficos, pequenas televisões, mas disse que não precisava de nada, as refeições estavam incluídas, que mais havia de querer? No caminho para casa pararam no restaurante habitual e George pigarreou e disse que, uma vez que o pai não estava presente, era sua responsabilidade dizer algumas coisas a Peter antes de ele se aventurar sozinho no mundo, e Peter sentiu o estômago apertado com a certeza de que George ia dizer alguma coisa sobre sexo que Peter já sabia mas não queria saber que o tio também sabia. Uma vez, Peter deixara o treino a meio porque estava muito constipado. Chegou a casa duas horas mais cedo e, primeiro, achou que George não estava em casa. Depois ouviu sons vindos do quarto, pequenos movimentos, uma conversa rápida e abafada. Estacou, paralisado, com as chaves na mão, e voltou a sair. Caminhou pelo Queens Boulevard em direção ao horizonte de Manhattan. Quando chegou ao cinema, voltou para trás. Ao entrar em casa pela segunda vez encontrou-a vazia, a porta do quarto de George escancarada.

Desta vez, contudo, George disse-lhe que sabia que havia muito álcool na universidade, e que isso podia estar muito bem para os outros miúdos, mas não para Peter.

– Quero dizer, um bocadinho, sim, claro, umas cervejas de vez em quando, mas provavelmente tens o gene, Peter. Há quem o tenha, e há quem não o tenha. Se saíres aos Stanhope, é quase certo que o tens.

George falava de vez em quando neste gene há anos, mas Peter não sabia se ele se referia a um gene propriamente dito, uma sequência distinta de nucleótidos que compunham um cromossoma, ou se era apenas uma ideia inventada por pessoas que precisavam de se compreender a si próprias.

– O meu pai tinha um problema? Nesse aspeto, quero eu dizer?

George olhou para ele de boca aberta.

– Oh, Peter... Sim, tinha.

– Nunca dei por isso.

– Bom – respondeu George. – Eras um miúdo.

– Não me parece. Eu teria dado por isso. E não reparei em nada.

– Está bem.

Peter tirou o guardanapo do colo e dobrou-o pelos vincos. Foi à casa de banho, lavou as mãos sem olhar para o seu reflexo no espelho, e quando voltou à mesa fez um esforço para comer dois terços do hambúrguer, só para George não lhe perguntar porque é que estava sem apetite.

Em vez de encher a mala com o equipamento de corrida e a roupa interior térmica, Peter colocou os livros, porque eram mais pesados e a mala tinha rodinhas, e George comentou que esse tipo de raciocínio lógico é que faria dele um homem rico, um dia. Enfiou as roupas no velho saco de desporto. Uma vez que usara sempre uniforme na escola secundária, só tinha um par de calças de ganga, algumas camisolas, dois pares de calções. Inspecionou as roupas de corrida e enfiou tudo o que tivesse os sovacos amarelecidos num saco de plástico que levou para o caixote do lixo na rua. O espaço que ocupara durante quatro anos já estava a esvaziar-se da sua presença, e conseguia começar a ver como esse mesmo espaço acabaria por se fechar sobre qualquer memória dele, como uma porta emparedada.

As festas de fim de ano dos colegas dispersaram-se ao longo do verão e Peter foi à maioria delas, embora em cada uma dessas festas acabasse por perguntar a si próprio porque viera. Eram todas uma mistura incongruente de amigos e tias velhotas e vizinhos excêntricos, e cada pessoa tinha uma ideia diferente do que esperar desses encontros. Peter sorria nas fotografias de grupo mas sabia que, quando elas fossem reveladas, a relutância seria evidente no seu rosto, o que fazia com que não tivesse vontade nenhuma de as ver. Numa das festas, os pais de Henry Finley tinham um barril que disseram a Henry estar cheio de *Budweiser* mas afinal era cerveja sem álcool, e os adultos fartaram-se de rir dos miúdos que fingiam estar bêbados. Na mesma festa, o seu amigo Rohan perguntou-lhe se voltara a ver aquela sua antiga namorada.

– De longe a longe – respondeu Peter. – Mas pouco.

– Mas ainda gostas dela – disse Rohan. – Isso explica porque é que nunca vieste connosco quando íamos ter com as miúdas da Higgins.

Seria realmente essa a explicação? pensou Peter.

Tinha de se apresentar em Elliott para os treinos de corta-mato, que começavam uma semana antes do início das aulas. Na cerimónia de formatura pensara que, talvez, nunca se sabia, talvez olhasse para a plateia e avistasse o pai ao fundo do ginásio, ou a mãe ladeada por dois seguranças, com a carrinha do hospital à sua espera do lado de fora. Três meses depois, no dia em que pôs a mala e o saco de desporto no porta-bagagens do carro de George, teve a mesma sensação, como se os pais fossem aparecer de repente, aproximar-se rapidamente pelo passeio, com medo de perderem a oportunidade de se despedirem dele. Às vezes, parecia que não via nenhum deles há uma vida. Na noite antes de partir, George levou-o a jantar a um restaurante italiano na cidade e, enquanto comiam, contou-lhe a história de um homem que conhecera há muito tempo e que não conseguia fazer aquilo que era certo, e quanto mais esperava para o fazer, mais difícil era, mas isso não significava que não quisesse fazê-lo.

Era uma parábola, compreendeu Peter, e desistiu de tentar segui-la.

– Não te preocupes, George – disse. – Eu sei o que estás a tentar dizer.

Na tarde seguinte, depois de irem ver o quarto de Peter e de darem uma volta pelos terrenos da universidade, George deu um envelope a Peter e disse que estava na hora de ir andando.

Peter deu uma palmada no ombro do tio, apertou-lhe a mão.

– Bom, obrigado por tudo – disse. Doía-lhe o peito.

– Que é isso? – disse George, e puxou Peter para um forte abraço. – Não estejas tão preocupado, está bem? Pareces sempre tão preocupado, Peter. Está tudo bem! Certo? Vemo-nos no Dia de Ação de Graças. Vai passar num instante.

Várias horas depois, Peter lembrou-se do envelope que enfiara no bolso dos calções. Lá dentro, estavam cinco notas de cem dólares.

Os treinos eram muito diferentes dos do treinador Bell, e Peter percebeu imediatamente que era o melhor da equipa. Não estava habituado a treinar com raparigas – com a equipa das *mulheres*, como o treinador dizia. Não que homens e mulheres se vissem muito uns aos outros depois de terminado o aquecimento. Peter gostava que ninguém soubesse nada sobre ele, exceto que se chamava Peter Stanhope, que vinha de Queens e que tinha corrido os oitocentos metros mais rápidos da cidade na primavera passada. Não, não tinha namorada. Não, ainda não sabia em que ia especializar-se. Os pais? Sim, tinham-se separado há alguns anos. A mãe vivia em Albany. Sim, via-a quando podia.

No terceiro dia de treino, uma das finalistas da equipa feminina mencionou que tinha ido passar o verão a casa, a Riverside, uma cidade adjacente a Gillam. Peter fez as contas: ela devia ser caloiira na escola secundária de Riverside quando tudo acontecera. Durante o resto da semana certificou-se de que fazia os aquecimentos no lado oposto a ela e que baixava a cabeça se ela olhava para ele quando o treinador chamava o seu nome. Mas quando viu que ela não parecia reconhecê-lo, a ele ou ao seu nome, o manto pesado da preocupação foi-se tornando mais leve, até que finalmente o sacudi dos ombros e o deixou cair. Pouco a pouco, sentiu o frêmito de uma ideia nova a formar-se, um espaço novo a abrir-se o suficiente para ele conseguir lá caber.

Sexta-feira era o dia em que os restantes caloiros chegavam e Peter deixou um bilhete para o seu companheiro de quarto a dizer que, embora tivesse escolhido uma cama e uma cómoda, não se importava de trocar. O primeiro bilhete que escreveu parecia demasiado formal, por isso rasgou-o. O segundo parecia demasiado seco. Assim, no terceiro, acrescentou alguns pontos de exclamação e minutos depois, enquanto se dirigia ao treino, começou a pensar que talvez os pontos de exclamação o fizessem parecer *gay*. Passara a semana a olhar para a proximidade das camas no quarto, a tentar não pensar que nunca – nem mesmo no apartamento de George – vivera tão perto de outro ser humano. Não sabia se os seus próprios hábitos eram normais, se era demasiado organizado ou demasiado desorganizado, demasiado silencioso ou demasiado barulhento, quando é que devia ignorar o companheiro de quarto para criar uma espécie de falsa privacidade, ou se era melhor e menos constrangedor reconhecer sempre a presença da outra pessoa e tentar manter uma conversa ligeira. E seria isso possível quando tinham de dormir, e estudar, e conviver, tudo no mesmo espaço de três por três metros e meio? Não ficariam sem assunto de conversa antes do Halloween? Peter sabia há muito tempo

que a sua tendência para ser cauteloso era parte daquilo que o mantinha à parte dos outros. Os tipos da equipa tomavam banho depois do treino, andavam pelos balneários de roupa interior, riam-se dos genitais uns dos outros e depois iam comer juntos, jogar jogos de vídeo.

Nessa noite, pouco depois de os últimos pais se despedirem dos seus queridos filhos com um beijo, um ritual que Peter observara à sua volta o dia inteiro, abateu-se uma trovoadas de verão que derrubou ramos e arrancou os cabos de energia das paredes dos edifícios. Quando o seu dormitório ficou sem eletricidade, o companheiro de quarto de Peter – um tipo corpulento do Connecticut chamado Andrew, cujas primeiras palavras para ele tinham sido «O que é que gostas de ouvir? *Hip hop*? Metal? Por favor, não digas *country*» – lamentou-se que a mãe lhe devia ter mandado velas, lhe devia ter mandado uma lanterna, não percebia como ela se esquecera disso. Peter disse-lhe para vir com ele e reuniram-se na área comum com os outros caloiros que tinham acabado de chegar. Peter sugeriu que fizessem uma caça ao tesouro às escuras e pela primeira vez em algum tempo lembrou-se de Kate, pensou que ela teria adorado a ideia. Perguntou-se onde estaria ela naquele momento. Tentou imaginar o que diria ou faria se entrasse na sala, na sua primeira aula, e a visse ali, sentada com o caderno aberto. Será que a reconheceria? E ela, ficaria contente de o ver, ou culpá-lo-ia por tudo o que acontecera, pelo seu longo silêncio?

Na sessão de orientação, Peter revirou os olhos assim como os outros durante as atividades lamechas, a diversão forçada que pretendia estabelecer um elo de ligação entre eles. Ficou num grupo com três outros caloiros para o exercício de confiança, e o líder mal tinha acabado de explicar as instruções quando a rapariga loira do grupo se atirou literalmente para os braços dele.

– Quase me deixaste cair! – acusou ela.

– Ainda não estava pronto – defendeu-se Peter.

A seguir, o outro rapaz do grupo disse-lhe:

– Meu, ela estava a atirar-se a ti.

Quando a sessão terminou, tudo o que faltava fazer era comprar os livros e inscrever-se nas disciplinas. Peter dirigiu-se à livraria da universidade, uma manhã, e teve de parar na passadeira para deixar passar um autocarro com as palavras «Terminal 41st Street» iluminadas por cima do vidro da frente. Ficou parado a olhar para o autocarro até se aperceber de que um carro parara para o deixar passar.

No dia seguinte viu de novo o autocarro. O condutor entrou no largo da livraria pouco antes das nove. O que começara por ser um pensamento vago começou a ganhar forma. Os alunos dos anos mais avançados estavam agora a chegar em força, a ocupar todas as mesas de piquenique e espaços relvados, e na véspera do início das aulas Peter subiu os degraus do autocarro e confirmou que o destino era Manhattan. Era um expresso, disse-lhe o condutor. Parava noutra universidade em Nova Jérсия, depois fazia duas paragens ao longo da autoestrada e por fim concluía a viagem no Terminal Rodoviário da Autoridade Portuária. Peter apalpou o bolso de trás para confirmar se tinha a carteira e entrou no autocarro. Não trouxera um

livro, ou uma revista. Não informara o seu companheiro de quarto, nem o treinador, nem o responsável pelo dormitório. Recusou-se a pensar muito no que estava a fazer.

Era terça-feira de manhã, setembro de 1995, a seguir ao Dia do Trabalhador, e as estradas estavam desertas. Da Autoridade Portuária, apanhou o metro até Penn Station. Dirigiu-se ao primeiro guiché da Amtrak que viu. O comboio que ele queria partia dentro de catorze minutos.

Era meio da tarde quando chegou a Albany. Da estação de Rensselaer apanhou um táxi até ao hospital, mas estava demasiado ansioso para entrar logo, por isso deu uma volta a todo o complexo e depois sentou-se num banco e tentou acalmar-se. Durante todo o dia, a semana, o verão, sentira dentro de si um cata-vento a girar descontroladamente, a virar-se para um lado, depois para o outro, consoante a direção em que o vento soprava. Agora, aqui, ia resolver as coisas, enfrentar o peso que carregava nos ombros há quatro anos, dizer à mãe que a amava, independentemente de tudo o resto, e saber se ela também o amava. Quando se sentiu mais preparado, disse ao homem na receção quem era e quem vinha visitar. Tirara uma *Coca-Cola* de uma máquina na estação e apertara-a na mão durante toda a viagem de táxi, durante a caminhada pelos terrenos do hospital. Estava com medo que explodisse se a abrisse agora, por isso pousou-a no parapeito estreito do guiché da receção enquanto o homem olhava para o ecrã de computador.

– É a primeira visita? – perguntou ele. Antes que Peter conseguisse responder, continuou: – São proibidas câmaras, gravadores, tabaco e derivados, drogas, instrumentos para consumo de droga... isso inclui medicamentos com receita médica, canetas de insulina, seringas. Não são permitidas armas, químicos, artigos pessoais incluindo chaves ou cartões de identificação. Não pode entrar com cassetes ou DVD, *Walkmen* ou auscultadores. Escovas de dentes elétricas ou máquinas de barbear também não são permitidas, bem como talheres de metal e qualquer bebida que contenha cafeína. – Olhou de relance para a *Coca-Cola* de Peter. – Não pode trazer roupas de cores sólidas nem com aplicações de cores sólidas. Nada de tintas, canetas, marcadores, tesouras, agulhas de tricotar, pesos, instrumentos magnéticos. – Esperou que Peter absorvesse a informação. – Então o que é que temos? – perguntou por fim.

– Nada – disse Peter. Deitou a lata fechada no caixote do lixo ao lado do balcão da receção, onde caiu com um baque pesado. Estava a transpirar tanto que teve medo de levantar os braços e ter a camisola manchada.

– Pode repetir o nome da paciente? – O homem aproximou mais o rosto do ecrã.

Peter assim fez, e tentou perceber o que se passava quando o homem apertou a cana do nariz, fechou os olhos com força e disse a Peter que se sentasse porque tinha de ligar lá para cima.

– Há algum problema?

– Sente-se.

Uma mulher mais velha do que a mãe dele estava também à espera, com dois

pacotes enormes de bolachas no colo. Noutro saco de plástico transparente tinha pasta de dentes, fio dental e lâminas de barbear descartáveis de plástico. Peter pensou que se calhar lhe iam tirar as lâminas. Ele vestia uma camisa e calções. Ao fim de alguns minutos de espera, foi à casa de banho dos homens e usou o papel das mãos para limpar a testa, o pescoço, debaixo dos braços. No regresso ao banco perguntou na receção se tinham chamado o nome dele enquanto estava na casa de banho. Esperou mais quarenta minutos e viu outros visitantes serem escoltados através das portas de segurança. Pelas janelas baças, viu os seguranças examinarem os sacos que as pessoas traziam, remexer no conteúdo e, de vez em quando, retirar alguns artigos e pô-los de lado. Aproximou-se novamente da secretária e o homem disse que tinha de esperar mais algum tempo. A tarde já ia adiantada. Daqui a pouco seria hora de jantar. Os pacientes poderiam receber visitas ao jantar? Escutou atentamente todos os sons à sua volta e tentou sentir a presença da mãe no edifício, algum som distante que saberia ser feito por ela. Sempre que imaginava a mãe via-a sozinha numa sala, algures. Lembrou-se de uma ocasião, há muitos anos, em que ela se sentara na beira da cama dele e lhe contara a história de um galo que conhecera em tempos e que cantava o dia todo. Ela achara muito estranho, mas depois descobrira que quase todos os galos cantam o dia todo. As pessoas é que só reparam no cantar ao nascer do dia porque o mundo está muito silencioso quando o sol nasce.

– Mas tu também reparaste quando ele cantava a outras horas – dissera ele. – És a única?

– Sou a única – confirmara ela.

Por fim, ouviu-se um zumbido e um homem com olheiras e um cartão de identificação do hospital ao pescoço saiu pelas portas duplas e chamou o nome de Peter.

O homem pousou a mão no ombro de Peter e conduziu-o até junto de uma planta ao canto, numa tentativa de obter alguma privacidade.

– Infelizmente, a sua mãe não o pode ver hoje – disse, e Peter acenou vigorosamente com a cabeça, como se já estivesse à espera disso.

O homem explicou-lhe que estavam dispostos a ignorar algumas regras – uma vez que Peter não pedira para fazer parte das visitas autorizadas e não passara pelo período de espera exigido – mas a mãe pura e simplesmente não estava em condições.

– Não está em condições ou não me quer ver?

– Pode voltar a tentar daqui a algumas semanas – disse o homem. – Podemos combinar uma data, para ela ter algum tempo de aviso e poder preparar-se.

– Mas ela está bem? O que pode dizer-me?

– Tente noutra altura. Registe-se primeiro. Siga o protocolo. Nessa altura...

Mas Peter deixou de o ouvir. Sabia que não ia voltar a tentar dentro de algumas semanas. Algo o fizera subir para o autocarro nessa manhã, e não era um sentimento que se apoderasse dele duas vezes. A viagem de regresso ao dormitório já lhe parecia impossivelmente longa, e o autocarro nem sequer ia até Elliott. Teria

de sair na cidadezinha mais próxima da universidade e depois apanhar um táxi. Agradeceu ao homem e saiu do hospital, atravessando rapidamente o relvado amplo. Caminhou a direito, cortando caminho através de bairros residenciais, pequenos centros comerciais, parques de estacionamento, mantendo sempre o horizonte do centro da cidade à sua frente. Atravessou uma ponte pedonal e passou por um bar onde as pessoas estavam sentadas em silêncio, a ver qualquer coisa na televisão. Basebol. Quando se aproximou de outro bar, decidiu entrar. Com a exceção de um pacote de *M&M's* no comboio, não comia nada desde manhã. Sentou-se ao fundo do balcão e pediu um refrigerante e um prato de batatas fritas. Depois, assim que o empregado se afastou, Peter chamou-o novamente e disse-lhe para trazer antes uma cerveja. Olhou para a fila de torneiras de cerveja à pressão e escolheu uma, embora para ele fossem todas iguais. O empregado não lhe pediu identificação, por isso quando acabou a cerveja pediu outra. Depois mais uma. Três copos de meio litro de uma cerveja escura, pesada para um dia de verão, mas depois de a ter escolhido achou que era melhor não mudar de marca. A única vez que o empregado pareceu olhar para ele com mais atenção, foi quando lhe deu uma das notas de cem dólares de George, que examinou a contraluz.

Peter chegou à estação vinte minutos antes da hora do comboio. Sentia-se quente, descontraído, e percebeu que estava um bocadinho bêbado. Não sabia que a sensação seria tão confortável.

– Já sei o que vou fazer – disse em voz alta, e dirigiu-se à fila de telefones públicos. Levantou o auscultador e enfiou moedas ao acaso na ranhura até ouvir o tom de chamada. Depois, com o dedo suspenso sobre as teclas, percebeu que nunca lhe tinha telefonado, nem uma única vez, e não sabia o número dela. Porque havia de ter decorado o número de telefone quando podia simplesmente sair de casa e olhar para a janela dela?

Mas sabia a morada, que só diferia um dígito da sua. Voltou ao quiosque, comprou um pequeno bloco de notas, uma caixa de envelopes, uma caneta. Não vendiam selos, mas uma mulher idosa ouviu-o perguntar e ofereceu-se para lhe vender um por vinte e cinco centimos.

Não queria pensar muito no que escrever ou não escrever, por isso inclinou a cabeça sobre o papel e encheu a folha com a sua caligrafia garatujada, uma lista de pensamentos aleatórios, talvez, mas que sabia que ela compreenderia. Escreveu sobre Queens, sobre George, sobre o atletismo, sobre os problemas que tivera para fazer amigos chegados. Escreveu que tinha saudades dela e que tentara enviar-lhe mensagens telepáticas algumas vezes, anos antes, e também que às vezes passava uma semana ou duas sem pensar nela. Disse-lhe que havia momentos em que tinha a certeza de que ela o odiava, e outras em que tinha a certeza de que ela lhe perdoara por tudo o que acontecera. Perguntou-lhe se era esquisito ele sentir que ainda a conhecia muito bem, e achar que ela também o conhecia, apesar de não se verem há mais de quatro anos. Escreveu que gostaria muito de a ver. Quando acabou, arrancou as folhas do bloco. Dobrou-as e enfiou-as dentro de um dos envelopes, escreveu o nome e a morada dela por fora. Tinha passado por um marco

de correio azul no passeio, a dois ou três quarteirões da estação. Olhou para o quadro das partidas e viu que tinha tempo. Correu como se estivesse a ser cronometrado, empurrando portas e desviando-se dos transeuntes que vinham em sentido contrário. Correu dois quarteirões, atravessou a rua e enfiou o envelope no marco de correio. Estava de novo na plataforma em menos de três minutos.

Durante toda a viagem de regresso, as duas horas até Manhattan e depois mais duas horas até Elliott, com o ar condicionado do autocarro no máximo apesar de a noite estar fresca, Peter pensou na sua carta para Kate nas entranhas escuras daquele marco de correio. Folheou o bloco de espiral de onde arrancara as folhas e passou os dedos pela primeira página em branco, como se isso pudesse ajudá-lo a recordar o que escrevera. Apesar de algumas dúvidas, estava contente por o ter feito e ansioso pelo que aconteceria a seguir. Contudo, ao fim de três horas, mal conseguia controlar o pânico. Parecera-lhe uma ideia tão boa na altura que deixara o entusiasmo levar a melhor. Agora sentia-se apenas agoniado. Tentou imaginar a voz de George ao seu ouvido a dizer «Peter, preocupas-te de mais».

Quando saiu do autocarro passava da meia-noite e estava sozinho no passeio iluminado, a ouvir os grilos, no centro de Nova Jérсия. O ar cheirava a pêssegos e ao longo da estrada principal havia uma série de cartazes de pomares onde as pessoas podiam apanhar todos os pêssegos que conseguissem. As casas na avenida larga eram modestas mas simpáticas, e Peter imaginou as crianças a dormirem entre os seus brinquedos e os seus livros, os tetos polvilhados de estrelas autocolantes que brilhavam no escuro. À distância, vindo da direção da universidade, ouviu o som de dois carros a buzinar – um chamamento e uma resposta.

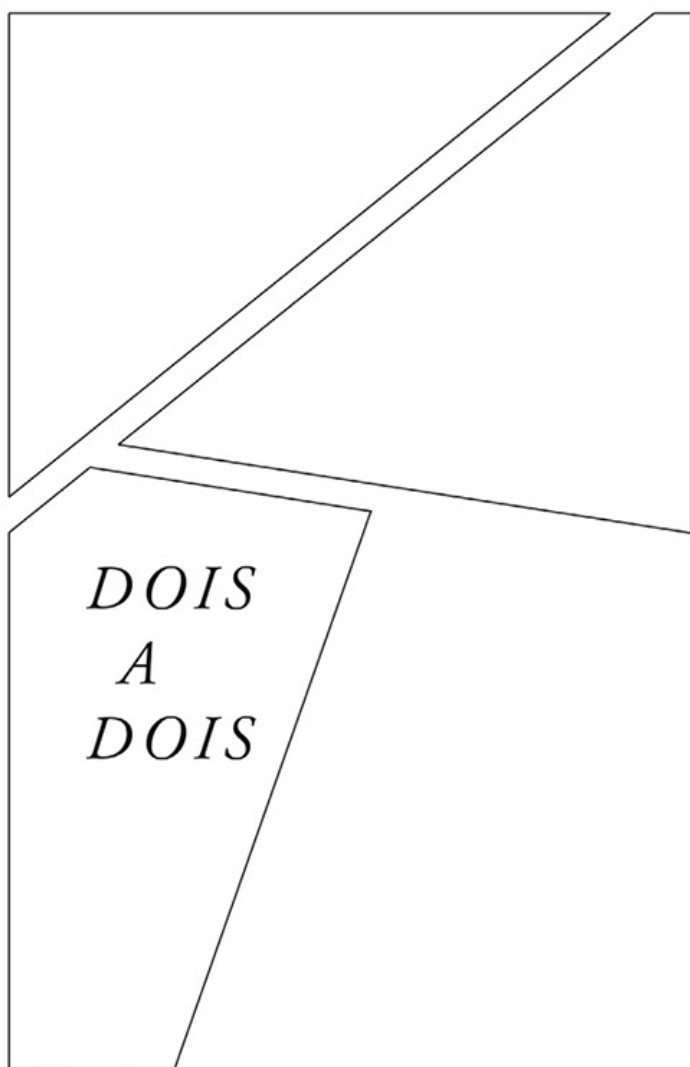
Chegou-se para a orla do círculo de luz do candeeiro e combateu o impulso de uivar, de acordar todas as pessoas em todas as casas. Em vez disso, cruzou os braços sobre o peito com força e começou a longa caminhada até à universidade. Devia ter sido mais louco, pensou. Devia ter vagueado pelas ruas da cidade à noite, sem pais que o proibissem de o fazer; teria uma desculpa na ponta da língua para qualquer sarilho em que se metesse. Devia ter partido coisas, roubado coisas, ouvido música tão alto que os vizinhos lhe iriam bater à porta. Devia ter experimentado fumar erva quando os outros miúdos o tinham feito. Devia ter experimentado cocaína daquela vez que Rohan arranjava um bocadinho; devia ter seguido os outros rapazes quando se enfiaram na casa de banho de uma Pizza Hut em Kew Gardens, para ver como era. Não devia ter ficado sentado à mesa, com medo de que o empregado pensasse que iam fugir sem pagar. Devia ter arranjado uma namorada, várias namoradas, uma de uma escola e outra de outra escola, como alguns dos amigos tinham feito, e depois devia ter-se rido ao falar disso no refeitório. Devia ter sido tão louco que George teria de ir à procura do seu pai para o obrigar a regressar, tão louco que o advogado da mãe teria de ser envolvido para ver o que haviam de fazer com ele. Mas, em vez disso, fora tão bonzinho.

Devia ter apanhado o autocarro para Gillam, devia ter ido ter com Kate. Devia ter arrombado a porta de casa dela se não o deixassem vê-la. Devia, pelo menos, ter

gritado o nome dela do jardim.

Caminhou pela berma da estrada e, quando via as luzes de um carro a aproximar-se, escondia-se entre a sombra das árvores até o carro ter passado.

Quando chegou ao quarto, enfiou a chave na fechadura e rodou a maçaneta muito, muito devagar, para o caso de Andrew estar a dormir.



O doutor Abbasi apresentou o caso de Anne para revisão quando chegou ao fim o quarto ano do seu internamento no Hospital Psiquiátrico Distrital.

– O que é que isso significa? – perguntou ela, e ouviu um tom cortante na sua voz que não tencionara usar. O doutor Abbasi era moreno. Indiano, talvez. Ou paquistanês. Começara a trabalhar no hospital quando Anne já lá estava há quase dois anos. Tinha um sotaque britânico elegante, pálpebras pesadas e um sentido de humor seco que surpreendera Anne das primeiras vezes que o ouvira. Não parecia tão cansado como os outros médicos. Anne perguntara a si própria como seria ele em casa, quando vestia as suas roupas de fim de semana. O que faria para se divertir. Nunca, nem por uma vez, pensara estas coisas em relação aos outros médicos. Nenhum dos outros médicos alguma vez lhe dera alguma esperança em relação a si própria, ao que poderia acontecer. Uma vez, logo ao princípio, ele dissera:

– Quando esta fase da sua vida tiver ficado para trás, Anne... – e ela perdera o fio à meada do que ele estava a dizer porque nunca ninguém mencionara que *tudo isto* poderia um dia ficar para trás. Era como se tivessem erigido um muro entre a sua vida real e a sua vida no hospital, e esse muro estivesse sempre a crescer e a crescer. E depois o doutor Abbasi chegara com uma catapulta para a ajudar a passar por cima dele.

– Significa que vamos analisar o seu caso, o seu progresso, e falar sobre a eventualidade de a Anne estar preparada para o próximo passo.

– E qual seria esse passo?

– Um ambiente com mais independência mas com apoio, caso seja necessário. Um centro de reinserção residencial parece-me indicado. Para começar.

– Uma casa de transição – disse Anne, e lembrou-se com uma pontada de dor da petição que assinara, anos antes, para bloquear a abertura de uma casa de transição em Gillam.

– Vamos discutir várias opções.

– Mas há boas probabilidades de que eu não passe na reavaliação. – Nesse momento, fez uma lista mental de todas as pessoas que tinham sido reavaliadas desde a sua chegada e que continuavam a comer os ovos mexidos instantâneos do pequeno-almoço todas as manhãs.

– Não diria isso. Só estou a falar-lhe nisto porque não quero que seja apanhada de surpresa se passar.

– Mas provavelmente não vou passar. Há pessoas que estão aqui há vinte anos. E mais.

– É verdade, mas eu tenho uma perspetiva diferente da de alguns dos meus antepassados, e a forma de pensar em relação a isto está a mudar.

– Isto?

– Isto. – O doutor Abbasi abrangeu com um gesto as paredes, as janelas, abriu mais os braços para incluir o resto do mundo. – Cometeu um crime, sim, mas foi

considerada inimputável devido ao seu estado mental na altura. Não estava a tomar os medicamentos de forma consistente e aquilo que estava a tomar não era o mais indicado para si. Isso mudou, Anne. Está muito melhor. Continuará a ver um médico como paciente externa, e a medicação terá de ser reajustada de vez em quando, mas não faz sentido que tenha de ficar aqui mais tempo do que teria passado na prisão se tivesse sido considerada responsável pelas suas ações. É uma boa candidata. Comece a pensar nisso.

A chegada do doutor Abbasi coincidia com a visita de Peter ao hospital. Quando o doutor Abbasi herdou o caso de Anne, transferido por um médico que estava à beira da reforma, ela tinha sido afastada de todas as terapias de grupo e transferida para o quinto piso. Da primeira vez que falou com o doutor Abbasi ele entrou no quarto dela educadamente, com alguma hesitação, como se Anne tivesse o poder de lhe pedir que saísse.

– Ouvi dizer que teve uns problemazinhos – disse ele. Não trazia um bloco de notas e tinha as mãos atrás das costas.

– O meu filho – começou Anne, com a voz embargada. Sabia que estavam a observá-la. Sabia que tinha de manter a compostura.

Naquele dia, quando uma assistente social lhe viera dizer que o filho estava lá em baixo, que podia vê-lo se quisesse, Anne sentira a energia de Peter percorrer os canos que serpenteavam escondidos debaixo do chão, fazê-los vibrar e brilhar. O ar revestiu-se imediatamente de tonalidades de prata e ouro. Teve a certeza de que soubera da presença dele alguns segundos antes de lhe dizerem que ele ali estava.

Não tivera coragem suficiente para o ver nesse dia, por isso mandara-o embora. Logo a seguir, sentiu o seu relógio interno acelerar, aquela agitação central que antecedia sempre uma fase má. Tentou disfarçar, manter uma expressão plácida, enfiar comida na boca às refeições, ficar sentada rigidamente na sala comum sem dizer uma palavra, com medo de se denunciar, mas sabia que estavam a estudá-la e que, quanto mais se silenciava, mais atentamente a observavam. Era demasiado esgotante. Assim, ao fim de alguns dias, quando uma enfermeira veio buscá-la para a acompanhar à terapia de grupo – sempre terapia de grupo, a interminável terapia de grupo, toda a gente a lamentar-se de cada coisinha ínfima, enquanto o planeta girava e guerras eram vencidas e perdidas, e o filho de Anne estava lá fora algures, um adulto, com vontade de ver a mãe – Anne viu luzes, como pirilampos, por cima da cabeça da enfermeira. Começou a tentar enxotá-las. A enfermeira pediu reforços, afirmando ter sido atacada. O historial violento de Anne foi referenciado. Mas o que Anne odiava mais do que ser fisicamente levantada do chão, o que odiava mais do que sentir o hálito quente de um estranho na orelha, o que odiava mais do que ser drogada ou fechada num quarto, eram os sorrisinhos trocistas nos rostos dos outros pacientes.

Enquanto qualquer outro médico no hospital teria perguntado «Porque é que acha que estão a trocar de si?», o doutor Abbasi perguntou:

– Porque é que esses sorrisos trocistas a incomodam? Tendo em conta as outras coisas que sabe que terá de enfrentar quando é transportada à força.

– Então concorda que estavam a sorrir com ar de troça?

O doutor Abbasi fez uma pausa para pensar na resposta.

– Concordo que a natureza humana faz com que isso seja uma forte possibilidade, sim.

O dia em que Anne soube que tinha passado na revisão do caso foi uma terça-feira, mais de dois anos depois da visita de Peter, e na sexta-feira seguinte de manhã estava numa carrinha, a caminho de uma casa no limiar do condado de Saratoga. Ia sentada no banco atrás do condutor, muito direita, a engolir em seco para combater o ácido que lhe subia à garganta. Não se despedira de ninguém, não tinha ninguém a quem pudesse chamar amigo, exceto uma mulher à beira de quem se sentava às vezes durante as refeições.

– Está um belo dia – disse o condutor em tom amável, e olhou para ela pelo espelho retrovisor várias vezes, em rápida sucessão. O céu era de um azul deslumbrante, mas as poças sujas de óleo na berma da autoestrada disseram-lhe que chovera há pouco tempo. O doutor Abbasi apertara-lhe a mão e, quando ela se recusara a libertá-lo, pousara a outra mão também sobre a dela. Não entraria na carrinha com Anne. Não iria mostrar-lhe a sua nova casa.

Ao fazerem uma curva numa estrada secundária em Malta, ela vislumbrou uma vela branca a deslizar entre as árvores. O oceano ficava a mais de trezentos quilómetros.

– O que é aquilo? – perguntou, semicerrando os olhos.

– O quê? – perguntou o condutor.

– Parece a vela de um barco.

– Num dia como este, os barcos estão na água logo ao nascer do dia.

– Que água?

– O Lago Saratoga – disse ele. – Não vos dizem nada sobre o sítio para onde vão?

Uma vez que a dependência de medicamentos nunca fora parte da sua patologia, Anne podia livremente procurar trabalho como enfermeira e, se arranjasse emprego depressa, podia entrar imediatamente na Fase Dois, o que significava que teria liberdade de movimentos e seria dispensada da formação vocacional obrigatória. A Eirene House ficava apenas cinquenta quilómetros a norte do hospital e o condutor disse-lhe que isso era bom para ela. Havia pessoas que iam parar a Buffalo ou ao sul do estado. Anne ouvira coisas terríveis sobre estas residências de transição. Vários pacientes do Hospital Distrital que tinham saído e voltado a entrar avisaram-na para ter cuidado, para vigiar as suas coisas, disseram que era uma experiência ainda mais desumana do que o hospital. E, quando chegou a Eirene, Anne achou que parecia coincidir com aquilo que lhe tinham dito. A casa propriamente dita era uma caixa de três andares, de aspeto deprimente, demasiado próxima do passeio. A diretora, uma mulher chamada Margaret, acompanhou-a ao seu quarto, que Anne ia partilhar com outra residente,

e quando abriu a porta Anne estava à espera de ver uma família de baratas a dispersar em todas as direções. No entanto o quarto era simples mas asseado, pequeno mas surpreendentemente luminoso apesar da tapete cor de musgo. Margaret disse-lhe para se instalar e descansar um pouco se quisesse, já que a companheira de quarto provavelmente só chegaria a casa perto da hora de jantar, e deu-lhe uma chave antes de sair e fechar a porta atrás de si. Um momento depois de estar sozinha, Anne rodou a maçaneta e abriu a porta. Repetidamente. De cada vez que rodava a maçaneta, sentia um frémito de entusiasmo.

Poucos dias depois de lá estar, teve uma oferta de trabalho para um lar de terceira idade em Ballston. Na verdade era trabalho para uma auxiliar, já que não implicava quaisquer cuidados médicos, mas quando disse à sua assistente social, uma mulher escanzelada chamada Nancy, com cabelo cor de graxa de sapatos, que decidira aceitar, Nancy olhou para ela por cima dos óculos com uma expressão que dizia que tivera muita sorte por conseguir esse emprego e que não devia ter ilusões de que alguma vez arranjaria melhor. O seu trabalho era ajudar os residentes a tomar banho e a vestir-se, levar-lhes copos de água descartáveis com palhinhas. Nancy disse-lhe para estar atenta aos outros residentes em Eirene House assim que eles se apercebessem de que ela tinha acesso a comprimidos, e para a informar de imediato, a ela ou a Margaret, se alguém tentasse fazer negócio com ela. O aviso fez lembrar a Anne que tinha de ter cuidado com o que dizia às pessoas, tanto sobre o seu presente como sobre o seu passado. O melhor era não dizer nada.

O doutor Abbasi dissera-lhe que talvez se sentisse desorientada quando reparasse em coisas que tinham mudado desde 1991, apesar de terem passado apenas seis anos, apesar de ela ter saído em todos os passeios ao exterior. Duas vezes por ano, os pacientes que estavam suficientemente estáveis eram levados, em pequenos grupos, a um centro comercial, ou a um mercado, ou a um salão de beleza, com a missão de comprar uma dúzia de tomates, ou pedir para trocar uma nota de vinte. Mesmo que Anne tivesse prestado muita atenção nessas saídas, avisou-a o médico, podia sentir-se diferente quando estivesse realmente lá fora e fosse obrigada a participar no mundo.

Alguns dias antes de começar a trabalhar no lar, Anne entrou num banco pela primeira vez em mais de seis anos e deparou-se com o pouco que restava depois da venda da casa em Gillam.

– Esta conta não tem movimentos desde 1991 – disse a funcionária.

Brian há muito que vendera a casa e o carro para pagar as contas dos advogados, dos hospitais, e depois de estar tudo liquidado dividira ao meio o que restava e depositara a parte dela na sua conta individual. Se ele tivesse ficado com Peter, teria direito a este dinheiro para pagar as coisas de que o filho precisasse, mas não ficara com Peter. Ainda agora, tantos anos depois, quando parava por um instante e tentava compreender por que Brian deixara o filho dela, o seu menino, num apartamento em Queens com aquele irmão idiota e alcoólico, Anne sentia um peso físico no peito, uma pontada de dor onde sabia que ficava o coração. Pelo

menos tinham-no conseguido pôr naquela escola secundária boa, e quando Anne chegou a Eirene House ele já teria concluído pelo menos alguns anos de universidade. Sabia que Peter se ia candidatar à universidade porque o gabinete de apoio financeiro de uma escola qualquer em Nova Jérсия precisara de uma data de documentos que provassem que ele já não estava dependente da mãe para cortar os elos de ligação financeiros com ela. Um assistente do escritório do advogado tinha-lhe trazido tudo para ela assinar.

Depois disso, Anne costumava fantasiar com o que Peter seria um dia. Presidente dos Estados Unidos não estava fora de questão. Diretor executivo de uma empresa internacional. Neurocirurgião. Professor universitário. Tinham-lhe dito que os seus pensamentos se tornavam grandiosos quando estava a entrar num ciclo maníaco, por isso tentou examinar honestamente cada uma das perspectivas, recorrendo às informações disponíveis. Mas batia tudo certo. Ele era um rapaz inteligente. Ia para a universidade.

Brian ainda era seu marido, tanto quanto sabia, embora ele lhe parecesse agora mais uma ideia do que uma pessoa, tão distante como a família que ela deixara na Irlanda tantos anos antes de casar. A ideia de ele ainda viver no mundo e fazer todas as coisas que sempre fizera – tomar banho, barbear-se, enfiar o cinto nas presilhas das calças – parecia a Anne uma falha no contínuo espaciotemporal. Cinco mil, duzentos e trinta e um dólares era tudo o que restava de uma vida em comum. Todos aqueles anos a trabalhar em Montefiore e a correr para depositar o cheque do salário à sexta-feira à tarde. Todos aqueles anos a varrer o alpendre, a aparar as sebes para estarem apresentáveis. Levantou quatro mil dólares para comprar um carro usado. Sabia que não podia queixar-se. Assim, teria como ir trabalhar sem ter de estar dependente dos autocarros. Teria um sítio onde podia estar sozinha. E fizera a cama onde agora tinha de se deitar, como o advogado lhe dissera uma vez. Nessa altura, já estava sem paciência para ela.

Originalmente, fora informada de que estaria em Eirene House apenas durante um ano, mas quando o primeiro ano passou e ninguém lhe pediu que saísse, deixou-se ficar. Mas depois Margaret informou-a de que precisavam da cama dela. Tinham analisado o processo de Anne e diziam que ela era perfeitamente capaz de viver sozinha. Não tivera qualquer espécie de episódio alarmante durante a sua estada aqui e isso devia-se, pelo menos em parte, ao facto de já não ter de contar os comprimidos e cápsulas diários que podia optar por tomar ou por enfiar nos buraquinhos do ralo na casa de banho das mulheres, conforme o estado de espírito. Agora levava uma injeção mensal, e desde a implementação dessa mudança sentia-se mais estável, menos assombrada pela sensação de que algo mau estava prestes a acontecer.

Anne nunca vivera sozinha em toda a sua vida e quando regressou ao quarto depois desta conversa sentou-se na beira da cama, muito bem feita ao estilo militar, e tentou controlar o medo que sentia crescer dentro de si. Estava tudo bem, não havia problema, era mesmo assim que as coisas deviam correr. Estava tudo bem,

não havia problema, era mesmo assim que as coisas deviam correr. Repetiu-o mentalmente cinquenta vezes.

O pequeno apartamento que arranjou era acanhado, com duas janelas mal isoladas que de certeza deixavam entrar o frio, e a renda levaria sessenta por cento do seu rendimento, mas na verdade não precisava de muito. Um iogurte ao pequeno-almoço, uma maçã ao almoço. Muitas vezes podia trazer comida do lar. A cozinheira estava sempre a dar-lhe o pão da véspera, o leite que atingira o prazo de validade mas estava perfeitamente bom. Tacinhas de salada de fruta carregada de xarope doce, que tinham de ir para o lixo assim que pousavam no tabuleiro de um residente, mesmo que o residente não tivesse sequer tocado nelas, muito menos retirado a tampa de alumínio selada. O apartamento ficava perto do consultório do seu médico, o bastante para ir a pé, embora fosse mais longe do lar do que a residência. Uma viagem mais longa para o trabalho parecia o tipo de coisa que incomodaria as outras pessoas, mas não Anne. A viagem de casa para o trabalho, e vice-versa, sempre era uma ocupação, uma maneira de preencher mais um bocadinho do dia. Uma televisão ajudaria a afastar o tédio, mas parecia uma extravagância. Decidiu esperar.

O doutor Oliver não era o doutor Abbasi mas Anne gostava dele, e dizia que ela estava a progredir muito bem. Desde que chegara a Eirene que todas as semanas lhe tiravam sangue para verificar os níveis de toxicidade, e só por uma vez desde que tivera alta do hospital, depois de uma gastroenterite violenta que a deixou desidratada e fraca, é que Anne sentiu a familiar agitação a crescer dentro de si. Margaret encontrara-a na sala comum, às três da manhã. Estava a ver um concurso na televisão e, quando os concorrentes tocavam a campainha, Anne dava uma palmada na mesinha de contraplacado e gritava as respostas. Quando Margaret apareceu, Anne ordenou-lhe que prestasse atenção para lhe dizer se não parecia que um dos concorrentes estava a fazer batota. Margaret levava Anne para o seu quarto e dera-lhe as boas noites, mas no dia seguinte, bem cedinho, já estava a bater-lhe à porta.

– Levante-se – disse. – Vista-se. Vamos ao seu médico.

Depois de ficar a sós com o doutor Oliver, algo disse a Anne para fechar a boca e se recusar a dizer uma única palavra enquanto ali estivesse. Olharam um para o outro e depois o doutor Oliver disse-lhe gentilmente que iam interná-la alguns dias no hospital local, só até o ajuste que lhe ia fazer na medicação começar a ter efeito.

Anne estendeu os pulsos para ser algemada.

– Não, não é preciso algemas, Anne – disse ele. – Não fez nada de errado.

Não ia perder o emprego, garantiu-lhe ele. Ia correr tudo bem. Não havia motivos para que este pequeno revés não ficasse apenas entre eles. Afinal, estava tudo a correr tão bem.

Enquanto enfiava a chave na porta do seu novo apartamento, ocorreu a Anne que algures, não muito longe dali, Peter estaria provavelmente a terminar a universidade. Nunca lhe agradara muito a ideia de Peter viver com George, mas

pelo menos sabia onde ele estava. Quando ele foi para a universidade sentia-o mais distante, porque ficava noutro estado, mas, ainda assim, continuava a saber onde ele estava. Mas agora que ele se ia formar – estavam em maio, as cerejeiras em flor cobriam os passeios de Saratoga e as pétalas caídas pareciam veludo debaixo dos pés – imaginou-o como um pião a rodopiar sobre um mapa, a zigzaguear descontroladamente entre os Estados Unidos, o Canadá, o México. Observava atentamente os estudantes universitários de férias nas ruas da cidade, como anúncios em carne e osso de pasta de dentes *Colgate* e das universidades de Bucknell e Syracuse. Observava os rapazes em particular e tentava aceitar a ideia de que Peter era agora da idade destes rapazes, destes homens. Tinha a mesma idade que o pai dele quando Anne o conhecera.

Em setembro de 1999, não saber onde ele vivia tornara-se uma comichão que não podia coçar. Talvez Peter tivesse ido para o Dubai, ou para a Rússia, ou para a China. Lera algures que hoje em dia muitos homens de negócios tinham de estar dispostos a viajar e a trabalhar no estrangeiro. Talvez ele estivesse do outro lado do mundo, a falar japonês. Podia ligar a George. Ele saberia dizer-lhe o que ela queria saber.

– Porque é que não faz isso? – quis saber o doutor Oliver.

Porque seria mais uma coisa, queria ela gritar. Mais uma maldita coisa! Tanta conversa, semana após semana, e era como se ele nunca tivesse ouvido uma única palavra do que ela dizia.

– Sinto falta do doutor Abbasi – disse, em vez de responder à pergunta, na esperança de despertar alguns ciúmes profissionais.

Em meados de outubro desse ano, com os degraus em frente das casas de Saratoga decorados com abóboras iluminadas e vasos de crisântemos, Anne parou na mesma estação de serviço que usava sempre, mas neste dia, na montra da pequena loja em frente, viu um cartaz: «Detetive Particular, Descrição Garantida». Aquela loja já alojara, em diferentes ocasiões, uma médium, um terapeuta, um contabilista. E agora isto. Atravessou a estrada a correr enquanto o carro atestava e passou pela montra, primeiro, para olhar rapidamente para o interior. Depois deu meia-volta e passou novamente. À terceira passagem, um homem abriu a porta. Era baixo, mal lhe dava pelo nariz, e tinha um guardanapo de papel preso na gola da camisa. Ela só queria saber, mais nada. Não estava preparada para contratar ninguém. Quanto é que custaria, de qualquer maneira? Só precisava de uma morada, disse, caso houvesse preços diferentes para os vários tipos de informação. Se fosse hábil com a Internet, como as jovens enfermeiras do lar, talvez até conseguisse descobri-la sozinha. Um destes dias Anne tencionava pedir à mais simpática, uma gorda chamada Christine, que a ajudasse a abrir uma conta de *e-mail*.

Anne disse tudo ao homenzinho, exceto o motivo pelo qual não sabia onde o filho estava. Passou-lhe um cheque de cem dólares porque parecia seguro; o restante seria pago depois de ele lhe dar a informação que ela pretendia. Mas assim

que entrou no carro e se dirigiu ao trabalho começou a sentir-se como uma idiota. Provavelmente ele sacara cem dólares a cem mulheres idiotas só nessa semana, e depois arrumaria as tralhas e partiria para fazer o mesmo noutro lado qualquer. No entanto, não ligou ao banco para cancelar o cheque.

O detetive demorou apenas dois dias a entrar em contacto com ela e o preço foi muito inferior ao que Anne estava à espera. Disse-lhe que se precisasse de mais alguma coisa, se quisesse saber mais alguma coisa, podia contactá-lo. Mas o que ela queria saber era se ele estava bem, se era feliz. E se não fosse feliz, se não estivesse bem, que podia ela fazer em relação a isso? Trazê-lo para o pequeno apartamento para viver com ela? Essas eram questões a que o detetive não podia responder. O homem deu-lhe um envelope castanho que ela levou para casa e pousou em cima da cama e para o qual evitou olhar enquanto aquecia a sopa para o jantar.

Finalmente, quando não tinha mais nada que fazer, abriu-o. Em cima, uma morada datilografada. Informação sobre o prédio, o preço da renda do apartamento. O nome e número de telefone da gestão de condomínio.

Depois disso, uma fotografia do edifício.

Depois disso, uma fotografia dele, a andar. Com qualquer coisa na mão. Uma mochila ao ombro. A fotografia mostrava Peter a uma distância de talvez quinze metros. Tirada a uma distância maior, mas com *zoom*. Anne encostou o nariz à fotografia, tentou vê-lo melhor, tentou cheirá-lo, a este jovem que era o bebé que dera à luz há quase vinte e dois anos. Nascera em silêncio, ao princípio, como o irmão, e depois de um segundo de silêncio, dois segundos, três segundos – as enfermeiras debruçadas sobre ele, com expressões concentradas enquanto lhe mexiam com uma brusquidão alarmante – quatro segundos, cinco segundos, seis segundos – Anne deixara cair a cabeça na almofada e aceitara aquilo que estava certa que lhe iam dizer, que este acabaria como o anterior, só que ainda mais cruelmente porque da última vez pelo menos tinham sido avisados, tinham tido tempo para se preparar.

Mas depois ele arqueara as costas e chorara, o rosto a ficar roxo com a força dos gritos, e colocaram-no no peito dela, pálido e coberto do material viscoso com que saíra de dentro da mãe, o material em que vivera durante aquelas longas quarenta semanas. Quando Anne lhe tocou, o corpinho de Peter ficou tenso sob a sua mão.

– Está a ver? – disse a parteira. – Já está a tentar levantar a cabeça.

– Um bebé forte – disse Anne, e percebeu que as vibrações que sentia não vinham da cama mas do seu próprio corpo, que estava a soluçar convulsivamente. Cerrou os dentes para parar de tremer.

– Um bebé muito forte – confirmou a enfermeira.

Pensou que podia aguentar até sexta-feira, que era o seu dia de folga, mas uma hora depois do início do turno percebeu que nunca conseguiria esperar tanto tempo, portanto começou a fingir que estava doente. O plano foi ganhando forma à

medida que o punha em prática. Primeiro tossiu algumas vezes com a mão à frente da boca. Toda a manhã tinham tido uma sucessão de alunos de terceiro e quarto ano das escolas primárias locais a fazer pequenos desfiles de Halloween para os residentes. Respondiam a perguntas sobre as suas máscaras e estendiam os sacos para receber doces, que rapidamente perceberam que vinham do balcão das enfermeiras e não das pobres almas alheadas que pareciam perplexas com os pequenos fantasmas e esqueletos, bruxas e vampiros. Anne levou a palma da mão à testa quando teve a certeza de que havia pessoas a olhar para ela. Por fim, alguém reparou e a enfermeira-chefe mandou-a para casa. Correu para o apartamento para mudar de roupa e escovar o cabelo e depois meteu-se no carro. Demorou três horas e meia a chegar lá, a Amsterdam na 103rd Street. Um edifício amarelo de tijolo. Seis degraus até à porta. Uma luz fundida no exterior.

O que esperava ver? Peter, supunha, mais claramente do que na fotografia, talvez sentado no degrau da porta quando ela chegasse. Talvez ele saísse do prédio no momento perfeito, do ângulo perfeito, e ela saberia de imediato, pela posição dos seus ombros, como ele estava. Quando Peter era pequeno – nove, dez anos – naquela idade em que os rapazes estão ansiosos por ser mais velhos do que são, deixara subitamente de chorar quando estava aborrecido e começara a endireitar os ombros, como se quisesse afastá-los para os tornar mais largos do que eram. Punha um pé em frente do outro de uma forma que a assustava, aquela determinação para seguir em frente, aquela determinação para não chorar, custasse o que custasse. E embora ela soubesse que a intenção dele era parecer mais velho, a verdade é que parecia sempre, sempre mais novo. Devia ter sido suficiente para lhe dar forças, ver o esforço extraordinário daquela criança para parecer bem, mas não era. Havia dias em que conseguia pousar as mãos naqueles pequenos ombros e virá-lo para ela, fazê-lo compreender que era a sua mãe e que o amava, apesar de nem sempre dizer as palavras. Mas outras vezes, quando ele praticamente encostava o rosto ao dela para lhe chamar a atenção, quando ele se ajoelhava no chão ao lado da cama dela e punha o dedinho sujo debaixo das suas narinas para ver se ela estava a respirar, era impossível a Anne sequer abrir os olhos. Mas as piores ocasiões eram aquelas em que quebrava propositadamente a força dele, só para ver se era possível ver aqueles ombros abatidos, para ver se havia um limite para o que ele conseguia aguentar.

– Estou arrependida de ter sido mãe – dissera-lhe uma vez, sem qualquer razão, enquanto ele fazia os trabalhos de casa. – É o maior arrependimento da minha vida.

A cozinha estava sossegada, eram só eles os dois, Brian estava no turno da noite. Tinha duas batatas a assar no forno, a espalhar o seu aroma pela casa. Peter devia ter dez anos, talvez onze, e mesmo assim, uma década mais tarde, Anne ainda conseguia ver como o seu rosto se erguera com surpresa. Depois regressara aos trabalhos de casa como se não se tivesse passado nada, mas Anne percebeu pela sua postura que o abalara, que antes estava realmente concentrado mas agora estava apenas a fingir. Tinha as pontas dos dedos brancas da força com que apertava o lápis. O bico estava suspenso sobre o papel.

Anne demorara muito tempo a falar sobre esse momento com o doutor Abbasi,

o seu pior momento, pior até do que as vezes em que lhe batera. Pior do que dar um tiro na cara de Francis Gleeson.

E sempre que via esse momento – ocorria-lhe de vez em quando, sem aviso, e era sempre como um murro na boca – perguntava a si própria se seria possível que não sofresse de nenhuma destas doenças que os médicos diziam que ela tinha – perturbação de personalidade paranoide, esquizofrenia, perturbação de personalidade esquizoide, perturbação de personalidade *borderline*, perturbação bipolar, o diagnóstico mudava e transformava-se todos os anos, nomes novos para os mesmos sintomas – e se, na realidade, os tinha enganado a todos, de certa forma, alinhando nos tratamentos, tomando os remédios, frequentando as sessões, se os enganara como Brian costumava dizer que ela o enganara para casar com ela, para ter um segundo filho, para ter Peter, quando ele nunca conseguira ultrapassar a perda do primeiro. Perguntava a si própria se, na realidade, seria apenas uma pessoa muito, muito má.

– Eu limpo – dissera Peter naquela longa e terrível noite em maio de 1991, enquanto olhava em volta para o caos que ela espalhara pela casa. Já tinha catorze anos. Quem poderia prever como essa noite ia acabar? Mais cinco minutos e ela teria estado a dormir demasiado profundamente para ouvir o barulho de Lena Gleeson aos murros na porta das traseiras. Tomara um comprimido para dormir, meia dose. Partira o comprimido ao meio na palma da mão. Lena Gleeson teria sido problema de Brian, e o mais certo era que nem sequer lhe tivessem contado nada. Mas quando se aproximou da janela e olhou para baixo, ali estavam Francis e Lena Gleeson com a filha, sob a luz do alpendre dos Stanhope. Ali estava o braço comprido de Brian, a abrir a porta de rede. Quando ela chegou lá abaixo, os Gleeson já se tinham ido embora e Brian estava a dizer a Peter que não devia ter saído de casa às escondidas, mas disse-o com tão pouca convicção, com tão pouca firmeza, como sempre, que Anne se aproximou e deu uma bofetada em Peter.

– Isto é por andares com aquela rapariga ordinária, para começar – disse ela. – E isto é por teres saído de casa às escondidas. – Tentou bater-lhe outra vez mas ele desviou-se, com a mão na cara, meio virado para a parede como uma criança que os pais mandaram para o canto de castigo.

E depois Anne viu uma expressão no rosto de Brian. Revolta, sim, mas também uma confirmação daquilo que ele já anunciara mas em relação ao qual talvez ainda não estivesse bem seguro. Assim, embora tivesse uma dor de cabeça lancinante e se sentisse incrivelmente cansada, Anne virou-se para ele e retomou a discussão que andavam a ter há semanas. Ele queria uma separação temporária. Queria refletir sobre as coisas, sozinho. Anne lembrou-se da manhã em que lhe dissera que o bebé estava morto. Ainda não fora ao médico, mas sabia. Não sentia movimento nenhum há mais de vinte e quatro horas. Tinha uma dor surda nas costas. Soube-o no duche. Soube-o enquanto bebia o seu chá. Soube-o enquanto o vento agitava os odores do passeio por baixo da janela do primeiro andar – ainda viviam na cidade, nessa altura – e os trazia para dentro da divisão onde se encontravam, a preparar-se

para ir trabalhar. Assim, disse-lhe aquilo que sabia, como o sabia. Mas Brian despejou cereais para a tigela, disse-lhe que ela não podia saber, não era possível, que só o médico é que podia dizer. E algumas horas depois, quando o médico lhes disse, Brian olhara para ela como estava a olhar agora, como se a culpa fosse dela, como se ela é que tivesse causado tudo isto só por ter dito as palavras em voz alta.

Na noite em que alvejou Francis Gleeson, Anne não se sentia bem há muito tempo, mas só se apercebeu disso mais tarde. Há meses que as conversas se perdiam em estática e dava por si a ter de falar mais alto, de escutar com mais atenção. Perdia o fio à meada do que as pessoas estavam a dizer. Perdia o fio à meada do que ela própria estava a dizer, e às vezes ouvia-se a falar como se estivesse do outro lado da sala. Os movimentos físicos estavam a tornar-se cada vez mais difíceis, como se estivesse a tentar nadar numa piscina de cimento fresco. Mas só reparou nestes sintomas depois de a estática se silenciar, depois de o cimento ser escoado.

– Geralmente é assim, com todas as pessoas – dissera o doutor Abbasi. Todas as pessoas como ela, era o que queria dizer. Era impossível encontrar um distanciamento suficiente nos momentos mais perigosos. Era a sua maneira de lhe dizer que ela tinha de perdoar a si própria.

Mas havia outras ocasiões, raras, sim, mas aconteciam, em que o facto de não estar a sentir-se bem encaixava fácil e claramente nos seus pensamentos, como uma frase datilografada num papel enfiado por baixo da porta.

– Brian – dissera uma manhã, não muito tempo antes de tudo acontecer. Era uma dessas manhãs de frase datilografada, de perfeita clareza. Conseguia ver-se a si própria em cores vivas, em alta definição. Ainda estavam na cama. Chovia com força lá fora e cada vez que um carro passava em Jefferson Street ela ouvia a água a chapinhar debaixo das rodas. O que ia dizer? Que sabia que tornava as coisas difíceis para eles? Que ia tentar outra vez aquele médico, o que lhe passara a receita depois de ela entrar no Food King com uma arma na mala? Contudo, antes de dizer fosse o que fosse, viu-o fazer uma careta, encolher-se. Pousou a mão no braço dele, chamou-o pelo nome e ele encolheu-se e manteve os olhos fechados apesar de ela saber que ele estava acordado. Manteve os olhos fechados apesar de ser péssimo a fingir e, enquanto via as pálpebras do marido estremecerem, Anne debateu-se com um forte desejo de lhe espetar o dedo com força nos olhos, para o cegar.

Peter queria sempre ser ele a tratar de tudo. Naquela noite terrível, enquanto ela e Brian discutiam, Peter inclinou-se para apanhar o candeeiro que ela derrubara. Andou de gatas a apanhar revistas, e cartas, e o cestinho de verga onde guardavam a correspondência, e as estatuetas que enfeitavam a prateleira por cima da lareira antes de ela as atirar ao chão. As luzes estavam acesas em casa dos Gleeson. Estavam acesas em casa dos Maldonado. Anne imaginou todos os habitantes de Jefferson Street agachados lá fora, às escuras, a ouvir. Chamou a Brian todos os nomes de que se lembrou, e depois virou-se para Peter e repetiu-os todos. Disse palavras que não suportava ouvir da boca das outras pessoas. Paneleiro. Maricas.

Cabrão. Porquê? Não sabia. No entanto, indiferente aos nomes que ela lhe chamava, Peter manteve uma expressão impassível. Porque é que tinha tanta certeza de que ela não queria dizer o que estava a dizer?

Não tinha uma memória nítida do que acontecera a seguir. Mesmo na privacidade da sua mente, o facto de não se lembrar parecia-lhe a saída mais fácil e tentara procurar melhor, mais profundamente, para descobrir se estava a ser completamente honesta consigo própria e com as outras pessoas para quem isso era importante. Lembrava-se de algumas coisas, mas eram memórias de má qualidade, como se alguém tivesse espalhado vaselina na lente. Lembrava-se de encostar as mãos à boca e de as morder. Lembrava-se de sentir o sabor do sangue por dentro do lábio inferior. A polícia dissera mais tarde que havia uma cadeira da cozinha encostada ao frigorífico, sem dúvida para que ela conseguisse subir para chegar ao armário lá em cima. Não se lembrava de empurrar a cadeira. Não se lembrava de subir para cima dela. Mas a arma acabara por ir parar à sua mão, portanto com certeza que o fizera.

– De que é que se lembra, afinal? – tinham-lhe perguntado o promotor público e outro advogado, com o ceticismo estampado no rosto. Lembrava-se do risinho infantil que costumava sentir a borbulhar dentro de si sempre que Brian desaparecia na cozinha depois de sair de serviço. Como se ela não tivesse percebido logo onde era o novo esconderijo, quase assim que ele o escolhera. Brian saía sempre da cozinha com uma cerveja na mão, como se lá tivesse entrado por causa disso, para ir buscar uma cerveja. Como se isso demorasse mais de dois segundos.

– De que é que se lembra, afinal, Anne? – perguntaram-lhe os dois homens, ambos de fato castanho; eram quase impossíveis de distinguir, exceto que um era ligeiramente menos feio do que o outro.

Lembrava-se do que Brian tinha feito. Lembrava-se tão bem que conseguia rever a cena, pará-la, rebobiná-la, voltar a passá-la como se fosse um vídeo. Ela tinha a arma equilibrada na palma da mão, como um prato ou um tabuleiro. Na sua memória parecia a mão de outra pessoa, mas se se esforçasse conseguia sentir o peso da arma, portanto sabia que era a sua. Não estava a apontá-la. Simplesmente segurava-a, observava-a. Estava morta, inanimada, mas se a disparasse ganharia vida. Peter enfiou as mãos no cabelo quando a viu e ela perguntou a si própria se o gesto estaria escrito no seu código genético ou se o aprendera por ter passado a vida toda perto de Brian.

– Mãe – disse Peter em tom calmo, corajosamente, e olhou para o pai em busca de ajuda. Mas Brian não disse uma palavra. Virou costas e subiu a escada. Essa era a parte que ela podia mostrar a si própria, a um advogado, a um médico, a qualquer hora do dia ou da noite, independentemente da medicação que estivesse a tomar, quer a semana estivesse a ser boa ou má, se pudessem ligar-lhe um cabo ao cérebro e ver por si próprios. Anne sabia o que ele esperava que acontecesse, sabia exatamente o que ele queria, e nem sequer tivera a decência básica de levar Peter consigo para cima. Assim, Peter saía a correr para ir bater à porta dos Gleeson, à

procura de ajuda.

Depois de duas horas à espera na noite fria, Anne não podia continuar a negar que tinha mesmo de ir à casa de banho. Havia um restaurante Dunkin' Donuts na esquina. Pela Lei de Murphy, Peter havia de passar precisamente quando ela fechasse a porta da casa de banho, mas tinha de ir e não havia nada a fazer. Depois da longa vigília, saiu do carro com movimentos rígidos mas caminhou com passo rápido até à esquina, entrou e comprou um café só para a empregada atrás do balcão lhe dar a chave, que estava presa a uma raquete de pingue-pongue.

O pequeno estabelecimento encheu-se no curto espaço de tempo em que Anne esteve na casa de banho. Ao balcão estava um polícia de costas para ela e, ao seu lado, uma jovem mascarada de rapaz com uma farda escolar qualquer – peruca escura e curta por baixo de uma boina, óculos com armações pretas grossas. Atrás deles, viu uma pessoa vestida de bolacha e, a seguir a essa pessoa, outra mascarada de leite. De *bacon* e ovos. De Mulher Maravilha. De Bill e Hillary Clinton. A temperatura baixara rapidamente ao cair da noite e estava agora frio. Lá fora, no passeio, a Pipi das Meias Altas caminhava de mão dada com o Gato das Botas.

A rapariga disfarçada de rapaz tinha uma madeixa de cabelo loiro a sair da parte de trás da peruca e, quando o polícia se virou, Anne recuou para os deixar passar no espaço apertado. A rapariga passou primeiro por Anne, e depois o polícia, e quando passaram o tecido áspero do casaco do uniforme do rapaz roçou na mão de Anne e ela sentiu um arrepio. Ergueu a raquete de pingue-pongue à sua frente, como um escudo.

À porta, a rapariga vestida de rapaz virou-se para dizer qualquer coisa ao polícia e, enquanto falava, os seus olhos passaram por Anne, brevemente, sem a ver. Mas depois virou-se de novo, mais devagar. O polícia tinha a porta aberta para ela passar mas a jovem parou, tirou os óculos falsos e fitou Anne diretamente através do estabelecimento cheio, com as folhas a esvoaçarem lá fora no passeio. Kate Gleeson, pensou Anne, com as sílabas do nome da rapariga a ecoarem-lhe dentro do cérebro como um gongo.

– Valha-me Deus – disse em voz alta, e depois olhou melhor para o polícia ao lado de Kate. Era como olhar para Brian Stanhope no ano de 1973.

– Está tudo bem, minha senhora? – perguntou Bill Clinton, e puxou a parte de baixo da máscara. – Sente-se bem?

Anne assentiu com um aceno e desviou-se dele para não perder de vista Kate e Peter. Isto não era o que ela tinha imaginado. Talvez eles se tivessem encontrado apenas há uma hora. Talvez fosse tudo uma grande coincidência. Talvez houvesse um reencontro dos alunos de St. Bart's na cidade e tivessem convidado Peter. Porém, por trás destas possibilidades remotas, sentiu uma grande turbina em movimento. Anne esperou que ele se virasse e a visse também, e quando ele o fizesse, apesar da presença de Kate, obrigar-se-ia a dizer o que queria dizer e ele podia aceitar ou não, mas a questão era que ela viera, e se ele quisesse voltar a vê-la era com ele mas esperava que sim, o objetivo era esse, claro, não só ver como

ele estava mas falar com ele, fazer novamente parte da sua vida, fosse como fosse, já que ela estava muito melhor agora e seria preciso tempo, sim, mas não era impossível, nada era impossível. Se fosse preciso, pediria também desculpa à rapariga pelo que fizera ao pai dela. Fora um acidente. Ele aparecera acidentalmente à porta dela na pior altura possível.

Contudo, quando Kate afastou o olhar não disse nada a Peter, como Anne esperava que fizesse. Simplesmente saiu do restaurante atrás dele e, juntos, desapareceram no crepúsculo.

Duas horas mais tarde, a cem quilómetros à hora depois de ter feito uma série de curvas ao acaso e encontrado finalmente a autoestrada, e já quase a chegar a Saratoga, Anne apercebeu-se de duas coisas: primeiro, que o disfarce de Peter se calhar não era realmente um disfarce, e segundo, que segurava entre as pernas uma raquete de pingue-pongue imunda, com a chave de uma casa de banho.

Havia uma coisa que ele não podia dizer a Lena apesar de saber que era verdade, aquilo que os atores principais dizem às suas mulheres sofredoras enquanto os espectadores no cinema às escuras pensam: «Que filho da mãe, não vás na conversa dele. És boa de mais para ele.»

Mas era verdade, pensou Francis. O que acontecera entre ele e Joan não tinha nada a ver com Lena e não significava nada para ele. Sabia que fora ele que começara, se quisesse ser honesto. Na manhã depois da festa de Kate, Joan com as sandálias na mão como uma adolescente, aquele momento era como um fio eletrificado onde tocara e que depois não conseguira largar mais. Pensara nisso durante semanas, quase constantemente, na surpresa de ter acontecido agora, logo agora, depois da destruição da sua cara, na certeza do que tinham partilhado sem nenhum deles pronunciar uma palavra. Mas não a voltara a ver durante meses e meses, e não tinha mal nenhum pensar numa coisa desde que não fizesse nada.

Uma vez, mais ou menos na altura do Halloween desse ano, o nome de Joan apareceu juntamente com vários outros numa lista de mulheres que tinham recolhido assinaturas para um novo candidato à autarquia local, e ver o nome dela fizera-o estremecer como se ela estivesse ali ao seu lado.

E depois vira-a na feira de Natal. Lena estava a trabalhar numa banca de bolos para angariar dinheiro para St. Bart's e perguntara-lhe duas vezes se estava em condições de passear sozinho, se não se importava de jantar tarde uma vez que ela provavelmente precisaria de ajuda para arrumar a banca no final, se conseguia andar bem sem a bengala. Francis vira a bengala encostada ao lado da porta ao sair de casa, mas há vários meses que não tinha tonturas, por isso ignorara-a. Sabia que ela estava ansiosa por lhe sugerir que a levasse, pelo sim, pelo não, que anoiteceria em breve, afinal de contas, e as folhas caídas no chão eram escorregadias, mas Lena era sensível a tudo o que ele sentia e sabia que ele não gostava de usar a bengala, nem sequer gostava quando ela sugeria que podia precisar dela. Depois de Lena estar instalada na sua banca, Francis subiu a rua e viu as alunas da Academia de Dança saírem do estúdio para fazerem um espetáculo cá fora, as mais pequeninas com as barrigas a esticar os maiôs, a pele macia arrepiada pelo frio, e pensou que lhes deviam vestir uns casacos. Provou quatro amostras de chili e escreveu o seu voto num cartão que colocou dentro de uma caixa. Parou junto de uma das bancas de material de construção e conversou um pouco com um polícia aposentado que agora vendia e instalava revestimentos de vinil e estava ali para tentar angariar clientes. Francis ficou a par de todas as novidades sobre os conhecimentos mútuos da Quatro-Um e da Dois-Seis.

– Não costumavas encontrar ninguém? – perguntou o outro polícia a Francis com alguma hesitação. – Pensei que, com tudo o que aconteceu, havia um grupo da Quatro-Um que te visitava regularmente.

Havia três tipos que tinham ido ao hospital algumas vezes, e mais algumas depois de ele vir para casa. Lena instalava-o no sofá durante estas visitas porque

ele não os queria receber no quarto. Os outros ficavam de pé, sem despir os casacos e sem saber o que fazer ou dizer.

– Sim, claro que sim, têm sido fantásticos. Mas toda a gente anda ocupada, sabes como é.

O outro homem contou uma longa história sobre os filhos, a equipa de basebol da universidade, uma controvérsia sobre os selecionados para a equipa inicial.

– Tu tens raparigas! – concluiu o outro homem. – Tens sorte por não teres de lidar com estas coisas.

Francis concordou porque era mais fácil concordar, mas pensou: a minha Kate é melhor atleta do que os teus rapazes todos juntos.

Perto do quartel dos bombeiros, onde o Pai Natal distribuía livros de pintar sobre segurança contra incêndios, viu-a. Ela estava a beberricular um copo de qualquer coisa que segurava nas mãos enluvadas. Ela viu-o um instante depois e olhou para trás por cima do ombro, como se estivesse à procura de sítio para se esconder.

Quando ele se aproximou, em vez de dizer olá, Joan começou imediatamente a falar.

– Imagino que estás a pensar: «Ora aqui está uma mulher que não devia beber álcool.»

– Não estou! – exclamou ele, ouvindo mais uma vez aquele tom na sua própria voz que tanto o surpreendera na festa de Kate. Caloroso. Divertido. Coisas que ele nem sempre era.

Soprou nas mãos para as aquecer, disse-lhe que era bom vê-la e depois não lhe ocorreu absolutamente mais nada para dizer, por isso soprou outra vez para as mãos.

– Estás gelado – disse ela. – Queres entrar? – Estavam em frente de um bar novo, com dois empregados no exterior a vender vinho aquecido com especiarias em copos descartáveis por três dólares.

Lá dentro, ninguém deu importância ao facto de Francis Gleeson estar a sentar-se ao balcão com uma mulher que não era a sua, porque se tratava de um dia para essas coisas e as pessoas conheciam-no, conheciam Joan, se se passasse alguma coisa duvidosa eles não estariam a beber juntos no centro da cidade com Lena Gleeson na sua banca a cem metros dali. O bar estava apinhado devido ao frio inesperado do dia, mas havia dois bancos livres ao fundo, como se estivessem à espera deles.

Mais tarde, Francis pensou em todas as coisas que o podiam ter impedido, que teriam sido demasiadas. Se tivesse visto Oscar Maldonado, que mencionou alguns dias depois tê-lo visto no bar e lhe perguntou o que achava do estabelecimento. Ou se Joan lhe tivesse dito que o ex-marido finalmente assinara os papéis do divórcio nessa semana, que o vinho quente que bebia quando ele a encontrara era a primeira oportunidade que tinha de celebrar. Mas ela só lhe contou isso muito mais tarde. Se Lena lhe tivesse dito antes de se separarem que não se sentia muito bem, que achava que estava a ficar com febre, que tinha tomado uma *Aspirina* antes de irem

para a cidade mas que não parecia estar a fazer efeito. Não era habitual Lena estar doente e, se ele soubesse disso antes do festival e não apenas depois, provavelmente teria ficado com ela na banca, para a ajudar.

Do que falaram durante essa hora e meia? Ao fim de alguns minutos estavam tão quentes que se tinham livrado dos casacos e cachecóis, empilhando-os no colo porque os bancos não tinham costas. Lena nunca o teria deixado sentar-se num banco sem costas. E se ele se desequilibrasse? Francis reparou que o joelho de Joan estava muito perto do seu, reparou na linha da sua clavícula sob o decote da blusa. Perguntou-lhe pelo trabalho e quando fez a mesma pergunta duas vezes ela riu-se e baixou o queixo para o peito como se estivesse a tentar escondê-lo, e quando voltou a olhar para ele era como se soubesse todos os pensamentos que ele alguma vez pensara.

Era fácil estar com Joan, e isso surpreendeu-o. Sentia-se jovem e forte e completamente desligado do homem de quem Lena tomava conta há tantos anos. Joan foi franca em relação à situação, o que ajudou, ao princípio. Mais tarde, foi a sua franqueza que fez com que ele se sentisse ainda mais revoltado consigo próprio.

– Agora estou a viver nos apartamentos Hilltop – disse ela. – Até as coisas estarem resolvidas.

Joan tocou-lhe no cotovelo. Tocou com o indicador no antebraço dele, apenas uma vez, tão depressa que Francis julgou ter imaginado, não fosse estar a sentir a pulsação no sítio onde ela lhe tocara. Depois ela começou a pegar nas coisas, nas luvas. Uma curta caminhada. Uma curva. Mais uma breve caminhada. O coração de Francis batia tão alto que julgou que ela o ouviria certamente. O barulho da feira disfarçava a direção dos seus passos. Em meados de dezembro o anoitecer chegava cedo. O céu ficou laranja, depois arroxeadado, por fim cinzento-escuro. Ela abriu a porta do prédio e pararam lado a lado sem olhar um para o outro, sem falar, até o elevador chegar.

– O que estamos a fazer? – perguntou ele depois de entrarem no apartamento, mas Joan simplesmente olhou para ele com um sorriso, abriu um armário e tirou dois copos. Ligou a televisão e baixou o volume.

Já não valia a pena fingirem, embora ele estivesse a tremer como um rapazinho imberbe. Passou a mão pelo olho – adquirira uma prótese nova nesse mês, pintada à mão por um artista ocular estupidamente caro do Connecticut, e as filhas tinham ficado estupefactas por ver como era perfeita, como parecia mesmo um olho verdadeiro. Valia cada centimo, dissera Lena, embora ainda não tivessem pagado todos os centimos; quando acabassem de pagar por este olho é que ele decidiria se valera a pena ou não. Mas gostava de falar com as pessoas como antigamente, sem ter de fingir que não estava a reparar que lhe estudavam o rosto, com os olhos sempre a saltitar enquanto tentavam não olhar para a prótese antiga, que era tão desconfortável e parecia tão falsa que Kate chegara a dizer-lhe que ficava melhor com a pala sobre o olho. Francis habituara-se de tal forma à pala que sentia agora o rosto nu sem ela.

Joan pousou as mãos no pescoço dele, frias apesar das luvas, e desceu-as num movimento perfeitamente simétrico pelos seus ombros e braços. Ele estremeceu e segurou-lhe na cintura, como fizera naquela madrugada de maio, sete meses antes.

Não tinha nada a ver com Lena, que amava tanto como no dia em que casara com ela. Tinha a ver apenas com ele, e as coisas que ele queria, e as coisas de que sentia falta em relação a si próprio, as coisas que sentia falta de sentir. O que acontecera com Joan, o que viria a acontecer novamente, esperava ele, podia existir completamente separado da sua vida com Lena, não podia? E no entanto, apenas uma hora depois de entrar no apartamento de Joan, enquanto descia apressadamente o passeio e se dirigia à feira como se tivesse apenas ido dar um passeio até ao lago e viu Lena à sua espera, rodeada pelos detritos do festival, com uma expressão clara de medo no rosto, ocorreu-lhe que, de facto, talvez tivesse alguma coisa a ver com ela. Francis fora um bom polícia, um bom marido, um bom pai. Na verdade, fora excelente em todas essas coisas, e não se considerava pouco modesto por pensar assim. Mas depois, sem ter culpa alguma, por ser bom, por ser uma pessoa responsável e de confiança, dirigira-se à porta dos vizinhos e fora projetado para uma nova realidade, uma realidade onde não era um polícia e pelos vistos também não era um bom marido. Ainda seria um bom pai? Esperava que sim, mas esta última hora fizera-o ter dúvidas.

– Dizem que há gelo em frente ao quartel dos bombeiros – disse Lena. – Ouvi dizer que alguém escorregou e caiu. – A sua preocupação soava como uma acusação.

– Estou bem – disse ele, tirando-lhe os sacos da mão. A toalha de mesa, os tabuleiros que trouxera de casa.

– As pessoas entornam as bebidas, não se apercebem de que congelam num instante, com este tempo. – E depois: – Está tudo bem?

– Lena, por amor de Deus, para de me perguntar se estou bem. Por favor, chega. – Parecia mais zangado do que se sentia. – Fui até ao bar novo. Encontrei uma data de gente.

– Desculpa – disse Lena, constrangida. Levou as pontas dos dedos às têmporas. – Não me sinto muito bem. Pensei que fosse uma constipação, mas se calhar é gripe.

Francis encontrou-se com Joan mais duas vezes depois disso. Duas vezes em dez dias. Encontraram-se primeiro no apartamento dela. E a última vez foi num parque um pouco a norte, onde Lena não gostava de o levar porque achava que o trilho pedonal não era suficientemente nivelado, que ele corria o risco de tropeçar numa pedra levantada ou numa raiz. Francis apanhou o autocarro até um pequeno centro comercial em Riverside onde Joan o foi buscar. Pressionou o corpo esguio dela contra a parede de cimento da casa de banho do parque, que estava encerrada na época baixa. Ela sugeriu que fossem ao Holiday Inn na Route 12, ficassem uma ou duas horas, e depois troçou dele quando se mostrou chocado.

– O que foi? – riu-se ela. – Eu pago. Não é propriamente o Plaza.

Mas na receção ele recusou o dinheiro dela, constrangido. Pagou com o cartão de crédito.

– Queres que conduza? – perguntou ele mais tarde, quando regressaram ao carro, e ela deu-lhe as chaves sem hesitar. Conduziu até casa dela e, daí, foi a pé até Jefferson Street. Nessa altura, não conduzia um carro há mais de quatro anos. Só o facto de se sentar atrás do volante fez com que se sentisse mais jovem, mais ele próprio do que se sentia desde o acidente. E Joan não parecera minimamente preocupada por ir no carro com ele. Quando entrou na autoestrada e teve de olhar para a esquerda por cima do ombro ficou desorientado por um segundo, mas assim que voltou a olhar para a frente a sensação passou quase imediatamente.

No dia em que planeava encontrar-se com Joan pela quarta vez, Lena não foi trabalhar porque não estava a conseguir curar a mesma gripe que sentira estar a chocar no dia da feira. Tinha marcado uma consulta e perguntou a Francis se queria ir com ela. Não precisava que ele fosse com ela à consulta, nada disso, mas o médico era perto da loja de ferragens, e talvez ele quisesse ir dar uma vista de olhos. Já não iam para esses lados há algum tempo. Francis não teve oportunidade de ligar a Joan e esperou que ela percebesse que algo se passava quando ele não aparecesse.

Nesse dia, depois da consulta, estavam sentados junto à montra num café em Gillam quando Lena lhe perguntou se achava possível uma pessoa causar cancro a si própria. O médico fizera-lhe uma radiografia, diagnosticara uma bronquite e receitara-lhe repouso.

– Será que uma pessoa pode arranjar um cancro só por se preocupar com essas coisas? Com o *stress*? – Olhou para algum ponto distante do outro lado do vidro. Tinha lido um livro sobre isso, explicou.

Francis não se lembrava de como lhe respondera, mas quando pensava agora nesse momento, o sol na montra, a incidir nos seus cafés, a azáfama dos empregados e clientes à volta deles, imaginava uma pequena semente seca a cair através do corpo de Lena e a aterrar algures perto do seu pulmão esquerdo. Imaginava a semente a engordar no calor do corpo dela, um rebento a brotar através dos tecidos moles, a enrolar-se aos órgãos. Imaginava tudo isto a acontecer enquanto ele olhava para o prato e pensava em Joan Kavanagh, no cabelo ruivo e comprido de Joan caído sobre as suas costas brancas e esguias.

– Já sabias – disse Francis, quando Lena finalmente lhe contou. – Já sabias e não me disseste nada.

Estava zangado com ela. Zangado consigo próprio. Queria reconfortá-la mas, em vez disso, cruzou os braços e virou-lhe as costas. O médico diagnosticara bronquite, sim, mas também tinha reparado noutra coisa e pedira mais exames.

Ela pediu desculpa quando lhe deu a notícia e Francis não conseguiu forçar-se a dizer aquilo que devia dizer, que era, naturalmente, que a culpa não era dela, e que haviam de ultrapassar isto, e que ficaria tudo bem. Mas seria culpa dela? Quando é que lhe surgira pela primeira vez aquela sensação estranha no peito?

Segundo o médico, podia ter sido há vários meses. Quando ela disse que não tinha quaisquer sintomas, o médico disse que ela simplesmente não reparara neles. Há pessoas que estão mais em sintonia com o corpo do que outras. Quando Francis a apanhou a tossir, a caminho do quarto, com uma mão na parede para se apoiar, parou ao fundo da escada e disse-lhe que a julgava mais inteligente, por que raio esperara tanto tempo para ir ao médico? E mesmo quando ela se sentou no degrau e chorou, percebeu que não conseguia aproximar-se dela e dizer as coisas que a fariam sentir-se melhor.

– Vais ficar boa, Lena – acabou por dizer finalmente, ela ao cimo da escada, ele cá em baixo. Era uma ordem. Em tempos, tivera uma dúzia de homens sob o seu comando.

As filhas chegaram a casa na noite antes da cirurgia, para a ajudar a preparar-se.

– Lena – murmurou ele com a boca encostada ao seu cabelo nessa manhã, o resto da casa ainda a dormir. Ela programara o despertador para as seis da manhã mas não tinha tocado e agora precisavam de se despachar. – Lena, amor – disse, e puxou-a mais para si, pediu-lhe desculpa pela maneira como andava a portar-se, estava apenas em estado de choque, e não podia perdê-la, era algo que não podia acontecer de forma alguma. Ela esticou o braço para trás, apertou-lhe a anca, disse-lhe que sabia isso tudo, claro, que ia correr tudo bem, para ficar descansado.

Francis vestiu-se rapidamente e, enquanto as filhas andavam atarefadas – Sara e Natalie verificaram o conteúdo da mala de Lena, de acordo com a lista que a assistente do médico lhes dera; Kate ofereceu-se para entrar no duche com a mãe, para a ajudar a lavar-se com o sabão cirúrgico especial (Lena riu-se. «Oh, querida», disse) – apercebeu-se de que tinha algum tempo antes de terem de sair para o hospital. Sem avisar ninguém de que ia sair, dirigiu-se à loja onde costumava ir quase todas as manhãs comprar o jornal e beber um café. O facto de manter essa rotina era reconfortante e, enquanto observava o seu hálito no ar frio, começou a sentir, pela primeira vez, que ia correr tudo bem. Doía-lhe a cara. O seu corpo não estava sincronizado. Mas tudo isso parecia temporário. Os médicos fariam o seu trabalho misterioso e ela sofreria, com certeza, mas era forte e no fim ficaria tudo bem.

E quando virou a esquina para Main Street ali estava Joan Kavanagh com o seu casaco azul, o cabelo comprido a brilhar sob o sol, a vê-lo aproximar-se, como se o conhecesse há tempo suficiente para ele a poder magoar. Mas não o conhecia há tempo suficiente para ter direito a essa expressão e ele não a conhecia há tempo suficiente para sentir mais do que vergonha. Pela primeira vez em muito tempo, lembrou-se da mãe. Lembrou-se do pai. Os dois mortos e enterrados há vinte e cinco anos. Nenhum deles capaz de conceber a América para além do pouco que tinham visto dela quando Francis era bebé. Nenhum deles capaz sequer de promessas pouco convictas de o vir visitar um dia, como outros velhotes diziam às vezes, para tornar as coisas mais fáceis. Nenhum deles capaz de mentir fosse de que maneira fosse, nem mesmo quando uma mentira seria a ação mais

misericordiosa.

– Claro que voltarei para uma visita em breve – dissera Francis no dia em que partira, quando eles o abraçaram à porta de casa, e a mãe encostou a face seca à dele, uma e outra vez.

– Ora, porque haverias de voltar? – dissera o pai.

O pai disse-lhe que em Nova Iorque havia padarias por todo o lado e que teria de ter cuidado para não engordar. Foi o único conselho que lhe deu. Não o avisaram sobre dinheiro, ou mulheres, ou álcool, ou lutas, porque Francis era bom rapaz, um jovem com a cabeça no sítio, um rapaz ajuizado. Se estivessem a olhar para ele agora, do Céu, talvez nem sequer o reconhecessem. Francis não via Joan desde aquela tarde no Holiday Inn. Não retribuía os telefonemas dela desde o diagnóstico de Lena.

Era segunda-feira de manhã. A cirurgia estava marcada para as onze, mas Lena tinha de se apresentar no hospital às nove. Ainda era cedo, passava pouco das sete, e alguns trabalhadores da construção passaram por Joan, entrando e saindo do café pela porta que tilintava de cada vez que se abria. Ela não tirou os olhos de Francis enquanto este se aproximava. Uns polícias locais deixaram os carros-patrolha na zona de estacionamento proibido e entraram a correr para ir buscar café. Desculpe, com licença, bom dia, disseram ao passar, um, dois, três. Francis lembrava-se de ter sido polícia em tempos, de subir escadas a correr, de conduzir a sua viatura pelas ruas da cidade, do prazer embriagante de saber que estava prestes a impedir que acontecesse uma coisa má, do desapontamento esmagador quando chegava alguns minutos tarde de mais. Nessa manhã em particular, uma manhã gélida em finais de janeiro, enquanto Lena murmurava orações em casa, Kate de férias do seu primeiro ano na universidade, demasiado nova para perder a mãe, Francis lembrou-se de como resolvera uma vez um dez-cinquenta-e-dois na Dois-Seis: chamara ambos os envolvidos para o patamar do quinto andar do prédio deles, um de cada vez, e perguntara-lhes se gostavam um do outro e dissera-lhes que, se assim era, deviam parar de atirar coisas um ao outro. Para não acordarem os vizinhos. Depois disso, os colegas chamaram-lhe Tenente Amor durante uns tempos.

Uma vez, Joan ligara para casa dele quando pensava que Lena estava a trabalhar, mas fora Lena que atendera. Francis, à porta do quarto, ouviu a conversa delas com os punhos cerrados com tanta força que ficou com câibras nos antebraços.

– Era a Joan Kavanagh – disse Lena quando desligou, em tom algo surpreendido. – A Casey quer a morada da Kate na universidade para combinar qualquer coisa, um encontro qualquer. – E depois: – Para ser franca, pareceu-me que ela estava bêbada.

Francis murmurou algumas palavras de interesse e depois entrou na casa de banho. Estudou o seu rosto no espelho e viu que as cicatrizes antigas estavam lívidas e pareciam inflamadas.

– Já ouvi dizer o que se passa com a Lena – disse Joan em frente ao café nessa manhã, quando ele se aproximou o suficiente. Ouvir o nome de Lena na boca dela

seria também parte do seu castigo, pensou. Joan não tinha o direito de dizer o nome dela, mas a culpa era dele se ela não via as coisas dessa maneira. – O que é que vai acontecer agora? – perguntou ela, e fitou-o como se merecesse uma resposta.

Como havia ele de dizer aquilo que precisava de dizer sem tornar tudo ainda pior? Assim, não disse nada. Passou por ela como os trabalhadores tinham passado, como os polícias tinham passado, foi buscar o seu café, pôs o jornal debaixo do braço.

Uns minutos depois ela passou por ele de carro, devagar, e chamou-lhe todas as coisas que ele já sabia que era: covarde, traidor, filho da mãe. Podia ter atravessado para o outro lado da rua, onde não a ouviria tão bem, mas ficou onde estava. Todos os nomes que ela lhe chamou eram verdade. Joan seguiu-o e gritou-lhe insultos até ele virar para Madison Street.

No hospital, Sara e Natalie passaram o tempo a entrar e a sair da sala de espera. Foram buscar cafés e sanduíches que nenhum deles comeu. Percorreram os corredores compridos para esticar as pernas. Kate ficou sempre onde estava, ao lado de Francis.

A operação parecia nunca mais acabar. Outros cirurgiões apareciam de vez em quando na sala de espera para tranquilizar outras famílias.

– Katie – disse Francis, puxando-a contra o peito como não fazia desde que ela era pequena. Kate garantiu-lhe que era tudo normal. O cirurgião tinha-lhes explicado o que era preciso fazer e dera-lhes uma estimativa de tempo. Ainda estavam dentro desse limite. Disse-lhe que a cirurgia dele, que Francis não recordava, claro, se prolongara por várias horas mais do que aquilo que lhes tinham dito, e Francis viu imediatamente Lena no seu lugar, ele na mesa de operações, e compreendeu porque é que ela nunca conseguira libertar-se de um certo nível de preocupação.

– Pai – disse Kate –, talvez não seja a melhor altura, mas tenho de te dizer uma coisa.

Francis ficou grato pela distração, apesar de sentir uma pontada de receio. Era um alívio afastar os olhos do relógio por um momento. Se ela ia dizer-lhe que estava grávida, ficaria desapontado mas não lhe diria o que havia de fazer. Se tivesse chumbado o ano e quisesse deixar a universidade, ficaria desapontado mas seria bom tê-la em casa algum tempo, até ela decidir o que queria fazer. Fosse o que fosse, não seria o fim do mundo e era o que tencionava dizer-lhe. Tudo o que importava era Lena recuperar a saúde.

Observou-a-a, a sua linda menina, com o cabelo a brilhar sob as luzes fluorescentes.

– Recebi uma carta do Peter – disse ela. – Ele escreveu-me para casa. A mãe percebeu de quem era, acho eu, mas reenviou-ma para a escola. Disse-me que devia contar-te, mas nunca encontrei o momento indicado.

Francis tirou o braço de cima dos ombros dela.

– O Peter Stanhope escreveu-te – repetiu. – A dizer o quê?

Kate desviou o rosto e encolheu os ombros.

– Só a falar das coisas de que costumávamos falar. Por isso respondi. Agora trocamos *e-mails* de vez em quando. Ele quer ver-me. Já contei à mãe, e ela disse que eu tinha de falar contigo. – Kate hesitou. – Ele está muito bem. Conseguiu uma bolsa de estudos completa para uma universidade em Nova Jérсия.

Francis estava de pé, mas agora sentou-se. Sara e Nat deviam estar a voltar.

– Gostava de me encontrar com ele, depois de a mãe estar melhor. Fomos grandes amigos durante tanto tempo. Só queria vê-lo, ver como ele está. Podíamos encontrar-nos na cidade. É só para encerrar esse capítulo. Prometo. Tens de compreender. Aconteceu tudo tão depressa e, de repente, ele desapareceu.

Encerrar um capítulo. Era conversa que aprendera na universidade, com certeza. Francis não pudera encerrar o capítulo quando deixara a Irlanda com a idade dela para nunca mais voltar, pois não?

– Não vais dizer nada?

Há já algum tempo que Francis sabia, através do advogado, que Anne Stanhope fora transferida para um hospital no norte do estado. Ninguém tinha notícias de Brian há muito tempo, nem mesmo no trabalho, embora alguém lhe enviasse com certeza os cheques da pensão. O que é que Peter queria de Kate?

– É inofensivo – arriscou ela.

– Olha para mim – disse Francis. – Sabes o que eu seria hoje? Se a Anne Stanhope não me tivesse dado um tiro? Seria capitão. Ou mais, possivelmente. Não tenho qualquer dúvida. Tive um mau pressentimento em relação a ela desde o princípio, e tenho um mau pressentimento em relação a ele. Devia ter dado ouvidos à tua mãe. Devia ter esperado pelos políciais locais, devia ter deixado que fossem eles a lidar com a situação. Devia ter mandado o Peter para casa, esperar por eles no alpendre.

– Ele tinha apenas catorze anos da última vez que o viste. Isso não é justo.

– A vida não é justa, Kate. Não quero que o vejas. Ponto final.

– Já não podes tratar-me como se fosse uma criança, pai.

Era tão absurdo que Francis não conseguiu conter uma risada, apesar das circunstâncias.

– Oh, Kate – disse.

Lena sobreviveu à cirurgia. Sobreviveu à quimioterapia e à radioterapia. Francis cozinhava e, quando ela estava mais fraca, dava-lhe a comida à boca como costumava fazer com as meninas quando eram pequenas e Lena estava mais ocupada. Uma ou duas vezes, quando ela adormeceu no sofá, pegou nela ao colo, o seu corpo tão leve que parecia oco, e levou-a para cima, até ao quarto. Nunca teve tonturas. Nunca vacilou. Hora após hora, dia após dia, cerrou os dentes e tentou prever o que ela precisaria a seguir. Da primeira vez que a instalou no banco do passageiro do carro e se sentou atrás do volante, Lena olhou para ele como se tencionasse protestar, mas depois decidiu deixar acontecer.

Lena perdeu todos os cabelos do corpo e, quando começaram a crescer,

parecia um passarinho bebê. Não se dava ao trabalho de usar perucas ou lenços. Quando tinha frio, enfiava um dos gorros velhos das filhas. Quando se sentiu suficientemente forte começou a sair de casa apoiada nele, e uma vez teve de se sentar na berma do passeio à espera enquanto ele ia a correr buscar o carro e dava a volta ao quarteirão para a apanhar.

Finalmente a primavera chegou, Lena estava a melhorar e ambos estavam confiantes de que o pior já tinha passado, de que faltava apenas a recuperação. Kate terminaria em breve o primeiro ano da universidade.

Francis disse a Lena, quebrando o silêncio da cozinha:

– Podíamos ir à estufa hoje, se quiseses, ver se compramos umas plantas novas? Podíamos plantá-las no fim de semana.

Lena estava a beber chá, sentada à mesa. O vapor saía do bico da chaleira.

– Francis? – disse Lena. – Aconteceu alguma coisa entre ti e a Joan Kavanagh? Durante o inverno? – A sua expressão era tão calma, tão pacífica, que mais parecia que estava apenas curiosa, que a resposta lhe era indiferente, fosse qual fosse. Sorriu levemente, como se quisesse encorajá-lo, como se soubesse que isto era difícil para ele.

Francis apertou a beira do balcão e fechou os olhos. Todo o sangue do seu corpo lhe afluiu ao rosto.

– Bem me parecia – disse Lena.

Quando teve coragem de olhar para ela, viu que Lena estava a chorar com a mão na boca.

– A questão – disse ela simplesmente, em tom casual –, é que eu nunca, nunca te faria uma coisa dessas, nem num milhão de anos.

E Francis sabia que era verdade.

Demorou algum tempo a perceber como ela soubera, e de cada vez que se apercebia de que estava a tentar perceber martirizava-se a si próprio, como se isso tivesse alguma importância. A conta do cartão de crédito, talvez. Talvez alguém os tivesse visto. Fora imprudente andar a conduzir o carro de Joan pela cidade com ela ao lado, levá-la mesmo até à porta do prédio.

Na realidade, fora Casey Kavanagh que contara a Kate, que por sua vez contara às irmãs, que contaram depois à mãe. Casey ligara a Kate furiosa, zangada pela mãe, revoltada contra a famíliazinha perfeita de Kate, que toda a cidade adorava só porque o intrometido do pai dela enfiara o nariz onde não era chamado e levara um tiro.

Kate achou engraçado ouvir a palavra «intrometido» dita em relação ao pai e demorou um segundo a compreender o que Casey estava a gritar ao telefone. Para começar, as mulheres é que eram intrometidas. Certo tipo de mulheres de meia-idade. Não o seu pai, tão reservado, que só se dirigira à casa do lado porque era corajoso e fora treinado para isso, e porque era a coisa certa a fazer. O que é que Casey estava para ali a dizer?

Kate não acreditou até que, por insistência de Natalie, falaram com a mãe sobre o assunto, já viste que coisa tão absurda, mas era um rumor parvo qualquer que andava a correr pela cidade e não queriam que ela fosse apanhada desprevenida. Em vez de ficar horrorizada, em vez de ficar chocada, Lena lembrou-se do estranho telefonema de Joan naquela noite. E depois lembrou-se da tarde em que ligara do trabalho para casa e deixara o telefone tocar e tocar – queria dizer a Francis para ligar a panela elétrica, que estava cheia de ingredientes mas que ela tinha quase a certeza que se esquecera de ligar. Mais tarde, quando lhe perguntou o que tinha feito durante o dia, ele respondeu que não fizera nada.

– Mãe – disse Sara. – Tens de o pôr fora de casa. Não aceites uma coisa destas.

Natalie disse o mesmo. Kate estava zangada com as três por acreditarem tão rapidamente. Com certeza que havia outra explicação.

– Meninas – disse Lena –, isto é entre mim e o vosso pai.

As raparigas vieram passar o Dia da Mãe a casa e Francis plantou as flores antes de elas chegarem. Sara e Natalie evitaram-no o mais possível, mas Kate não tirava os olhos dele e, nessa tarde, seguiu-o até ao telheiro para o confrontar.

– Fizeste mesmo o que a Casey disse?

Podia ter-lhe mentido e ela teria acreditado. Estava desesperada por acreditar em qualquer coisa que pudesse ocupar o lugar da verdade.

Francis pendurou a tesoura de poda no gancho. Atirou o pequeno ancinho de mão para o cesto das ferramentas de jardinagem.

– Isso é entre mim e a tua mãe – respondeu, sem olhar para ela.

– É tão nojento que me dá vontade de vomitar – disse Kate, e deu um passo na direção dele como se fosse empurrá-lo. – Como foste capaz? Sabes como ela cuidou de ti? Como pudeste magoá-la dessa maneira?

– Não sei. – Era a verdade.

– Não sabes? – A sua voz estava embargada pela fúria. – Não sabes? – repetiu.

Virou-se para a casa e parecia prestes a ir para lá, mas depois olhou novamente para ele.

– Tenho estado com o Peter. Visitamo-nos um ao outro, na escola. E eu amo-o. Estava a sentir-me mal por causa disso, mas agora já não me sinto.

Observou o rosto do pai para avaliar a sua reação.

– Ele nunca me faria uma coisa dessas. O que tu fizeste à mãe.

E, de súbito, era Francis que estava furioso. Nunca batera a nenhuma das filhas mas teve de se conter para não lhe dar uma bofetada.

– Kate, por favor. Cresce, está bem?

– E sabes que mais? A mãe sabe. E não se importa.

– Sim, claro.

– É verdade. Pergunta-lhe. Oh, o que foi? Estás magoado porque ela te escondeu uma coisa? Por ela ter agido nas tuas costas?

Na tarde seguinte, quando as filhas finalmente entraram no autocarro para a

cidade, Francis dirigiu-se ao quarto de Kate, onde Lena estava a descansar. Não sabia se ela queria que entrasse, por isso parou à porta, atrapalhado, e contou-lhe o que Kate lhe dissera e perguntou se era verdade que ela sabia.

– Provavelmente não vai dar em nada – disse Lena, sem olhar para ele, passando os dedos pela colcha de infância de Kate.

– Ela diz que o ama.

– Eu avisei-a. Disse-lhe que o amor só ajuda até um certo ponto. Mas quanto mais nos opusermos, mais determinada ela ficará.

Francis sentiu um arrepio de medo.

– Mas depois de tudo o que eu passei... Como pode ser agora tão burra? Esse rapaz? Porquê? Ela não me dá ouvidos, portanto tens de ser tu a dizer-lhe. Nunca a fizemos sentir-se mal por ter saído de casa às escondidas naquela noite.

Lena fitou-o diretamente pela primeira vez em vários dias.

– Estás a pôr as culpas nela?

– Não, claro que não.

Ainda eram tão novos. Talvez acabassem por se desinteressar. Viu que Lena estava contente por Kate ter alguém para amar, e o facto de essa pessoa ser Peter era, de alguma forma, indiferente. Lena amava tão facilmente, tão plenamente; talvez Kate fosse igual. Lena dissera-lhe que o amava antes de ele o dizer a ela. Naquele tempo, era invulgar, e Francis ficara chocado. Estavam a caminhar pelo passeio em Bay Ridge e ele parou para lhe dar um beijo, os seus narizes frios a roçarem um no outro. Ela não estava a pedir-lhe que o dissesse também, apenas a informá-lo de que o seu amor lhe pertencia, para ele fazer o que quisesse.

– Lena – disse Francis. Aproximou-se da beira da cama sem saber o que queria dizer. – Eu...

Mas Lena era como uma mão fechada, impossível de abrir. Puxou as mantas para cima e tapou-se até ao pescoço. Encolheu-se contra a parede.

– Vai ficar tudo bem, Francis. Mas ainda não.

No último ano de Peter na universidade de Elliott, os atletas da equipa já recorriam mais a ele do que ao treinador. Este estava a tentar assegurar um lugar numa universidade da I Divisão na Pensilvânia e andava distraído, portanto era Peter que lhes dizia quando deviam abrandar o ritmo, que distâncias deviam percorrer nos treinos. Peter transferiu corredores de provas, mudando alguns que toda a vida tinham corrido os três mil metros para os mil e quinhentos, e tinha reuniões breves mas eficazes com eles nas bancadas com vista para a pista, como se fosse o seu escritório privado. Eram miúdos tímidos, na sua maioria, que tinham ido parar às equipas de corta-mato ou atletismo na escola secundária por não terem conseguido sucesso noutros desportos. Correr era básico. Manter a velocidade durante muito tempo é que era mais complicado, e a maioria deles deixava essa parte para Peter e para a meia dúzia de outros miúdos que tinham sido recrutados pela sua qualidade. Um dos rapazes, que corria meias distâncias sem grande sucesso, um dia fez uma corrida de barreiras só pela piada, depois do treino, e Peter viu que ele seria perfeito para o corta-mato. Falava nestas alterações ao treinador, como se fossem sugestões, e pedia-lhe que visse se pensava como ele. Na prova seguinte, as alterações estavam consagradas. A equipa foi melhorando. Quando as provas lhes corriam bem, todos os atletas levantavam a cabeça e procuravam Peter entre a multidão.

O treinador dizia que Peter podia passar menos tempo a analisar os companheiros de equipa e mais tempo a analisar-se a si próprio. Como havia de melhorar, se a cada oportunidade que tinha se enfiava no autocarro para ir a Nova Iorque ver a namorada?

– E mais uma coisa, Pete – disse-lhe. – O teu suor tresanda a álcool. Se calhar devias abrandar um bocadinho, está bem?

Kate estava exatamente igual e, ao mesmo tempo, completamente diferente. Quando ela entrou no bar naquela noite, na primeira vez que se encontraram, levantou as sobrancelhas como fazia sempre que a professora no sétimo ano anunciava o primeiro teste surpresa do ano, e as comportas da longa história que tinham juntos abriram-se em volta de Peter. Mais tarde, ela confessou-lhe que quase desistira de vir. A mãe ia começar a quimioterapia, o pai proibira-a terminantemente, e além disso estava muito nervosa. Tinha mudado de roupa pelo menos dez vezes e acabara por vestir uma coisa que a companheira de quarto lhe emprestara. Peter estava quase a acabar uma caneca de cerveja quando ela chegou. Quando se levantou da mesa para a abraçar nenhum dos dois sabia o que dizer. Peter chegara uma hora mais cedo e, depois de dar uma volta ao quarteirão para fazer tempo, parara noutro bar e bebera dois *shots* de *Jameson*, um atrás do outro, inclinando a cabeça para trás como via o pai fazer, e a seguir um *Jack Daniels* com *Coca-Cola* que bebeu mais devagar. Não ajudou muito, ao princípio – estava tão nervoso que parecia que tinha aranhas a andar debaixo da pele – mas depois de sair para se dirigir ao ponto de encontro começou a sentir-se mais calmo, mais

tranquilo, menos preocupado.

– Peter – disse Kate, afastando-se um pouco para olhar para a cara dele. – Nem acredito.

Ela tinha as pontas do cabelo pintadas de roxo. O verniz das unhas era preto mas estava quase todo a descascar. Os dedos compridos e esguios estavam cobertos de anéis de prata grossos e calçava botas *Doc Martens* de atacadores quase até aos joelhos. Mas o seu rosto era o mesmo, os olhos brilhantes, aquele sorrisinho malicioso. Peter observou-lhe a boca quando ela falou.

– Ainda bem que escreveste – disse Kate depois de se sentarem, como se não lhe tivesse já dito o mesmo nas dezenas de cartas e *e-mails* que tinham trocado entretanto. Estavam quase nas férias da primavera. Peter já fizera dois exames e só lhe faltava entregar dois trabalhos para poder regressar a Queens para uma semana de férias. Kate ia começar agora com os exames.

– Então – começou ela com um sorriso. – Que tal te correu a escola secundária?

Visitavam-se frequentemente e falavam ao telefone quase todos os dias. Evitavam falar sobre Gillam, ou sobre os pais, ou sobre qualquer coisa que pudesse fazer lembrar o que acontecera entre as suas famílias naquela noite de maio quando andavam no oitavo ano.

Embora ambos fossem diferentes do que eram nessa altura, havia uma sensação de regresso ao familiar, ao que sempre fora deles. Peter sempre tivera duas sardas no pescoço que pareciam uma dentada de vampiro. As sardas eram as mesmas mas o pescoço estava diferente, mais largo, mais forte, áspero por causa da barba. Ambos tinham tronco comprido e esguio, mas o de Kate estreitava na cintura enquanto o de Peter era direito e sólido como um tronco de carvalho. Kate tinha algumas sardas salpicadas sobre o nariz e os ombros, mas por baixo da roupa era branca como leite. O pescoço, rosto e antebraços de Peter estavam morenos, pelas horas passadas a correr ao ar livre de *T-shirt*. Quando Kate descobriu que ele tinha pelos no peito por baixo da camisola, e um rasto de penugem escura e macia do umbigo para baixo, recuou um instante, embaraçada.

E depois havia as coisas que a comoviam de tal forma que a deixavam sem ar: ver o iogurte dele ao lado do seu sumo de laranja no mini-frigorífico que tinha no quarto. Os *boxers* dele no chão, ao lado do seu *soutien*. Uma vez, Kate começou a vestir as calças de ganga dele, que pensava serem as suas, e quando se apercebeu do engano pensou que nunca tinha sido tão feliz em toda a sua vida.

Só tiveram uma discussão nessa primavera. Kate estava a falar sobre o pai, a contar-lhe como ele traíra a mãe e a magoara, que tinha sido o maior erro da sua vida, incluindo a noite em que resolvera ir bater à porta dos Stanhope. Mas Peter não teve qualquer reação.

– Espero que não te sintas culpado – disse Kate, tentando perceber a sua expressão impassível.

– Culpado? Não. Estava só a pensar que houve tantas vítimas nessa noite. O teu

pai, a tua mãe, a minha mãe...

Kate afastou-se e lançou-lhe um olhar cortante.

– A tua mãe foi uma vítima?

– Bom, sim – respondeu Peter lenta e deliberadamente.

– Estás a falar a sério?

– Sim, claro que estou a falar a sério.

– Explica-me lá isso – exigiu Kate, de mãos na cintura.

– Obviamente que ela estava doente, Kate. Tanto quanto sei, ainda está no hospital. Se tivesse tido acesso aos medicamentos certos desde o princípio...

Kate ergueu a mão para o interromper.

– Mudei de ideias. Não me expliques. Acho que vamos ter de aceitar que não estamos de acordo em relação a isto. – Mas depois acrescentou: – E ela ainda está no hospital. O advogado do meu pai ter-nos-ia contactado se ela fosse libertada.

– Oh... – disse Peter. A informação inesperada atingiu-o como uma bofetada.

– Por causa do que ela lhe fez, são responsáveis por o informar se houver alguma alteração na situação dela.

– Sim, eu percebi. Obrigado. – Fez uma pausa. – Mas ela não fez o que fez ao teu pai especificamente, no sentido de ter alguma coisa contra ele em particular. Ele foi apenas a pessoa que lhe apareceu à porta. Porque haviam de o informar se houver alguma alteração na situação dela? Por receio de que ela vá novamente à procura dele?

– Ela deu-lhe um tiro porque me odiava. Foi a minha mãe que me disse.

– Ah! – Peter estava tão incrédulo que teve de conter uma risada. – É bem mais complicado do que isso, Kate.

– Queres vê-la? É isso? Quando disseste que não tinhas contacto com ela pensei que isso queria dizer que a vossa relação tinha acabado.

– É a minha mãe.

– E?...

– Não, não a quero ver. – Analisou os seus sentimentos quando o disse, mas parecia-lhe realmente verdade. A ideia de estar na mesma divisão que a mãe era como convidar o caos a regressar à sua vida.

– Peter – disse Kate, levando os dedos às têmporas como se estivesse a tentar bloquear a irritação. – Consegues imaginar como foi para nós? Quando o meu pai estava no hospital? Quando estávamos preocupadas com o cérebro dele? A minha mãe tinha de lhe partir a comida no prato. Tinha de o lavar e vestir.

– Imagino que deve ter sido horrível. Porque é que estamos a discutir?

– E nem uma palavra da tua parte. Nem uma palavra. Eu escolhi uma universidade em Nova Iorque, em parte, porque pensei que tu farias o mesmo. Mencionaste Queens naquela noite, lembras-te? Mas tu podias ter-me encontrado quando quisesse. Eu estava exatamente onde sempre estive. Porque não o fizeste?

– Mas fiz – disse ele baixinho.

– Escreveste-me uma carta por impulso quatro anos e meio depois.

Mas Peter não conseguia explicar porquê, tal como nunca conseguira explicar

os seus sentimentos por Kate aos colegas de Dutch Kills. Fazia sentido no seu coração, mas para o cérebro a lógica era incoerente. Iam a caminhar pela Broadway e Kate tinha-se adiantado um pouco e agora estava parada em frente da montra de uma loja de chocolates, com os braços apertados à volta do corpo. Broadway Chocolatier. Como combinar chocolate e vinho às terças-feiras à noite. Como fazer trufas às quintas.

O perfil dela era como pedra.

– Tens razão. Devia ter-te contactado mais cedo. É como te disse na minha primeira carta. Estava sempre a pensar em fazê-lo, mas o tempo foi passando, e tinha medo de que me odiasses. Mas pensava em ti constantemente. Não sei porque não escrevi mais cedo. Acho que...

– O quê?

– Era muita coisa. Estava preocupado com a minha mãe, depois o meu pai foi-se embora. Depois era a preocupação de estar a dar trabalho ao meu tio. Eu vivia um dia depois do outro sem olhar muito para trás nem para a frente, porque seria demasiado. Dizia a mim próprio que te escreveria quando as coisas estivessem mais estáveis, mas nunca ficaram mais estáveis.

Ela ficou parada, sem olhar para ele, durante muito tempo.

– Não quero falar mais sobre isto – disse, por fim.

– Está bem – respondeu ele.

Nenhum dos dois se sentia como se fossem um casal normal de universitários, ou sequer universitários normais, mas representavam esse papel.

Uma noite, já tarde, depois de fumar metade de um maço de cigarros e vomitar nos degraus do dormitório de Peter, Kate disse que eles já tinham passado pelas coisas mais sérias e pesadas que os outros casais passavam quando eram mais velhos, por isso deviam gozar agora as coisas mais leves. Peter concordou. Estava na altura de se divertirem. E percebeu que a diversão não era muitas vezes a coisa propriamente dita – a festa, a bebida, os mergulhos sem roupa no lago – mas sim as conversas intermináveis depois, o reviver e descrever, e rir em frente de pessoas que gostariam de lá ter estado. Antes, ele era um dos miúdos que só ouviam, um dos miúdos que perdia tudo, mas agora, desde que estava na universidade, desde que estava com Kate, fazia parte das histórias.

Um dia teria de trabalhar. Um dia teria de decidir se queria voltar a ver os pais, mas até a universidade acabar decidiu imitar o que toda a gente fazia. Quando uma preocupação mais profunda crescia dentro de si – era impossível sufocar completamente a sua natureza – ligava a alguns amigos para ver quem estava livre, se queriam juntar-se. Iam a jogos de futebol e faziam churrascadas e festas no dormitório quando Kate visitava a universidade de Elliott. Quando Peter ia à universidade de Nova Iorque, iam a bares e discotecas com grupos de outros estudantes e acabavam todas as noites no restaurante em St. Mark's. Peter pensava em como teria sido diferente a escola secundária se pudesse olhar para o outro lado da sala e vê-la. Se a tivesse tido a caminhar ao seu lado, para onde quer que fosse.

Bebiam como se alguém lhes pagasse para isso, como Kate costumava dizer, tudo, desde *Bud Light* a *Zima*, vinho de pacote, uísque, vodca, rum.

– Detesto rum – disse Peter uma noite, enquanto enchia o copo de rum. Toda a gente se riu.

Se alguém perguntava onde é que ele e Kate se tinham conhecido, diziam apenas que tinham crescido juntos. Namoradinhos da escola, diziam as pessoas, e eles não as corrigiam.

E depois, quando mal começara a apanhar o jeito à universidade, a saber navegar as entranhas do túnel do terminal rodoviário até ao metro que o levava ao dormitório de Kate, quando ainda mal começara, ou assim lhe parecia, a gostar da sua vida e a sentir que não estava a viver para o futuro ou para o passado, as pessoas começaram a perguntar-lhe o que ia fazer a seguir, o que ia ser. O seu curso era História, e o conselheiro da universidade foi o primeiro a abordar o assunto. Depois George, que disse a Peter que podia voltar e viver com ele o tempo que precisasse, que era sempre bem-vindo. Vivia agora num apartamento novo com a namorada, Rosaleen, mas tinha dois quartos e muito espaço para Peter, se ele precisasse de algum tempo para se orientar. Era muito perto do antigo apartamento de George. Peter passou lá algumas semanas no verão antes do último ano. Era limpo e bege e tinha bibelôs e vasos de plantas e não se via absolutamente qualquer vestígio de George, a menos que contassem os pelinhos da barba no lavatório todas as manhãs. A namorada de George chamou Peter à parte, uma noite, para reiterar a oferta, caso Peter pensasse que era apenas George a ser simpático.

– Passaste por muita coisa – disse Rosaleen, e Peter sentiu o calor lento do embaraço a subir-lhe do pescoço para as faces. Claro que George devia ter-lhe contado tudo. Claro que sim. E Peter não se importava, simplesmente fora apanhado desprevenido. – Oh, e... Peter? – disse Rosaleen. – Vou organizar uma festa de aniversário para o George. Seria divertido se pudesses vir. Ele disse-me que acha que tens uma namorada mas que não dizes nada por vergonha. Podes trazê-la, se quiseres. O George faz trinta e sete anos e está muito deprimido. É apenas um jantarinho naquele restaurante tailandês de que ele gosta.

– Desculpa, disseste trinta e sete? – Peter fez alguns cálculos rápidos. Mas isso significava que George tinha apenas vinte e nove quando ele e o pai se tinham mudado para casa dele tão subitamente. Sabia que George era dez anos mais novo do que o pai, mas o seu treinador tinha quarenta e parecia mais novo do que George. Agora que pensava nisso, a maioria dos seus professores tinha provavelmente mais de quarenta anos e todos pareciam mais novos do que George.

– Eu sei. Ele também passou por muita coisa.

Peter tirou o curso de História, mas o curso não parecia ter tanta importância como ele pensava quando se tratava de arranjar emprego. Quem tinha o curso de Inglês podia agora seguir para Direito. Os de Filosofia iam para Medicina. Ir para a

faculdade de Medicina estava fora de questão para Peter porque não cumpria os requisitos académicos. Finanças não lhe interessavam, e além disso sentira um ambiente demasiado competitivo em todos os seminários de Economia a que assistira, a fazer lembrar os balneários em Dutch Kills. Contabilidade era demasiado enfadonho. Que mais podia uma pessoa ser? Professor, talvez. Em dezembro do último ano houve uma feira de empregos na universidade e Peter percorreu-a, estudando as várias bancas. *Marketing*, publicidade, consultoria, saúde, hospitalidade, seguros, educadores de infância, Departamento de Correções, Departamento de Transportes. O Starbucks tinha uma banca. A Sears. A companhia de saneamento local. O Adventure Aquarium em Camden. Todos tinham *posters* reluzentes e taças com doces e representantes sorridentes. Todos os empregos eram em Nova Jérсия ou Nova Iorque e faziam com que Peter se sentisse como uma borboleta presa por alfinetes a um quadro de cortiça. Havia um país inteiro para explorar. Acabara de ler uma biografia de Steve Prefontaine e andava a pensar muito no Oregon. E no Colorado. Na Califórnia.

Às vezes, nos seus sonhos, fazia perguntas à mãe que ela se recusava a responder. Às vezes, também nos seus sonhos, levava-lhe o diploma da universidade, como um menino do jardim de infância ansioso por exhibir as suas estrelas douradas, e ela deixava-o cair para o chão frio de linóleo sem sequer olhar para ele. Recentemente, na vida real, a caminho de uma prova de atletismo em Syracuse, a carrinha parara em Albany para os atletas poderem comer, ir à casa de banho e esticar as pernas, e Peter dera por si a olhar em volta, furtivamente, como se receasse ser visto na zona. Enquanto a equipa acabava de comer, entrou na estação de serviço e estudou um mapa da cidade, todas as linhas que indicavam as estradas que dela entravam e saíam.

Não falou a Kate sobre a festa de aniversário de George e disse a si próprio que era porque dificilmente ele poderia. Já mencionara Kate a George, apenas uma vez, dizendo-lhe que se encontrara com ela para beber um copo, e George ficara completamente estupefacto e perguntara-lhe por que raio fora encontrar-se com ela, porque havia de querer abrir a porta aos problemas.

– Ela é do tipo de causar dramas? Ou se calhar... achas que foi o pai que a convenceu? Talvez estejam a pensar numa ação civil? – perguntou George. Nessa altura ainda vivia no velho apartamento e estavam a tentar arranjar o ar condicionado. A condensação escorrera para o interior e estava a danificar o chão de parqué. George estava deitado de costas no chão, a inspecionar o aparelho por baixo.

– Não, ela não é do tipo dramático – disse Peter, e não tocou mais no assunto.

Kate cortou as pontas pintadas do cabelo, tirou o verniz das unhas e foi a uma entrevista para o cargo de criminalista na Polícia de Nova Iorque. Ofereceram-lhe o emprego na hora. Tinha pensado em Engenharia. Tinha pensado em Bioquímica. Até tinha pensado em qualquer coisa relacionada com agricultura, durante uma

semana ou duas, antes de perceber que os empregos nessa área seriam escassos em Nova Iorque. No dia em que entrou no laboratório criminal para a entrevista, vestida com um fato castanho feio que tinha passado de Natalie para Sara, e depois para ela, disse a Peter que se tinha sentido logo em casa.

– É possível que seja um choque cultural – avisou o doutor Lehrer quando a convidou a sentar-se entre os microscópios e bicos de Bunsen. Mas ela crescera nessa cultura; falava a mesma língua.

Peter invejou-a um pouco pela sua certeza. Mesmo as opções com que ela se debatia eram todas na mesma categoria. Sabia o que queria e estava concentrada nisso. Peter achava que queria ser treinador de atletismo num dia, e no dia seguinte pensava em especializar-se e ser professor universitário.

– E eu aceitei. Começo no dia 1 de junho.

– Em Nova Iorque.

– Sim, no laboratório em Queens.

– Já aceitaste?

– Sim. Porquê? Não pareces muito feliz por mim.

– Estou feliz por ti, claro. Mas isso significa que vamos ficar em Nova Iorque.

– Bom, sim. Estavas a pensar em ir para outro lado? – Nunca tinham discutido o que aconteceria depois de acabarem a universidade. Ambos tinham partido do princípio, corretamente, de que o outro queria estar mais perto, de que se veriam mais frequentemente.

– Não sei. Estava a pensar que talvez nós os dois, juntos, pudéssemos ir para algum sítio onde não conhecêssemos ninguém.

– Oh – disse Kate, claramente confusa. – Porque havíamos de querer ir para um sítio onde não conhecemos ninguém?

Mas Peter não conseguia explicar-lhe, porque ele próprio não sabia. Às vezes imaginava-se a caminhar em terreno desconhecido, a chegar ao cimo de um monte e a não reconhecer nada do que se estendia à sua frente. Era uma sensação embriagante.

As cerimónias de fim de curso de ambos tiveram lugar no mesmo dia e ambos ficaram aliviados por poderem adiar o confronto com a família do outro durante mais algum tempo. George e Rosaleen vieram assistir à formatura de Peter e, depois da cerimónia, quando os seus amigos e colegas se juntaram para uma última ronda de festas, Peter disse-lhes que tinha feito planos com o tio e que iria ter com eles mais tarde. Depois disse a George e a Rosaleen que ia sair com os amigos e que eles podiam ir almoçar a algum sítio simpático só os dois. A seguir, caminhou três quilómetros pela estrada regional até um bar onde planeava ficar sentado a tarde toda, sozinho, e ver o jogo dos Yankees. No caminho, passou por uma banca de limonada abandonada, com uma caixa registadora da Fisher-Price tombada sobre a relva, com um dólar ainda na gaveta.

Peter passou o verão em casa de George e Rosaleen e trabalhou alguns turnos

com o tio enquanto decidia o que fazer.

– É só temporário – disse mais de uma dúzia de vezes nesse primeiro fim de semana no apartamento, até que Rosaleen pousou a mão fresca no seu braço e lhe pediu que não estivesse preocupado com isso, por favor. O quarto dele cheirava a *potpourri* e o cheiro dava-lhe dores de cabeça, mesmo depois de ter tapado a taça com uma toalha e de a ter enfiado no fundo do pequeno roupeiro. George parecia mais confuso do que desapontado por Peter ter acabado o curso sem um plano. Dizia que gostava da companhia dele quando saíam apressadamente de casa todas as manhãs, com as lancheiras na mão, mas pedia a Peter que lhe falasse sobre as aulas de gestão que tivera na universidade, como se quisesse lembrar-lhe aquilo em que devia estar a pensar.

No primeiro dia de trabalho com os homens do ferro, Peter olhou em volta à procura dos seus velhos amigos. Ao fim de alguns dias, perguntou por eles. O homem a quem perguntou parecia surpreendido por Peter não saber que John Salvatore se tinha lesionado gravemente num acidente e provavelmente nunca mais poderia trabalhar. Peter perguntou a si próprio se ele teria chegado a comprar a casa que tinha debaixo de olho, se teria chegado a casar com a namorada. Quanto a Jimmy McGree, estivera ali a trabalhar ao lado de Peter a semana toda mas ele nem o reconhecera. Ganhara muito peso e o seu rosto estava curtido e macilento. Parecia dez anos mais velho do que Peter. Uma manhã, Peter voltou a apresentar-se e recordou a Jimmy que, da última vez que tinham falado, ele estava a poupar para um *Camaro*.

– Sim, já me lembro de ti – disse Jimmy. – O filho do patrão.

– Não, sobrinho.

– Deixa-me perguntar-te uma coisa, sobrinho. Quantos dias tiveste de esperar antes de conseguires entrar aqui? Tenho um primo que está sem trabalho há semanas. Tem um recém-nascido em casa. O meu irmão teve de esperar um mês antes de conseguir um dia de trabalho.

Peter fizera exatamente o que George lhe dissera para fazer. Pusera-se na fila ao portão e, quando chamaram o seu nome, entrou.

– Lamento muito – disse, sem saber bem porque achava que tinha de pedir desculpa. Ganhara mais de trezentos dólares nesse dia, brutos, e precisava muito desse dinheiro. Não podia ficar no quarto perfumado em casa de George para sempre. Jimmy riu-se mas era um riso desprovido de alegria. Os seus dentes eram afiados e manchados de castanho e fizeram lembrar a Peter um chagal.

George conheceu finalmente Kate no último dia de agosto de 1999, no dia em que ela deixou a residência universitária, onde conseguira ficar a morar de graça no verão por estar a dar explicações a outros alunos, e se mudou para o apartamento que ia partilhar com algumas amigas. Peter esperava que pudessem estar a viver juntos no outono, mas ainda não sabia o que queria fazer e alguns dos seus colegas de Elliott iam arrendar um apartamento miserável entre a Amsterdam e a 103rd, por isso concordou em ir morar com eles. Foi Kate que lhe disse para ficar com os

amigos, para se divertir, que a renda sairia barata entre todos, mas Peter suspeitava que ela também queria que ele arranjasse casa sem ela porque não tinha coragem de enfrentar os pais. Contara ao pai que os dois estavam juntos, anos antes, num acesso de fúria, mas tanto quanto Peter sabia nunca mais tinham tocado nesse assunto. E Francis não devia ter contado às irmãs de Kate porque uma vez, quando Peter e Kate eram caloiros, ele fora passar o fim de semana com ela na universidade de Nova Iorque e Sara aparecera inesperadamente.

– Trouxe-te um *burrito* – disse, quando Kate abriu a porta, e depois olhou para trás de Kate e viu Peter, que estava sentado à secretária, de calções e *T-shirt*. Era início de novembro e Sara tinha começado há pouco tempo num emprego em Bleecker Street, que não era longe do dormitório de Kate.

– C’um caraças – disse ela, visivelmente pálida. Estendeu o saco da comida a Kate e, sem dizer mais nada, virou costas e foi-se embora. Natalie ligou-lhe menos de uma hora depois. Kate reconheceu o número dela e encolheu os ombros.

– Mais vale agarrar o touro pelos cornos – disse a Peter, e atendeu, enquanto o mandava sair do quarto. – Vai dar uma volta durante uma hora, está bem? – pediu, e inclinou-se para o beijar.

Quando Peter regressou, era óbvio que ela estivera a chorar, mas garantiu-lhe que estava bem, que estavam todos bem, que ia correr tudo bem. Depois disso, sempre que ouvia Kate falar ao telefone com as irmãs, Peter percebia que elas perguntavam por ele mas Kate mantinha sempre um tom ligeiro.

Peter, por seu lado, não estava muito ansioso por ver Natalie e Sara, mas se Kate quisesse que ele passasse tempo com elas, assim faria, sem qualquer problema. A pessoa que realmente receava ver era Francis Gleeson, e certamente que teria de o ver se ele e Kate fossem viver juntos.

Quando descobriu que Kate estava a pensar alugar uma carrinha para as mudanças, Peter ofereceu-lhe a carrinha de George, que ele certamente lhe emprestaria durante algumas horas a um sábado. George não se importava de emprestar a carrinha a Peter, mas importava-se que Peter a conduzisse. Peter só tirara a carta de condução no último ano da universidade, e apenas porque um dos seus amigos da equipa de atletismo tinha um pequeno carro com que se deslocava para a escola e se oferecera para o emprestar a Peter de vez em quando, se ele quisesse ir visitar Kate a Nova Iorque sem depender do autocarro.

– Para quem disseste que é? Precisas da carrinha para ajudar quem? – perguntou George. Prometera a Rosaleen pôr umas prateleiras por cima da televisão e acabava de voltar da loja de ferragens com duas tábuas de carvalho e dois suportes. Quando Peter disse o nome de Kate, viu a estupefação espelhada no rosto de George.

– Com tanto peixe no mar, Peter? Não havia raparigas bonitas na tua universidade? – Pousou as tábuas e largou o saco de plástico com as ferragens em cima delas. Franziu o rosto como se tentar encontrar sentido numa informação tão inesperada fosse um processo físico, um processo penoso.

– Havia – respondeu Peter, simplesmente.

George acenou com a cabeça e deixou a informação assentar por um momento. Dirigiui-se ao lava-loiça da cozinha e, de costas para Peter, encheu um copo de água e bebeu-o.

– Não me agrada, isto. Há aqui qualquer coisa...

– Eu sei.

– É estar à procura de sarilhos. E sem razão, percebes?

– Percebo.

– Esta rapariga, aquela rapariga, literalmente qualquer rapariga, e não haveria problema nenhum. Só há uma rapariga neste mundo que parece ser má ideia, e foi essa que escolheste.

– Mas porque é que é má ideia? – Pronto, dissera-o. O pai partira. A mãe estava fora da vida dele. Quem é que colocaria objeções? Os pais dela, provavelmente, mas seria Kate a ter de lidar com isso. E se ele tivesse oportunidade de falar com eles, estava certo de que conseguiria persuadi-los a mudar de ideias. E se não mudassem de ideias, bom, o problema era deles. Ele e Kate nunca tinham feito nada errado. Peter lamentava muito o que a mãe fizera, mas com certeza que Mr. Gleeson não podia realmente achar que a culpa era dele.

– Porque... – George debateu-se por um segundo, mas estava determinado. – Porque significa que tudo o que aconteceu há tantos anos não acabou aí. Continua a acontecer.

Bom, não, pensou Peter, mas não queria discutir. Tudo o que acontecera, acontecera aos pais deles. Ou, pelo menos, os pais eram os agentes de tudo o que acontecera. Ou, pelo menos, eram as pessoas que podiam ter impedido que tudo acontecesse. Ou... Sentiu o familiar nó na garganta, que sentia sempre que pensava nessa noite. Se ele nunca tivesse sugerido a Kate que saíssem de casa às escondidas. Se não tivessem sido apanhados. Uma coisa leva à outra, que leva à outra, sim, mas quem poderia prever que aquele último dominó a cair se afastaria tanto da fila bem ordenada? Certamente que não se podia esperar isso de dois adolescentes. Quando ele e Kate começaram a ver-se, decidiram que deixariam toda essa bagagem para trás e começariam do zero. Ele já tinha idade suficiente para saber aquilo de que precisava, e Kate também. Tinham estado separados tempo suficiente para conhecerem a forma da ausência um do outro.

– Bom, tudo o que sei é que esta rapariga é a única para mim. Amo-a.

George abriu novamente a torneira e voltou a encher o copo. Emborcou o copo de água como se estivesse no deserto há semanas.

– És teimoso, Peter. És um excelente miúdo, mas és teimoso.

– Não sou um miúdo – disse Peter, embora dizê-lo o fizesse sentir-se como um miúdo.

– Estás apaixonado por ela. Está bem, é um sentimento forte, mas pensa bem nas implicações. O que se segue? Vais casar com essa rapariga? Ter filhos com ela? A tua mãe e o Francis Gleeson vão ter netos em comum? Sentar-se à mesma mesa no batizado?

– Hã? – disse Peter. Ninguém estava falar em filhos, por amor de Deus.

Sonhava partilhar um apartamento com Kate um dia, chegar a casa todas as noites e contar-lhe o seu dia, ouvi-la falar sobre o dia dela, deitarem-se na cama nus, tapados até ao pescoço, sentir a sua pele quente encostada à dele quando acordasse todas as manhãs. Mas isso só podia acontecer depois de ele decidir o que queria fazer na vida.

George suspirou.

– Eu conduzo – disse. – Com certeza que dá jeito mais um par de mãos. E se calhar está na altura de a conhecer, não é?

Peter estava nervoso quando estacionaram em frente à residência universitária de Kate, a tremer por dentro, como se estivesse na carrinha da equipa a caminho dos campeonatos estaduais. Kate estava de calções de ganga e ténis, vestida para carregar e transportar coisas. Tinha o cabelo preso no alto da cabeça mas ele viu que já tinha a *T-shirt* transpirada nas costas, uma faixa mais escura ao longo da coluna. Estava calor e ela tinha trazido uma dúzia de caixas para baixo apesar de ele lhe ter pedido que esperasse até ele chegar.

– É ela? – perguntou George enquanto estacionava.

– Lembra-te que ela não está à tua espera – disse Peter. Percebeu que Kate ainda não o vira, não sabia como era a carrinha.

George vinha de calções pretos, uma camisola de alças branca esticada sobre a barriga, ténis muito brancos. Inspeccionou os dentes no retrovisor e piscou o olho a Peter.

– Como está o meu cabelo? – perguntou ele.

Peter viu Kate reparar no homem que o acompanhava.

– George! – exclamou ela quando se aproximaram. – É um prazer conhecê-lo – disse. Agradeceu-lhe por ter vindo, pelo empréstimo da carrinha e dos músculos. George não reagiu ao agradecimento dela e foi mais reservado do que o habitual, embora Kate não tivesse como saber disso. Perguntou a Peter se lhe explicara os detalhes da mudança que iam fazer.

George olhou de lado para Peter.

– É para a East 79th, não é? Junto à Second?

– E disse-lhe mais alguma coisa? Não? Ótimo. Vamos embora.

O que nenhum deles tinha partilhado com George era que se tratava de um sexto andar sem elevador.

– Valha-me Deus – disse George depois da primeira viagem pelas escadas, ao pousar a primeira caixa dentro do apartamento. – Não conseguiste arranjar um décimo segundo andar?

– Não custa nada – disse Kate. – Pense nos músculos que vai ter quando estivermos despachados.

George sorriu e Peter sentiu o ligeiro temor que o acompanhava desde essa manhã começar a dissipar-se.

Quanto mais vezes subiam as escadas, mais George e Kate pareciam aproximar-se. Para cima e para baixo, com a voz dela a ecoar pelas escadas, a

tagarelar, a fazer perguntas a George sobre ele, sobre o que pensava de várias coisas: Monica Lewinski, a Igreja Católica, o euro. Fizeram uma pausa quando iam a mais de meio do trabalho e George explicou a Kate o significado de cada uma das suas tatuagens. Falou-lhe sobre Rosaleen, disse-lhe que já gostava dela muito antes de ter coragem para a convidar para sair.

Quando finalmente acabaram de transportar tudo, os três sentaram-se no chão da cozinha nova de Kate, exaustos e em silêncio. O ar no apartamento cheirava a bafio. Peter já estava a detestar a ideia de visitar a vida de Kate e de Kate visitar a vida dele.

– Quem quer uma cerveja? – ofereceu Kate, sem fazer qualquer movimento para se levantar. George recusou, disse que tinha refrigerantes na carrinha. Peter levantou-se, abriu a porta do frigorífico e deixou o ar frio envolvê-lo por um momento antes de tirar o *pack* de seis cervejas que as companheiras de casa de Kate tinham deixado para eles. Abriu uma e esvaziou-a em dois longos tragos antes de oferecer a mais alguém.

– Credo – disse Kate –, deixa alguma coisa para os outros.

– A sério – concordou George.

Quando Peter e George desceram finalmente, encontraram um polícia a aborrecer um rapaz de entregas, com a refeição encomendada por alguém pendurada no guiador da bicicleta. O polícia era enorme, com braços tão grossos que esticavam o tecido da camisa da farda.

– Com licença – disse George, passando ao lado deles. Tinha a carrinha parada em segunda fila, com os quatro piscas ligados, e o polícia olhou para George como que a dizer-lhe que tinha reparado nisso e que podia fazer alguma coisa, se quisesse.

Depois de arrancarem, George disse que o problema dos polícias hoje em dia era que o trabalho atraía um tipo de pessoa diferente do que antigamente. Ainda havia homens fantásticos a candidatar-se – «e mulheres», acrescentou – e uma coisa que faziam melhor do que antes era que agora aceitavam pessoas de todas as cores e feitios, mas hoje em dia havia demasiados polícias jovens que só procuravam a sensação de poder, só queriam andar de arma à cintura. Talvez fosse por isso que não eram tão respeitados como antigamente. Num mundo justo, ser polícia devia ser um cargo tão prestigiado como ser banqueiro de investimentos. Ou médico, até. Haveria alguma coisa mais importante do que manter as pessoas em segurança? Ser aquele a quem as pessoas recorrem nos momentos de maior desespero? E no entanto era o que se via.

– Sabes o que vi no outro dia? Na Broadway, junto à estação de Bowling Green? Uns trinta estudantes do City College a protestar. Uma das raparigas tinha um cartaz que dizia «Merda para a polícia». Viste? Foi na segunda-feira, na semana em que estivemos no edifício da Standard and Poor's a fazer aquele trabalho. Uma rapariga branca. Uma mulher, melhor dizendo. Provavelmente tinha vindo de comboio de New Canaan nessa manhã. Agora diz-me lá qual será o

problema dela com a polícia. Diz-me lá a quem é que ela vai ligar se algum tarado lhe mostrar as partes baixas no autocarro.

Peter tinha visto os manifestantes mas não pensara muito neles. Não estava a prestar-lhes atenção, mas o argumento de George parecia ao mesmo tempo consistente e totalmente errado.

– Mas a história policial também é uma história de protestos – disse Peter. – Provavelmente estavam a reagir ao caso daquele polícia que agrediu o miúdo em Bed-Stuy no fim de semana. Que idade tinha ele? Treze anos? Podiam tê-lo matado.

– Treze, sim. Mas parecia mais velho.

– E se fosse mais velho? Não estava a fazer nada de errado.

– Peter... – George olhou para ele. – Não estou a negar que alguns polícias são uns filhos da mãe racistas. Estou a dizer é que aquela rapariga de New Canaan agora decidiu que todos os polícias são uns filhos da mãe racistas. Só porque um idiota qualquer da Sete-Nove espancou um miúdo. Um idiota que nunca devia ter tido acesso ao distintivo e à arma.

Peter riu-se.

– Mas não é com isso que todas as minorias da cidade têm de lidar, todos os dias? Grupos inteiros que são julgados com base nas ações de uns poucos? – Mas Peter estava a debater o assunto sem grande convicção porque ainda estava a pensar em Kate e no apartamento apinhado para onde ele próprio se ia mudar. A perspectiva de quatro tipos a partilharem a mesma casa de banho minúscula fê-lo questionar por que raio concordara com isso.

George disse que estava disposto a apostar que a maioria daqueles manifestantes nunca tinha conhecido nem falado pessoalmente com um polícia.

– Um dos grandes problemas é que os polícias são mal pagos – disse George. – Estás a ouvir? Não ganham o suficiente para os perigos que correm. E outro problema é que, à primeira oportunidade que têm, os polícias da cidade fogem para os subúrbios. Li um artigo sobre isso.

– Sobre o quê?

– Sobre a polícia. Alô? Terra chama Peter. Os jovens têm de ver a força policial como um sítio onde podem usar o cérebro.

No banco do passageiro, Peter endireitou-se ao sentir-se trespassado por uma força tão poderosa que parecia impossível ter vindo de dentro dele.

– É um trabalho importante.

George olhou para ele de soslaio.

– É o que eu estou a dizer.

Nessa noite, enquanto Kate dormia, sem dúvida há muito, no seu novo apartamento, Peter estava ainda acordado e sentia-se tremendamente mais velho do que se sentira quando imaginara que a universidade era um caminho que o levaria para um lugar qualquer muito longe daqui. Por volta da meia-noite desistiu de tentar dormir, enfiou os ténis, saiu do apartamento e desceu para a escuridão da

rua.

No Banner, agiu como se fosse novo no bairro. Depois da segunda bebida perguntou ao empregado se se lembrava de um cliente de há uns anos, um homem alto, de cabelo ondulado. Era polícia. Costumava frequentar o bar antes de se mudar para sul.

– Está a descrever toda a gente que aqui entra – disse o empregado. – Tem de ser mais específico.

– Não, esqueça, não é importante – disse Peter.

Uma hora depois, quando pousou o copo no balcão e pegou na carteira para pagar, sentiu as mãos a tremer. De novo lá fora, o chuvisco transformara-se num aguaceiro. Peter sentiu-se a ser atraído para algo que conhecia bem, para um caminho que podia ser o seu. Perguntou-se se os recrutas seriam pagos durante o treino na academia. Perguntou-se se o seguro de saúde entraria logo em vigor ou se haveria alguns meses de carência.

Contaria a Kate assim que fizesse o exame escrito. Depois disse a si próprio que lhe contaria assim que soubesse se tinha passado ou não. Continuava a trabalhar na construção com os tipos do ferro, a ganhar ao dia. Tentava dar uma corrida todos os dias, depois do trabalho, porque o fazia sentir-se como se ainda fosse estudante e lhe proporcionava mais uma hora fora do apartamento. O outono chegou e passou. O Natal. Os noticiários andavam doidos com a história da passagem do milénio. O mundo tinha apenas mais alguns dias para se organizar antes que o século mudasse e todos os ficheiros se perdessem. Os metros deixariam de trabalhar. Os aviões cairiam do céu. Tudo porque os programadores nos anos 60 não se tinham preparado para a existência além de 1999.

O novo milénio chegou e o mundo continuou a girar.

Em fevereiro, a Divisão de Processamento de Candidatos informou-o de que passara no teste escrito e que era preciso tratar de mais alguns documentos. Entre estes, um impresso a dar autorização para uma verificação de antecedentes. Um investigador foi destacado para o processo dele. Peter foi submetido a uma avaliação de carácter, uma avaliação psicológica, um teste oral, exames médicos. Verificaram-lhe a visão, a audição, a tensão arterial, o coração. Quando o médico lhe mediu a pulsação, comentou que Peter devia ser atleta ou então estava morto.

Depois de tudo isto chegou o dia da entrevista formal, com o mesmo investigador que tinha verificado os seus antecedentes.

George percebeu o que se passava quando começou a ver os envelopes a chegarem. Disse a Peter que ainda há pouco tempo, ou assim lhe parecia, reparara em envelopes semelhantes endereçados a Brian. Perguntou a Peter se tinha a certeza, em que fase do processo se encontrava, como corra a entrevista formal. Se já tinha falado com alguém depois da verificação de antecedentes.

– Esse é o último passo. Para a semana.

– Ah, está bem – disse George, mas parecia preocupado.

– O que foi?

– Nada.

O investigador apresentou-se como membro do gabinete de detetives. Parecia bastante simpático e Peter percebeu que ele estava a tentar pô-lo à vontade. Contou a Peter que tinha tido problemas com o carro nessa manhã, disse-lhe que a mulher era uma chata mas acabava por ter sempre razão. Peter barbeara-se cuidadosamente, vestira um casaco e pusera gravata. Todos os outros testes tinham tido lugar em LeFrak City mas esta última entrevista era na East 20th Street em Manhattan. Peter trazia consigo um dossiê com todos os documentos que lhe tinham pedido, desde o cartão da segurança social ao diploma da universidade. A sua mochila estava demasiado velha para a poder usar e não tinha uma pasta de documentos, por isso levava o dossiê na mão no metro e passara a manhã com medo de deixar cair e perder alguma coisa sem dar por isso. Estava constantemente a ver se ainda tinha tudo.

Quando chegou ao edifício, uma mulher conduziu-o à sala de entrevistas e trouxe-lhe um copo de água. Por fim o investigador entrou e sentou-se em frente de Peter a uma mesa de madeira esfolada. O homem mais velho começou com as perguntas que Peter esperava, para as quais ensaiara as respostas durante as corridas ao final do dia: porque é que queria juntar-se à força policial e como imaginava que seria o trabalho. Conduziu a conversa como se fosse uma ocasião casual, como se estivessem apenas a conhecer-se melhor durante um churrasco ou um jogo de basebol, apesar de Peter perceber que ele estava a assinalar as questões na sua lista. Por fim, perguntou pelos pais de Peter e este deu a resposta que ensaiara, a que dava sempre, há anos. A mãe vivia no norte do estado. O pai no sul do país. Tinham-se separado há uma década e Peter não mantinha uma relação com nenhum deles. Acenou rapidamente para indicar que era tudo o que tinha a dizer mas o investigador inclinou a cabeça e chegou-se para a frente.

– O seu pai também era polícia, não é assim?

– Sim. Sim, era.

– Fez dezanove anos de serviço. Foi ferido? Aconteceu alguma coisa? – Folheou os seus apontamentos e Peter sentiu a pulsação disparar. Sabia que era possível que o homem já soubesse tudo, mas sabia também que era possível que o departamento fosse tão vasto, com tantas divisões distintas, que a informação se tivesse perdido algures. Para Brian, nada do que acontecera em Gillam estava relacionado com o trabalho.

– Surgiu uma situação pessoal que o levou a pedir a aposentação antecipada.

– Sim? Que situação?

Peter fora avisado de que não havia limite para as perguntas que lhe iam fazer. No exame psicológico tinham-lhe perguntado se tinha alguém na sua vida, se essa pessoa era homem ou mulher, como se sentiria se lhe fosse atribuída uma mulher como parceira. E se fosse um homem ou uma mulher *gay*? E se fosse negro, hispânico, asiático? Peter presumira que estas perguntas eram ilegais.

– Não somos chegados. Não temos uma relação.

– Não foi essa a minha pergunta.
– Ele reformou-se mais cedo porque queria fazer uma mudança. Pelo menos creio que foi esse o motivo. Mas, para ser franco, teria de lhe perguntar a ele. Mudou-se para o sul quando eu tinha quinze anos. Fiquei a viver com o meu tio depois de ele partir.

– O seu tio, George Stanhope? – disse o investigador, e Peter sentiu um aperto no estômago.

– Sim.

– E a sua mãe, vive agora na 6th Street em Saratoga?

– Não sei – respondeu Peter. Isso, pelo menos, era verdade.

– Ela foi detida em 1991 e acusada de homicídio na forma tentada. O homem que alvejou era um vizinho, um tenente da Polícia de Nova Iorque, fora de serviço. Declarou-se inocente por razões de doença mental. O caso não chegou a ir a julgamento, fizeram um acordo. Correto?

Peter ficou em silêncio, com o coração aos saltos.

– Eu tinha catorze anos. Não fui informado da maior parte dos detalhes.

– Foi a arma do seu pai que ela usou, correto?

– Sim, penso que sim.

– Pensa que sim. – O investigador afastou os papéis para o lado. – A sua classificação no teste escrito foi excelente. Nos testes físicos, excelente. As notas da universidade são muito boas.

Peter esperou pelo «mas».

– Mas o exame psicológico fez soar um alerta. Estou a falar do seu exame psicológico, Peter. Não da sua mãe. Não do seu pai. O seu.

Peter sabia que ele podia estar a testá-lo. O exame psicológico consistia de mil perguntas, ao longo de seis horas. A dada altura, tinham-lhe pedido para desenhar uma casa, uma árvore, a si próprio. Mais tarde, lembrou-se de que se esquecera de desenhar a maçaneta na porta da casa. Como é que conseguiria entrar em casa sem maçaneta? Quanto ao autorretrato, desenhara-se de calções e camisola de corrida e, depois, pensou que devia ter desenhado um fato e uma gravata.

– E o registo do seu pai connosco é preocupante. Foi admoestado por beber em serviço, em janeiro de 1989.

– Eu não sou o meu pai. Já nem sequer o conheço.

– E o tio George tem cadastro. Coisas de somenos importância, mas é necessário falar nisso.

Peter olhou para a janela estreita e tentou organizar o turbilhão dos seus pensamentos.

– Eu nunca fiz absolutamente nada errado. E sou eu que me estou a candidatar. Não é a minha mãe, não é o meu pai, não é o meu tio. Portanto as histórias deles não interessam, apenas a minha.

– Talvez – disse o investigador. – Pode ser verdade. Depende.

Esperou duas semanas. Um mês. Seis semanas. Ouvira dizer que havia uma

turma nova que ia começar em breve a formação na academia e, se o seu nome não fosse adicionado à lista de recrutas elegíveis, não poderia entrar. Kate estava a gostar do seu trabalho, apesar dos horários estranhos, apesar das coisas que tinha de ver quando era chamada a cenas de crimes, quando tinha de andar de gatas com a luz negra à procura de fluidos e sangue.

– O que se passa contigo? – perguntou Kate. Tinham ido ao cinema mas, das vezes que Kate olhara para ele na escuridão tremeluzente, Peter não estava a olhar para o ecrã. O filme não ia sequer a meio quando ele lhe pegou na mão e a puxou para a coxia, para o átrio do cinema e por fim para o ar gelado do passeio lá fora.

– Quando é que vamos viver juntos, Kate? Quando é que nos vamos casar? Quando é que a nossa vida vai ser como concordámos que seria, em vez de estarmos juntos apenas duas ou três noites por semana? Não gosto disto assim.

Kate riu-se. Estavam a dois metros um do outro no passeio sujo. A funcionária da bilheteira lia um livro atrás do vidro.

– Estou a falar a sério, não queres casar?

– Bom, acho que me devias perguntar se estou interessada.

– Mas já perguntei, não foi? Há dez anos?

– Não, disseste-me que era o que ia acontecer. Não me parece que tenhas perguntado. Além disso, eu tinha treze anos.

– E então? Estás interessada?

– Claro que estou – respondeu ela –, mas espero que saibas que isto não conta como pedido de casamento. – Depois ficou séria. – Peter, afinal o que se passa contigo?

Peter começou a andar de um lado para o outro e contou-lhe tudo, começando pela noite em que decidira que queria ser polícia, até à entrevista formal e às longas semanas de espera, sem saber se tinha entrado ou não. Pediu desculpa por não lhe ter contado nada, mas queria que fosse surpresa. Kate olhou para ele e ouviu, enquanto tremia de frio, com os braços apertados à volta do corpo.

Porque, o que havia ele de fazer se não fosse isso? Era a pergunta a que regressava sempre. Agora que sabia o que queria ser, tinha a certeza. Havia tantas maneiras diferentes de ser polícia, tantas trajetórias, não havia duas carreiras iguais, era uma loucura que estivessem a culpá-lo de algo que acontecera há tanto tempo, algo que não tinha realmente nada a ver com ele. Estava a pensar em ligar ao entrevistador e pedir outra entrevista. O que é que Kate achava da ideia?

– Ele disse mais alguma coisa sobre os tais alarmes que surgiram no exame psicológico? Deu-te alguns pormenores?

– Não. Provavelmente estava a inventar.

Kate acenou com a cabeça e Peter quase conseguiu ver toda a informação que lhe dera a organizar-se em compartimentos no cérebro dela.

– Se eu não entrar, pensei que podíamos ir para outro lado. Podia tentar em Boston, ou algures no Connecticut. Hartford. Stamford. Provavelmente não têm tantos candidatos. Além disso...

– Peter – disse Kate. Baixou os braços e aproximou-se dele. Peter sentiu o calor

do seu corpo através do casaco grosso. – Tens a certeza? – perguntou ela. – Tens a certeza de que é isto que queres?

– Sim – disse ele. Seria um polícia melhor do que o pai. Seria mais como Francis Gleeson, antes de ser ferido. Chegaria ao lugar onde Francis devia ter chegado, se a sua carreira não tivesse sido interrompida. Seria respeitoso e seguiria as regras e subiria a pulso. Já conseguia ver-se.

– Deixa-me tentar uma coisa. Consegues esperar mais um bocadinho? Como é que se chama ele? O investigador?

Kate apanhou o primeiro autocarro para Gillam, nesse domingo, e foi a pé até casa sem pedir que a fossem buscar. Parou quando estava a meio de Jefferson Street e viu as janelas do lar da sua infância decoradas com os antigos corações recortados que ela e as irmãs costumavam pôr no Dia de São Valentim. Pensar na mãe a abrir a escada para o sótão para ir buscar as velhas decorações, enquanto o pai segurava na escada e dizia, como sempre, «Tem cuidado, Lena», fez com que Kate tivesse vontade de cair de joelhos no meio da rua, a chorar. Lembrou-se de o pai chegar a casa do turno da noite, um ano no Dia de São Valentim, e oferecer a cada uma delas borrachas em forma de coração para prender no cimo dos lápis. Para Lena tinha uma dúzia de rosas e, enquanto aparava os caules e procurava uma jarra, ela disse-lhe que devia ter esperado pelo fim de fevereiro, quando as flores seriam mais baratas, ela não era o tipo de mulher que se importaria com isso.

Kate bateu suavemente à porta e, quando ninguém abriu, contornou a casa, com a relva gelada a estalar sob os pés, e tirou a chave de baixo da pedra falsa. Quando empurrou a porta das traseiras o pai já estava a abrir o armário para tirar uma segunda caneca.

– Vi-te chegar – disse ele.

– Onde está a mãe?

– A dormir.

Ainda não eram oito horas. O cabelo de Lena voltara a crescer, os caracóis tão densos como antes, só que agora já não se dava ao trabalho de o pintar, por isso tinha madeixas cinzentas e brancas. O cancro estava em remissão há vários anos. Nunca falava sobre o que acontecera entre Francis e Joan Kavanagh, mas uma vez Kate estava com ela, cerca de um ano depois da cirurgia, o cabelo da mãe ainda curto e fraco, e iam a atravessar o parque de estacionamento de um restaurante italiano em direção ao carro de Lena quando ela estacou subitamente e se voltou de novo para o restaurante.

– Esqueci-me de uma coisa – disse, por cima do ombro. Kate quase se riu da distração dela, mas depois viu Joan Kavanagh a atravessar o parque de estacionamento do outro lado da rua. Só depois de Joan entrar numa loja é que Lena reapareceu.

– Mãe... – disse Kate depois de estarem sentadas no carro.

– Não gosto de a ver, é só isso – disse Lena. – Não sei porquê, mas fico embaraçada.

– Não tens razão nenhuma para ficar embaraçada. Ela é que devia ter vergonha.
– Mesmo assim. – Encolheu os ombros.
– A tua mãe agora dorme até mais tarde do que quando vocês eram pequenas – disse, agora, Francis.

Desde que Kate era pequena que o pai parecia saber sempre quando ela tinha alguma coisa a preocupá-la. Pousou a mala perto da porta e aceitou a caneca que ele lhe oferecia. O pai passou-lhe o leite, em silêncio.

– Apeteceu-te fazer-nos uma visita? – perguntou ele. Dobrou o jornal em quatro. Já estava vestido, já tinha ido ao café. À sua frente, Kate viu um papel de embrulho vazio, outro ainda fechado em cima do balcão à espera de Lena.

– Sim, já não vinha a casa há algum tempo.

– Bom, andas ocupada. Como está a correr o trabalho?

Ele sabia, percebeu Kate. Não sabia bem como, mas ele sabia. Esperou pelos passos da mãe na escada, mas a casa estava silenciosa. O aquecedor zumbia baixinho ao canto, junto do fogão.

– Preciso de te pedir um favor – disse ela, por fim.

– Sim?

– O Peter está a candidatar-se à academia de polícia.

Francis ficou um instante em silêncio.

– O Peter Stanhope.

– Sim, esse Peter.

Francis observou-a com expressão vazia.

– De qualquer maneira, ele ainda não sabe se é ou não elegível, mas já passou mais tempo do que seria normal e surgiram algumas questões durante a entrevista.

– E no exame psicológico – disse Francis.

Kate ficou completamente imóvel.

– Ele não te contou essa parte?

– Sim, claro que me contou, mas talvez lhe tenham dito isso apenas para o testar.

– Não, é verdade. Apenas algumas coisinhas de pouca importância mas que, aliadas ao historial familiar, são preocupantes.

– Como sabes isso tudo?

– Tenho um amigo. Ele ligou-me para me informar, para me perguntar o que achava.

Kate fitou-o por cima da beira da caneca de chá.

– E o que é que disseste?

– O favor que me querias pedir é esse? Dar uma palavrinha em nome dele?

– Sim.

– Porquê?

– Porque ele quer ser polícia e seria um excelente polícia. E porque eu o amo e um dia, provavelmente muito em breve, vamos casar.

Finalmente, Francis suspirou e afastou a cadeira da mesa.

– Estás a dar cabo da tua vida – disse.

Ela pousou a caneca tão cuidadosamente como ele e recordou-lhe que a vida era dela. Além disso, que moral tinha ele para lhe dar sermões? A única razão pela qual estava agora aqui sentado, à frente dela, era porque Lena era uma pessoa que perdoava facilmente.

Francis ignorou o comentário.

– Achas que uma pessoa consegue sair de uma casa como aquela sem qualquer dano? Não consegues vê-lo agora, Kate, mas os danos estão lá. Garanto-te. O casamento é muito longo e está sempre a ser testado.

– Bom, tu lá sabes, certo? – retorquiu Kate.

Francis lançou-lhe um olhar de aviso. Kate devolveu-lho sem se deixar intimidar.

– Porquê ele?

– Porque o amo.

– O amor não chega. Nem de longe.

– Para mim, chega. E para ele também.

Francis sorriu, mas era um sorriso desprovido de luz.

– Não fazes a mais pequena ideia do que estás a falar.

Kate ficou exatamente onde estava e tentou não reagir. Como se atrevia ele, logo ele, a dizer-lhe o que era o amor? No parapeito da janela havia uma fila de frascos de compota com terra e rebentos de plantas. Francis levantou-se e Kate viu que as calças de ganga lhe estavam largas na cintura. Até os seus ombros pareciam mais estreitos. Tinha migalhas na parte da frente da camisa. Perguntou-se, como acontecia de vez em quando, por que razão ele nunca voltara à Irlanda, porque é que nunca as levara lá, como era possível que tivesse vivido uma vida inteira antes mesmo de ela nascer. Sempre tivera uma certa pena dele, por ter deixado os pais para sempre quando era ainda tão novo, mas agora via a liberdade que isso lhe dera, sem ninguém em cima dele sempre a dizer-lhe o que devia fazer.

– Podes ser contra, pai, mas é o que vai acontecer. Eu amo-o. Podes fazer parte da nossa vida ou não, é contigo. Ele pode continuar a trabalhar na construção ou pode ir para a faculdade de Direito, ou pode fazer outra coisa qualquer. O Peter quer ser polícia, mas a verdade é que tanto me faz, por mim até pode acabar a abrir valas.

Francis suspirou. Tirou o tabuleiro do gelo do frigorífico e torceu-o. Um a um, retirou os cubos de gelo e distribuiu-os pelos frascos de terra. Quando acabou, continuou virado para a janela.

– Já lhes disse que o colocassem na lista para a próxima turma. Disse-lhes que ele era bom rapaz, bom aluno, apesar de os pais serem problemáticos. Disse-lhes que não tinha problema algum com isso.

Kate levantou-se tão depressa que a cadeira tombou para trás e caiu com estrondo.

– Disse-lhes que nada do que aconteceu naquela noite foi culpa dele. Disse-lhes que ele continuou a ser bom aluno, e por aí fora. Aquilo que me contaste quando a tua mãe estava a ser operada, lembras-te? Que ele tinha conseguido uma bolsa de

estudos. Eles já sabiam, claro.

– Então perdoas-lhe? Não o culpas pelo que aconteceu? – Queria abraçá-lo como fazia quando tinha dez anos. – Não me culpas a mim?

Francis virou-se.

– Nunca o culpei. Ele tinha catorze anos. Porque havia de o culpar? E por que diabo havia de te culpar a ti? Não estás a compreender o problema. Nem sequer estás perto de compreender.

Mas Kate sabia que ele é que não estava a compreender. Agora ia ficar tudo bem. Tinham passado um mau bocado – os Gleeson, os Stanhope – mas agora, vejam! Vejam as voltas engraçadas que a vida podia dar. Kate imaginou imediatamente Peter em Jefferson Street no Dia de Ação de Graças, no Natal, em todos os feriados, sentado entre as irmãs dela no sofá, a levantar-se para ir fazer mais café, a tirar os presentes de baixo da árvore e a ler os nomes nos embrulhos. E George também, talvez. Rosaleen. Vejam o final feliz que podia surgir depois de algo tão terrível. A história deles era de antologia: os amantes separados pelo destino, mas sem o final trágico, sem as fatalidades.

– Ainda me preocupo com ela – disse Francis. – E a tua mãe também. Agora que ela está a viver sozinha já não recebemos informações atualizadas.

– Estás a falar da mãe do Peter? Ele nunca a vê. Nunca fala sobre ela. Ela já não tem importância.

– Não tem importância? Katie. Querida. Ela é a pessoa que o trouxe ao mundo. Vai sempre ter importância.

Ao ouvir isso, Kate afastou a memória da mulher emoldurada pela porta da casa de banho no Dunkin Donuts naquele Halloween, o rosto pálido e magro, a expressão enlouquecida dos olhos. Afastou a memória de outros vislumbres que apanhara desde então – Anne Stanhope sentada no carro na 103rd Street, com o motor desligado, um copo com cascas de pistácio no colo. Kate puxara o capuz da camisola para cima ao passar e não entrara no prédio de Peter; ligara-lhe do restaurante tailandês a dois quarteirões e pedira-lhe que fosse lá ter com ela. E de outra vez em Riverside Park, onde Peter gostava de ir correr, encostada a uma árvore num casaco volumoso, demasiado largo nos ombros. Kate tinha-a visto mesmo antes de Peter chegar ao ponto de encontro, com o vapor a erguer-se da pele suada no ar frio.

– Estás bem? – perguntara ele nesse dia.

– Estou – respondera Kate, olhando por cima do ombro. Depois pegou-lhe no braço e conduziu-o até junto do rio, para lhe mostrar as luzes de Natal que se avistavam até Nova Jérnia. Aqui estava uma mulher que quisera fazer mal a Kate, uma mulher que magoara o pai dela de tal maneira que o pai que Kate recordava da sua infância desaparecera, substituído por um pai novo, um homem que ela muitas vezes tinha dificuldade em reconhecer. E nunca mais regressara, esse primeiro pai. Kate esperara e esperara mas ele nunca mais voltou depois disso, não completamente, e a culpa era de Anne Stanhope. Kate devia ter medo dessa mulher. Sabia que devia ter medo dela, e no entanto não tinha, pelo menos da

maneira que o pai dizia.

E a ocasião mais recente, perto do apartamento de Kate, quando Peter vivia praticamente do outro lado da cidade. Anne estava sentada num banco em frente da padaria húngara, a observar os transeuntes de sobrolho franzido. Ergueu os olhos quando Kate apareceu na esquina em frente, como se pressentisse a sua presença. Kate ia voltar para trás, fugir, mas depois decidiu que não, não ia fugir, e sentiu algo subir-lhe na garganta, uma espécie de raiva. Estavam separadas por quatro faixas de trânsito – duas para norte, duas para sul – e Kate começou a atravessar antes de o semáforo ficar verde. Levantou os braços para fazer parar os carros e soube como Moisés se devia ter sentido quando impediu as vagas de se abaterem sobre ele.

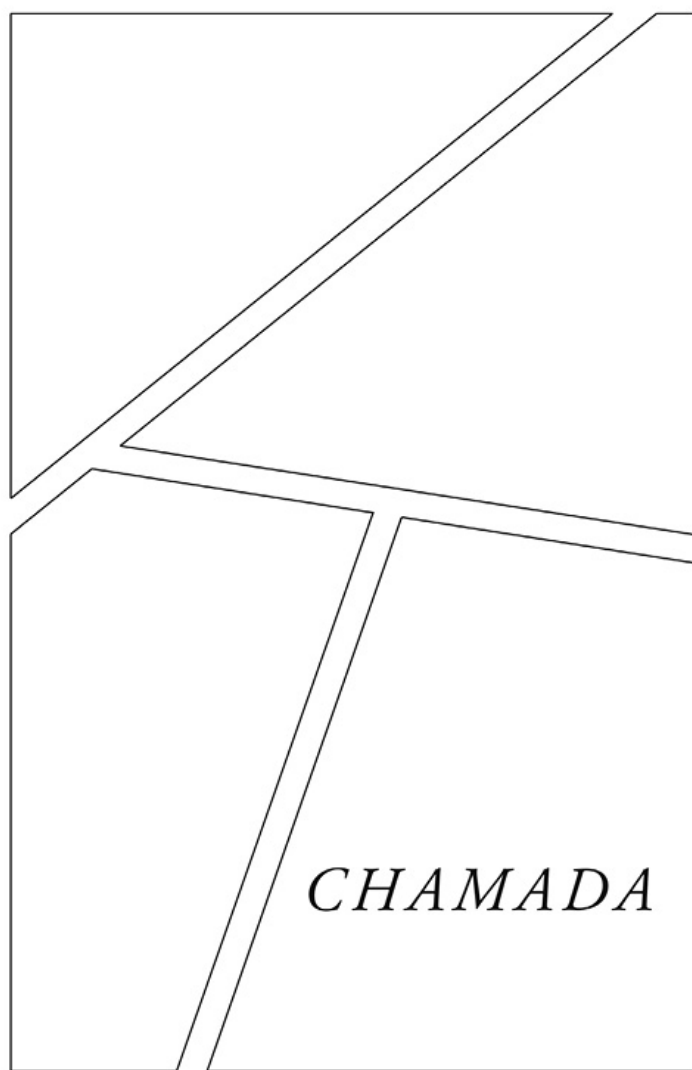
Quando Anne se levantou do banco, Kate sentiu a coragem vacilar mas levantou o queixo e continuou a andar. Esticou o corpo para parecer o mais alta possível, como o pai fizera naquela noite em que se dirigira à porta deles. Estava sol mas frio, e havia pontas de cigarro presas no gelo das sarjetas, papéis de rebuçado, uma caneta.

– O que é que quer? – perguntou Kate quando se aproximou o suficiente para Anne ouvir. A entrada do metro ficava a poucos passos. Sempre que precisasse podia desaparecer lá dentro, reaparecer noutro lado qualquer da cidade, fingir que este encontro nunca tinha acontecido. Apanharia um táxi para casa e evitaria esta esquina por uma semana.

– Quero falar com o Peter – disse Anne. – Pensei que podias ajudar-me.

– Eu? Quer que eu a ajude? – Kate riu-se, mas era um riso sufocado e embargado. – Tem um grande descaramento, sabia? – Kate deu um passo na direção de Anne. – Não se aproxime dele – disse, em voz baixa e ameaçadora. – E não se aproxime de mim. Ele não a quer ver.

Anne inspirou como se fosse dizer alguma coisa, mas Kate já tinha virado costas e estava a atravessar mais uma vez a rua pelo meio dos carros.



O que o vizinho de Anne, Mr. Kilcoyne, lhe fizera quando ela tinha doze anos, continuou a ser feito até ela completar os dezasseis e partir para Inglaterra. Batia-lhes à porta com uma mão cheia de fitas de cabelo, ou um vestido que precisava de ser remendado, e pedia se ela podia ir ajudá-lo com as meninas. Não tinha jeito nenhum para laços e tranças, dizia. Mrs. Kilcoyne morrera de um problema no estômago no ano em que a mãe de Anne entrara também pelas águas agitadas da praia de Killiney completamente vestida e calçada, três dias antes do Natal no ano de 1964. Deixara um broche de madrepérola e algumas notas em cima da prateleira da lareira. Dessa primeira vez que Mr. Kilcoyne a veio buscar, depois de passarem a pedra que assinalava o início dos terrenos dos Kilcoyne, virou-se para ela e disse:

– Espera aí um bocadinho, Anne.

Depois agarrou-a pelo ombro e pela anca e puxou-a contra si, com força. Era mais ou menos como um abraço, só que Anne não o abraçou também e ele estava a tremer, a apertá-la cada vez mais à medida que os tremores se tornavam mais violentos. Estava a acontecer-lhe alguma coisa por baixo das roupas.

– As meninas devem estar à nossa espera – disse Anne quando ele finalmente a soltou.

No meio da sua confusão – sentia-se aturdida, tonta, mas o que acontecera na realidade? Talvez nada – enfiou-se pelo meio das urtigas e ficou com as pernas a arder.

Quando chegou a Inglaterra, fez amizade com uma rapariga chamada Bridget e, passado algum tempo, falou-lhe sobre Mr. Kilcoyne, contou-lhe como tudo começara e como ele progredira de a apalpar por cima da roupa para pedir-lhe que o seguisse até ao palheiro.

– Mas Anne, porque é que ias? Não conseguias arranjar uma razão para não ir? – quis saber Bridget. – Onde eu vivia, havia um homem que tinha uma loja e era como o teu Mr. Kilcoyne, e eu dizia-lhe sempre que a minha mãe estava à minha espera. Que se eu demorasse ela vinha à minha procura. E depois fugia a correr.

Estavam sentadas no muro baixo de uma escola nos arredores de Londres. Eram ambas ajudantes no hospital, ambas irlandesas, e viviam com um grupo de outras raparigas irlandesas que tinham encontrado através de um anúncio de jornal.

Porque é que eu ia? pensou Anne. Era uma boa pergunta, uma pergunta que, mesmo quarenta anos depois, não conseguia responder. Uma vez quase mandara a irmã, um ano mais nova do que ela mas que parecia mais velha em alguns aspetos, e Anne ouvira dizer na escola que ela tinha namorado. Mr. Kilcoyne aparecera à porta como de costume mas, em vez de vestir imediatamente o casaco, ela disse que não estava a sentir-se bem.

– A Bernadette pode ir – disse.

O pai baixou o rádio e esfregou as sobrancelhas hirsutas. Bernadette ergueu os olhos, surpreendida. Como numa pantomima escolar, tudo parou durante um segundo ou dois. Mas depois, antes que Bernadette ou Mr. Kilcoyne conseguissem

sequer responder, Anne continuou:

– Mas as meninas já estão habituadas a mim – disse.

Quando voltava para casa, o pai perguntava-lhe sempre pelas filhas de Kilcoyne, duas das quais ainda usavam fraldas quando tudo começara. Bernadette já tinha o chá feito e estava sentada ao canto, a abanar o pé, à espera que o tempo passasse. Uma vez quase lhes disse o que se passava, no dia em que Mr. Kilcoyne enfiou pela primeira vez a mão debaixo das roupas dela, aquela mão fria que tinha ajudado a parir um vitelo nessa manhã, mas o pai estava a beber o seu chá e a ouvir rádio e, quando deu por isso, ele já tinha enchido o cachimbo e saído novamente de casa. Ao vê-lo atravessar o pequeno pátio até ao caminho junto do estábulo, percebeu que nada mudaria mesmo que lhe contasse, exceto que o assunto ficaria no ar entre eles, sem ninguém o mencionar, tal como acontecia com a morte da mãe. Bernadette saiu a correr para falar com uma colega de escola que ia a passar na rua mais abaixo.

Anne arrependeu-se quase imediatamente de ter contado a Bridget. Contar-lhe, trazer aquela história para Inglaterra, estragou Inglaterra para ela. Quando partiu para a América, dois anos depois, sabia que ia ser mais inteligente. Não levaria nada da Irlanda consigo. Começaria a sua formação em Nova Iorque e compraria algumas blusas novas e cortaria o cabelo como Jackie Kennedy e nunca mais pensaria na Irlanda.

Mas aprendera uma ou duas coisas durante estes anos em que fora obrigada a passar horas com os médicos, primeiro no hospital bom e depois no que não era tão bom. Aprendera que o mais importante na vida de uma pessoa era a forma como essa vida começava, que era assim que as coisas funcionavam. Por que outro motivo os médicos estariam sempre a fazer-lhe perguntas sobre a infância, quando os eventos que a tinham trazido até ao hospital eram muito mais recentes? Virara costas à Irlanda no dia em que a deixara, mas ela ainda ali estava, atrás de si, como uma sombra que a seguia de um lado para o outro. O corpo que conduzira várias horas pela autoestrada para ver um filho com quem não falava há muitos anos, era o mesmo corpo que caminhara pela relva alta de St. Dymphna em 1967. Era o mesmo corpo que dera à luz dois bebês, o mesmo corpo que ficava rijo como uma tábua quando Mr. Kilcoyne respirava demasiado perto da sua orelha.

O princípio também fora importante para Peter, quer ele soubesse disso ou não. Todos aqueles anos de cuidado e ansiedade na casa de Gillam tinham deixado uma marca nele, algures.

Havia meses em que Anne fazia a viagem de quatro horas para ver Peter três vezes, e depois ficava lá seis, oito, às vezes doze horas seguidas. Ligava o rádio do carro enquanto esperava por um vislumbre dele, ouvia entrevistas a celebridades ou instruções para marinar um peru ou como se salvar se alguma vez ficasse presa no carro debaixo de água. Nessas viagens, se o tempo estivesse especialmente bom, parava no miradouro nas Palisades e sentava-se num banco a olhar para o majestoso rio Hudson. Muitas vezes, quando a sua mente estava tão sobrecarregada

de Peter que precisava de fazer uma pausa de pensar nele, obrigava-se a mudar de assunto, como um motor a soltar um bocadinho de vapor, e imaginava os terrenos de ambos os lados do rio como teriam sido em tempos. Imaginava como teria sido aterrorizador e empolgante e, por fim, frustrante para Henry Hudson. A questão era que, às vezes, quatrocentos anos pareciam uma quantidade de tempo impossível de compreender, e outras vezes pareciam quase nada. Um paciente do lar, um homem que trabalhara na universidade, falara-lhe uma vez sobre o antepassado comum de toda a humanidade, uma mulher chamada Lucy que vivera há mais de três milhões de anos. Em comparação com Lucy, Henry Hudson navegara este rio pela primeira vez apenas ontem. Em comparação com a primeira viagem de Henry Hudson pelo rio, Anne vivera na mesma casa que Peter apenas há um segundo. Menos do que isso.

Havia meses em que não ia vê-lo e dizia a si própria que já tinha visto o que queria ver – ele era saudável, era feliz – e que estava na altura de o deixar em paz. Dizia a si própria que saber onde ele estava teria de ser suficiente para ela, mas sempre que passavam alguns meses, começava a crescer dentro de si aquela mesma impaciência indefinida que sentira tantos anos antes em Gillam. Kate Gleeson era apenas uma rapariga suburbana vulgar, como um milhão de outras. Seria especialmente bonita? Não. Seria particularmente inteligente? Anne duvidava muito. O que era, então? Quando matutava muito tempo nesta pergunta as suas engrenagens internas começavam a girar mais depressa. Ele podia ter ido para uma universidade melhor. Podia ter sido médico ou senador, e ela poderia apontar para ele e olhar para a sua própria vida na Irlanda e conseguiria ver a enorme distância entre essas realidades. Mas vir de tão longe para criar um filho e ele se tornar polícia (tão irlandês, tão típico) e se apaixonar por uma rapariga qualquer – parecia um desperdício. Quando pensava demasiado em tudo isto, não conseguia dormir e passava horas a olhar para o teto.

Antes, pelo menos, podia obrigar Peter a ficar em casa com ela quando não queria que ele visse Kate. E agora aqui estava Kate, de braços cruzados, sempre entre Anne e o filho.

Tentou aceitar, inspirar e expirar e deixar a informação silenciar-se no seu cérebro, mas havia um lado de Kate que Peter não tinha visto ainda – o rosto dela, lívido e corado em frente da padaria húngara em Lexington naquela manhã, como se uma máscara lhe tivesse caído, e Anne pensara «Sim, exatamente, é mesmo *isto* que tu és» – mas essa era a história dos homens e das mulheres desde o princípio dos tempos. Nunca se viam claramente uns aos outros até ser tarde de mais. E contudo, mesmo enquanto pensava estas coisas, pensava também que havia algo digno de admiração na forma como Kate se dirigira a ela diretamente, na forma como a fitara nos olhos e lhe dissera para se afastar. Ela ama-o, pensou Anne nesse dia. Ama-o mais do que tudo o resto que tem na sua vida. E é feroz. Era possível que houvesse ali mais qualquer coisa do que Anne estava disposta a admitir.

Se não tinha coragem de abordar Peter, de tentar retomar a ligação com ele, então de que adiantava andar a vigiá-lo como uma perseguidora louca? Sabia que a

questão era essa, e não precisava que fosse o doutor Oliver a colocá-la. E o mais estranho era que Kate a via quase sempre. Era como se soubesse quando Anne ali estava e a procurasse com o olhar assim que saía da porta. Claro que também era possível que ela vivesse todos os dias com a mesma expressão de perseguida que tinha quando Anne estava a ver, mas Anne ficava sempre com a sensação de que ela sabia.

Foram viver juntos, para um apartamentozinho feio num piso térreo em Alphabet City. Anne perdeu-lhes o rasto durante alguns meses, mas depois o detetive encontrou-os. Uma tarde, quando nenhum dos dois estava em casa, Anne espreitou por entre as grades da janela e viu pratos no lava-loiça, um caixote cheio de garrafas vazias junto à porta, duas caixas de cereais em cima do balcão.

Já lá não ia há algumas semanas quando chegou o dia 11 de setembro de 2001. Pelo que via nas notícias, não valia a pena lá ir agora, porque não conseguiria chegar perto dele, nem de carro nem de transportes públicos, portanto ficou a ver televisão no aparelho que finalmente comprou e procurou o rosto dele nas imagens dos polícias que tentavam organizar o caos. Ele não estava morto. Se estivesse, Anne tinha a certeza de que saberia. Mesmo assim, queria ouvir a voz dele. Por isso, de poucas em poucas horas, descia, ia à cabina telefónica em Perry Street e, com um cartão pré-pago, marcava o número dele, um telefone fixo, mas tocava e tocava sem ninguém atender. Finalmente, no dia 13 de setembro, ele atendeu.

– Peter? – disse ela quando lhe ouviu a voz.

– Sim? – respondeu ele após uma breve hesitação. Parecia cansado. Peter esperou e esperou e esperou. Não vás para lá, queria ela dizer. Deixa isso para outras pessoas. Havia histórias de escombros a desmoronarem-se, de objetos que caíam de grandes alturas.

Ouviu a respiração dele do outro lado da linha quando desligou.

Cerca de um ano depois de terem ido viver juntos, Anne viu Kate virar a esquina com os sacos da roupa que tinha ido buscar à lavandaria. Viu-a parar para falar com uma mulher que parecia conhecer e viu-a mostrar-lhe a mão. Um momento antes estava muito séria, mas agora parecia radiante e acenou com a cabeça em resposta às palavras da outra mulher, enquanto os sacos da roupa roçavam no passeio imundo. Ainda estava a sorrir, com o queixo enfiado na gola do casaco, quando pegou nas chaves do prédio. De repente, Peter aproximou-se a correr e começou a mover-se mais sorratamente quando percebeu que Kate não o tinha visto. Aproximou-se por trás dela e agarrou-a pela cintura. O coração de Anne deu um salto dentro do peito.

Tinham casado, percebeu. Tentou ver a mão esquerda de Peter, como se um olhar mais atento pudesse dar-lhe os detalhes por que tanto ansiava. Os Gleeson teriam estado todos presentes? George? Teriam feito uma grande festa? De manhã cedo, Peter saiu sozinho. Anne sabia sempre quando ele já não trabalhava há alguns dias porque deixava a barba crescer, densa e forte, tal e qual como Brian

costumava fazer. Seguiu-o enquanto ele corria até ao parque, onde fez algumas elevações sem grande convicção e depois desistiu, sentou-se no alcatrão frio e por fim deitou-se para trás, com os braços e as pernas esticados. Tornara-se um pouco mais corpulento desde que ela o vira pela primeira vez, naquela noite de Halloween, há alguns anos. Viu-o franzir os olhos virados para o céu e depois fechá-los, enquanto o vapor da respiração formava nuvens sobre a sua cabeça. Há muito tempo que não o via depois de uma corrida.

Não sabia o que Kate fazia, mas os seus horários eram irregulares – antes costumava ir de transportes até Queens, mas agora apanhava o metro para a 26th Street. Os horários de Peter também variavam de uma semana para a outra, e às vezes ele chegava quando Kate estava a sair e paravam junto à porta do prédio para se abraçarem, falarem sobre coisas que Anne não conseguia ouvir.

Deixaram aquele apartamento em 2004. Anne pressentiu que havia alguma coisa a acontecer, apercebeu-se disso pela forma como eles se movimentavam e conferenciavam em frente ao prédio, e depois, nas suas visitas seguintes, nem sequer os viu. Por fim, reuniu a coragem necessária para espreitar novamente à janela, mas recuou rapidamente quando se deparou com um homem de meia-idade, corpulento, a cozinhar qualquer coisa num tacho, em tronco nu.

O homem veio à janela.

– Gosta do que vê?

Anne não se deixou intimidar.

– Não viviam aqui outras pessoas?

Ele riu-se.

– Provavelmente viviam, sim, mas agora vivo eu. – Mirou-a de alto a baixo. – Quer entrar?

Anne afastou-se com passo rápido.

O detetive privado que contratara há tantos anos já não estava em atividade, por isso teve de arranjar outro. Este deu-lhe uma morada em Floral Park e a fotografia de uma casinha de estilo Tudor que mais parecia a casa de gengibre dos contos de fadas. Confirmou-lhe também que eles eram casados. Tinham adiantado apenas dez por cento do preço da casa.

– Como é o quarteirão? O bairro? – Esta mudança apanhara-a de surpresa, embora, agora que pensava nisso, não podia esperar que eles vivessem naquele apartamento deles para sempre.

O detetive encolheu os ombros.

– O que é que quer saber?

– Não sei – respondeu Anne.

Manteve a distância durante meses e meses, mas estudou Floral Park no mapa, decorou o caminho que teria de fazer. O ano de 2005 chegou e ela ainda estava a tentar, sem sucesso, imaginá-lo numa casa que não era a casa deles em Gillam. Por fim, conduziu três horas até à cidade, passou por cima de uma ponte e seguiu para Long Island. Enquanto lia as placas, lembrou-se de que tinha estado uma vez numa

praia em Long Island, anos antes, com Brian, antes de serem casados, talvez na segunda ou terceira vez que saíam juntos. Tinha-se esquecido completamente disso e agora, de repente, conseguia ver Brian sentado na areia a dizer-lhe para ir nadar, que ele ficaria a tomar conta das coisas para que ninguém as roubasse. Na América, em Nova Iorque, dissera ele, tem sempre de ficar alguém a tomar conta das coisas.

A casa era pequena mas bonita, com neve nos beirais e por cima dos arbustos, uma luz amarela reconfortante no interior. O caminho de acesso era de pedra irregular. Olhou em volta, para todas as coisas que o filho devia ver quando saía de casa de manhã. Desligou o motor e procurou sinais de Peter, como se pudesse ver a sua velha bicicleta cá fora. Ao fim de pouco tempo viu Kate passar em frente de uma das janelas do piso térreo, com as cortinas abertas, as luzes interiores a iluminarem-na tão claramente como se estivesse num palco. Andava a arrumar a casa, ao que parecia, com um monte de roupa nos braços. Depois Kate passou de novo pela janela e Anne percebeu que o que ela trazia nos braços, encostado ao peito, não era um monte de roupa suja mas sim um bebé.

Demorou um instante a chegar à conclusão óbvia: o bebé era também de Peter.

Saiu do carro e posicionou-se num local onde estava protegida pelas sombras. Ali estavam eles outra vez. Kate Gleeson e o neto de Anne. Uma pessoa novinha em folha, feita a partir de nada. Anne lembrou-se de Peter quando era bebé, da rapidez com que ele se transformava. Durante muito tempo mal se conseguia mexer, e depois, um dia, levantou-se e pôs-se de pé sozinho. Outro dia, começou a andar. Outro dia, parecia já saber todas as palavras que alguma vez precisaria de saber numa vida inteira.

Passaram alguns carros e a cada um que passava Anne desviava-se da luz e jurava a si própria que se Peter chegasse a casa nesse momento iria falar com ele. Agora era ainda mais importante. Pensou no seu próprio pai, pela primeira vez em muitos anos. Ele morrera antes de Peter nascer, mas esta pequena pessoa que vivia num sítio chamado Long Island, Estados Unidos da América, não existiria se Anne não tivesse existido, e os seus pais antes dela, e por aí fora até ao início dos tempos. Pensou nas botas enlameadas do pai, recordou-o a cuspir lá fora, no quintal. Lembrou-se dos pequenos fios de tabaco que costumavam espalhar-se à volta dele quando estava sentado à mesa, que manchavam o chão se ela não os varresse rapidamente. Pensou em como ele e Bernadette deviam ter-se sentido sozinhos depois de Anne partir para Inglaterra, anunciando o seu plano numa quinta-feira para partir no sábado de manhã.

Pensou na mãe, em como muito dela própria podia também estar contido naquele pequeno corpo. De súbito, ficou gelada de preocupação.

Mas nenhum dos carros era de Peter, e ninguém saiu de casa, e por fim o céu iluminou-se com a claridade da manhã.

Quando deixou Floral Park, depois de descobrir que o bebé existia, partiu com planos para regressar em breve. Já não era obrigada a ver o doutor Oliver. Podia arranjar um emprego qualquer mais perto deles. Podia passar por lá e cuidar do

bebê uma hora ou duas se Kate quisesse ir às compras. Pensou no pouco que tinha no seu apartamento, em como conseguiria arrumar tudo e fazer as malas numa hora, se quisesse. No entanto, assim que estacionou o carro, subiu as escadas até ao apartamento, abriu a porta e se sentou na beira da cama, soube que Kate nunca a deixaria tomar conta do bebê, do seu neto. E, num momento de claridade perfeita, Anne percebeu que não conseguia culpá-la. Quando, uma hora antes, estava decidida a ir a casa apenas o tempo suficiente para fazer as malas e regressar imediatamente para junto deles, agora compreendia que o bebê só vinha complicar as coisas. Sabia que o tempo estava a passar, claro que sabia, mas sempre julgara que a dada altura, quando o momento fosse o ideal, acabaria por regressar à vida do filho e recomeçariam de onde tinham parado. Ele era casado, sim, mas era só Kate Gleeson. Agora, porém, havia um bebê, o que significava que ele ia mais adiantado na sua vida do que ela julgara. Fez contas. Peter já tinha vinte e oito anos. Teriam mais filhos depois deste, provavelmente. Aquilo que antes era penoso, seria agora insuportável.

Ia a Floral Park de poucos em poucos meses, mas só uma vez avistou Peter, e foi um vislumbre tão fugaz que quase nem contava. A porta da garagem abriu-se e ele apareceu. Pegou no caixote do lixo e puxou-o até à beira do passeio. Parecia cansado, preocupado. Ergueu os olhos para o telhado da casa. Esfregou os olhos. Depois enfiou a mão no bolso, tirou umas chaves, entrou no carro e arrancou, deixando a porta da garagem escancarada. O seu filho, no corpo deste homem adulto. Anne apertou o volante com tanta força que lhe doíam os dedos quando o largou.

Tirando essa vez, era sempre Kate que ela via. Kate com o bebê que entretanto já andava. Um menino. Caracóis castanhos. A torcer-se nos braços dela. E a seguir, não muito tempo depois de o bebê começar a andar, ali estava Kate a correr para o carro com outro bebê nos braços. Mesmo quando estavam dois carros estacionados em frente à casa e Anne pensava que ele estaria com certeza lá dentro, algures, tudo o que Anne via, de todas as vezes, era Kate a andar de um lado para o outro dentro de casa, a dizer coisas que Anne não conseguia ouvir.

– Aqueles bebês são meus netos – repetia em voz alta, uma e outra vez.

Antes, quando regressava a casa sentia-se triste mas, de alguma forma, reconfortada – ele estava bem, afinal de contas, tinha emprego, mesmo que fosse apenas um polícia; tinha uma companheira, mesmo que essa companheira fosse Kate Gleeson – mas desde o nascimento do primeiro bebê que se sentia agitada.

Viu também George, por duas vezes, embora ele estivesse diferente, e só à segunda vez é que percebeu quem era. Parecia mais alto do que antes e mais novo do que devia ser, mas isso não era possível, pois não? A forma como ele percorreu o caminho de acesso à casa disse a Anne que já lá tinha estado vezes sem conta.

Era demasiado penoso pensar nisso, portanto Anne arranjou coisas para fazer em Saratoga que a mantivessem afastada. Começou a fazer voluntariado no banco alimentar local todas as semanas. Passeava os cães das pessoas que iam de férias.

Tentou ler histórias às crianças na biblioteca mas os miúdos pareciam todos tão carentes, mais interessados em contar-lhe histórias sobre si próprios e os seus animais de estimação e os seus irmãos e os seus avôs do que em ouvir a história que ela estava a ler. Tinha a noção das idades dos netos, embora não soubesse quando faziam anos. Sempre que os via, depois de ter passado alguns meses sem os ver, era como se se tivessem transformado. Algumas vezes, demasiado cansada para fazer a longa viagem de regresso a casa, ficava num motel em Jericho Turnpike. Uma manhã, viu Peter a conduzir em direção a ela, ao chegar a casa. Mas estava encandeado pelo sol e não a viu.

Com quem se pareciam as crianças? Não eram parecidos com Peter, na verdade. Nem com Kate. O mais velho parecia ter já uns oito anos, a menina talvez seis. Na primavera, libertavam-se das camadas de roupa como se estivessem a mudar a pele, deixando casacos e camisolas em cima dos arbustos e nos degraus. Nos meses quentes, ligavam os aspersores na relva ao lado da casa e brincavam, de fato de banho, com outras crianças que Anne sabia que moravam ao fundo da rua. Já teriam conhecido os outros avós? perguntava a si própria. Claro que sim. Que palavra usariam para tratar Lena Gleeson? Será que Peter e Kate alguma vez lhes tinham falado em Anne? Até conseguia imaginar a história que lhes contariam sobre aquela noite terrível. Ou talvez optassem pelo caminho mais fácil e lhes dissessem simplesmente que ela tinha morrido. De cada vez que parava o carro junto ao passeio e o desligava, decidia que tinha chegado a altura, que finalmente, ao fim de tantos anos, ia sair e tocar à campainha e pedir desculpa por tudo e dizer que estava na altura de se voltarem a conhecer um ao outro. Pensava e debatia consigo própria qual a melhor maneira de o fazer e depois decidia: para a próxima. Uma e outra e outra vez: para a próxima.

E depois, em finais de junho de 2006, o cheiro de uma trovoada seguiu-a até à rua deles. Estacionou algumas casas mais abaixo, como de costume, quase escondida pelos ramos da árvore dos vizinhos, com o espelho retrovisor inclinado para conseguir ver a porta da casa. Era crepúsculo. Fez alguns cálculos rápidos, como fazia sempre quando lá chegava. Peter tinha trinta e nove anos, Kate ainda teria trinta e oito durante mais algumas semanas. Anne ligou o rádio baixinho, desembulhou a sua sanduiche e instalou-se para observar a casa enquanto ainda havia claridade. Depois de anoitecer completamente, deu uma pequena caminhada para esticar as pernas e se aproximar um pouco mais, com o capuz do casaco leve de verão na cabeça para o caso de algum deles sair. Olhou para os carros e para os canteiros e para as toalhas de praia penduradas a secar no corrimão do alpendre. Ele estava em casa. O seu carro estava estacionado à entrada, com o de Kate atrás. Aproximaram-se luzes na estrada principal e Anne acelerou o passo, baixou o queixo para o peito e virou a cara. O carro abrandou em frente da casa de Peter e Anne esperou até estar fora do alcance das luzes para se agachar e fingir que atava o sapato. Podia ser ele, talvez, alguém que vinha trazê-lo. Porém, quando olhou por cima do ombro, não foi Peter que viu mas outra pessoa familiar, um homem,

apesar de demorar alguns segundos a identificá-lo.

– Francis Gleeson – murmurou para as cigarras, para os aspersores automáticos que começavam a girar. Viu Francis atravessar o relvado, ignorando o caminho. Tentou ver-lhe bem o rosto, ver os danos que lhe causara, mas era impossível com a luz fraca. Viu-o bater três vezes à porta deles antes de simplesmente a abrir e entrar. Estava a acontecer alguma coisa.

Quando regressou ao carro, não se deu ao trabalho de olhar pelo espelho. Virou-se completamente para trás no banco, de costas para o volante. Observou a casa, para ver se Francis saía, ou Peter ou Kate, para ver se conseguia perceber o que se passava e quem é que estava com problemas. Ele tinha a mesma expressão no rosto que lhe vira naquela noite, tantos anos antes. Rezou para que não se passasse nada com uma das crianças.

Esperou e esperou e esperou, mas a casa não revelou nada e a porta permaneceu fechada. Então ele conseguia conduzir. A sua postura era boa, o passo apenas ligeiramente alterado, havia ali qualquer coisa na forma como baloiçava o braço de um dos lados, mas quem não soubesse podia nem sequer dar por isso. Lembrou-se que ele uma vez a transportara em braços através do jardim e pela escada acima, até ao quarto. Como é que abrira a porta sem a pousar?

Devia ter adormecido porque, quando acordou, o bairro estava mergulhado naquele silêncio típico do meio da noite, à exceção do som de uma pancada forte – uma, duas – no tejadilho do seu carro.

Abriu os olhos e viu, primeiro, que o carro de Francis Gleeson já lá não estava. Depois virou-se ligeiramente e viu o rosto de Kate Gleeson emoldurado pela janela do lado do condutor, que ela tinha deixado aberta para o ar circular. A noite estava quente.

– Valha-me Deus! – exclamou Anne, levando a mão ao peito.

– Não queria assustá-la – disse Kate.

Anne perguntou a si própria se Kate saberia sempre quando ela ali estava, de todas as vezes.

– Temos de falar – disse Kate.

Não significava que lhe tinha perdoado, disse Kate a si própria. Não significava que o passado já não interessava. Significava apenas que estava disposta a tentar tudo o que pudesse ajudar.

E havia coisas que ela queria saber – sobre Peter, sobre o pai de Peter, sobre Anne, sobre a Irlanda, sobre todas as pessoas ligadas a Peter pelo sangue, de modo a compreender melhor aquilo com que estava a lidar. George podia ajudar, talvez, mas sempre que sentia as perguntas a aproximarem-se ficava subitamente cheio de pressa para ir à casa de banho, ao frigorífico, ao carro. Mas para Peter... para Peter parava, tentava fazê-lo ouvir. Kate já os vira a conferenciar instalados lado a lado nas espreguiçadeiras. Vira-o aproximar-se de Peter junto ao grelhador e falar com ele em voz baixa.

– É o trabalho – dizia sempre George antes que Kate conseguisse completar uma frase sequer. Era o tempo. A hipoteca. Ser um homem. Mas franzia a testa enquanto via Peter a movimentar-se pela cozinha, a oferecer bebidas e coisas para comer. Peter bebia cerveja *light O'Doul's* quando George lá ia, uma após outra, como se a próxima pudesse saciar-lhe a sede.

– Bebe uma cerveja a sério – dissera-lhe George uma vez, no verão passado. Estavam no pátio, os miúdos a tentar apanhar pirilampos.

– Não, estou bem assim – respondera Peter.

– Mas já bebeste, não foi? Antes de nós chegarmos? E vais beber mais depois de nos irmos embora?

– George – disse Rosaleen.

– O Brian costumava fazer isso.

Peter limitou-se a olhar para ele e George devolveu o olhar durante tanto tempo que até Kate ficou pouco à vontade e teve de desviar o seu.

Quando é que tinha começado? Se ela tivesse toda a informação, talvez conseguisse compreender isto, encontrar esse momento crítico em que as coisas podiam ter seguido numa direção mas em vez disso seguiram noutra. Ela era uma cientista. Resolvia problemas. Desde que tinham ido viver juntos, acabavam sempre o dia com uma bebida ou duas. Quando ele estava no turno da noite, chegava a casa, dormia e talvez bebesse um copo depois de almoço, só para se entreter até Kate chegar a casa. Nunca tinham dinheiro para mais do que um copo ou dois nos bares de Manhattan, por isso geralmente bebiam em casa. Quando ele estava no turno do dia, bebiam um copo de vinho enquanto faziam o jantar e outro com o jantar. À medida que ficavam mais velhos, tornaram-se um pouco mais seletivos, aprenderam coisas como corpo, taninos, aroma. Peter aprendeu sobre tequilha e *gin*. Lembravam-se das bebidas baratas com que se davam por felizes na universidade e riam-se. Quando Kate estava no final da casa dos vinte, um copo de vinho tinto ao jantar a uma segunda ou terça-feira parecia sofisticado, e pensava muitas vezes na sua própria mãe, que bebia uma *Diet Coke* a quase todas as refeições.

Kate era capaz de estudos rigorosos, de chegar a conclusões complexas e lógicas. Desde as aulas de química orgânica na universidade que imaginava o mundo como uma máquina sempre em movimento: a girar, a moer, a transformar matéria noutro tipo de matéria. No dia em que percebeu que devia estar grávida – um cálculo rápido dos dias, o facto de ter os seios a transbordar do *soutien* – sentou-se no plástico estalado do seu banco de laboratório preferido, desinfetou o braço e prendeu o torniquete com os dentes. Fez primeiro um teste qualitativo: positivo para hCG. O teste quantitativo disse-lhe que estava grávida de aproximadamente sete semanas. Depois depositou todo o material usado nos locais devidos, baixou a manga e fez absolutamente tudo o que tinha para fazer nesse dia, mas com a sensação de ter sido atingida por uma estrela cadente.

O seu trabalho, na maior parte dos dias, era encontrar os contornos de um universo invisível e depois cartografá-lo para os outros o conseguirem ver. Fazia análises forenses a cabelos, fibras, fluidos corporais, impressões digitais, resíduos de pólvora, acelerantes de fogo, documentos, solo, metais, polímeros, vidro. No seu melhor dia, encontrara toda uma história contida no fecho de um casaco. Noutro dia, desvendara um enigma com um só fio de cabelo. Então porque não conseguia resolver também este problema?

*

Quando Frankie nasceu, Kate começou a reparar na rapidez com que Peter se servia da primeira bebida ao chegar a casa do trabalho, no quão ansioso estava para começar a beber, mas pensou que talvez estivesse apenas com inveja por ele poder manter a rotina habitual enquanto ela estava sempre preocupada com a amamentação, tirar leite, dormir tanto quanto podia. Não tinha mal nenhum um homem beber um copo ao fim de um longo dia. O pai dela bebia sempre dois uísques enquanto via o noticiário da noite, e a imagem do copo dele a deixar um círculo na *TV Guia*, onde o pousava, era sempre reconfortante, um sinal de que ele estava em casa, em segurança.

Então quando, exatamente, é que o som de uma garrafa a pousar no balcão da cozinha e o som de um copo a pousar ao lado dela começara a irritá-la, à medida que os anos passavam? Nos seus momentos mais pensativos – sozinha no carro a caminho do trabalho, ou no duche antes de o resto da família acordar – não parecia justo que se sentisse zangada com ele por beber um copo quando tão raramente o efeito se notava nele. Ele é maior do que eu, dizia a si própria, pesa mais trinta e cinco quilos. Consegue aguentar muito mais. Peter arrumava sempre a cozinha depois de jantar, ajudava com os banhos dos miúdos, lia-lhes histórias. Quando eram bebés, fazia os possíveis por os acalmar quando choravam a meio da noite. Pousava a mão na anca de Kate e dizia-lhe para continuar a dormir, e depois pegava em Frankie ou, dois anos mais tarde, em Molly, e embalava-os ou dava-lhes o biberão ou cantava-lhes baixinho. Não era culpa dele que nenhum dos filhos conseguisse sossegar enquanto não estivesse nos braços de Kate.

Uma vez, quando Molly tinha cerca de um ano, começou a chorar a meio da noite, o que não era invulgar. Kate estava tão exausta que se virou para pedir a

Peter que fosse pegar-lhe, mas Peter não estava na cama. Por isso Kate foi buscar a filha, tentou dar-lhe de mamar e, quando ela recusou, usando os punhos zangados para afastar o seio de Kate, desceu as escadas para ir aquecer um biberão. Quando chegou ao último degrau pareceu-lhe ver qualquer coisa escura no tapete da sala e ao acender a luz soltou uma exclamação abafada. Uma garrafa de vinho entornada, a manchar a carpete creme de vermelho sangue.

– Peter – chamou, tentando acordá-lo. Pensou nos dois vodcas com soda que ele bebera ao chegar do trabalho; depois tinham dividido uma garrafa de vinho ao jantar, mas na verdade Kate bebera apenas um copo e ele acabara com o resto; algumas cervejas depois de jantar, ela nem sabia quantas; e agora isto, outra garrafa de vinho. Não era uma quantidade extraordinária, mas era muito quando somava tudo, muito para uma noite de terça-feira, muito tendo em conta que ele bebera o mesmo na noite anterior e beberia o mesmo na noite seguinte. Quanto é que as outras pessoas bebiam quando estavam em casa sem fazer nada? perguntou a si própria.

A questão é que ele na verdade não bebia muito quando saíam, quando iam ter com amigos. Uns copos, sim, mas ao mesmo ritmo que toda a gente. Se ela o avisava antecipadamente que queria que fosse ele a trazer o carro, nunca havia problema. Era apenas em casa que bebia mais e mais. Mas levantava-se sempre para ir trabalhar no dia seguinte. Estava sempre exatamente onde devia, quando devia. Era paciente com os miúdos, e ouvia as suas histórias intermináveis, e fazia caretas engraçadas enquanto lhes enfiava colheradas de puré de batata na boca. Com certeza que uma pessoa que tivesse um problema com a bebida teria de faltar ao trabalho de vez em quando. Com certeza que uma pessoa que tivesse um problema com a bebida não conseguiria brincar aos *rodeos* com um bebé durante uma hora seguida quase todos os dias. Nessa noite, enquanto tentava ensopar o vinho da carpete com montes de papel de cozinha, recordou-se de uma autópsia recente no trabalho. Um homem fora encontrado morto junto de um pontão no Cais 57 e a morte fora considerada suspeita, embora não houvesse sinais de trauma no corpo. Os amigos diziam que ele não era consumidor de drogas. Bebia muita cerveja artesanal, considerava-se um conhecedor, mas não bebia vinho nem bebidas mais fortes. No relatório da autópsia, o patologista identificara fígado gordo com colestase e fibrose portal aguda.

– Um alcoólico – dissera Kate, ao ler o relatório. – Mas os amigos e família só mencionaram a cerveja. Acha que ele bebia às escondidas?

– Não necessariamente – respondera o patologista, olhando para Kate com expressão curiosa. – A ex-namorada disse que ele bebia oito ou dez cervejas por dia, todos os dias.

– Mas não bebia álcool.

– A cerveja é álcool, Kate.

– Sim, eu sei. Estou só... – Mas não sabia, exatamente, porque é que estava confusa.

Enquanto ensopava e esfregava a mancha da carpete e tentava ignorar os gritos

impacientes de Molly, enquanto Peter ressonava no sofá com a televisão aos berros, pensou que, se calhar, não fazia mesmo ideia do que era ter um problema com a bebida.

Na manhã seguinte, ao pequeno-almoço, apercebeu-se de que não conseguia pensar numa boa maneira de começar a conversa. Enquanto ele esperava que o café ficasse pronto, encostado ao balcão, perguntou-lhe em tom desconfiado se estava muito ressecado. Disse-lhe que descera e encontrara o vinho entornado, que por uma fração de segundo pensara que era sangue.

– Ressecado? – repetiu ele, cruzando os braços no peito. Kate sentiu as defesas dele a subirem.

– Bebeste bastante.

Mais uma vez ele pareceu surpreendido. E, na verdade, ela compreendia. Não bebera mais do que em qualquer outra noite, na realidade, e portanto, para ele, esta conversa era inesperada. Fora apenas para ela que alguma coisa mudara enquanto esfregava a carpete, com o coração a bater muito depressa, como se tivesse acontecido algo terrível. Era como se uma coisa desfocada que estava na periferia da visão lhe tivesse finalmente surgido à frente dos olhos.

– A mancha saiu? – quis ele saber. – Posso tentar tirá-la melhor com vinagre mais logo.

Era o tipo de informação prática que ele sabia: para vinho tinto, água morna com vinagre e um bocadinho de detergente da loiça.

– É capaz de ser tarde de mais para vinagre – disse Kate. – Mas, Peter...

Ele olhou para ela como se já soubesse o que ela ia dizer.

– Tens andado a abusar um bocadinho ultimamente. Tinhas mesmo de abrir aquela segunda garrafa de vinho? Os miúdos têm de estar na cama cedo esta manhã. Eu tenho de estar no laboratório às oito.

– Mas estou acordado, não estou? Eu disse que os levava e vou levá-los.

Passou ao lado dela para ir buscar a sua caneca preferida e serviu-se de café. E era verdade: ela sabia que nunca teria de se preocupar. Ele deixaria os filhos onde tinham de estar, sem um minuto de atraso.

Depois disso Kate começou a estar mais atenta, o que só serviu para que ele se tornasse mais dissimulado. Bebia menos quando ela estava acordada e mais depois de ela ir para a cama. O número de bebidas de cada dia estava sempre a pairar no ar entre eles, uma contagem que Kate não conseguia deixar de controlar. Não tinha o hábito de olhar para o caixote da reciclagem mas agora começou a fazê-lo, e todas as quintas-feiras de manhã, quando abria a tampa e espreitava, encontrava-o sempre cheio até acima.

Uma vez, Peter viu o que ela estava a fazer. Observou-a da garagem, provavelmente curioso por ela ter saído do carro ao fundo do caminho.

Kate apontou para o caixote e disse-lhe:

– É demasiado, Peter. Eu sei que tu tens a noção de que é demasiado.

A vida até aí regia-se por uma aritmética simples, dois mais dois eram quatro.

Mas lentamente, à medida que os anos passavam e as crianças cresciam, iam para a escola, Kate muitas vezes não conseguia que a soma fizesse sentido. Ele continuava a dormir ao lado dela, a menos que estivesse no turno da noite. Continuavam a comer bifes ao domingo, piza à sexta-feira. Continuavam a seguir as mesmas rotinas em casa, a fazer as coisas que sempre tinham feito, mais ou menos, mas ultimamente ela sentia a ausência de algo – felicidade, talvez – dentro do peito, naquele sítio onde antes sentia a alegria a transbordar. O que tinham dito um ao outro quando casaram continuava a ser verdade, pelo menos para ela. Queria ir trabalhar, voltar para casa, para junto de Peter, falar sobre o dia de ambos, jantar em família, ir para a cama. Queria ver um filme ao fim de semana, talvez dar um passeio, talvez ir jantar fora, talvez estar com os amigos. Queria poder dizer-lhe tudo, e que ele lhe dissesse tudo a ela. E ainda havia semanas em que era isso que faziam. Se conseguiam fazer todas essas coisas, e pagar as contas, e não odiar a hora de sair para o trabalho todas as manhãs, a hora de chegar a casa todas as noites, então isso era uma vida. Era uma vida fantástica, na opinião de Kate. O que lhe faltava? Se recordassem a si próprios que estas pequenas coisas eram suficientes, acreditava ela, então estaria sempre tudo bem. Isso fizera parte dos seus votos, tantos anos antes, quando subiram os degraus do Registo Civil numa terça-feira de manhã, o primeiro compromisso do dia. Tinhams prometido viver de forma simples e honesta e serem sempre bons um para o outro. Serem companheiros.

Porém, desde que as contas tinham deixado de bater certo, Kate estava constantemente a debater-se com um problema tão abstrato que era como tentar apanhar nevoeiro.

Se, no trabalho, tivesse tanta dificuldade em perceber qual era a coisa certa a fazer, simplesmente passaria os dados a um colega para pedir outra opinião. Mas pedir uma opinião em relação a este problema específico significava trair Peter, dizer às outras pessoas coisas sobre ele, sobre eles. Não podia falar com as irmãs, nem com a mãe. Muito menos com o pai. Sempre que ela parecia, mesmo que vagamente, crítica em relação a Peter, o pai recordava-lhe que podia sempre deixá-lo, voltar para casa, o seu quarto continuava à espera dela. Os miúdos podiam ficar com o antigo quarto de Nat e Sara.

– És feliz? – perguntara-lhe a mãe, poucos meses antes.

Kate tinha ido a Gillam visitá-los, com os filhos. Peter tentava não ir a Gillam se o pudesse evitar e nessa manhã dissera o que dizia sempre, que tinha coisas para fazer em casa. Insistia que não o incomodava ir lá, não o incomodava ver a sua antiga casa pintada de bege em vez de azul. Não o incomodava que os degraus de cimento que o pai construía tivessem sido substituídos por lajes. E Kate acreditava que essas coisas não o incomodavam porque tudo o que ele dizia fazia sentido: a casa estava tão diferente que já não sentia qualquer ligação com ela. E tinha sido tudo há tanto tempo. Contudo, sempre que lá iam isso tinha um preço para ele, quer se apercebesse ou não. As pessoas reconheciam-no. Paravam-no na rua e diziam que era bom vê-lo, perguntavam-lhe como estava, diziam que ele sempre fora tão bom rapaz, e que era uma alegria vê-lo agora crescido, feliz, um homem de família.

Kate pensava que era muito bom ele ser bem recebido apesar de tudo, que um filho da terra é sempre um filho da terra, mas depois olhava para Peter e via que ele estava a fazer um esforço para acenar com a cabeça e sorrir e aceitar os cumprimentos. Nunca ninguém lhe perguntava pela mãe ou pelo pai, e uma vez, quando ele explicou a Kate que esse era o motivo pelo qual achava estas trocas de palavras tão esgotantes, toda a gente a evitar o assunto que estava debaixo dos seus narizes, Kate disse-lhe que as pessoas o faziam por respeito, que não queriam que Peter pensasse que o consideravam igual aos pais.

Alguns dos polícia reformados sabiam que ele fazia parte da força policial e, quando sabiam que chegara a capitão, diziam imediatamente que Peter tivera sorte por ter estado sob a asa de Francis Gleeson. Estavam felizes por ele, e Kate fazia sempre questão de lho dizer. Não tinham má intenção.

– Eu sei – respondia sempre Peter, e negava que isso o aborrecesse, apesar de, durante horas após essas conversas, não dar grande atenção a ninguém. Ele e Francis estavam muitas vezes na mesma divisão, mas raramente a sós. Ou ficavam sentados em silêncio ou falavam sobre o presidente da câmara, ou sobre futebol, ou se o revestimento sintético valia o que custava. Qual era o problema de usar madeira a sério?

Na maior parte das visitas, Peter evitava sair de casa dos Gleeson. Lena pedira-lhe uma vez para dar um salto ao Food King para comprar qualquer coisa de que se esquecera e que fazia falta para o jantar – Kate e as irmãs estavam ocupadas a cortar ingredientes, a mexer tachos e a vigiar o assado – e ele ficara pálido e paralisado.

– Eu vou – disse Kate. Pegou nas chaves que estavam em cima do balcão e beijou-o ao de leve no rosto. Depois de regressarem a casa, ele passara vários dias quase sem abrir a boca. Aos poucos, Kate começou a deixá-lo em casa quando ia visitar Gillam. Nas ocasiões festivas organizavam os encontros em Floral Park ou iam a casa de uma das irmãs de Kate.

– O teu pai e eu achamos que não pareces muito feliz, ultimamente – disse Lena a Kate.

– Claro que sou feliz – retorquiu ela secamente.

Da primeira vez que ele chegou a casa bêbado a meio do dia, num sábado, Kate ficou tão surpreendida que se riu, apesar da preocupação crescente. Mais tarde essa gargalhada viria a assombrá-la, por aquilo que dizia sobre ela. Molly devia ter uns quatro anos, Frankie tinha seis. Peter saía para ir à loja de ferragens, depois de dizer que precisava de qualquer coisa para instalar as luzes de Natal no telhado, e demorara-se quatro horas. Quando chegou a casa vinha sorridente, falador, e disse que tinha encontrado um amigo. Puxou Kate para si, pela cintura, e encostou o rosto ao pescoço dela.

– Estás bêbado? – perguntou ela, sem pensar. Que mal tinha? Encontrara um amigo. Era quase Natal. Pelo menos parecia um pouco mais saudável que ele tivesse saído, estado com outras pessoas. Qualquer cenário era melhor do que

beber sozinho, na casa às escuras, a meio da noite.

Não voltou a acontecer durante várias semanas. Mas depois começou a acontecer com mais frequência, e ela começou a esperá-lo à porta quando ele chegava, só para ver como estava, se podia deixá-lo a sós com as crianças. Uma vez, obrigou-o a ir para a cama e ficar lá, apesar de serem apenas cinco da tarde, porque estava à espera da visita das irmãs e não saberia como lhes explicar, portanto resolveu dizer-lhes apenas que ele estava doente. Peter dissera-lhe uma vez que um polícia conseguia identificar um condutor embriagado, não pela forma descuidada como conduzia, mas sim pelo excesso de cuidado. Ambas as mãos no volante, sem nunca ultrapassar o limite de velocidade até que – *ups!* – o carro pisava o risco contínuo só por um instante. Kate lembrava-se disso nas noites em que ele punha a mesa – o cuidado e a atenção com que pousava cada prato. Ou quando ele lhe perguntava como tinha sido o seu dia, a forma como enunciava cuidadosamente uma palavra depois da outra e fazia as formas certas com os lábios.

E depois, numa quinta-feira como qualquer outra, Peter chegou a casa dez horas mais tarde do que devia. Kate pensou que ele com certeza ficara a fazer um turno duplo e se esquecera de lhe ligar. Geralmente ele jantava à hora do pequeno-almoço quando chegava a casa de manhã, por isso, depois de tratar das crianças, tirou uma costeleta de porco do congelador. À hora de sair para o trabalho ele ainda não tinha chegado, por isso saiu e esqueceu-se do assunto, mas quando regressou a casa ao final da tarde e viu a carne ainda no prato em cima do balcão, há muito descongelada, começou a ficar preocupada. Quando Peter finalmente chegou, com a camisa desfraldada, o rosto macilento e mais velho do que apenas vinte e quatro horas antes, percebeu que tinha acontecido alguma coisa.

– Katie – disse ele, entrando em casa aos tropeções. Levou as mãos à cabeça e depois dirigiu-se a ela.

– O que aconteceu? Diz-me, depressa – pediu ela.

O pai de Kate apareceu nessa noite, sem ser convidado. Kate estava no sofá com as crianças, a ler uma enciclopédia sobre animais que Frankie trouxera da escola, a fingir que estavam só os três sozinhos em casa, que o papá ainda estava no trabalho. Kate manteve um tom de voz ligeiro para que eles não percebessem a violência com que o seu coração batia, que tinha as mãos suadas, que quase lhe faltava o ar. Ergueu os olhos do livro e viu a silhueta do pai à porta. Devia ter suspirado ou feito outro som qualquer porque os filhos olharam para ela, curiosos, e teve de contrair o corpo todo para não desatar a chorar quando ele abriu a porta. Que veterano intrometido ligara ao seu antigo tenente, por saber da ligação entre ele e Peter? Ou talvez estivessem sempre a ligar-lhe, a apresentar-lhe relatórios semanais. Conseguia imaginar a discussão em casa dos pais quando ele dissera a Lena que ia pegar no carro e conduzir até Long Island. E de noite, ainda por cima. Quando entrou em casa dela, Francis olhou em volta tão calmo que Kate pensou

por uma fração de segundo que talvez estivesse ali por outra razão.

– Mas que surpresa – disse ela, esforçando-se por disfarçar o tremor na voz.

Ele não podia resolver o problema, tal como ela também não podia, mas mesmo assim sentiu uma vaga avassaladora de alívio quando o pai apoiou um joelho no chão e estendeu os braços aos netos.

– Avô! – exclamaram Frankie e Molly, e correram para ele.

Mais tarde, depois de Kate ter a certeza de que as crianças estavam a dormir, fez-lhe um chá mas ele recusou-se a sentar-se.

– Havemos de resolver as coisas – disse ela, enquanto beberricava o chá como se fosse uma noite qualquer da sua vida.

– Onde é que ele está?

– Não percebo porque te deste ao trabalho de vir de tão longe. Foi um dia complicado. Ele está exausto. Sim, disparou a arma em serviço. Está arrasado por causa disso, mas ninguém ficou ferido.

– Graças a Deus. Ou por mera sorte. Uma coisa ou outra.

Kate concordou, mas em silêncio. Passara a noite a imaginar o universo alternativo em que ele ferira alguém, ou pior.

– O que se passa com ele, Kate?

– Nada. – Kate atarefou-se a limpar as migalhas da mesa para a palma da mão.

– Não sei porque estás a fazer um drama tão grande.

Francis parecia abalado.

– E se ele tivesse matado alguém? O que raio é que ele estava a fazer? Sabes que se tivesse atingido alguém o nome dele estaria na primeira página de todos os jornais amanhã? Haveria manifestações em frente à câmara. Seria crucificado. E com razão. Com toda a razão.

– Eu sei, pai. Mas não feriu ninguém. – Kate sentou-se em cima das mãos para que ele não as visse a tremer.

– Onde é que ele está? Quero falar com ele. – Francis espreitara para o quarto no piso de cima quando fora dar as boas noites aos netos. Espreitara para o pequeno escritório contíguo à sala, onde eles tinham um sofá. Abrira a porta da garagem e acendera a luz. Finalmente, parou de olhar em volta quando viu a porta da cave fechada.

– Deixa-o em paz – pediu Kate. Fez uma tentativa pouco convicta de bloquear a porta, mas Francis empurrou-a para o lado e apoiou-se no corrimão enquanto descia a escada longa e sombria.

– Peter – disse Francis, quando parou ao lado dele. O ar ali em baixo cheirava a bafio e a televisão estava sintonizada no canal que parecia estar sempre a passar o jogo da World Series de 1986, o jogo, dissera Peter uma vez a Kate, que lhe ensinara que tudo era possível. Peter estava a dormir profundamente, com a boca aberta. Tinha uma garrafa entalada entre o sofá e a cadeira.

Francis olhou em volta.

– Há quanto tempo é que isto dura?

Kate recusou-se a responder.

– O filho do Bobby Gilmartin diz que têm andado a encobri-lo.

Peter agitou-se e continuou a risonar.

– Isso não é verdade. Não faças as coisas piores do que são.

– É verdade, Kate. – Francis fitou-a com o seu único olho. – Podes acreditar.

Eram como telefonistas dos velhos tempos, estes polícias veteranos. Sabiam tudo e discutiam tudo e nunca, nem por um momento, lhes ocorria que já não eram polícias, mesmo que, como Francis Gleeson, já tivessem entregado o distintivo há décadas. Kate estava furiosa com o pai, com todos eles, mas parte dela sabia que, quanto mais tempo ficasse furiosa, mais tempo a vergonha demoraria a instalar-se.

– Ele nunca beberia em serviço – disse Kate. – Foi um acidente. Sacou da arma, como os outros todos, e acha que tropeçou.

Francis levou a mão à pálpebra fechada sobre o olho falso.

– Como é que ele estava quando saiu ontem para o trabalho?

Cansado, foi o que Kate quase respondeu. Estava no turno da tarde e todas as tardes dessa semana Kate pensara: «É hoje, hoje é que ele vai ter de ligar e dizer que não pode ir.» Mas depois, como todos os dias, ele enfiou-se no duche à última da hora. Fez a barba, tirou uma camisa lavada do saco da lavandaria. Encheu o copo de café e saiu. Ficou irritado quando ela lhe perguntou se tinha a certeza de que devia ir e passou por ela sem dizer nada, saindo de casa em direção ao *Explorer* preto que vinha com a patente, e na verdade parecia estar bem. Mas quando ela entrou na casa de banho, ainda repleta do vapor do duche dele, levantou o nariz como um cão perdigueiro e sentiu o cheiro a *gin*.

– Estava bem – respondeu ao pai.

– Peter – chamou Francis mais bruscamente. Inclinou-se, agarrou no ombro do homem mais novo e sacudiu-o com força. Era arrogância, decidiu Francis. Uma arrogância criminoso. Tal e qual como o pai dele. O pai mais do que a mãe, até. Pelo menos a mãe tinha um problema mental. Uma doença, talvez. Mas isto era um crime do ego, uma pessoa acreditar que conseguiria enganar os outros melhor do que os restantes.

– Eu defendi-o – disse Francis, olhando para baixo. – Garanti que ele era digno de confiança.

– E é.

– Há aqui mais qualquer coisa. Tenho a certeza disso.

O telefone tocou nesse momento e Kate subiu os degraus da cave dois a dois para atender, para se distanciar do resto do pensamento do pai. Era Lena. Calculara que Francis estava com ela e implorou a Kate que o obrigasse a dormir lá.

– Por causa da visão dele – disse. – Nunca conseguirá voltar para casa. Os faróis dos carros em sentido contrário fazem-no ver halos. Foi ele próprio que o admitiu. Não acredito que foi tão imprudente.

Mas quando Kate desligou e olhou para o pai, que a seguira pela escada, achou que ele parecia capaz de conduzir até à Lua.

– Não disseste à mãe que vinhas cá. Não lhe contaste o que aconteceu.

– Não – admitiu Francis. – Deixo isso contigo. Estou tão zangado. Esta gente de merda.

– Qual gente?

– O Peter. Eles todos.

– Todos quem? Os colegas do trabalho? Ou a família dele? A família na qual nasceu sem ter culpa nenhuma disso. Vamos voltar a este assunto? Ou se calhar nunca o deixámos.

Francis virou-se para ela.

– Estás a ver, Kate? Estás a ver o que fazes sempre?

Pegou nas chaves do carro, olhou uma última vez para a porta da cave e disse-lhe que ela e os miúdos podiam voltar para Gillam quando quisessem. Podiam ir com ele agora mesmo. Baixou a cabeça e levou novamente a mão ao olho. Como seria fácil pegar nos filhos, pensou Kate, sair porta fora com ele, pôr as crianças no carro e disparar para Gillam, metê-los na cama lá – os lençóis sempre lavados e frescos, a casa sempre quente e acolhedora – e acordar com Lena a fazer papas de aveia para todos de manhã. Mais tarde, Lena descascaria batatas para uma tigela com água fria e pediria a ajuda das crianças, ensinar-lhes-ia como segurar na faca, Francis leria o jornal em voz alta e toda esta confusão podia ficar exatamente onde estava. Ela podia levar os filhos pela mão até ao sítio onde a sua vida tivera início e começar a esquecer tudo isto. *Os filhos*. O pai dela adorava-os e fora um avô devotado desde o instante em que a barriga de Kate começara a esticar o tecido da *T-shirt*, mas era evidente que não pensava neles como pertencendo também a Peter. Era como se fingisse que Kate os gerara completamente sozinha. Quando Lena dizia, às vezes, que Frankie era parecido com Peter quando este era criança, Francis estudava o menino como se não compreendesse de que forma é que tal coisa tinha acontecido, como se temesse mais surpresas.

Kate sabia que se lhe pedisse para ficar, ele ficaria. Instalar-se-ia imediatamente no sofá e passaria ali a noite, a semana toda se fosse preciso. Não pediria uma manta. Não pediria para tomar duche. Ficaria exatamente onde ela precisasse dele, até Kate lhe dizer que podia ir-se embora. Só de o imaginar ali, sentia-se melhor, como se alguém lhe tivesse atirado uma boia de salvação, como se a casa onde se encontravam estivesse construída de forma mais sólida. Queria tanto que o pai ficasse que teve de se sentar, de lhe virar a cara durante um bocadinho, caso contrário ele perceberia.

– Estás exausta – disse ele.

– Não estou nada.

– Calculo que ele amanhã tenha reunião com o representante do sindicato.

– Reuniram-se hoje.

– Queres que eu fique? – perguntou ele.

Kate sentiu um formigueiro atrás do nariz.

– Não – disse. – Está tudo bem.

– Podia sair antes de ele acordar. Se quiseres.

– Não. Vai para casa, para junto da mãe. – Agradeceu-lhe por tudo. Pediu-lhe

que desse um toque para o telefone quando chegasse a casa, para ela saber que chegara bem. Mas ele não se mexeu.

– Kate – disse.

– Vai – pediu ela. – Por favor. Eu ligo-te amanhã.

Não moveu um músculo até ouvir a porta do carro dele a fechar-se, o som do motor a desaparecer ao fundo do quarteirão.

Depois de ele sair, trancou as portas, apagou as luzes todas e olhou lá para fora, sem nenhum motivo concreto. E foi então que viu o pequeno carro preto estacionado no sítio do costume, onde os ramos do ulmeiro dos Harrison pendiam para a estrada, por cima do passeio. Há algum tempo que não via o carro e vê-lo agora, logo esta noite, pareceu-lhe revestir-se de algum significado especial. Olhou para o carro de dentro da casa escura durante alguns minutos, a espreitar por entre as tiras da persiana como um espião num romance. Quando se cansou de estar em pé, puxou uma cadeira e sentou-se.

Não podia prosseguir com a sua rotina habitual, não esta noite. Não podia subir a escada como se estivesse tudo bem, lavar a cara e os dentes, dizer a si própria que tudo seria melhor de manhã. Ele explicara-lhe tudo várias vezes, mas faltava qualquer coisa, um pormenor crucial qualquer que ele não estava a partilhar. Andavam a vigiar esta organização criminoso há meses. Tinham tudo aquilo de que precisavam para cair em cima deles, e assim fizeram. Fora tudo planeado, organizado. Os turnos tinham sido alterados para que as pessoas certas pudessem estar nas posições necessárias. Já tinham a sala controlada, estavam a fazer detenções. O espetáculo terminara, e contudo fora nessa altura que Peter disparara a sua arma.

– O que queres que te diga mais? – perguntou ele quando ela lhe pedira que explicasse tudo outra vez. – Ninguém ficou ferido.

O chefe ilibara-o no local, sim, mas poucas horas depois Peter foi colocado em serviço restrito. Havia coisas que aconteciam, Kate sabia disso tão bem como qualquer polícia. Mas porquê serviço restrito, como se temessem pela segurança dele ou, apercebeu-se Kate algumas horas depois, pela segurança das pessoas à sua volta? O que é que ele fizera ou dissera naquelas horas depois do tiroteio, para causar alarme nos seus superiores?

– Vou perguntar-te isto só uma vez – dissera-lhe ela calmamente, e quando fez a pergunta preparou-se com todas as suas forças para a resposta. – Estavas bêbado?

– Não – respondeu ele, ofendido. Escandalizado. E foi nessa altura que desceu para a cave.

Eu podia deixá-lo, pensou ela agora. Se não conseguissem resolver este problema juntos, ela podia resolvê-lo sozinha. Podia fazer a mala dos miúdos e a sua e sair de casa. Ou, melhor ainda, podia dar uma mala a Peter, dizer-lhe que a enchesse e saísse. Kate tinha um bom emprego. Os miúdos estavam na escola. Tinha família que a ajudaria se precisasse de ajuda.

Kate continuou a olhar pela janela para o carro de Anne Stanhope. A divisão de assuntos internos entrevistara todos os presentes no local e, segundo Peter, todos

tinham descrito o sucedido exatamente como Peter fizera. A sala estava num caos. Ele tropeçara em qualquer coisa no chão. Dirigiu-se logo de seguida ao hospital da Universidade de Nova Iorque, onde o representante do sindicato se encontrara com ele, mas isso era apenas o procedimento habitual sempre que algum polícia disparava a sua arma. Kate sabia que, no hospital, tinham examinado os ouvidos de Peter, confirmado que ele não sofrera qualquer lesão. Talvez tivesse acontecido alguma coisa no hospital – talvez ele tivesse dito ou feito algo que os deixara desconfiados.

Há muito tempo que Kate sentia que estava à espera de alguma coisa, e agora acontecera alguma coisa. Olhou pela janela para o carro preto e soube que, através da escuridão, Anne Stanhope podia estar a olhar para ela.

Nunca dissera a ninguém que Anne andava a segui-los, que os vigiara durante todos aqueles anos. Nunca sentira sequer a tentação de falar nisso. Uma vez, a mãe perguntara-lhe se se sentia assustada quando pensava em Anne, onde quer que ela estivesse, e Kate percebeu que toda a sua família ainda pensava em Anne como uma pessoa no limiar da violência, como se, até ao dia da sua morte, ela fosse capaz de enfiar a mão na mala e tirar uma arma. Kate já não tinha medo, pelo menos dessa forma. Sentia-se zangada, às vezes, mas na maior parte do tempo sentia-se apenas nervosa, como se devesse pedir desculpa de alguma coisa, como se também ela tivesse feito algo de mal, embora não conseguisse dizer o quê. Não era lógico. Ela não fizera nada errado – amava Peter, por isso casara com ele. Foi George que lhe contou, pouco depois de ela e Peter se terem casado, que Anne Stanhope perdera um bebé. Perdera um bebé com a gravidez já tão adiantada que estava quase na altura de ele nascer. George disse-lhe que ela deu à luz um nadomorto e Kate imaginou o silêncio sinistro nessa sala de partos, enquanto os outros bebés choravam nas salas ao lado.

Sim, Peter sabia, confirmou George. Ele nunca lhe contara.

Uma vez, quando Molly mal começara a andar, Kate viu o carro lá fora e mandou as crianças irem brincar para o jardim. Estavam numa idade em que nunca brincavam na frente da casa, pelo menos sozinhos, mas nesse dia ela mandou-os lá para fora e ficou a vigiá-los da garagem, para confirmar que Molly não ia para a estrada. Para ela os ver, pensou nesse dia, afinal de contas são netos dela. Mais tarde, não conseguiu decidir se o fizera por ser cruel ou por ser magnânima.

Antes de perceber o que estava a fazer deu por si na rua, a percorrer rapidamente o caminho em frente da casa, com o coração a bater com força na garganta. Se alguém tinha culpa do problema com que Peter se debatia agora, era a mãe dele. Portanto vamos lá informá-la, pensou Kate. Ela que carregue parte da responsabilidade. Ela que saiba que as consequências das suas ações ainda se fazem sentir. Porque havia ela, a pessoa que mais o tinha prejudicado, de ficar sentadinha no carro sossegada, a observar sem participar? Kate deu a volta ao carro até ao lado do condutor e ali estava ela, Anne Stanhope, toda torcida no banco, a

dormir profundamente. O carro estava cheio de cascas de amendoim e recibos de gasolina e copos de café vazios.

Kate bateu duas vezes no tejadilho para a acordar, depois dirigiu-se à porta do lado do passageiro e abriu-a antes que Anne pudesse opor-se. Varreu tudo o que estava em cima do banco para o chão do carro enquanto Anne a observava. A noite estava quente e o carro cheirava a cascas de banana.

– O seu filho – disse Kate. Não estava ali para fazer conversa de circunstância nem para pôr a escrita em dia. Olhou para as janelas escuras da casa dos vizinhos e fingiu que estava a falar consigo própria. Agora que estava aqui fora, sentada ao lado desta mulher, tão perto dela, não sabia o que dizer. Não havia parte nenhuma da sua vida que fosse da conta de Anne. Mas talvez Anne pudesse iluminar a situação de alguma maneira.

– Aconteceu alguma coisa?

– Ele teve um dia complicado no trabalho.

Anne esperou.

– Disparou a arma. Ninguém ficou ferido, mas mesmo assim.

Anne pousou as mãos no volante.

– Falas como uma polícia. Também és polícia?

Kate olhou para o espelho retrovisor lateral.

– Não.

Kate sentia Anne a observá-la.

– Acho que...

– Sim?

– Ele tem andado a abusar. Acho que isso teve alguma coisa a ver com o que aconteceu hoje.

Qualquer pessoa normal perceberia o que ela queria dizer, mas bastou um olhar para o rosto de Anne para Kate perceber que teria de ser mais clara. Teria de dizer a esta mulher, a esta desconhecida, aquilo que não dissera aos seus próprios pais, às suas irmãs, aos seus amigos.

Mas primeiro:

– Ele chegou tão longe, sabe? É capitão. Temos dois filhos.

– Eu sei.

– E é um pai fantástico. Tem tanto jeito para eles. Os miúdos adoram-no. É extraordinário.

Tendo em conta os exemplos que tinha em casa, era o que queria acrescentar, mas as palavras estavam lá de qualquer maneira, mesmo sem as dizer.

Kate apoiou a testa na mão quente.

– Isto é um disparate – murmurou.

– Aconteceu mais alguma coisa?

– Ele bebe muito.

– Não. O Peter é parecido com o Brian por fora, mas nesse aspeto saiu mais a mim. Ele não bebe.

Kate olhou para a mulher mais velha e, quando viu que Anne estava a falar a

sério, sentiu uma gargalhada crescer dentro de si. Por isso deixou-a sair e riu-se até estar a chorar, com a cabeça inclinada sobre os joelhos. Anne manteve as mãos no volante, muito apertadas, como se estivesse a conduzir através de uma tempestade. Kate não queria saber. Assim que se aproximara do carro, decidira que diria tudo o que lhe apetecesse dizer.

– Não sei mesmo o que fazer. – Era o que ainda não tinha dito a ninguém em voz alta. Nem ao pai, nem a Peter, nem mesmo a si própria.

Anne largou o volante e encostou-se no banco.

– Onde é que ele está agora?

– Lá dentro. A dormir.

Depois de alguns minutos de silêncio, Anne perguntou:

– Como se chamam as crianças?

– Frankie. É diminutivo de Francis – disse Kate. – E Molly.

– Quantos anos têm?

– O Frankie tem dez. A Molly, oito.

– Molly é diminutivo de Mary?

– Não. Chama-se mesmo Molly.

– Há alguma santa chamada Molly?

Kate olhou para ela.

– Não importa – disse Anne. – É só porque nunca me teria ocorrido dar um nome desses a uma criança. A tua mãe não se importou? Por não haver nenhuma santa Molly?

Lena não ficara contente, mas Kate decidiu que Anne não precisava de saber disso.

– Não desgosto. Do nome Molly.

Kate soltou um som desdenhoso para indicar que tanto lhe fazia que Anne gostasse ou não. Assim que não quisesse estar mais naquele carro, simplesmente abriria a porta e sairia. Mas, e depois? Peter não via a mãe desde que tinha quinze anos, mas Kate tinha de acreditar que conhecer um filho nos seus primeiros anos de vida significava conhecer tudo o que era mais essencial nele. Kate conhecia Peter melhor do que qualquer outra pessoa neste mundo, mas havia alguém que o conhecera primeiro.

Anne mexeu em algo que tinha no colo. Um velho porta-CD.

– Não sei como posso ajudar o Peter – disse. – Mas gostava muito de tentar. Gostava de falar com ele.

Kate tamborilou uma melodia na porta do carro com as pontas dos dedos. Uma canção *pop* que passava constantemente na rádio nesse verão. O que é que imaginara? Que chegaria ali e Anne lhe transmitiria as palavras de um feitiço mágico e depois podiam novamente seguir cada uma o seu caminho?

Pensou em Peter, inconsciente na cave, pensou em como ele se fechava ultimamente sempre que tentava discutir com ele as suas preocupações.

– Está bem – disse Kate, ao fim de algum tempo. – Pode vir almoçar connosco. Mas preciso de tempo. Tenho de o avisar, de o habituar à ideia. Ele está a lidar com

esta situação no trabalho e já é de mais. Não posso dizer-lhe nada enquanto isto está a acontecer. Acho que ele não conseguiria processar a ideia.

– Quando?

– De sábado a quinze dias? Que dia é? – Kate contou mentalmente. – 16 de julho. – Respirou fundo.

– Alguma vez lhe disseste... que eu tenho estado por perto?

– Não.

– Sempre tive essa dúvida.

– Seria demasiado confuso para ele.

Anne olhou para a mulher do seu filho, a mãe dos filhos dele, e teve um pensamento semelhante ao que tivera tantos anos antes, depois do confronto em frente à padaria em Lexington. Ele não quer vê-la, dissera Kate a Anne nesse dia. Ela ama-o, pensou Anne, e, tal como a maioria das pessoas, acha que as coisas que está a dizer são a verdade.

– À uma hora – disse Kate, e abriu a porta do carro. Seria só essa vez, disse a si própria. Não havia necessidade de contar ao pai, à mãe, às irmãs. Não tinha nada a ver com eles; tinha a ver apenas com Peter. E a família dela faria um grande drama sem necessidade. Não compreenderiam. Algures, havia foguetes a rebentar. O ensaio antes do 4 de Julho. Apercebeu-se de que estava a tremer apesar de a noite estar abafada. Anne Stanhope estaria dentro de sua casa, a comer uma sanduíche, daqui a apenas duas semanas. Era incompreensível. E contudo, naqueles minutos a sós com ela no carro, Anne não parecera uma estranha a Kate. O seu perfil. O maxilar sobre o pescoço longo. O nome de Anne era um nome que ouvia desde que estava na barriga da mãe. Até a forma como ela apertara o volante lhe parecera familiar, quase como estar com um parente há muito perdido. E depois Kate apercebeu-se, com um sobressalto, de que era exatamente isso que Anne era.

A comissão médica marcou uma audiência para setembro. Entretanto, Peter recebeu ordens para falar com o psicólogo duas vezes por semana.

– Duas vezes? – disse Kate quando ele lhe contou. – Credo.

Devia ter-lhe dito que só era obrigado a ir uma vez por semana, e depois iria a segunda vez sem ela saber. Mas não gostava de lhe mentir.

Tinha duas semanas de baixa, depois duas semanas de férias, e quando regressasse iam mandá-lo para outra esquadra, para um cargo administrativo. E nessa altura faltariam poucas semanas para a audiência.

– Mas não compreendo – insistia Kate. – Para que é a audiência? Se o chefe de serviço te ilibou no local e ninguém ficou ferido, não percebo a necessidade de uma audiência.

Dia e noite, ele conseguia ver pela expressão no rosto dela que estava a tentar perceber. E tinha razões para estar confusa. Só Peter sabia aquilo que ela não sabia: que foram aquelas horas no hospital que acabariam por mudar as coisas. E ele já tinha uma repreensão antiga no cadastro por ter aparecido na Central com o hálito a cheirar a álcool. Um advogado da Assistência Jurídica apresentara queixa ao delegado-chefe e Peter foi chamado no dia seguinte. Disse então ao delegado-chefe que tinha ido almoçar ao Old Town, encontrara um amigo, era uma vez sem exemplo, e o delegado avisara-o de que não podia voltar a acontecer, de maneira alguma. Disse-lhe também que ele próprio lhe parecera sentir o cheiro a álcool no hálito de Peter uma vez, mas decidira que se tratava apenas da sua imaginação e agora não tinha tanta certeza disso. Peter podia ter recorrido da acusação, talvez, mas simplesmente aceitou a repreensão e prescindiu dos dias de férias que lhe foram retirados como punição e nunca falou no caso com ninguém. O que realmente aconteceu foi que entrou no Old Town para beber um copo, porque gostava do Old Town e estava a passar à porta. O empregado do bar serviu-lhe uma segunda bebida. Mas duas bebidas num homem que pesava quase cem quilos não era nada, não influenciava mais o seu dia do que se bebesse *ginger ales*.

Quando saiu dessa reunião com o delegado-chefe, foi uma das primeiras vezes em que Peter perguntou a si próprio se gostariam dele no trabalho. Fora promovido, era respeitado, mas não sabia se as pessoas gostavam dele. Tinha reputação de fazer tudo segundo as regras. Ia às festas e pagava rodadas mas era uma pessoa reservada. Partia do princípio de que seria uma das coisas que diziam sobre ele: que nunca ligava a ninguém nos dias de folga, que não convidava outros polícias para churrascos nem ajudava a organizar os jogos de basebol. Às vezes, na chamada, antes de estarem todos instalados, ficava de pé à frente dos outros, a remexer nos papéis durante alguns segundos extra, para que eles continuassem a falar. Fazia-lhe lembrar os aquecimentos antes do treino em Dutch Kills, as vozes a subir e a descer – tanto na escola como agora – a passarem por ele como um rio passa por um baixio. O agente Vargas ajudara o agente Fischer a instalar uma casa de banho nova no quarto, e não era a ajuda que surpreendia Peter, mas sim o facto

de eles permitirem com tanta naturalidade que os outros entrassem nas partes mais íntimas das suas casas. Alguns iam de férias juntos todos os anos, passavam fins de semana em Lake George ou Long Beach Island. Os filhos conheciam-se uns aos outros. As mulheres falavam ao telefone. Era tudo demasiado íntimo, pensou Peter. Ele ia trabalhar e vinha para casa. Era um bom polícia no sentido em que olhava pelos seus homens e eles olhavam por ele, mas isso fazia parte de ser polícia. Numa sala fechada, onde ninguém os pudesse ver nem ouvir, o que diriam sobre ele? Nunca tinha pensado nisso antes, mas agora pensava.

O pai costumava dizer que a única diferença entre ele e Francis Gleeson era que, por alguma razão, toda a gente gostava de um sotaque irlandês e por isso nunca se aborreciam com Francis. Mesmo depois, quando Francis estava no hospital em reabilitação e Brian a orientar o trânsito, manteve sempre a sua história: toda a gente gostava de Francis Gleeson. E depois levantava as mãos para o céu como se não percebesse porque é que não gostavam também dele.

Peter disse a Kate que só tinha ido ao hospital por precaução, como qualquer polícia depois de disparar a sua arma. O que não mencionou foi que, durante o exame aos ouvidos, quando a enfermeira quis ver se ele tinha os tímpanos intactos, Peter quase não conseguira parar de andar de um lado para o outro o tempo suficiente para ela introduzir o instrumento. Tinha o corpo todo a tremer. Era ridículo que a arma se tivesse disparado sem que ele percebesse sequer como é que isso acontecera. Quando a enfermeira saiu, pediu ao representante do sindicato, um tipo chamado Benny, para ir a uma loja de bebidas que ele conhecia na First Avenue e lhe comprar algumas daquelas garrafinhas de cinquenta mililitros antes que o médico chegasse. Ambos sabiam que ia ficar aqui umas boas horas. Precisava de se acalmar.

E quando Benny recusou uma e outra vez – na verdade, julgava que Peter estava a brincar – Peter atravessou a sala e empurrou o outro homem com força no peito. Vestia apenas uma bata de hospital e peúgas pretas, mas era um tipo grande, um metro e noventa, e Benny era magro e tinha apenas um metro e setenta. O médico entrou nessa altura, viu o que estava a acontecer, e quando o seu rosto se fechou como se não estivesse sequer disposto a ouvir a explicação de Peter, este sentiu o corpo a vibrar como um motor a acelerar. Pegou no teclado do computador que estava em cima da mesa e arremessou-o contra a parede como se fosse um *frisbee*. Tinha os olhos tão secos que ardiam de cada vez que pestanejava.

O médico saiu para o corredor tão depressa como tinha entrado. Quando Peter deu por isso, estavam seis pessoas no quarto. Benny, leal contra tudo e contra todos, avisou-o para não dizer uma única palavra.

– Muito bem, agente, ah... Stanhope – disse o médico, confirmando o nome na ficha. – Não queremos ter de o amarrar. Damos muito valor ao trabalho que faz por esta cidade e sabemos que já passou por muito hoje. – Peter viu que o homem corpulento ao fundo do quarto tinha um par de algemas almofadadas em cada mão.

Acalmou-se imediatamente, como se alguém lhe tivesse despejado um balde de água fria na cabeça. Apareceu outro médico, para uma avaliação psicológica, e os

restantes saíram do quarto. Demorou tudo tanto tempo que uma pequena parte de Peter teve esperança de que Benny, com pena dele, tivesse ido comprar as garrafinhas de qualquer maneira.

Nos primeiros dias tentou entreter-se na garagem. Decidiu que, se tinha de estar em casa, ao menos podia ser útil. Faria um par de cadeiras, ou coisa do género, e quando acabasse talvez conseguisse perceber porque agira como agira, porque é que não conseguia controlar-se. Porém, desistiu ao fim de pouco tempo, entrou no carro, foi à loja de bebidas, voltou, desceu para a cave e ligou a televisão. Sentia os olhos de Kate em cima de si onde quer que fosse.

O problema começara tanto tempo antes de Kate tocar no assunto que, de certa forma, Peter até tinha pena dela, porque sabia que ela se orgulhava de ser perspicaz, de ser observadora, filha de um polícia e tudo mais. Ela não bebia muito, mas estava habituada a pessoas que bebiam. Tanto quanto Peter sabia, Francis Gleeson bebera pelo menos três uísques, todas as noites, ao longo de toda a sua vida. Kate gostava de um copo de vinho de vez em quando, mas um segundo copo punha-a logo a dormir. E desde que os filhos tinham nascido que não podia dar-se ao luxo de ficar sonolenta a menos que tivesse a certeza de que eles já não acordariam mais nessa noite, o que nunca acontecia.

– Água! – gritavam eles muito depois de lhes apagar a luz, como se achassem que ela estava agachada no corredor, à espera para satisfazer todos os seus desejos. – Luz! Mantinha! História! – Cada pedido era um ardil para a atrair e conversar com eles mais dez minutos.

Uma noite, antes de tudo acontecer, um ano antes, talvez, depois de acabarem de jantar, Kate mandara os miúdos para a sala ver televisão e depois detivera-o antes de ele descer para a cave para lhe dizer que isto não lhe agradava, o facto de ele se enfiar lá em baixo a beber sozinho. Por um segundo, por meio segundo, mesmo antes de ela falar, Peter pensara que ela tinha mandado os miúdos saírem da cozinha para o beijar, e o seu coração deu um salto de prazer e surpresa. Ultimamente ela procurava-o durante a noite, agarrava-se a ele. Ainda esta manhã se encostara à parede da casa de banho a vê-lo lavar os dentes. Sob o olhar dela, Peter sentia-se mais alto. Talvez ela tivesse passado o dia ansiosa por o apanhar a sós, e essa ideia fê-lo sentir-se feliz, vivo. Uma vez, quando ainda tinham uma cancela de segurança a bloquear a saída do quarto dos brinquedos, ela pousara o prato que estava a limpar, tirara as mãos dele da água com detergente e colocara-as nas suas ancas. A pontinha das clavículas dela espreitava por cima do decote e, quando Peter passou o dedo sobre a pele nesse local ela arrepiou-se.

– Anda – disse Kate, já não a sorrir mas em tom sério e urgente e, deixando os pratos amontoados, desceram alguns degraus da escada da cave e fecharam a porta. Quando ela gritou ele parou, porque o timbre da sua voz parecia diferente, mas ela disse-lhe para continuar e só mais tarde, depois de regressarem à cozinha, as crianças ainda sentadas em frente da televisão como que hipnotizadas, é que ela levantou a parte de trás da camisola – agora de forma diferente – e lhe perguntou se

tinha feito ferida no sítio onde o degrau de madeira se cravara nas suas costas.

Desta vez, assim que percebeu que o objetivo dela não era esse, sentiu-se estúpido por ter pensado que ela queria privacidade por outra razão.

– Kate, por favor. Vou lá para baixo para ver televisão em paz.

E, em grande medida, era verdade. Tinham proibido a televisão durante a maior parte do dia, mas quando a da sala estava ligada era sempre num canal infantil. Se ele se atrevesse a mudar para a CNN ou ESPN, os miúdos lamentavam-se e choravam e atiravam-se para o chão, até ele ceder e voltar a mudar o canal.

– O problema é esse – dizia sempre ela. – Tu é que és o pai. Achas que alguma vez me passaria pela cabeça dizer ao meu pai para mudar de canal?

Mas porque havia de se aborrecer quando podia simplesmente ir lá para baixo, onde ninguém treparia para cima dele, ninguém daria saltos no sofá ao seu lado, onde ela não esticaria a cabeça para lhe perguntar se tinha tratado dos recibos do gás, como prometera. Às vezes, desde o instante em que desligava o carro à porta de casa, Peter sentia-se encurralado. Às vezes, conseguia ouvir as crianças a discutirem antes mesmo de abrir a porta e ficava ali parado à entrada a ouvi-los. Era preciso aparar as sebes. Frankie se calhar precisava de óculos. O seguro cobria óculos? O extrato do cartão de crédito tinha uma data de débitos que Kate não reconhecia, ele sabia o que era? O relvado estava cheio de ervas daninhas. Estavam a pagar mais impostos. Kate andava a aborrecê-lo para ir ver o algeroz do telhado, e quanto mais ela se oferecia para simplesmente chamar alguém para tratar disso, mais ele se sentia acusado de alguma coisa.

– Não te incomoda que a vida seja apenas isto? – perguntara-lhe ele uma vez, anos antes. Kate tinha Molly nos braços e estava a embalá-la para a tentar acalmar.

– O quê? – gritou por cima dos gritos agudos da filha. – O que é que disseste? – Peter sabia que era melhor não repetir a pergunta. Nesses anos, sempre que a ama não podia ficar com a bebé, Kate passava o dia inteiro no laboratório com Molly ao peito num porta-bebés.

Mas isto era diferente e ele percebeu logo. Parecia mais formal. Como uma intervenção só de uma pessoa. Ela passara o dia a ensaiar o que queria dizer-lhe.

– Bom, se queres beber, porque é que não bebes aqui, à mesa? Porque não bebes comigo? Eu bebo um copo de vinho contigo. Porque tens de te isolar? Às vezes ficas lá em baixo a noite toda. Porquê?

Não havia forma de responder a nenhuma dessas perguntas. A verdade era que ele não sabia porquê, mas Kate nunca aceitaria essa resposta e, se ele lhe desse conversa, ela ia continuar a insistir, como se a lógica estivesse no centro de tudo. Peter percebera logo que ela tinha qualquer coisa em mente nessa noite, e agora que sabia o que era só tinha vontade de vestir o casaco e sair de casa durante algumas horas. E quando viu que ele já estava irritado – Peter sabia como ela pensava, perdida por cem, perdida por mil – Kate decidiu dizer o resto.

– Já agora, onde estão aquelas duas caixas do clube de vinhos que chegaram no mês passado? Era um mês de bónus. Eu ainda nem sequer tinha aberto as embalagens.

– Se já sabes a resposta, porque é que estás a perguntar?

– Quero que me digas que bebeste duas caixas de seis garrafas de vinho em duas semanas. Quero que te oiças a ti próprio a dizer isso em voz alta. – E depois acrescentou: – Além do resto, sabe-se lá o quê.

– Vai-te foder, Kate – disse ele, e Kate empalideceu como se ele a tivesse esbofeteado. Deixou-se cair numa cadeira e olhou para a parede com expressão desconcertada. Da sala, chegavam até eles os sons das Tartarugas Ninja. Peter nunca, nunca falara com ela assim. Arrependeu-se imediatamente. Nem sequer tinha o hábito de falar assim, pelo menos com mulheres. Com a sua mulher. Com Kate, a pessoa que amara a vida inteira.

E como sempre, nos primeiros momentos depois de uma discussão, Peter repisou os mesmos factos: estava praticamente por sua conta desde os catorze anos. Conseguira acabar o ensino secundário, a universidade. Subira rapidamente na carreira. Nunca fizera absolutamente nada de errado. Nunca se atrasara sequer com as papeladas. Ganhava um bom salário. Fazia horas extra sempre que podia. Alguma vez Kate tivera de fazer horas extra? Não que ele se lembrasse. As crianças, dizia ela. Tinha de ir buscar os miúdos, estar em casa para eles, levá-los aos jogos e festas de aniversário e ao pediatra e ainda ir às aulas e tirar o mestrado para ter um aumento de dois por cento, que seria gasto para pagar a alguém que ficasse com as crianças para ela poder ir a essas aulas.

Peter pediu desculpa pelo que dissera. Pediu desculpa na hora e mais cem vezes nas horas que se seguiram. Quando, depois de todas essas horas, ela continuava inflexível, disse-lhe que era injusto estar a gritar com ele daquela maneira quando ele não fizera nada de errado.

– Gritar? – disse ela, virando-se finalmente para ele. – Quem é que estava a gritar? Eu só queria falar contigo sobre uma coisa que me estava a incomodar. – Suspirou. Ambos sabiam que, se esperassem, o mal-estar se dissiparia ao fim de alguns dias. Nenhum deles conseguiria estar muito tempo zangado com o outro. – Além disso – continuou ela –, ambos sabemos que só ficas zangado quando sabes que estás errado. – Kate fitou-o calmamente, com os olhos límpidos. – Odeio discutir. Tenho de te dizer uma coisa e quero que me oiças com atenção, Peter. Ouve bem o que te vou dizer. Não vou continuar a viver desta maneira muito mais tempo.

– O que queres dizer?

– Quero dizer que eu e as crianças temos outras opções.

– E o que é que isso quer dizer?

Mas ela não adiantou mais nada e ele não voltou a perguntar, e de súbito abriu-se uma porta que ele nunca percebera que ali estava e imaginou-a a caminhar em direção a ela, de mão dada com os filhos.

Às vezes, Peter tentava pensar no início do casamento, naqueles anos que tinham vivido no apartamento e nos primeiros anos nesta casa. As memórias pareciam quase demasiado doces para serem reais. Não teriam discussões? Deviam

ter, mas não se lembrava de nenhuma. Uma vez, antes de Frankie nascer, estavam com receio de não ter dinheiro suficiente para o pagamento da prestação da hipoteca nesse mês, por isso pegaram num enorme frasco onde iam enfiando as moedas e levaram-no ao banco, onde o despejaram pouco a pouco na máquina de contar moedas. Era tão pesado que tiveram de dividir o conteúdo por três mochilas, e Peter levava duas delas. O total foi oitocentos e cinquenta e sete dólares e, enquanto o empregado da caixa lhes trocava o dinheiro em notas de vinte, pareceu-lhes um milhão.

Faziam todas as coisas que imaginavam que qualquer casal faria: serões no bar local, cinema, passeios ao sábado de manhã com sanduíches nas mochilas. Às vezes lembravam-se do encontro marcado através do avião de papel, aquela noite em que se tinham encontrado à meia-noite, em que tinham corrido de mão dada pela rua, e de alguma forma, para ambos, aquela meia hora sozinhos por cima do baloiço abandonado dos vizinhos era uma coisa distinta do que acontecera mais tarde nessa mesma noite. Ao longo dos anos, os dois eventos foram-se separando cada vez mais na memória de Peter. Teria mesmo acontecido tudo na mesma noite? Uma noite muito longa? Kate falava frequentemente da fantasia que tinha nessa altura, de ir jantar a restaurantes com ele. De serem adultos, tirarem as compras do carro e a arrumá-las juntos nos armários. Ao princípio, quando o via vestir-se, Kate lembrava-lhe que quando ela tinha catorze, quinze, dezasseis anos, quando as amigas sonhavam com mansões e casamentos de contos de fadas, isto era tudo o que ela queria, voltar a conhecer Peter, que a imagem das costas nuas de Peter fosse uma coisa normal para ela, que as roupas que ele vestira na véspera estivessem por cima das costas de uma cadeira que era também a cadeira dela, debaixo de um teto partilhado, com os seus bebés a dormir ao fundo do corredor. Que a forma e o calor dele ao seu lado fossem familiares. Que as suas coisas e as suas vidas estivessem tão interligadas que nenhum deles saberia como as separar.

Peter sabia exatamente o que ela queria dizer, mas era cansativo estar sempre a pensar nisso, arrastar constantemente atrás de si o peso da história que partilhavam. Tinham vencido. Estavam juntos. Porquê insistir em pensar sempre nas mesmas coisas? Kate pensava no dia do casamento como a conclusão de algo, enquanto ele o via como um princípio. Uma ação ascendente em vez de uma ação descendente. Estavam a ler livros diferentes.

– Contempla – dizia ele, interrompendo os pensamentos dela com um gesto teatral na direção da montanha de roupa suja a transbordar do cesto. – Todos os teus sonhos se realizaram.

Além disso, se o casamento fosse a conclusão de alguma coisa, o que é que isso significava para todos os dias que vinham depois?

Alguns minutos antes das cinco horas, no sábado de manhã, apenas doze horas depois de Kate lhe contar que falara com a mãe dele, Peter acordou de um sonho em que corria numa prova de corta-mato.

– A minha mãe, disseste tu? – repetira ele na véspera, estupidamente.

Aproximava-se uma tempestade. Peter sentia-a nos ossos, apesar de o céu de verão ainda estar azul. E, tal como esperava, um relâmpago cortou subitamente o céu e quando as crianças entraram em casa, aos gritos, Kate mandou-as logo para cima para poder continuar a dizer-lhe aquilo que tinha de lhe dizer. E não era o que ele esperava que ela dissesse. Estava nervosa, tão nervosa que Peter se preparou para o pior. Kate sentou-se em frente dele e puxou a cadeira para mais perto, até ficarem com os joelhos encostados. Pegou-lhe nas mãos e ele pensou: «Vai dizer-me que me vai deixar.» Sentiu um suor gelado espalhar-se por baixo da *T-shirt*, uma leve náusea invadir-lhe o corpo. Mas foi como preparar-se para um murro no pescoço e em vez disso levar um pontapé nos rins. Ainda estava a tentar organizar os pensamentos quando Kate avançou com os detalhes: que a mãe usara um detetive privado para descobrir a morada deles e que aparecera ali em casa uma noite, há duas semanas. Na noite depois do que acontecera no trabalho de Peter. Peter estava na cave, inconsciente.

– Oh, merda para isto – disse Peter, largando-lhe as mãos quando a sua mente compreendeu o que ela lhe estava a dizer. Levantou-se, por isso Kate levantou-se também. – O que é isto? O que é que estás a fazer?

– Nada! – exclamou Kate. – Ela é que apareceu aqui! Não podia deixá-la entrar, tendo em conta o estado em que tu estavas, por isso disse-lhe que podia voltar depois.

Peter saiu da cozinha, empurrou a porta das traseiras e atravessou o quintal apesar de estar a chover torrencialmente, mas Kate continuou a segui-lo.

Quando percebeu que ela não ia desistir, parou e virou-se.

– Estamos a falar da minha mãe. – Fitou-a nos olhos em busca de confirmação definitiva. – Anne Stanhope.

O sentido de oportunidade dela era curioso, admitiu Kate, tendo em conta tudo o que acontecera nas últimas semanas.

– Para dizer o mínimo – respondeu Peter.

– Está bem – concordou Kate. No entanto, já antes de Peter ser transferido para serviço restrito, disse ela, já antes de Anne aparecer, Kate andava ultimamente a pensar cada vez mais que Anne carregara Peter no corpo dela tal como Kate carregara os filhos no seu. Durante muito tempo, Kate pensara em Anne apenas como a pessoa que ferira o pai. Esquecera-se de que ela era também a mãe de Peter. Não só em título, mas na prática, pelo menos ao princípio. Anne dera-lhe a comida à boca, e consolara-o, e limpara-o, tal como Kate fizera pelos filhos, e isso merecia alguma coisa, não era? perguntou Kate a Peter enquanto afastava o cabelo molhado da testa. Era algo em que ela nunca tinha pensado antes de ter filhos, disse. No trabalho que Anne fizera até ao momento em que ela e Peter se tinham separado.

– Talvez o facto de não teres uma mãe na tua vida seja a razão para...

– A razão para quê?

– Vamos para dentro, está bem? Vamos secar-nos e conversar.

– Não. Diz o que tens a dizer. A razão para quê?

– Não sei. Só estou a imaginar como seria se eu cometesse um erro terrível e nunca mais voltasse a ver o Frankie. O que é que pesa mais? O bom ou o mau?

– Não me ver foi escolha dela, não minha.

– E agora parece que ela está a fazer uma escolha diferente.

– Então achas que devo abrir-lhe a minha vida? Tenho quase quarenta anos. Há vinte e três que não a vejo. Vinte e três anos. E ela não teve qualquer interesse por mim ou por nós em todo esse tempo.

– Bem... – Kate olhou para a casa e não concluiu o pensamento.

– O que é? Há mais alguma coisa?

– Não.

– E o teu pai? – perguntou Peter.

– Não estou a dizer que consigo ultrapassar aquilo que ela fez ao meu pai – disse Kate –, mas para já consigo separar isso do facto de ela ser a tua mãe, tal como eu sou mãe do Frankie e da Molly. É só por uma hora, mais coisa menos coisa, e depois ela vai-se embora. Porque eu acho que ela realmente te amava, Peter. E acho que pode ajudar-te, voltar a vê-la.

Ele ouviu cada palavra e, quando ela acabou de dizer o que queria dizer, voltou para dentro. Pela primeira vez em muitos anos, foi para a cama antes dela.

De vez em quando, quando acordava subitamente, Peter trazia dos seus sonhos uma sensação de desorientação total, e nesse meio segundo, ou menos, compreendia que a pessoa deitada ao seu lado era Kate mas parecia-lhe uma estranha, e tudo nela – a forma do seu perfil, o cabelo espalhado sobre a almofada – lhe parecia desconhecido. Não só desconhecido, mas aterrorizador na sua familiaridade presumida, como um daqueles filmes em que a pessoa acorda numa família diferente e ninguém acredita que não é quem parece ser.

– Estás acordada? – murmurou, e, embora ela não respondesse, não ficou convencido de que a mulher estava mesmo a dormir.

Enquanto a observava – estava realmente a dormir, via-o agora – sentiu-se invadido por uma vaga de amor avassalador. Como ela devia estar desesperada, para concordar em deixar entrar Anne na sua casa. Como desejava que Kate tivesse corrido com a mãe dele e nunca lhe tivesse falado no assunto.

– Kate – chamou. – Ei, Kate?

– Sim? – murmurou Kate, ainda de olhos fechados.

– Lembras-te daquele dia em que eu trepei ao poste telefónico?

Kate ficou em silêncio, talvez a tentar lembrar-se, ou talvez tivesse voltado a adormecer.

– Devia ser verão, porque eu estava de calções. Tínhamos nove ou dez anos.

– Não me lembro – disse Kate. Ao longo dos anos, sempre que Peter se lembrava de alguma coisa que Kate não recordava, a reação dela era sempre dizer-lhe que estava enganado, que ela não estava lá, que devia estar a confundi-la com outra pessoa qualquer. Isto, claro, até ele por fim conseguir conduzi-la até esse recanto da memória que ela fechara: tinhas isto ou aquilo vestido, era o teu *frisbee*,

era o meu tabuleiro ouija. Ambos tinham aprendido que uma memória é um facto que foi tingido e remendado e enxaguado tantas vezes que se torna quase irreconhecível para qualquer outra pessoa que estivesse naquela sala, qualquer outra pessoa que estivesse de pé na relva ao lado do poste telefónico.

Lentamente, a mente de Kate silenciou-se até restar apenas o som daquela sineta remota. Lembrou-se de estar sentada no passeio em frente de casa, a enfiar pauzinhos na grade do esgoto. Passado algum tempo, apareceram mais miúdos, e alguém sugeriu que tentassem trepar ao poste telefónico.

– Oh, acho que já me lembro – disse.

Na altura, Kate opusera-se:

– Não temos onde nos agarrar – dissera.

– Eu consigo – afirmara Peter.

Era uma coisa que se esperaria de Kate, não de Peter, e ele perguntou-se agora se, naquele momento, estaria a tentar ser mais como ela. Começou por correr até ao poste e saltar, para tentar ficar o mais acima que conseguisse. A seguir, depois de se agarrar durante alguns segundos, começou a trepar, como uma minhoca, com os braços apertados à volta do poste enquanto levantava os joelhos, apertando-o com as coxas quando tinha de subir os braços. Foi ela que começou a torcer por ele.

– Peter! Pe-ter!

Momentos depois, todos o incentivavam em coro.

E depois, a dois terços do poste, ele parou. Tinha os braços demasiado cansados e estava com medo de cair. Enquanto Kate teria gritado uma desculpa qualquer para os outros, inventado um obstáculo, uma boa razão para descer para a segurança do solo, Peter disse simplesmente que tinha medo de subir mais e ninguém troçou dele por causa disso. Os cabos pretos presos ao poste estavam talvez a dois braços de distância.

Assim, aliviou a força com que se segurava e deslizou um pouco pelo poste abaixo. De repente, parou e gritou, com o corpo todo a tremer.

– Socorro! – exclamou com voz sufocada, num grito estrangulado e agudo. Parecia uma menina, e Kate riu-se. Nat e Sara estavam lá. Os Maldonado. Quem mais? Então, antes que qualquer um deles pudesse reagir, Peter largou-se e caiu de costas na relva.

– Estás bem? – perguntou alguém, mas ele estava a gemer baixinho, com os joelhos dobrados e encostados ao peito.

Quando deram por isso, a mãe de Peter saiu de casa a correr.

– Mostra-me – disse ela, ajoelhada ao lado de Peter. Peter afastou os joelhos alguns centímetros, o suficiente para ela ver, e dos joelhos até às virilhas tinha dezenas de farpas de madeira espetadas na pele mais sensível do interior das coxas. Kate passou a mão pelo poste e fez uma careta. Era liso quando a mão deslizava para cima, mas áspero quando deslizava para baixo.

E agora, deitada na cama a oitenta quilómetros e trinta anos de distância, Kate sentiu a aspereza do poste na palma da mão, uma memória tão forte que cerrou o punho com força. Como um círculo traçado no ar da noite por um pauzinho

luminoso a rodar rapidamente na mão de uma criança, a imagem ficou ali suspensa por um segundo e ambos a viram: os joelhos ossudos de Peter, a relva seca pelo sol, Kate ao lado do poste a olhar para ele de boca aberta com mais quatro ou cinco miúdos. Outro círculo formou-se no ar: o pai de Kate – cinco minutos depois? Um dia? – a gritar que se Peter tivesse tocado naqueles cabos podia ter morrido, que podia ter sido Kate se ela se tivesse oferecido para ir primeiro e conseguisse chegar lá acima. Kate esperou que ele acabasse de gritar e depois perguntou calmamente como é que os pássaros conseguiam empoleirar-se nos cabos se era assim tão perigoso.

– Sim, já me lembro, porquê? – perguntou Kate?

– Não sei se alguma vez te contei o que aconteceu depois.

E por isso contou-lhe agora. Dentro de casa, uma casa que era sempre tão séria vista de fora, tão pouco amistosa, a mãe abriu um lençol limpo sobre o sofá e dissera-lhe para se deitar. Pusera-lhe uma almofada debaixo da cabeça. Antes de começar a trabalhar numa farpa, limpava o local cuidadosamente com álcool, e enquanto puxava cada farpa com uma pinça dizia que ele devia ser muito forte para ter conseguido subir tão alto naquele poste. Ela, assegurou-lhe, não conseguiria aguentar-se nem por um segundo. Demorou quase uma hora a tirar as farpas todas, e uma delas, lembrava-se Peter, era do comprimento do seu dedo mindinho. A mãe dera-lha para ele inspecionar. A seguir, preparou-lhe um banho morno, abriu um sabonete novo e disse-lhe para se lavar com cuidado para não apanhar uma infeção. Antes de ele se despir, foi buscar dois rebuçados que pousou na beira da banheira.

– Para ser mais agradável – disse.

Kate ouviu com atenção, mas sem perceber o que ele queria dizer.

– Eu sei que ela me amava – explicou Peter.

Quando chegou o dia em que Anne Stanhope iria a casa deles e se sentaria a comer à sua mesa, nenhum dos dois sabia bem o que fazer, como agir, o que vestir ou como explicar aos filhos quem era esta pessoa que os vinha visitar.

– Não podes ligar-lhe e cancelar? – perguntou Peter a dada altura, mas Kate não sabia o número dela, não tinha maneira de a contactar. – Bom, então quando ela chegar diz-lhe que eu não estou cá – disse.

– A sério? – perguntou Kate. – É mesmo isso que queres que eu faça?

Peter disse-lhe para o deixar em paz, que precisava de dez minutos para pensar. Mas pensar só tornou as coisas piores.

– Vamos tirar os miúdos de casa – disse Peter, quando percebeu que ia mesmo acontecer.

Kate pegou no telefone para ligar a uma amiga que tinha dois filhos da mesma idade de Frankie e Molly, mas acabou por não lhe telefonar porque não lhe ocorreu nenhuma boa desculpa para precisar subitamente de alguém que olhasse pelas crianças a meio de uma tarde de sábado em pleno verão. Pensou em ligar para Sara, que se mudara para Westchester há alguns anos e que não se importaria de vir buscar os sobrinhos, mas isso significava contar a Sara o que se passava. Por fim, decidiram deixar os filhos ficar. A seguir ao pequeno-almoço, Kate colocou a sua expressão mais alegre no rosto e disse-lhes que tinha uma novidade empolgante para lhes dar, que a mãe do pai, que vivia muito longe, vinha visitá-los nesse dia e estava ansiosa por os conhecer, por isso tinham ambos de se portar muito, muito bem.

Peter, pálido e imóvel junto ao lava-loiça, cruzou os braços e assentiu com um aceno. Fez um esforço para sorrir e Kate sentiu o coração apertado por ele.

– Tens uma mamã? Não acredito! – exclamou Molly, e abraçou Peter como se quisesse dar-lhe os parabéns por tamanha alegria.

Quando as crianças saíram da cozinha, Kate perguntou pela segunda vez se ele não queria ligar a George. Ter outra pessoa presente podia facilitar as coisas.

– Ela não vai gostar – disse Peter. – Nunca gostou dele.

– Mas devia estar-lhe agradecida.

– Exatamente. Por isso é que não vai querer vê-lo.

– Mas tu querias que o George aqui estivesse, não querias?

Era verdade que gostava que George lá estivesse, mas não queria perturbá-la quando ela já devia estar tão nervosa. Era um velho hábito, antecipar os estados de espírito da mãe, um hábito ao qual regressou facilmente. Kate dizia que ela lhe tinha parecido calma, mas isso não significava que seria a mesma pessoa quando aparecesse hoje.

– Está bem, liga-lhe – cedeu Peter. George ligara para o telemóvel de Peter pelo menos uma dúzia de vezes desde a noite em que ele disparara a arma, o que indicava que já sabia o que acontecera. Através de Mrs. Paulino, provavelmente, que vivia no primeiro andar do prédio de George e Rosaleen e tinha um neto na

Quinta Esquadra. Imaginou a estupefação no rosto de George ao ouvir a notícia, como se ela estivesse com certeza a fazer confusão. Tanto quanto sabia, George era bem capaz de aparecer ali em casa de qualquer maneira, e provavelmente na pior altura possível.

– Não, espera – disse Peter. – Eu ligo-lhe.

George soltou um assobio do outro lado da linha quando soube quem vinha almoçar. Peter deu a notícia de chofre, para ultrapassarem o mais depressa possível a questão do que podia ou não podia ter acontecido quando ele disparara a arma. Mas George voltou ao assunto.

– Mrs. Paulino está farta de me perguntar se já falei contigo – disse. – Aconteceu alguma coisa?

Peter contou-lhe rapidamente.

– Mas estás em serviço restrito? Não modificado? Tens de ter o aval de um psiquiatra?

Poucos civis saberiam a diferença entre serviço restrito e modificado, mas George era um deles.

– Sim.

– Aconteceu mais alguma coisa?

O que tinha acontecido, disse Peter, dando mais uma vez a volta ao assunto, era que a mãe vinha almoçar com eles daqui a poucas horas, e Peter gostaria muito se George pudesse vir também.

– Eu? – quase gritou George. – Queres que eu esteja aí ao mesmo tempo que ela? Oh, meu Deus. A Rosaleen vai sair daqui a pouco, a amiga tem uma casa de praia em Avalon e vão fazer um fim de semana de mulheres ou lá o que é.

Peter não via o que isso tinha a ver com o assunto, mas se George não quisesse vir, ele compreendia.

– Está bem, não te preocupes. Eu depois conto-te como correu e logo combinamos qualquer coisa com vocês.

– Oh, não, eu vou – disse George. – Tens de me dar um minuto para pensar em voz alta. Fui apanhado de surpresa, mais nada. Mas eu vou. Só que tenho de ir sozinho.

– A sério? – Peter baixou a cabeça e apertou o telefone com ambas as mãos.

– Estás a brincar? Da última vez que me sentei à mesa com a Anne Stanhope ela atirou-me um aspirador. Não imagino o que possa ser pior do que isso. E, já agora, se calhar devias pensar em despachar os miúdos para um vizinho ou qualquer coisa.

Peter riu-se e Kate espreitou à porta da cozinha como se ele tivesse gritado de dor.

– Eles vão ficar. Eu e a Kate já discutimos esse assunto.

– Mais gente para a dominar se isto correr mal.

– George! – disse Peter, mas riu-se outra vez. – Céus, porque é que me estou a rir?

– O que é que uma pessoa há de fazer senão rir?
– Não faças essas piadas à frente da Kate – pediu Peter, com um olhar rápido na direção da cozinha. – Ela está de rastos, embora esteja a fingir que está tudo bem.
– Claro que não. O que é que queres que eu leve?
– Nada.
– E em relação ao serviço restrito? Como é que isso aconteceu? Estou confuso.
– Oh... – disse Peter. O peso que desaparecera por um ou dois segundos abateu-se novamente sobre os seus ombros, ainda mais pesado. – Isso foi um engano. Estamos a tratar do assunto.

Kate lavou a loiça do pequeno-almoço e limpou o balcão. Confirmou que a carne no frigorífico estava coberta pela marinada e fechou a porta, apenas para a voltar a abrir para verificar se a salada de massa estava bem tapada. Depois fez todas estas coisas mais uma dezena de vezes. Perguntou a Peter o que queria, o que imaginava para essa tarde, mas ele nem sequer sabia como começar a responder a essa pergunta, portanto não disse nada.

Kate seguiu-o pela casa até ao quarto e depois à casa de banho, onde ele abriu a torneira para tomar um duche. Sentou-se na tampa da sanita enquanto a casa de banho se enchia de vapor e esperou que ele falasse com ela, mas Peter simplesmente lavou-se, limpou-se e vestiu-se.

- Estou farta de pensar no que o meu pai vai dizer.
- Tu é que quiseste que isto fosse para a frente. Foste tu que organizaste tudo.
- Eu sei.
- Então não lhe digas nada.
- Ele vai saber.
- Como?

Kate encolheu os ombros.

- As coisas chegam-lhe sempre aos ouvidos, mais cedo ou mais tarde.
- Porque tu lhe contas.

Kate suspirou.

– É como se a minha cabeça estivesse a dividir-se em duas. Uma parte sabe que ela é tua mãe e que estou disposta a vê-la por causa disso. Ela deve ter feito alguma coisa bem, porque aqui estás tu.

– Mas?

– Mas a outra parte pensa nela como a vizinha maluca que quase matou o meu pai. Se não fosse ela, ele teria trabalhado mais trinta anos. Nunca teria traído a minha mãe. Talvez a minha mãe nem sequer tivesse tido cancro.

Peter pousou a lâmina com que estava a fazer a barba.

– Achas mesmo isso? Até em relação ao cancro?

– Sim. Talvez. Não sei. Há evidências de que as células cancerígenas se multiplicam mais depressa quando o paciente está stressado.

Ele continuou a fazer a barba.

– Ela já tem muito de que se arrepender. Se calhar não precisamos de adicionar isso tudo.

– Mas estas são as minhas coisas. Tu tens as tuas. Não vou ignorar as minhas só porque a tua lista também é longa. Ela é uma pessoa destrutiva. E aqui estamos nós, a preparamo-nos para a receber para o almoço.

– Então porque é que concordaste em fazer isto?

Kate levantou-se e limpou um círculo no espelho embaciado para poder ver o seu rosto ao lado do dele. Procurou-lhe os olhos, mas não disse uma palavra.

Peter passara a manhã a tentar imaginar como se sentiria se a mãe não aparecesse, ou se ligasse a cancelar. Ficaria desapontado? Aliviado? As duas coisas? O problema era que não sabia o que queria, não sabia o que havia de desejar mais.

A dada altura, pensou que deviam convidar mais pessoas. Vizinhos. Os professores dos miúdos. Amigos da universidade. Deviam encher a casa de convidados para não terem de olhar um para o outro e falar. Mas depois, no instante seguinte, pensou que devia levá-la até à praia e que deviam sentar-se na areia, só os dois. Anne não seria ela própria em frente de Kate, em frente de George. Peter não conseguia deixar de pensar no rapaz que fora – a consultar os horários dos comboios e a fazer o caminho todo até Westchester para a ver – e compreendia porque prescindira dos seus domingos para isso. Amava a mãe e não gostava de a imaginar sozinha. Mas ela não estava mais sozinha do que ele, a dormir no sofá-cama de George. Não estava mais sozinha do que ele no dia em que atravessara o parque de estacionamento do hospital em Albany, já a perdoar-lhe por o ter mandado embora sem o ver.

Pensar tanto na mãe esta manhã fez com que Peter pensasse também no pai. Quando Frankie nasceu, Peter passava o fim de semana inteiro com ele e quando chegava ao trabalho na segunda-feira pegava no telemóvel para ver a fotografia do filho. Seria possível que Frankie viesse a mudar tanto ao longo dos próximos anos, que também Peter estaria disposto a virar costas ao filho para nunca mais o ver? Perguntou a si próprio se Brian Stanhope alguma vez pensaria nele, em Anne, na vida que tinha antes. Tentou recordar o rosto do pai mas não conseguia vê-lo. Lembrava-se melhor dos objetos. O carro do pai. A arma do pai. O corta-unhas que o pai tinha no porta-chaves. Ainda há pouco tempo Peter dissera a Frankie para levantar o cotovelo de trás quando se preparava para dar uma tacada, e para deixar sempre passar a primeira bola. Quem é que lhe ensinara isso? O pai, supunha, embora não se lembrasse quando. Perguntou-se se, na cidade sulista em que ele se instalara, onde quer que fosse, o pai alguma vez se lembraria com espanto de uma vez, em março, ter limpado mais de um metro de neve do caminho de acesso à casa. E que tivera um filho que o ajudara a fazê-lo. Peter já levava ambos os filhos ao estádio de Citi Field e queria que o pai soubesse disso, de alguma forma. Que soubesse que não era realmente assim tão difícil dizer que se vai fazer uma coisa e depois fazê-la mesmo. Quantas vezes prometera ele a Peter levá-lo ao estádio Shea? E o mais espantoso era que Peter acreditava nele, de todas as vezes que o

dizia.

Assim que o relógio digital na televisão marcou meio-dia, desceu para a cozinha, seguido de perto por Kate. Sem olhar para ela e sem qualquer tentativa de esconder o que estava a fazer, enfiou a mão atrás das caixas de cereais em cima do frigorífico e, para estupefação de Kate, tirou uma garrafa. Esticou o braço para outro armário, para a prateleira de cima, onde tinham guardado uma fila de copos de *shot* acumulados ao longo dos anos, e tirou um. Depois virou-se, olhou para ela por um segundo e foi buscar um segundo copo. Encheu-os e Kate, com a noção de como isto a tornava hipócrita, esvaziou o dela de um trago.

– Mais um – pediu, pousando o copo no balcão. – Para ti também. E depois mais nada.

Os *shots* ajudaram. Kate abrandou, parou de o seguir, parou de abrir e fechar o frigorífico. Peter sentiu uma calma abater-se sobre si. Bebeu mais um quando Kate subiu para mudar novamente de penteado. O que detestava era sentir-se observado, e por isso decidiu que, quando a mãe chegasse, ouviria o que ela tinha para lhe dizer, o que quer que fosse, em privado. Mas depois lembrou-se que Kate dissera que ela queria muito ver as crianças, e isso abalou-o. Talvez na realidade ela quisesse apenas ver os netos, não a ele. E porque não? Eram miúdos fantásticos. Engraçados e palermas e inteligentes. À uma hora as crianças estavam lá fora, a brincar à apanhada com os vizinhos. Molly caiu ao tentar acompanhar os outros e sujou o vestido na relva. Kate levou-a para cima para a ajudar a mudar de roupa, a limpar a cara, e ainda estavam lá em cima quando um carro abrandou em frente da casa.

– Kate? – chamou Peter do fundo da escada. – Kate? Acho que ela chegou. Vais descer?

Sabia que ela estava ali, parada ao cimo da escada, a ouvir. Ia obrigá-lo a recebê-la sozinho. Engoliu em seco, endireitou os ombros. Não havia motivo para estar preocupado. Ele tinha tudo. Tinha Kate e os filhos. Ela não podia magoá-lo.

– Kate? – tentou, mais uma vez.

No piso de cima, Kate abraçou Molly com força e escondeu o rosto no pescoço quente da filha. Depois espreitou pela fresta entre a parte de baixo da persiana e o parapeito da janela e viu Peter atravessar o jardim. Viu-o passar as mãos pelo cabelo enquanto esperava que a mãe abrisse a porta do carro. Ele não sabe o que fazer, pensou Kate, e arrependeu-se imediatamente de lhe ter feito isto, de o ter obrigado a enfrentar a mãe, de lhe ter armado esta emboscada. Apertou Molly com força e viu Anne sair do carro e olhar para ele. Parecera-lhe tão frágil e abatida durante a conversa no carro a meio da noite, duas semanas antes, mas agora o seu rosto estava radiante, repleto de luz, e virou toda essa luz para Peter. Tinha cortado o cabelo. As roupas pareciam engomadas. Levantou a mão e deu-lhe uma palmadinha nas costas, por isso ele fez-lhe o mesmo. Não se abraçaram. Continuaram a dar palmadinhas nas costas um do outro, como se estivessem a

confortar um desconhecido angustiado. Kate semicerrou os olhos e viu que Peter estava a fazer um esforço monumental para não chorar, com o peito a subir e a descer muito depressa. Quando se virou, tinha no rosto uma expressão que ela nunca lhe vira.

– O que é que estamos a fazer? – sussurrou Molly, por fim, e Kate disse-lhe para contar até trinta, devagar. Depois libertou-a e a menina correu pela escada à frente dela, para ir cumprimentar a avó que nunca conhecera.

Como se as condições tivessem sido definidas antecipadamente, não fizeram qualquer referência ao passado. Sem o discutir em voz alta, todos concordaram que acabariam por lá chegar, com a calma que achassem necessária. Falaram das crianças, dos talentos de cada um. Frankie era parecido com Peter mas era também parecido com Francis Gleeson, disse Anne, e ouvir o nome do pai a sair da boca de Anne sobressaltou Kate. Peter olhou para ela. Também o sentira. Mas recuperaram, passaram à frente. Falaram sobre a distância da casa à praia, os caminhos mais rápidos. Peter disse que tinham vivido em Manhattan depois de casarem, e Kate evitou olhar para Anne. Falaram sobre as próximas eleições presidenciais, como aquilo que não era mais do que uma hipótese remota um ano antes parecia agora uma possibilidade real. Não perguntaram a Anne com o que preenchia agora a sua vida, como passava os dias. Peter sabia que ela não gostava de muitas perguntas. Depois de estarem sentados a conversar há algum tempo – com um tabuleiro de queijo e bolachas de água e sal na mesinha de café, a música baixa para que a sala nunca ficasse demasiado silenciosa – Anne disse a Peter que ouvira dizer que ele tinha tirado algum tempo do trabalho, que passara por uma situação complicada.

Peter olhou rapidamente para Kate.

– Sim – disse. – Está a ser resolvido.

Aos olhos de Kate, Peter já tinha aquela expressão descontraída de quando bebia. Pensou na garrafa atrás das caixas de cereais e em quantas mais haveria escondidas pela casa. Ele levantou-se, saiu da sala. Kate ouviu a porta do congelador a abrir-se e, mesmo sem ver, soube que o gelo na garrafa de *Stoli* ia derreter onde ele pusesse os dedos, quatro impressões digitais brilhantes de um lado e a do polegar do outro lado, quando pegasse na garrafa com a mão quente para se servir. As duas mulheres entreolharam-se e ali estava o problema que tinham concordado enfrentar juntas.

Kate reparou em como Anne envelhecera e perguntou a si própria como seriam ela e Peter aos olhos dela. Peter estava a ficar grisalho nas têmporas. Kate pintava o cabelo há anos. Quando se levantava da cama, tinha vincos no peito que costumavam já ter desaparecido quando ia lavar os dentes, mas agora ainda lá estavam à hora de almoço. Peter tinha rugas profundas aos cantos dos olhos. Mas eles só reparavam nestas coisas porque ainda eram jovens e as alterações eram novidade para eles. Seriam jovens mais alguns anos. Anne era tão magra que a túnica que vestia estava sempre a escorregar-lhe no ombro. As suas clavículas pareciam o guiador da bicicleta de Molly. Agitou-se na cadeira que escolhera,

como se lhe doessem as ancas.

Ainda estavam na sala quando ouviram a voz de George, e Kate olhou para a janela e viu-o a distribuir gelados que trouxera numa geleira desde Sunnyside. Trouxera suficientes para os filhos dos vizinhos do lado, para quaisquer outros miúdos que pudessem aparecer.

Anne endireitou as costas e apertou os joelhos.

– O Peter disse-lhe que o George também vinha? – perguntou Kate em tom ligeiro. Mas quando é que ele poderia ter-lhe dito?

– Anne FitzGerald – troou George assim que entrou.

Anne levantou-se para o cumprimentar.

– Olá, George – disse, e recuou um passo, alarmada, quando ele avançou sobre ela com passo rápido e a puxou para si num abraço. – A tua voz é igualzinha à do Brian – disse ela. – Por um segundo pensei...

– Esse tipo? – interrompeu George. – Como é que ainda te lembras disso?

Cumprimentou Kate como fazia sempre, com um abraço apertado que a levantou do chão. Abraçou também Peter, como se não se tivessem visto poucas semanas antes. Depois, de dentro de um saco de pano, tirou uma tigela de salada de fruta cuidadosamente embrulhada em celofane, um saco de papel com pão que comprara numa padaria em Queens. Kate viu que ele decidira agir como se fosse uma ocasião normal, como se fizessem isto uma vez por mês, com todas as queixas do passado apagadas do quadro da memória.

– Estou esfomeado! – declarou ele.

Um a um, atravessaram a casa em fila indiana e saíram para o pátio, onde Kate já tinha limpado as cadeiras que colocara à sombra do guarda-sol.

Anne beberricou a sua água, mas sentia-se tão assoberbada que tinha de a manter um instante na boca antes de engolir. Estava ressentida por eles terem incluído George, mas agora que ele ali estava parecia urgente que lhe dissesse qualquer coisa. Silenciosamente, ensaiou o que havia de dizer e programou quando o diria. Seria melhor se estivessem sozinhos, só os dois. As crianças em breve estariam de roda deles. Kate estava a partir maçãs. Peter estava a abrir um pacote de salsichas e a alinhá-las no grelhador. Céus, era tão bem parecido. Era mais corpulento do que Brian, mais parecido com o pai de Anne, na verdade, cujo rosto ela não recordava até o reconhecer no de Peter. E estava bêbado. Via-se nos movimentos largos que fez quando pegou na faca para abrir a embalagem de plástico. Via-se na forma como tinha as pernas afastadas para manter a estabilidade. Mas via-se também que tinha muita prática a disfarçar, fazia-o bem. Ela nunca adivinharia, se não soubesse, se não estivesse atenta. Peter participou sempre na conversa, foi dando as suas opiniões. George deixou-se cair na cadeira ao lado de Anne mas levantou-se imediatamente, de um salto, quando o plástico quente lhe queimou as pernas por baixo dos calções. Pegou numa toalha de praia que estava caída na relva, dobrou-a e sentou-se em cima dela.

– Quase que queimava o rabo – disse, sem se dirigir a ninguém em particular.

Anne perguntou a si própria se George conseguiria ver o que estava a acontecer

a Peter. Mas bastava um tema errado, um comentário errado, para regredirem imediatamente até ao ponto de partida. Não devia ter mencionado o nome de Francis Gleeson. Mais uma escorregadela e Kate podia decidir que, afinal, não precisava dela para nada. Outra escorregadela como essa e Anne estaria a caminho da autoestrada, de regresso ao seu pequeno apartamento que parecia agora tão mais vazio. Depois daquela conversa com Kate a meio da noite, voltara para casa e virava por aquilo que sempre fora – um sítio onde pretendia ficar apenas algum tempo, não um lar. Contudo, mesmo enquanto repetia a si própria que tinha de se limitar a temas seguros e de pensar muito bem antes de falar, sentiu a urgência crescer dentro dela.

– Quero agradecer-te – disse, sem olhar para George. Ele levantara a camisola e agora tinha um anel de suor à volta da barriga. – Por tudo o que fizeste pelo Peter.

Peter, no grelhador, virou-se. Kate ergueu os olhos da tábua de corte.

– Foi uma coisa extraordinária, o que tu fizeste, acolhê-lo daquela maneira. Estou muito grata – concluiu Anne com a voz embargada.

Pronto, dissera-o, e sentiu-se instantaneamente tonta com o peso que lhe saíra dos ombros. Ao longo dos anos, os terapeutas, um após outro, tinham-lhe prometido que um dia, na altura certa, esta seria uma coisa que talvez lhe fizesse bem dizer, tanto por ela como pelos outros, mas Anne nunca acreditara nisso até ver George entrar pela porta esta tarde. Até esse momento, nunca pensara vir a ter esta oportunidade.

– Nós repetimos aquilo que não resolvemos – dissera-lhe o doutor Abbasi uma vez, e durante muitos anos Anne interpretara a frase de forma limitada, como se estivesse a referir-se apenas a ela, e calculara que estaria em segurança já que havia poucas hipóteses de repetir os seus piores erros, uma vez que já não tinha família, ninguém para abandonar ou para afastar de si. Porém, desde que vira o rosto de Kate na janela do carro, naquela noite, começara a pensar se não teria compreendido mal esse aviso ao longo destes anos todos. Que o «nós» no aforismo do doutor Abbasi (que, era preciso admiti-lo, a fizera revirar os olhos da primeira vez que o ouvira) talvez fosse mais vasto. «Nós» podia incluir Peter, podia incluir os filhos dele, todas as pessoas ligadas a Anne por um fio invisível.

George acenou com a cabeça, apanhado completamente de surpresa.

– Foi um prazer – disse, após um instante, e pigarreou atrás da mão forte.

Não falaram sobre Gillam, nem sobre os pais de Kate, nem especularam sobre qual o campo de golfe onde Brian poderia estar neste momento. Falaram sobre a comida, e o calor abafado, e como as crianças não pareciam ser tão afetadas pelos extremos meteorológicos como os adultos. Gentilmente, de forma indireta, George perguntou onde Anne vivia agora, e quando ela lhe respondeu perguntou-lhe se gostava de Saratoga. Disse que já lá tinha estado algumas vezes, nas corridas, mas há muitos, muitos anos.

– Estive num hospital em Albany durante muitos anos – disse ela, como se eles não soubessem. – Portanto já estava na zona.

Peter perguntou a si próprio se ela se lembraria sequer de que ele a tentara ver, naquele dia.

– E vais fazer esse caminho todo de regresso hoje? – perguntou George.

Kate e Peter trocaram um olhar de pânico. Se ela fosse outra pessoa qualquer, este seria o momento em que a convidariam a ficar com eles. Mas Anne disse que não, que tinha feito um acordo com o motel em Jericho Turnpike para ficar algum tempo.

– Oh – disse Kate, e pousou cuidadosamente a travessa que tinha na mão. – O que é algum tempo?

– Uma semana ou duas, talvez.

– Não me disse que tinha emprego? – perguntou Kate. – Um apartamento?

– Kate – disse Peter.

– Tirei uns dias. Tinha muito tempo de férias acumulado. – Não lhes disse que nunca tinha tirado um único dia de férias antes.

Peter percebeu que Kate estava a pensar cuidadosamente na melhor forma de dizer o que queria dizer. Assim, falou primeiro.

– Ainda bem. Férias é sempre bom. – Fez sinal a Kate para indicar que falariam nisto depois.

A culpa é minha, pensou Kate. Fui eu que a convidei. Como pude acreditar que ela o veria uma vez e seguiria o seu caminho? Mas depois viu Anne atravessar o pátio até à geleira com as águas e sentar-se ao lado de Peter. Era uma mulher velha, agora. Frágil. Vergada. Nervosa na companhia do filho e da família dele.

– Aqui tem – disse Kate, depois de se levantar para lhe ir buscar uma almofada. A cadeira que ela escolhera, ao lado de Peter, era a mais desconfortável.

– Obrigada – agradeceu Anne, e enquanto a via ajeitar a almofada atrás das costas, Kate pensou: «Ela não tem qualquer poder sobre nós.»

Anne ficou até os mosquitos começarem a aparecer e as crianças surgirem de pijama, com o hálito a cheirar a pasta de dentes. Deram a volta ao pátio e despediram-se de todos um a um, com abraços a George, depois Peter, Kate e por fim Anne.

– Boa noite – disseram, e o menino e a menina encostaram o rostinho quente ao dela. Molly estendeu a mão para um aperto de mão extra e desejou a Anne boa viagem para onde quer que fosse.

– Molly! – ralhou Peter.

Imediatamente, Molly tornou-se a preferida de Anne.

Peter, enquanto se levantava para acender as velas de citronela, pensou: Não posso esperar que seja assim se a voltarmos a ver. Não posso partir do princípio de que ela agora é sempre assim. Vou aceitar o dia de hoje e apreciá-lo – até agora, correu tudo bem – mas não posso ter esperança de mais. Ela está interessada hoje mas pode não estar amanhã. Perguntou-se se, depois de tanto tempo, a mãe teria ficado desapontada ao vê-lo. Lembrou-se de como ela se deitava na cama com ele e dizia os nomes de todas as cidades que queria que visitassem juntos. São

Francisco. Xangai. Bruxelas. Mumbai. Mas ele nunca vira esses lugares e ela também não. Se desdobrassem e voltassem a desdobrar o maior mapa que conseguissem encontrar, o sítio onde ele começara e o sítio onde acabara seriam dois pontinhos minúsculos, lado a lado.

Benny podia esperar com Peter até ao último momento, mas quando o chamassem ele teria de entrar sozinho. Benny repetiu mais uma vez as coisas que eles provavelmente iriam abordar e as melhores respostas que Peter podia dar sem dizer demasiado, mas Peter estava a ouvi-lo apenas com metade da sua atenção. Nessa manhã, doze semanas depois de ter disparado acidentalmente a arma, sentara-se na beira da cama do lado de Kate e dissera-lhe que talvez ela tivesse razão, que se calhar tinha um problema, mas que se ela tivesse mais um pouco de paciência ele estava decidido a melhorar. Disse-lhe que andava a pensar nisso há algum tempo, numa coisa que ela lhe dissera semanas antes: que nem todos os problemas eram iguais, mas isso não queria dizer que não fossem problemas. As coisas que ela lhe dissera ultimamente, os avisos que lhe fizera, era possível que tivesse razão. Ainda era possível que estivesse enganada, mas também era possível que tivesse razão. Desde a visita da mãe que Peter andava a tentar ir para a cama mais cedo, e o seu truque mais recente era pôr um alarme para a meia-noite. Assim que ele tocava, tinha de ir para cima. Se tivesse uma bebida na mão, tinha de a despejar no lava-loiça. Funcionou durante uma semana e depois começou a adiar o alarme dez minutos de cada vez quando tocava, até que simplesmente deixou de o ligar. A seguir, estabeleceu a regra de que só beberia cerveja, nada mais forte. Essa durou apenas três dias.

Na noite anterior, prometera a si próprio que se limitaria a duas bebidas. Mas depois bebera outra. E mais uma. Era como correr demasiado depressa por uma encosta abaixo, quando as pernas não conseguem acompanhar o corpo. Era incapaz de parar. Isso surpreendeu-o. Não tinha a certeza se alguma vez tentara antes.

Kate olhou para ele da almofada e, por um segundo, Peter pensou que ela ia dizer que estava tudo acabado, que era tarde de mais.

Mas depois ela sentou-se e segurou-lhe nos ombros. Inclinou-se até a sua testa estar encostada à dele.

– Graças a Deus – disse. – Vamos só ultrapassar o dia de hoje, está bem? E falamos mais logo. A que horas tens de lá estar?

A audiência estava marcada para as nove em ponto mas às oito e cinquenta e cinco o secretário apareceu e disse que tinham de adiar para as dez. A casa de banho ficava ao fundo do corredor. Havia máquinas de venda automática no átrio.

Benny estava a falar sobre a audiência da pensão, o passo a seguir a este caso eles quisessem obrigá-lo a aposentar-se, e se teria ou não direito a subsídio de incapacidade.

– Achas que é isso que vai acontecer? – perguntou Peter. – Talvez compreendam que tudo isto não passou de um erro terrível e me reintegrem no serviço normal.

– Sim, pode ser, pode ser – disse Benny. Pessoalmente, nunca vira tal coisa acontecer.

Enquanto esperava sentado ao lado de Benny no banco mais desconfortável da

cidade, Peter tentou lembrar-se das coisas mais graves que dissera durante a terapia. Benny confirmara-lhe que eles teriam as recomendações do psicólogo à sua frente, as conclusões a que ele chegara. Não parecia legal. Benny concordou, mas não valia a pena pensar nisso porque as coisas eram assim mesmo. Gostava que Peter lhe tivesse dito que prescindira do direito à privacidade, Benny podia tê-lo prevenido para ser mais reservado durante as sessões, mas Peter não percebera que essas notas seriam usadas contra ele. Levantou-se e praguejou e tentou lembrar-se do que lhe dissera a secretária do psicólogo: que estavam a recolher dados longitudinais para o departamento. Além disso, se não assinasse, informou-o o seu superior, havia a possibilidade de lhe retirarem a pensão. Peter estava de rastos antes dessa primeira sessão e nem se lembrava de ler os papéis que assinara. O que podia ele ter feito? Benny compreendia ambos os lados. Uma vez que Peter tinha pessoas sob o seu comando, era necessário salvaguardá-las. E se voltasse a acontecer, mas em vez de disparar contra uma parede Peter atingisse uma pessoa?

– Achas que o departamento conseguia aguentar a tempestade que isso causaria? Já têm maus polícias suficientes com que se preocupar – disse Benny.

– Eu não sou um mau polícia.

– Eu sei, Peter. Mas acho que eles não podem correr o risco de reintegrar um agente instável nas suas funções habituais.

Peter fez uma careta.

– Não sou instável. Não acredito que pensem assim.

– Sabes que é apenas a linguagem oficial, Ordem Interna Número Nove. Faz parte da redação. – Benny pareceu pensar muito bem no que disse a seguir: – Só tens aquela repreensão antiga no cadastro. A minha impressão é que, a nível interno, eles te acham muito inteligente, mas acham que estás a esconder alguma coisa.

Peter lembrou-se mais uma vez do que dissera a Kate nessa manhã, em como desejara poder enfiar-se na cama com ela e ali ficar até conseguir perceber como caíra tão fundo e como havia de sair deste buraco.

– Pete, aqui entre nós, eu não disse nada a ninguém sobre o favor que me pediste para fazer no hospital, mas é possível que eles também saibam disso. Havia demasiadas pessoas sempre a entrar e a sair e sei que pelo menos uma enfermeira ouviu. Tinhas estado a beber naquele dia?

O que era considerado «aquele dia»? Kate trabalhara durante a noite no laboratório, por isso estava em casa, sentada à mesa da cozinha a estudar, com um monte de manuais e cartões escritos com marcadores de várias cores. A ironia era que Peter se lembrava perfeitamente de ter pensado que a vida era boa. O tempo estava perfeito, a garagem cheirava a serradura, a rádio passava o relato do jogo, ele encontrara uma IPA ao fundo do seu frigorífico da cerveja. Apresentou-se ao serviço às quatro. Tecnicamente, tinha bebido naquele dia, mas Benny devia saber tão bem como ele que o tempo funcionava de forma diferente para quem estava a trabalhar no turno da noite. Sempre que saía de casa para a esquadra, isso assinalava para ele o fim de um dia e o princípio de outro. Nesse dia saía de casa

às três da tarde e o incidente só tivera lugar por volta das nove da noite. Admitir que sim, que tinha bebido nesse dia, seria sugerir algo que não era verdade.

– Se calhar é melhor não responderes.

Os médicos da junta eram dois ortopedistas e um psiquiatra. Os ortopedistas estavam lá por causa dos agentes de patrulha que se encontravam em serviço modificado por causa de pernas partidas, hérnias discais. O psiquiatra estava lá por causa dele.

Começaram em tom amistoso. Um dos ortopedistas perguntou-lhe como se sentia ultimamente, se dormia bem, se tinha apetite. Quando as suas respostas eram demasiado breves, pediam-lhe para desenvolver. Continuava as sessões com o terapeuta? Sentia estar a fazer progressos? E como iam as coisas em casa? Com os filhos? Com a mulher? Como é que a mulher dele estava a lidar com tudo isto, na opinião de Peter? Peter recordou-lhes – embora constasse certamente dos seus papéis – que Kate também trabalhava para o departamento, que no laboratório criminal só o diretor estava acima dela. Esperaram que ele dissesse mais alguma coisa. O psiquiatra consultou um papel.

– E a bebida? Tem piorado desde que passou para serviço restrito? Temos uma declaração de uma funcionária do hospital que diz que tentou convencer o seu representante sindical a trazer-lhe álcool, nessa noite? Enquanto estava a ser avaliado? Não podia esperar até ter alta? Mais uma hora ou duas?

Peter apertou as mãos sobre as coxas para controlar o tremor. Disse as palavras que tinha ensaiado.

– Tinha sido uma noite muito emotiva e acho que estava em estado de choque. Mas o que aconteceu não teve nada a ver com álcool. Seja como for, se isso deixar o departamento mais descansado, estou disposto a entrar num programa de reabilitação, caso considerem necessário.

– Estava embriagado quando disparou a sua arma, Peter?

– Não.

– Acha que é possível fazer o seu trabalho se estiver embriagado?

– Não. De maneira nenhuma.

Eles assimilaram as palavras sem dizer nada durante um momento.

– E os seus pais? O seu pai também era polícia, certo? Disse ao doutor Elias que não vê o seu pai há vinte e cinco anos, correto? E que a sua mãe passou mais de uma década numa instituição mental estatal na sequência de um acordo judicial?

Era irritante estarem a fazer-lhe perguntas para as quais todas as pessoas ali presentes já sabiam a resposta.

– Pode descrever o que aconteceu? O incidente quando tinha catorze anos?

Peter estava à espera da pergunta mas, agora que eles a tinham feito, não conseguia pensar numa boa maneira de formular a resposta. Tinham os detalhes todos nos seus papéis, de qualquer maneira. Porque haviam de o obrigar a dizê-lo?

– Há vinte e quatro anos. Há vinte e quatro anos que não vejo o meu pai, não vinte e cinco.

– E a sua mãe? Foi acusada de um crime violento, certo? Disparou contra o seu vizinho? Disse ao doutor Elias que ela tinha delírios paranoicos. A dada altura foi considerada esquizofrénica, mas talvez não tenha sido um diagnóstico correto, não foi isso que disse? Até que ponto está a par dos diagnósticos e tratamentos da sua mãe?

– Sim – disse Peter.

– Sim o quê? – perguntou o psiquiatra.

– Sim, foi acusada de um crime violento.

– E mantém o contacto com ela? Ela ainda se encontra em tratamento?

– Vi-a recentemente e está muito melhor. Os medicamentos hoje em dia são muito mais avançados do que naquele tempo.

– Peter – disse o psiquiatra –, tem de responder a todas as nossas perguntas. Não pode escolher só as que lhe agradam.

Peter suspirou.

– O que aconteceu na altura, o incidente a que se referem, foi terrível, sim, mas a minha mãe era uma pessoa doente e não tinha o apoio necessário em casa. Eu era um miúdo, portanto não sabia de nada, mas o meu pai devia ter percebido que ela precisava de tratamento. Seja como for, todos seguimos com as nossas vidas, até o meu sogro, e se ele ultrapassou a situação não vejo por que motivo é relevante para esta audiência.

– O seu sogro? Qual é a ligação dele ao evento?

Peter recostou-se. Nunca teria mencionado esse pormenor? Em doze semanas a esforçar-se por preencher aquelas horas de terapia com conversa, seria possível que nunca tivesse falado nessa parte? Estava convencido de que eles já sabiam. Pensou rapidamente e sentiu-os debruçarem-se para a frente, de orelhas arrebitadas para ouvir a resposta.

– O pai da minha mulher era o vizinho. Foi contra ele que a minha mãe disparou.

Todos se inclinaram para os papéis e escreveram qualquer coisa.

No fim, nem se deram ao trabalho de o mandar sair da sala enquanto deliberavam. Peter teria de se retirar imediatamente da força e pedir a aposentação. Continuaría a receber o salário até ao fim do ano.

Assim que saiu, ali estava Benny. E sentado no banco ao lado dele viu Francis Gleeson.

– O que está a fazer aqui? – perguntou Peter. Francis ligara várias vezes para casa deles para saber como iam as coisas, o que estava a acontecer. Peter não sabia se Kate decidira telefonar-lhe.

– Queria estar presente – disse Francis. Trazia o habitual boné de fazenda enterrado na cabeça. Era o único homem no edifício que não tirara o chapéu ao entrar. – Como correu?

Benny não precisava de perguntar porque já sabia.

– Vamos recorrer da decisão – garantiu Benny.

Peter passou pelos dois homens em direção aos elevadores. Carregou no botão e depois deu meia-volta e dirigiu-se às escadas.

– Disseste-lhes que estavas disposto a ir para reabilitação? – gritou Benny do cima das escadas. – Disseste isso tudo?

Lá fora cheirava a outono, finalmente. A sua estação preferida. O primeiro sinal de tempo mais fresco fazia-o sempre ter vontade de comprar cadernos novos, de comer uma maçã e de correr dez quilómetros o mais depressa que conseguisse. Tempo de corta-mato, aquelas semanas perfeitas e gloriosas entre o calor abafado do verão e o primeiro vento cortante do inverno.

Benny correu para o apanhar no parque de estacionamento. Francis não vinha muito atrás.

– Pensa nisso durante uma semana – pediu Benny. – Se não quiseses recorrer, então eu peço para marcarem a audiência da pensão. – Inclinou a cabeça e pousou a mão no ombro de Peter. – Está tudo bem? Como te sentes?

– Sim, acho que sim. Na verdade, sinto-me muito bem.

– Peter! – gritou Francis do outro lado do parque de estacionamento. Peter viu que ele estava a andar o mais depressa que podia. Encostou-se ao carro à espera dele.

Benny despediu-se e deixou sogro e genro a sós.

– Precisa de boleia para algum lado, Francis?

– Não. Foi um amigo que me trouxe. Queria só dizer...

– O quê?

Francis ergueu a mão para proteger os olhos da luz e ver melhor o rosto de Peter.

– Tem calma, está bem? Eu estou do teu lado.

– Do lado da Kate, é o que quer dizer.

– Sim – respondeu Francis. – Isso mesmo. Estou do lado da Kate. Mas, tanto quanto sei, vocês os dois estão do mesmo lado.

– O que veio fazer aqui?

Francis olhou em volta.

– Queria apenas dizer-te que vai correr tudo bem. Ainda és novo. Isto pode parecer o fim de tudo mas não é. Eu sei como é ter de parar mais cedo.

Peter tirou a gravata e amachucou-a no punho fechado.

– Eu sou um bom polícia.

– Eu sei.

– Foi um acidente. Acontece com bastante frequência, na verdade, se soubesse ficaria surpreendido. O Benny tem as estatísticas, os detalhes de outros casos. Desde que ninguém fique ferido, tanto quanto sei, ninguém é obrigado a sair.

Francis parecia estar a pensar nas suas opções de resposta.

– Talvez seja verdade, mas foi por isso que te pediram que saísses? Por teres disparado contra uma parede?

Peter virou costas, tirou as chaves do bolso das calças e contornou o carro até à

porta do condutor.

– O outro motivo pelo qual estou aqui...

– Sim? – Peter fez uma pausa.

– Queria dizer-te que devias ir para reabilitação na mesma. Eu ajudo a pagar, se eles não o fizerem. Se vocês não puderem. Tu e a Kate. Ou podemos guardar essa informação só para nós os dois.

– Eu não tenho segredos da Kate.

– Não? – perguntou Francis por cima do ombro enquanto se afastava.

Kate tinha ido trabalhar nessa manhã mas quando Peter parou o carro em frente de casa o dela já lá estava. As crianças estavam na escola. Quando entrou, ela estava sentada à mesa da cozinha com uma caneca de chá entre as mãos. Silenciosamente, sentou-se em frente dela. Kate perscrutou-lhe o rosto.

– Vão pagar-me até dezembro – disse ele. – Há de vir cá alguém amanhã buscar o carro. O Benny vai começar a trabalhar na questão da pensão.

Ela suspirou.

– Está bem – disse. – Pelo menos já acabou. – Pousou a mão, quente da caneca, sobre a dele.

– Há muitas coisas que não posso fazer. Parte de mim tinha pensado em passar para trabalho de segurança privado quando me reformasse da polícia, mas nenhuma empresa de segurança contratará um polícia a quem tiraram a arma.

Viu que Kate não tinha pensado nisso, que alguns caminhos lhe estariam agora vedados.

– Acho que não tens de começar já hoje, a preocupar-te com isso não achas? – disse ela. – Pode ficar para amanhã. Entretanto, comprei-te uma coisa.

Foi ao frigorífico, tirou uma pequena tarte de lima da pastelaria preferida de Peter e colocou-a à frente dele. Quando ela se aproximou, Peter passou-lhe o braço pela cintura, encostou-lhe a cabeça ao peito.

– Destruí a sala de exames no hospital – murmurou. – Estava tão frustrado. Não sei... Eles mandaram sair toda a gente e tive de ser avaliado por um psiquiatra. Estavam prontos para me algemar à cama.

Instantaneamente, Kate sentiu um trinco a abrir-se, uma fresta de luz a espalhar-se pela noite. Finalmente fazia sentido. Lembrou-se do barco de madeira que ele tinha perdido, tantos anos antes, e de como lhe contara, mais tarde, que a mãe o partira em pedacinhos e que sentira crescer dentro de si também uma vontade de destruir coisas.

– E algemaram-te?

– Não – disse Peter, e apertou-a mais.

– Ótimo. Ainda bem.

– Podia sair daqui na mesma, por uns tempos – disse ele, e sentiu-a imediatamente ficar tensa. – Só algum tempo, até conseguir controlar isto.

– Reabilitação – disse ela, só para ter a certeza absoluta que estavam a falar da mesma coisa. Pousou as mãos no cabelo dele. – Estava com tanto medo de que não

estivesse a falar a sério esta manhã. Fui trabalhar mas, assim que lá cheguei, dei meia-volta e vim para casa.

Estaria mesmo decidido? Os pensamentos de Peter sobre o assunto mudavam de hora para hora. Nenhum deles pronunciara ainda a palavra. Um alcoólico era uma pessoa que tropeçava e caía e falava de forma incoerente. Se pelo menos ele conseguisse seguir algumas regras... Se não bebesse em casa, apenas em festas ou se fossem a um restaurante. Só aos sábados e domingos. Ou se estabelecesse limites. Apenas cerveja, nada mais forte. Só durante os jogos dos Mets, como George costumava fazer até que deixara completamente de beber. Peter estava agora aposentado, o que significava que as suas rotinas iam mudar, e parte do problema eram as velhas rotinas. Talvez se vendessem a casa e se mudassem para uma casa nova ele conseguisse deixar todos os maus hábitos para trás. Talvez se se mudassem para outro estado onde ninguém os conhecesse.

Depois pensou nos filhos, e que em breve eles se aperceberiam de que a vida do pai girava à volta destas regras. Pensou em Kate, a dizer-lhe de forma gentil mas firme que o deixaria se ele não parasse.

Foi Kate que fez todos os telefonemas. Assim que Peter disse que estava disposto a fazê-lo ela não perdeu um segundo. Quando ele desceu a escada, depois de mudar de roupa, ela já tinha informações. O seguro de saúde que tinham não era mau, mas só cobria parte das despesas nesta área. Ela tinha consultado a conta bancária, os fundos de reforma. Quase nunca iam de férias e agora nunca mais iriam. Mas não fazia mal. Kate sorriu, pondo de lado as preocupações dele com um gesto da mão. Não queria que ele parasse para pensar nessas coisas, por medo de que mudasse de ideias. O funcionário do apoio ao cliente da companhia de seguros transferiu-os para uma instituição específica e essa pessoa foi simpática e paciente, quando Kate estava à espera de hostilidade e críticas. Depois de tudo tratado, Kate agradeceu várias vezes e garantiu que ele ia sair imediatamente de casa. Estava eufórica. Há meses que não se sentia tão feliz. Agora, finalmente, as coisas iam melhorar. As contas só começariam a chegar depois de ele já estar bem. Resolveriam o problema juntos, como sempre tinham feito, como sempre fariam.

– Oh, Mrs. Stanhope, não, ele não pode vir sozinho. Tem de vir alguém trazê-lo e depois buscá-lo.

– Mas ele tem carta de condução válida. Nunca teve nenhuma multa por condução sob o efeito do álcool.

Kate quase acrescentou que essa era uma das coisas com que ele sempre tivera cuidado.

– É apenas a política da instituição. Podemos marcar para outro dia, se for mais conveniente? Perderia esta vaga, mas posso ver se há mais alguma prevista na próxima semana, ou na outra.

– Não, nós ficamos com esta vaga – insistiu Kate. – Ele estará aí. Não há problema.

Já passava da uma da tarde. Quando decidira vir para casa mais cedo, Kate

cancelara o combinado com a adolescente do fundo da rua que normalmente ia buscar os miúdos ao autocarro da escola e ficava com eles até ela ou Peter chegarem. Ligou à mãe da rapariga para dizer que afinal precisava dela, mas a mãe disse a Kate que entretanto ela aproveitara para ir ao dentista, lamentava muito. A instituição que tinham arranjado ficava no centro de Nova Jérnia, a duas horas e meia de caminho, cinco horas ida e volta. Começou a fazer telefonemas para ver quem podia ficar com as crianças durante algumas horas. Com certeza que teriam de tratar de burocracias. No total, calculava que estaria ausente pelo menos seis horas.

– Problemas inesperados no trabalho – explicou Kate aos amigos que viviam do outro lado da cidade e não podiam ver que os carros dela e de Peter estavam à porta de casa. Bateu à porta dos vizinhos, mas não estava ninguém em casa. Ligou para a creche onde Molly andara, para ver se por acaso haveria alguém disposto a olhar pelos miúdos, por um valor muito generoso à hora. Ninguém conseguia estar disponível tão em cima da hora. O tempo estava a passar. Peter via televisão na sala, como se tivesse medo de se aproximar sequer da porta da cave. Kate estava a ficar desesperada e ligou para Sara, mas não queria dizer-lhe o motivo desta necessidade urgente.

– Fiz confusão com os horários. Tenho uma reunião importante. Desculpa estar a chatear, podes vir? – Mas Sara não conseguia lá estar antes das cinco e meia, o que seria tarde de mais.

– Está tudo bem com o Peter? – perguntou Sara. – Estás com uma voz esquisita. A audiência dele não era esta manhã?

– Oh, está tudo bem – disse Kate. – Falamos mais tarde. Ainda tenho de arranjar alguém que fique com os miúdos.

Peter tinha de dar entrada antes das sete da tarde, o mais tardar, caso contrário perderia a vaga.

– Se estás mesmo aflita podias falar com a mãe – sugeriu Sara. – Oh, não, espera. Ela ia às compras com aquela amiga das caminhadas e jantavam por lá.

Kate disse a Sara para não se preocupar, para esquecer que ela ligara, ia arranjar outra solução.

Depois de mais alguns telefonemas infrutíferos, sentiu a presença de Peter atrás dela.

– Liga à minha mãe – disse ele. – Ela vem de certeza.

Era verdade que Anne aparentemente estava de volta, talvez por saber que a audiência era nessa semana. Peter vira-a algumas manhãs antes na rua, à espera que o semáforo mudasse, e contara a Kate ao chegar a casa, sem saber se devia ou não fazer alguma coisa. Tinham falado com ela apenas uma vez desde o dia do almoço, quando Anne aparecera lá em casa para deixar uns livros de atividades para as crianças e para perguntar como estavam as coisas com Peter. Kate convidara-a a entrar mas ela não passara do *hall* e nem sequer se tinha sentado.

Anne Stanhope sozinha com os seus filhos. Kate tentou imaginar.

– Podemos ter a certeza de que ela não lhes vai fazer mal?

– Claro que não lhes vai fazer mal – disse Peter.

– Claro? Não, não finjas que é uma ideia absurda. Sabes que não lhe fizemos muitas perguntas, mas eu gostava de saber que medicamentos ela está a tomar, se tem consultas regularmente.

– Pareceu-me bem no dia em que aqui estive, Kate. E não temos mais ninguém. Foi por isto que ela voltou. Precisamente por isto. Para o caso de precisarmos dela. – Cruzou os braços e pensou na outra opção. – Ou então podemos esperar uma semana ou duas. Até aparecer outra vaga. Se calhar estamos a ser precipitados.

– Não – disse Kate. – Não, não vamos esperar.

Sete horas, no máximo. Seis, se ela conduzisse depressa. Passou o telefone a Peter.

– Liga-lhe tu. Se ela atender, diz que lhe pagamos. Ou não. Sei lá. Diz o que achares melhor. Vou mudar de roupa.

Mal acabara de tirar o *soutien* quando Peter gritou do fundo da escada:

– Ela diz que está aqui dentro de dez minutos.

Quando chegou, Anne recebeu as suas instruções como se lhe estivessem a entregar os códigos de acesso ao arsenal nuclear. Não perguntou onde eles iam nem porquê, embora Kate ficasse com a sensação de que ela percebera. Pediu-lhes que esperassem enquanto revia a lista – o que as crianças comiam ao jantar, onde estavam os pijamas, a que horas tinham de ir para a cama. Kate tentou pensar numa forma de dizer a Anne que Frankie, com quase dez anos, já saberia contar-lhes tudo. Se acontecesse alguma coisa estranha, Frankie estaria pronto para a relatar assim que Kate entrasse em casa.

– Se não se importarem... – começou Anne, com expressão tão séria que Kate decidiu imediatamente que desistiria do plano se de alguma forma as próximas palavras fossem assustadoras.

– Sim?

– Posso levá-los a comer um gelado depois de jantar? Há uma geladaria Carbel na Hillside Avenue. – Anne tirou do bolso um mapa que imprimira da Internet.

Uma viagem de carro. Estavam a prever chuva. Já se sentia a sua aproximação. Kate podia ir comprar uma caixa de gelado e deixá-la em casa antes de arrancarem. Podia comprar também guarnições e eles podiam fazer os seus próprios gelados especiais em casa. Mas isso demoraria pelo menos vinte minutos.

– Sim – disse Peter, antes que Kate conseguisse responder. Tirou a carteira do bolso mas Anne recusou-se a aceitar dinheiro.

– Tens a certeza de que não há problema? – perguntou Anne.

– Sim, tens a certeza? – repetiu Kate.

– Eles vão adorar – disse Peter.

Saíram por volta das três da tarde, como dois adolescentes a faltar às aulas. Anne acompanhou-os à porta e sentou-se no degrau para ficar à espera do

autocarro, apesar de ainda faltarem quarenta minutos. Peter e Kate dirigiram-se ambos à porta do condutor do carro de Kate e ela pensou que ele discutiria com ela por não o deixar conduzir, que sugeriria que trocassem quando estivessem a chegar à instituição se era com as regras que estava preocupada. Mas Peter deu meia-volta e dirigiu-se ao lugar do passageiro sem comentários. Enquanto desciam a rua, Kate não tirou os olhos do retrovisor, a observar Anne. Quando chegaram à autoestrada, disse a Peter que podia dormir se quisesse, mas ele ficou acordado.

– Vamos para o México – disse ele passado algum tempo. – Uns dias na praia e ficarei como novo. A minha mãe pode ficar com os miúdos até nós voltarmos, sem problema.

Passado um segundo de silêncio, disse:

– Oh, vá lá. Teve piada.

O trânsito na zona do aeroporto era intenso mas depois diminuiu para quase nada. Passaram rapidamente pelo norte de Manhattan e sobre a ponte George Washington.

– Se estiver assim até lá, chegaremos num instante – disse Kate.

Havia paz entre eles, uma sensação de otimismo tão fervilhante que Kate queria entregar-se a ela. Virou para sul na autoestrada e, embora soubesse que as colinas ondulantes a oeste eram aterros sanitários, estavam cobertas de relva e pareceram-lhe bonitas. Ainda não acontecera nada que não tivesse solução. E agora nada aconteceria. Juntos, estavam a enfrentar este problema e a lutar contra ele, lado a lado. Peter já parecia mais saudável, ali ao seu lado a procurar uma estação no rádio, como se algum interruptor se tivesse ligado. Tinham jurado ficar juntos para o melhor e para o pior e aqui estavam eles. Se isto não era o pior, o que seria? E estavam a lidar bem com a situação.

Virou para oeste, depois para sul, novamente para oeste, a estrada a desenrolar-se à sua frente e a estender-se atrás do carro. Como pudera alguma vez pensar que não iam conseguir ultrapassar isto?

– O que acontece quando lá chegarmos? – perguntou ele, agora com ar pensativo.

– Devem fazer-te uma avaliação, decidir se cumpres os critérios para internamento, e depois dás entrada. Alguns dias de desintoxicação e a seguir começa o trabalho. Dentro de poucas semanas estarás em casa connosco.

– E depois?

– Não sei. Mas pensa nisto como uma oportunidade. Quantas pessoas têm a possibilidade de começar de novo? Decidiste ser polícia aos vinte e dois anos de idade. Pensaste mesmo em todas as tuas opções? Lembras-te quando me contaste o que tinhas decidido? Nunca me tinhas mencionado a hipótese de ir para a polícia antes desse dia, nem uma vez. Podes ser pasteleiro. Bibliotecário. Seja o que for, continuarás a ser marido e pai – disse ela. – E essas são as coisas principais, de qualquer maneira.

– Tens a noção de que haverá muito menos dinheiro a entrar em casa.

– Sim, talvez. Mas mais dinheiro ou menos dinheiro, nada disso importa se não

estiveres bem.

– Por eles – disse Peter. – São uns miúdos fantásticos.

– Por ti, Peter. Não por eles, nem por mim. Por ti.

Estavam a conduzir por uma estrada local ladeada de bosques densos. Passaram por uma série de bancas de venda de produtos agrícolas, todas fechadas.

– Pensaste mesmo em deixar-me? – perguntou ele, por fim. – Ainda pensas nisso? Parece um pouco precipitado, não achas? Tendo em conta tudo...

– Precipitado? – repetiu ela, e tentou não deixar que isso obscurecesse a esperança luminosa que lhe mantinha o pé no acelerador há mais de cento e cinquenta quilómetros. – Isto vem-se arrastando há muito tempo. Não estás a conseguir pôr-te no meu lugar. Além disso, a vida agora corre mais depressa. Já reparaste? Tudo o que se movia a uma velocidade normal agora anda mais depressa.

O que não disse foi: tecnicamente, tu é que saírias de casa. Eu ficaria e as crianças continuariam com a sua vida exatamente como até aqui.

– E tu também não consegues pôr-te no meu lugar.

– Pois não.

– Está bem.

– Está bem.

Anne pôs as crianças a pintar, mas isso durou apenas quinze minutos. A seguir ensinou-os a fazer aviões de papel, mas o papel acabou depressa. Frankie deixou cair um lápis de cera no chão e o cão comeu-o antes que Molly tivesse sequer oportunidade de gritar um aviso. Depois recitaram-lhe uma lista de todas as coisas espantosas que o cão comera ao longo da vida e perguntaram a Anne se tinha um cão, e depois pediram-lhe que lhes recordasse outra vez quem é que ela era, exatamente.

Frankie desapareceu no andar de cima com um aparelho eletrónico qualquer, e ela não sabia se devia ou não proibi-lo. Podia estar a ver pornografia naquela coisa e depois eles iam culpá-la, acusá-la de não ter conseguido tomar conta deles nem por meia dúzia de horas. A menina viu um programa de televisão sobre elefantes, mas durou apenas vinte e dois minutos e Anne ainda estava a aquecer-lhes o jantar. Era a primeira vez em vários anos que usava um fogão a sério, em vez de um micro-ondas ou de uma placa elétrica. Quando o frango ficou pronto e as batatas arrefeceram um bocadinho, chamou-os para a cozinha. As crianças estavam a sentar-se quando Anne ouviu um carro abrandar lá fora.

– Quem é? – perguntou-lhes. Olhou para as instruções que Kate lhe deixara escritas. – Quem é que aparece à hora de jantar?

Os miúdos encolheram os ombros, com a boca cheia de frango e leite. Kate não dissera nada sobre visitas. Anne estava de pé ao lado da mesa, a pensar no que havia de fazer, quando viu o carro voltar para trás na mesma direção de onde viera. Teve dois segundos de alívio antes de ouvir bater à porta.

– Olá? – chamou uma voz. Estava alguém a rodar a maçaneta, a tentar entrar. –

Kate?

Os miúdos endireitaram-se à escuta.

– Avô! – gritou Molly depois de um segundo. Largou o garfo, que caiu no prato com ruído, e precipitou-se para a entrada. Correu o trinco e abriu a porta. Anne ouviu tudo isto do canto da cozinha, encostada à porta da despensa. Encolheu-se o mais que pôde e tentou não respirar.

– Onde está a mãe? – perguntou ele, e as crianças atropelaram-se uma à outra para lhe contar as novidades, que tinham saído do autocarro como de costume mas que em vez da *baby-sitter* normal, adivinha quem estava à espera deles? A mamã do pai! E ela deixara-os ver televisão apesar de ser quinta-feira, e disse que se comessem tudo ao jantar podiam ir comer um gelado depois. E a mamã só ia chegar a casa tarde porque tinha ido deixar o papá num sítio qualquer do trabalho.

– A mãe de quem? – perguntou Francis lentamente, e Anne ouviu-o aproximar-se.

– Do papá – respondeu Molly.

– Ela tem cabelo branco – disse Frankie. – E curto como o de um rapaz.

E depois ele estava na cozinha e Anne fora apanhada. Encostou a face à parede fresca e contou até três antes de se virar para o enfrentar.

– Olá – disse.

– Ora, raios me partam – respondeu ele, de boca aberta.

– Há quanto tempo – disse ela, observando-lhe o rosto, a bengala. – Eles tiveram uma emergência. Eu estava perto.

– Sim, foi por isso que vim – disse ele. Aproximou-se um passo, como se quisesse vê-la melhor. – Apanhei um táxi. A Sara ligou e disse que a Kate precisava de mim. O táxi custou cento e vinte dólares. Mais as portagens e a gorjeta. – Era tão estranho ele estar a dizer-lhe isto, pensou Anne.

Era óbvio que as crianças o adoravam. Francis olhou em volta, como se estivesse à espera de descobrir mais segredos.

– Deem-me um bocadinho – pediu às crianças, que andavam de roda dele, a puxá-lo, a tentar que ele ouvisse as suas histórias. – O avô precisa de cinco minutos.

Continuou a olhar para Anne.

– Há quanto tempo retomou o contacto com eles? – perguntou, por fim. Estava ofegante, como se alguém lhe tivesse roubado o ar.

– Não muito – respondeu ela.

– Pensei que vivia em Saratoga.

Anne sentiu um rubor invadir-lhe as faces. Então ele sabia da residência de transição. Sabia de tudo.

– Sim, vivo.

Francis cruzou os braços.

– Livre como um passarinho – disse.

Anne precisava apenas de olhar para a cara de Francis para não ter dúvidas de que ele conquistara o direito a fazer esse comentário. E ela era livre, de certa

forma, exceção feita ao seu elo de ligação a Peter.

– Como tem estado? – perguntou a Francis, em voz tão fraca e baixa que nem parecia a sua. Percebeu como era patética a pergunta, depois de tantos anos. A cicatriz no rosto dele era ao mesmo tempo prateada e vermelha e fazia-lhe lembrar a dobra que era preciso fazer numa peça de carne para que cozinhasse toda ao mesmo tempo. Porque é que não fizera uma operação plástica? Hoje em dia a cirurgia reconstrutiva fazia milagres. Ela vira um programa de televisão, alguns anos antes, em que um homem fora sujeito a uma cirurgia reconstrutiva após um foguete lhe ter rebentado a centímetros do nariz. Na altura pensara que devia ter sido assim com Francis, que lhe tinham dado uma cara nova e mandado para casa. Agora via que estava enganada. No entanto, se ignorasse a cicatriz, continuava a parecer ele. Não lhe modificara completamente o rosto. Parecia mais novo do que era – teria sessenta e tal anos, como ela, calculou Anne. Era magro, não engordara como acontecia com muitos homens ao envelhecer. E ainda via tudo com o olho bom.

– Valha-me Deus – disse ele, em vez de responder. – Eles podiam ter-me avisado.

– Acho que estavam com muita pressa – murmurou Anne. Era melhor ir-se embora. Ele podia cuidar das crianças; de qualquer modo, os miúdos estavam mais habituados a ele.

– Onde é que foram com tanta pressa? – perguntou Francis. – Ele foi desintoxicar para algum lado?

Que desagradável, expor assim coisas que estariam melhor escondidas.

– É melhor eu ir andando – disse ela –, agora que você está aqui.

Era difícil aceitar que esta mulher delicada era a mesma pessoa com quem ele estava zangado há tantos anos, o eixo de todos os seus problemas. Não conseguia parar de olhar para Anne, mesmo quando ela baixou os olhos para o chão e depois os desviou para os armários, com as faces a ficarem ruborizadas e manchadas sob o olhar dele, como se tivesse sido esbofeteada. Parecia... não inofensiva, propriamente, mas também não perigosa. Não tinha nenhuma arma secreta, nenhuma intenção de fazer mal. Francis desenvolvera o seu sexto sentido quando era polícia, e era isso que esse sexto sentido estava a dizer-lhe agora. Ela estava nervosa, trémula, com os dedos a dançarem em frente da camisola como se tivesse ali botões para mexer. De repente, Francis viu que ela nunca fora culpada, não completamente. Onde diabo estava Brian? E porque é que Francis decidira ir bater à porta, na verdade? Há mais de duas décadas que se debatia com essa questão. Tudo o que sabia era que quando olhava para Anne, agora, ela lhe parecia tão fraca que não valia a pena odiá-la. Queria dizer alguma coisa, mas não lhe ocorria nada. Se ela ficasse, talvez lhe ocorresse qualquer coisa e pelo menos teria hipótese de o dizer.

– Mais vale ficar – disse. – Nunca assistiu à hora de ir para a cama destes miúdos. É trabalho para duas pessoas. Além disso, se sair agora, eles vão pensar que eu a mandei embora.

– E com certeza que compreenderiam.

– Sim.

Os miúdos entraram a correr na cozinha, armados de livros e jogos de tabuleiro, e largaram tudo aos pés dele.

– Estão a tentar acabar comigo? – gritou-lhes Francis, enquanto eles guinchavam e riam como perdidos, completamente esquecidos de que Anne ainda ali estava.

Ele tivera um pressentimento. Antes de a ver. Por causa de algo que Kate dissera ao telefone semanas antes, sobre a ajuda que podia chegar de direções surpreendentes. E depois, na mesma conversa, contara-lhe uma história sobre Frankie, que ele tentara recentemente partir o comando do avião telecomandado só para não o partilhar com o filho dos vizinhos, e que isso dizia algo sobre ele que provavelmente o acompanharia sempre.

E depois Kate perguntara:

– Achas que os pais são sempre as pessoas que conhecem melhor os filhos? Mesmo quando esses filhos são adultos?

E Francis respondera:

– As mães, talvez.

Falando por si, ele nunca teria conseguido prever metade do que as filhas tinham decidido fazer na vida. O facto de Kate ter escolhido Peter Stanhope e não qualquer outro homem à face da Terra era um enigma que nunca conseguiria resolver. E depois havia outros enigmas a juntar a esse: como Kate, a sua menina inteligente, optara por fingir que aquilo que estava a acontecer em sua casa não estava realmente a acontecer, em vez de enfrentar a situação de frente.

– Deixa-os em paz – dissera-lhe Lena quando ele tentara falar no assunto com a filha. Lena sempre dissera que Peter era um bom rapaz e que, depois de tudo o que sofrera, era um milagre ele ser tão normal. E amava Kate. Era tudo o que interessava a Lena. Tinham-na magoado ao casar assim, sem ninguém saber. Eram demasiado ousados. Hoje em dia as pessoas já não casavam tão novas. Tinham ido a Gillam para lhes comunicar a novidade, juntos, os quatro sentados à volta de uma mesa, Peter a abanar as pernas, tão nervoso que entornara o copo de água em cima das contas que Francis e Lena estavam a analisar antes de eles entrarem. Era de certa forma patético ver um jovem tão alto e forte tão nervoso, e Francis servira-lhe uma bebida. Agora pensava nisso muitas vezes. Lembrava-se de achar que uma bebida forte era capaz de afetar o rapaz, mas Peter emborcara-a de um trago como se fosse um copo de limonada. Devia ter percebido nessa altura, pensou Francis. Havia muitas coisas assim. Ele sabia que Anne Stanhope não era boa da cabeça, mas não sabia até que ponto. Se alguém lhe tivesse perguntado se ela seria capaz de dar um tiro na cara de alguém, Francis diria que não. A própria Anne diria que não. Toda a gente no mundo diria que não. Depois de Kate e Peter terem saído, nesse dia, Lena chorara um bocadinho sentada à mesa e lamentara-se de ter sido privada de ver a filha dar o passo mais importante da sua vida. No dia seguinte,

saiu e comprou-lhe um serviço de loiça para oito pessoas porque era o que lhe teria dado se ela tivesse tido uma festa de casamento. Kate rira-se ao abrir as caixas. Prato cintilante após prato cintilante. Chaveninhas e pires.

– Nem sequer temos aspirador – dissera.

– Isso podes comprar tu – respondeu Lena.

Natalie e Sara também lhe tinham comprado qualquer coisa, mas Francis não se lembrava o quê. O objetivo, ao que parecia, não era o objeto em si – lençóis, talvez – mas utilizar o presente para dizer a Kate que estava tudo bem, que não estavam zangadas e que compreendiam porque tinham sido excluídas da ocasião. E que aceitavam Peter. Que não se opunham só por a mãe dele ser quem era. Tinham ido ao Macy's e gastado demasiado dinheiro numa inutilidade qualquer, que depois embrulharam e decoraram com fitas prateadas e brancas e entregaram a Kate, para lhe dizer que também gostariam dele, já que Kate o amava.

Foi então que Francis soube que as três filhas eram muito mais parecidas com Lena do que consigo.

Por alguma razão, ver Anne Stanhope ali, na cozinha de Kate e Peter, não o surpreendia. Era um choque e, ao mesmo tempo, não era. Nunca se libertara completamente dela. Vê-la era como se estivesse a acontecer algo que, na verdade, sempre fora inevitável. Acima de tudo, deixava-o cansado.

E agora ela estava a lançar-lhe olhares rápidos de soslaio. Provavelmente a admirar a sua obra. Devia ter deixado a bengala em casa.

Frankie apareceu na cozinha com expressão ultrajada.

– Não fomos comer gelados. – Fez beicinho. Anne sentiu o estômago apertado. Não queria que a sua primeira promessa aos netos fosse uma promessa quebrada. Mas não sabia o que fazer. Francis Gleeson viria com eles? Iriam todos juntos no carro dela comer gelados como se fossem velhos amigos?

– Prometi-lhes que se comessem tudo... – explicou Anne. – A Kate disse que não havia problema.

– Frankie – disse Francis, inclinando-se para ficar com os olhos ao nível dos do menino. – Está a chover torrencialmente. Teríamos de vir a comer os gelados no carro, e isso não tem graça nenhuma. E olha o que eu trouxe. – Francis enfiou a mão no bolso e tirou dois chocolates irlandeses que trouxera da caixa que Lena tinha sempre em casa.

Frankie não parecia ter muita vontade de aceitar o negócio, mas o canto de sereia daqueles chocolates foi demasiado forte.

– Da próxima vez que vier cá, gelados – disse ele a Anne em tom levemente ameaçador.

Depois de as crianças terminarem os chocolates e subirem para lavar os dentes – o primeiro passo de um processo ridiculamente longo antes de dormir – Francis pensou que ela aproveitasse para se ir embora, mas em vez disso Anne virou-se para ele e falou.

– Como é que uma pessoa pede desculpa por aquilo que eu fiz? Francamente, não faço ideia.

Francis foi apanhado de surpresa. Era uma boa questão. Nunca pensara que ela fosse capaz de o dizer diretamente.

– Foi por isso que nunca tentei fazê-lo, Francis. Não sei por onde começar.

O sotaque irlandês de Anne dissipara-se ao longo dos anos. O dele também, supunha.

Esperou que ela desse alguma justificação. Que pusesse as culpas em Brian, ou na doença mental, ou em qualquer outra coisa. Mas não o fez. As crianças voltaram a descer. Anne levou Molly para cima para lhe ler um livro. Francis levou Frankie, que preferia ser ele a ler alto para o avô. Levaram água, levaram lenços de papel, responderam a perguntas. Quanto mais Frankie falava sobre quem venceria se um tubarão lutasse contra uma baleia assassina, mais surreal parecia a Francis estar debaixo do mesmo teto que Anne Stanhope. Tinha vontade de percorrer o corredor em bicos de pés e espreitar para o quarto de Molly para confirmar se era mesmo ela. Lembrava-se de uma mulher alta. Forte. Costumava prender o cabelo no alto da cabeça e vestir roupas de cores vivas e era linda, na verdade, agora que pensava nisso. Mas esta mulher era desprovida de cor e quase caberia nas roupas de Frankie. Francis foi o primeiro a descer, e esperou.

Por fim, ouviu os passos dela na escada.

– Sabe – disse ele, depois de ela se sentar –, sempre pensei que a coisa certa a fazer era ajudar quem precisava de ajuda, mas depois daquela noite mudei de ideias. Na altura, pensei que um de vocês podia acabar ferido, mas depois decidi que devia ter deixado acontecer o que quer que fosse. Devia ter chamado a polícia e esperado, como um civil. Devia ter ficado com o Peter na minha casa e deixado que os acontecimentos se desenrolassem como tivessem de se desenrolar na vossa. Mesmo que a Anne tivesse matado o Brian ou ele a matasse a si. Portanto, se alguma vez tivesse regressado ao trabalho, seria um mau polícia daí para a frente. Deixaria as pessoas matarem-se umas às outras antes de voltar a interferir.

– Não, não acredito nisso – disse ela.

Ficaram em silêncio muito tempo.

– Uma vez, o meu professor na Irlanda sugeriu que eu falasse com alguém – disse ela. – A minha mãe tinha morrido inesperadamente e eu estava a ter dificuldades.

– E falou?

– Bom, ele sugeriu um padre. Eram os anos 60.

– Ah.

– Por isso disse-lhe «obrigada, mas não obrigada». Estamos a falar do mesmo padre que não deixara a minha mãe ser enterrada no cemitério da igreja. Por que havia de lhe contar o que me passava pela cabeça? Havia um muro à volta do cemitério da igreja, e enterraram-na do outro lado do muro. Em terreno não consagrado.

Francis lembrava-se de um suicídio na sua terra natal, e de como o padre local não autorizara o funeral e por isso a morte fora basicamente ignorada por todos e ninguém falava nisso. A mãe de Francis levava uma dúzia de bolos à viúva. Francis

nunca questionara onde é que o homem estaria enterrado.

– E na América, depois de eu ter perdido aquele bebé, devia ter falado com alguém mas não falei.

– Bom, não era muito comum, na verdade.

– Era. Já estava a começar a tornar-se normal.

– Para algumas pessoas, mas não para nós.

– Falou com alguém? Depois do que aconteceu? – perguntou Anne a Francis.

– Não. Nem sequer considereei essa hipótese. Nem saberia como procurar esse tipo de médico.

– E o Peter?

– Duvido muito. Bom, falou com o psicólogo do departamento, mas só agora, depois desta situação recente. Seja como for, isso é diferente.

– Mas agora vão obrigá-lo. Se ele foi para o sítio que eu imagino que foi.

Ficaram algum tempo sentados em silêncio, enquanto a chuva batia na porta e nas janelas.

– Mas oiça... havia muitas pessoas que deviam ter falado com alguém e não falaram, mas que nunca fizeram nada como o que você fez.

Anne olhou para ele com ar interrogativo, como se tentasse perceber se ele estava a condená-la ou a perdoar-lhe. Era impossível dizer.

– Bom, suponho que a Anne não sabia, tal como eu, o que ia acabar por fazer naquela noite.

Estava a perdoá-la. Anne escondeu o rosto nas mãos e virou-se para a parede. Francis pensou no que Lena faria, mas não podia propriamente aproximar-se e esfregar-lhe as costas ou fazer-lhe um chá. Suavizar um pouco o fardo da culpa já era generosidade suficiente para uma noite. E surpreendera-o tanto como a surpreendera a ela. Portanto levantou-se e aproximou-se da janela para lhe dar um instante de privacidade.

Houvera anos em que parecera importante odiá-la, mas esses anos, percebeu agora, já tinham ficado para trás. Acima de tudo, sentia pena de Anne. Ela tinha tão pouco. Mesmo sem saber nada sobre a sua vida, Francis conseguia sentir a solidão que emergia dela e ocupava o espaço à sua volta. E ele tinha muito. Três filhas que podia visitar quando quisesse. Sete netos. Lena. Quando ele caíra no quintal, no início do verão, em menos de uma hora tinha as quatro de roda dele, a decidir em conjunto se ele devia ou não ir ao hospital. Quem é que Anne tinha?

E, ao aliviar o fardo dela, sentiu o seu mais leve também. Era verdade, o que lhe dissera.

Kate chegou pouco depois das nove da noite e, quando viu a silhueta do pai através da janela, pensou em fazer marcha-atrás e continuar a conduzir. Claro, pensou, percebendo exatamente o que se passara: Sara ligara para ele, apesar de Kate não lho ter pedido, e o pai chamara imediatamente um táxi. Lena fizera-lhe a cabeça em água da última vez que conduzira sozinho até Long Island e Francis prometera-lhe que não o voltaria a fazer, já que ela não ficava descansada. E

mantivera a sua promessa. Kate pensou em dar a volta, telefonar e dizer que se tinha atrasado, que havia uma tempestade demasiado forte para poder conduzir em segurança. Tinha de facto passado por uma tempestade, essa parte não seria mentira. Mas quando deu por isso ele estava à janela, uma silhueta contra o fundo iluminado, com a mão encostada ao vidro, a espreitar.

Enquanto a viagem para lá se fizera numa bolha frágil de esperança, como uma bola de cristal que manuseavam carinhosamente enquanto tentavam vislumbrar as cenas no seu interior, o regresso a casa fora mergulhado em tristeza e, em certos momentos, Kate sentira o peito tão pesado que pensou que teria de parar o carro para recuperar o fôlego. Quando a chuva se tornou demasiado intensa para os limpa-para-brisas, parou numa loja de *donuts* com intenção de ir beber um café, mas não teve energia para sair do carro. Peter mantivera a compostura durante a avaliação. Respondera a todas as perguntas honestamente e pedira para ela estar presente. Algumas das respostas tinham-na deixado gelada, e só se apercebeu de que estava a tremer quando uma terapeuta lhe pegou na mão e a apertou. Uma das perguntas era se ele alguma vez pensara no suicídio. Peter fizera uma pausa tão breve que só ela, a pessoa que o conhecia melhor em todo o mundo, repararia.

– Não – disse, e Kate viu que eles não tinham duvidado, enquanto um abismo vasto e aterrorizador se abria no peito dela.

Pediram a Kate e Peter que saíssem por um instante enquanto discutiam o caso e ele permaneceu calmo na pequena sala de espera, tão esgotado depois de responder a tantas perguntas – não só aquelas a que ela assistira, recordou-lhe, mas também as perguntas dessa manhã e das últimas doze semanas – que parecia quase sonolento, mas quando eles saíram e lhe entregaram os documentos que significavam que estava aceite, virou-se para ela como um animal apanhado numa armadilha e Kate quase, quase lhe pegou na mão para o tirar dali. Parecia uma coisa com que conseguiriam lidar juntos, só os dois, e agora que ele estava a dizer todas as coisas que ela tanto desejara que ele dissesse – a verdade, os detalhes – talvez conseguissem mesmo fazê-lo. Talvez não precisassem destas pessoas. Ela podia pedir uma licença no trabalho e arranjar um plano. Podiam pedir uma segunda hipoteca sobre a casa enquanto ela o fechava num quarto consigo e decidiam a melhor maneira de prosseguir.

– Kate? – disse ele, com a mão suspensa sobre a linha da assinatura, e a seguir conduziram-na à saída e uma mulher chamada Marisol tentou consolá-la dizendo-lhe que, ali, não engoliriam nenhuma das patranhas dele.

– Não fale sobre ele dessa maneira – protestou Kate. – Não sabe aquilo por que ele passou. Não faz a mais pequena ideia.

Não lera o suficiente sobre esta instituição em concreto. Fizera uma pesquisa rápida, lera um pouco *online*, mas era a única vaga disponível num raio de trezentos quilómetros que o seguro cobria parcialmente, portanto não pensara duas vezes. Agora desejava ter refletido melhor. Ele nunca fora agressivo para ninguém, em toda a sua vida. Era generoso, e justo, e paciente, e não merecia esta frieza agora, se essa era a abordagem que tencionavam seguir.

E depois lembrou-se de que ele podia ter matado alguém quando disparara a arma. Um colega. Um espectador inocente. Uma criança.

– Calma, calma – disse Marisol, e esfregou o braço de Kate. – É a primeira vez? A primeira vez é sempre a mais difícil.

Primeira vez? Então estavam todos a partir do princípio de que haveria uma segunda? E tinham feito um discurso destes a Peter para o preparar para o fracasso? Só lhe apetecia esbofetear Marisol. No entanto, deu meia-volta e saiu, caminhou sob a chuva até ao carro e ficou ali sentada quinze minutos, a olhar para as luzes do edifício para ver se se acendia alguma que estivesse apagada antes, para saber qual seria o quarto dele.

As crianças tinham adormecido finalmente há cerca de uma hora e, nesse tempo, Francis e Anne falaram sobre a Irlanda, sobre os invernos tão amenos em comparação com Nova Iorque, os verões frescos, o dia de St. Stephen. Ao princípio estavam tensos, Francis sentado na poltrona, Anne na ponta do sofá, mas à medida que avançavam nas memórias foram relaxando. Ambos se tinham mascarado no Dia da Carriça. Ambos iam à missa numa carroça puxada por um cavalo. Ambos se lembravam de que a comida lá tinha um sabor diferente, principalmente a manteiga, o leite, os ovos. Ambos sentiam nostalgia em relação à Irlanda de maneiras diferentes, ou talvez fosse nostalgia em relação às suas próprias infâncias, àquela época antes de saberem que era preciso tomar decisões, antes de saberem que os arrependimentos haviam de se acumular. Francis conseguia ver essa mesma nostalgia sem nome em Anne – não propriamente saudades, mas sim uma fúria abafada por terem sido obrigados a deixar o país, e com tão pouco dinheiro e sabedoria, e por estarem há tantos anos num sítio que não era a sua terra, embora essa terra também já não fosse a sua, e onde é que isso os deixava? Anne era de Dublin, sim, mas não da cidade de Dublin, como Francis sempre presumira. Ambos tinham tido um cão chamado Shep. Nenhum deles lá regressara. Quando Kate entrou, estavam a falar de todos os irlandeses que tinham vindo para a América há cinquenta, sessenta anos, mas que tinham optado por ser enterrados na Irlanda quando a sua hora chegou. Francis lembrou-se do seu tio Patsy pela primeira vez provavelmente em mais de uma década, na despesa que fora enviar o seu corpo para Connemara.

– Você não quer ser enterrado lá, pois não? – perguntou Anne. – Ou quer? – Ocorreu-lhe mais uma vez como era estranho que estivessem aqui sentados juntos. Graças a ela, Francis quase fora enterrado anos antes.

Kate pediu desculpa por chegar tão tarde. Estariam eles realmente a falar sobre morte? Sobre enterros? A chuva caía agora como um dilúvio. Houvera um acidente grave na autoestrada. Durante parte da viagem de regresso, ela tentara compreender como era possível que a pessoa mais assustadora da sua infância estivesse nesse momento sentada na sala dela, à sua espera, e como a preocupação de ambas com Peter, a pessoa que as duas mais amavam, as colocava no mesmo barco, e como podiam remar para o mesmo lado ou deixar o barco à deriva

enquanto ele se afogava.

Assim que Kate entrou, Anne levantou-se e parecia pronta para fugir.

– Como está o Peter? – perguntou ela, e Francis ergueu os olhos com a mesma pergunta no rosto. Viu que a filha tinha a expressão pálida e aturdida de alguém que passara um mau bocado.

– Eles aceitaram-no – disse Kate. – E agora vamos ver.

Então estava feito e ela podia ir-se embora, pensou Anne. Podia deixá-los em paz. Quando Peter voltasse, ela voltaria também. Até lá, este era território dos Gleeson. Provavelmente Lena viria, e as irmãs de Kate também, Anne não se lembrava dos nomes delas. Mas depois pensou nas crianças que dormiam lá em cima, que carregavam toda a história dela no sangue, bem como a história de Francis Gleeson, de Lena Gleeson, de Brian. Anne pensou nas suas primeiras noites no hospital, em como fora estranho dormir com a luz do corredor acesa e as enfermeiras a entrar no quarto a toda a hora, por vezes a destapá-la sem lhe dizer porquê, a transferi-la de um quarto para outro idêntico sem qualquer explicação. Perguntou a si própria se dariam medicação a Peter e, se assim fosse, rezou para que ele a tomasse e não a escondesse debaixo da língua ou na orelha, que não a deixasse cair e afastasse com o pé. Os que se saíam melhor eram os que cediam quase imediatamente, os que apareciam na terapia de grupo e participavam e se esforçavam, e quando pensava no rapazinho sério que Peter fora, soube que ele seria um desses. Faria tudo o que lhe dissessem e ia correr tudo bem.

– Tens opções, Kate – disse Francis. – Lembra-te disso. Se tu e as crianças quiserem ir viver connosco durante uns tempos, havemos de resolver as coisas juntos. Não te esqueças. E as tuas irmãs disseram o mesmo. Todos temos espaço suficiente.

Anne virou-se para Francis bruscamente. Cala essa boca, queria dizer-lhe, e lembrou-se mais uma vez daquilo que tanto a incomodava nestas pessoas – a forma imprudente de falar, de dar conselhos, de se meterem na vida dos outros. E quais seriam as opções de Peter? pensou. Eu?

E depois surgiu o pensamento que Anne não esperava, num grito tão profundo que se sentiu fraca e teve de se sentar novamente. Não o abandones, implorou a Kate em silêncio, desesperadamente. Não o abandones. Ele já foi abandonado demasiadas vezes.

Um mês. Uma página do calendário.

Quando ele saiu de casa, as árvores ainda estavam verdes e frondosas. Mas durante esse mês as folhas mudaram de cor e caíram, e as crianças juntaram-nas em montes que lhes davam pelo peito e, aos gritos de alegria, atiraram-nas ao ar. O ar arrefeceu e, de um dia para o outro, Molly ficou cheia de cieiro no lábio superior. Dois sábados seguidos, Kate reuniu as folhas secas com um ancinho para cima de um lençol e arrastou o lençol para a berma do passeio. Frankie segurou de um dos lados para que as folhas não se espalhassem.

– Onde está o papá? – perguntava constantemente. E, uma vez: – Onde está o meu pai? – com o rosto franzido num vestígio de preocupação adulta.

Uma manhã, enquanto se preparavam para sair de casa – os pratos do pequeno-almoço espalhados no balcão, casacos e camisolas no mesmo monte onde tinham sido largados na véspera – ouviram um baque sonoro na porta e quando a abriram – todos juntos, curiosos para ver quem os viria visitar tão cedo – encontraram um pássaro ferido caído no tapete, com uma das asas ainda a estremecer. As crianças tinham de ir para a paragem do autocarro, Kate tinha de ir trabalhar, mas todos pararam, largaram malas e sacos e olharam para a ave. Frankie foi buscar algumas sementes ao comedouro do quintal e espalhou-as junto do bico do pássaro. Molly entrou e foi buscar um lenço de papel para lhe servir de manta. Kate estava a pensar em como havia de se livrar da criatura sem os miúdos verem – não tinha salvação, isso era óbvio – quando de repente o pássaro se levantou sobre as patinhas finas e piscou os olhos. Molly esticou o dedo e acariciou-lhe a asa e o pássaro deu um saltinho, depois outro, e voou em frente das caras deles para a sebe dos vizinhos. Todos festejaram enquanto pegavam novamente nas suas coisas. Os três passariam o dia a contar a história uma e outra vez.

No carro, enquanto fazia marcha-atrás, Kate disse:

- Pensei que teria de o enterrar e dizer-vos que ele tinha fugido.
- Eras capaz de nos dizer uma mentira? – perguntou Molly.
- Não – disse Kate, mas pelo espelho retrovisor viu que ambos os filhos pareciam pouco convencidos.

Todo o dia, toda a semana, todo o mês, Kate sentiu-se como se estivesse à espera de notícias mas as notícias, fossem elas quais fossem, nunca mais chegavam. Os miúdos comiam maçãs ao jantar. De vez em quando deixava-os não tomar banho. Deixava-os ver televisão. Se as suas roupas eram confortáveis – fatos de treino em vez de calças de ganga – deixava-os dormir com elas em vez de vestirem o pijama. Nos jogos de baseball infantil de Frankie conversava com os outros pais e quando lhe perguntavam por Peter dizia que ele estava mesmo triste por ter de faltar a este jogo mas não faltaria ao próximo. E depois, no jogo seguinte, dizia outra coisa qualquer.

Quando falava com Peter as conversas pareciam forçadas. Estava tudo a correr

bem, dizia ele. Sentia-se bem. Tinha saudades. Estava ansioso por voltar para casa. Kate apertava o telefone e tentava decodificar mensagens secretas. Dizia-lhe que queria conseguir visualizar o sítio onde ele estava, o quarto, as janelas, as persianas. Havia pessoas a ouvir o telefonema? E ele podia sair do edifício? Contava-lhe episódios da vida doméstica, uns atrás dos outros, como se estivesse a atirar pedras a um lago para ver a ondulação a correr para a margem.

– Falamos daqui a uns dias – dizia sempre ele antes de se despedir. Nunca queria falar com os filhos.

Em outubro houve uma tempestade de neve inesperada e a escola foi encerrada durante dois dias. Na rádio, falavam em recordes de temperaturas baixas. A queda de árvores cortou a eletricidade em toda a cidade e Kate começou a ficar preocupada com os canos. Meteu os miúdos no carro e foram a três lojas antes de conseguirem encontrar um gerador.

– Não o ligue dentro de casa – avisou o vendedor depois de a ajudar a colocá-lo no porta-bagagens, entregando-lhe o manual como se não estivesse convencido de que ela não ia matar acidentalmente a família toda. – Tem alguém que a ajude a tirá-lo do carro quando chegar a casa?

– Oh, sim – respondeu ela em tom descontraído.

Em casa, mandou os filhos para dentro enquanto contemplava a máquina de cinquenta quilos e formulava um plano. Entrou na garagem e foi buscar o carrinho de mão. Depois apoiou um pé no para-choques traseiro do carro e puxou até ter o corpo todo a tremer. Quando conseguiu pôr o gerador em cima da beira do porta-bagagens, equilibrou-o durante um minuto enquanto recuperava as forças. Depois bastou um puxão valente para o transferir para o carrinho de mão.

Sara visitou-a. Natalie visitou-a. Perguntaram por Peter mas não a pressionaram quando perceberam que Kate não queria dizer mais do que o básico: ele não estava em casa e estaria fora mais algumas semanas. Anne Stanhope regressara a Saratoga. Ligava uma vez por semana mas as conversas eram sempre breves. Francis telefonava todas as noites, depois do noticiário das sete. Kate só atendia de três em três ou quatro em quatro dias.

À noite, depois de as crianças estarem a dormir, via televisão. Uma noite desceu até à cave e sentou-se no sofá que considerava ser o sofá dele. Passou as mãos pelas almofadas onde ele dormira tantas vezes. Escondeu o rosto na manta com que ele se cobria e esperou pelas lágrimas. Quando viu que não ia chorar, voltou para cima.

Peter teve alta numa terça-feira. Ligou no domingo anterior para a avisar.

– Desculpa ter de te fazer vir de tão longe outra vez – disse.

– Não faz mal! – respondeu Kate. Fez as contas. Trinta e três dias. Nunca tinham estado separados tanto tempo depois que se haviam reencontrado. A conta a pagar, fosse ela qual fosse, seria um preço reduzido por uma vida que entrara novamente nos eixos.

Tirou um dia de folga do trabalho. Os filhos não foram à escola. Preparou

lancheiras com petiscos para a viagem.

O trânsito estava mais intenso do que na tarde em que o fora deixar. De dez em dez minutos, as crianças exigiam saber quanto tempo faltava. A fila de bancas fechadas pelas quais tinham passado naquela noite de chuva em setembro estavam agora abertas, e Kate parou com intenção de comprar alguma coisa que pudesse guardar, algo com o nome da cidade, para nunca mais esquecer o sítio onde ele viera para se salvar. Depois de regressar ao carro, abriu um frasco de mel e deixou cada um dos filhos enfiar o dedo no líquido dourado até à primeira articulação.

Ele estava à espera na rua, sentado num banco debaixo de um ácer de folhas vermelhas, com as folhas secas espalhadas aos seus pés como brasas de uma fogueira. Levantou-se ao ver o carro e, quando viu que as crianças estavam no banco de trás, aos saltinhos, a bater palmas, o seu rosto iluminou-se.

– Olá – disse a Kate por cima das cabeças dos filhos quando estes se atiraram para ele, a tentar contar-lhe tudo ao mesmo tempo.

– Olá – disse ela, mas percebeu que não conseguia aproximar-se mais do marido.

Seria bom cumprir os rituais, ela sabia-o e ralhou consigo própria, mas estava paralisada. Devia abraçá-lo como as crianças tinham feito. Devia beijá-lo e apertá-lo e dizer-lhe que ia correr tudo bem. No entanto sentiu algo dentro de si afundar-se – parte do carinho e da esperança e da urgência que sentia desde que saíra de casa, com o jantar na panela elétrica para estar pronto quando chegassem.

– Estás com bom aspeto – disse ela. – Sentes-te bem?

– Sim – respondeu ele, e desviou o olhar.

Mais tarde, meses mais tarde, Kate percebeu que o que quisera realmente perguntar-lhe era: «Estás curado?»

De qualquer maneira, ele teria respondido que sim.

Kate limpou a casa de alto a baixo para o regresso dele. Deixara tudo a brilhar, abriu as persianas para que a luz entrasse para o receber. Encheu o frigorífico com fruta e legumes frescos. As crianças fizeram postais e uma faixa gigantesca de boas vindas. Mesmo assim, durante dias e dias, foi difícil aproximar o corpo do dele. Foi difícil fitá-lo diretamente nos olhos, com medo de que ele percebesse o que ela estava a pensar, com medo de ver pensamentos semelhantes a fermentar dentro dele. Enquanto ele esteve fora, Kate fora buscar o álbum de casamento. Ao contrário dos álbuns enfeitados com folhos e fitas que Sara e Natalie tinham adquirido para as fotografias dos seus casamentos, o de Kate e Peter era um álbum barato, com instantâneos tirados por desconhecidos a caminho do trabalho. Ali estava Kate, com um vestido rosa-claro que mal lhe cobria as coxas, uma flor lilás no cabelo. Ali estava Peter, magro e alto, com um fato que lhe ficava largo nos ombros. Abraçados. Com expressão triunfante no rosto.

Durante os primeiros dias em casa Peter parecia estar sempre muito atarefado, quando ela esperava que ele se sentisse entediado e perdido. Passava as manhãs com o computador, depois ia à biblioteca, depois voltava para o computador.

Quando ela lhe perguntava o que estava a fazer, respondia «Nada» sem tirar os olhos do ecrã. Benny ligou para dizer que a audiência da pensão estava marcada, mas Peter reagiu com indiferença. Atendeu um telefonema lá fora, a andar de um lado para o outro no passeio, e Kate observou-o da janela. Começara a beber chá quando estava «em Nova Jérсия», como dizia quando se referia à instituição, e agora bebia dez, doze, quinze chávenas por dia. Kate encontrava as canecas espalhadas pela casa com os saquinhos de chá lá dentro, como antes costumava encontrar garrafas vazias. Quase se queixou – Peter podia pelo menos deitar os saquinhos de chá no lixo, pôr as canecas no lava-loiça – mas depois uma vaga de remorsos abateu-se sobre ela enquanto estava parada no meio da sala com duas canecas sujas na mão, e jurou que se ele continuasse a beber apenas chá nunca, nunca mais se queixaria.

Por fim, duas semanas depois de regressar, Peter disse-lhe que queria ser professor. Mais precisamente, queria dar aulas de História no ensino secundário. A ideia ocorreria-lhe quando estava em Nova Jérсия, e começara a sondar essa possibilidade. Não tinha o mestrado nem habilitação própria para dar aulas, mas talvez conseguisse entrar numa escola paroquial. O capelão da sua antiga esquadra colocara-o em contacto com uma escola católica para rapazes, não muito longe de onde moravam. Tinha uma entrevista na quarta-feira depois do Dia de Ações de Graças.

– Fantástico – disse Kate. – Acho que vais mesmo gostar, Peter. Que boa ideia.

Estava contente por ele. Encantada. Aliviada por descobrir que era disto que ele andava a tratar durante aqueles dias todos de azáfama. Mas pareceu-lhe ser algo distinto dela e, embora concordasse e continuasse a dizer que ele seria feliz como professor, que era exatamente o tipo de mudança radical de que precisava, sentiu um deslocamento de placas tectónicas, uma falha a abrir-se ao meio, deixando um de cada lado. Tantas conversas telefónicas durante um mês e ele nunca tocara neste assunto. Estava magoada, mas estar magoada parecia-lhe egoísta por isso tentou ignorar o sentimento.

Peter agora acordava cedo, ajudava a despachar as crianças. Kate via que ele estava a tentar, a esforçar-se por ser saudável, por ser feliz, e amava-o por isso. Enquanto tomava banho, enquanto se vestia, enquanto saía de casa, recordava a si própria uma e outra vez as coisas que faziam dela uma pessoa de sorte. Era um truque que a mãe lhe ensinara para quando se sentisse em baixo, e até agora sempre resultara. Tentou fazer um esforço para compreender como seria para ele ter sido algo durante tanto tempo que agora lhe estava permanentemente vedado. Porém, noutras manhãs, quando o entusiasmo de Peter pela vida doméstica mostrava sinais de desgaste, Kate sentia toda essa compreensão dissipar-se e queria virar-se para ele e perguntar-lhe se fazia ideia de como ela era fantástica, de como as crianças eram fantásticas, de que havia um milhão de pessoas neste mundo que dariam tudo para estar no lugar dele.

– Era mesmo assim tão importante para ti? Ser polícia? – perguntou-lhe uma manhã, quando o esforço de Peter estava particularmente visível. Mesmo ao dizê-

lo sabia que estava a ignorar propositadamente alguns detalhes cruciais, mas a vida continuava, não era? Um capítulo encerrava-se, outro começava. De que adiantava estar tão abatido?

Ele pareceu abalado. Saiu da cozinha e voltou cinco segundos depois.

– És muito dura, Kate. Toda a gente diz que és muito forte, mas o que tu és é dura.

Era prática. Pragmática. Sensata. Não era dura.

Franca, talvez. Honesta. Mas não dura. Como é que ele se atrevia.

Continuaram assim durante semanas, dois passos para a frente, um passo para trás. Mas devagar, muito devagar, os dias começaram a passar mais facilmente e Kate sentiu os muros a desmoronarem-se. Aninhava-se mais nele à noite. Pousava-lhe a mão nas costas ou no peito quando se cruzavam junto ao balcão da cozinha. Uma noite, quando ele lhe tocou no ombro, Kate virou-se, pegou-lhe na mão e beijou-a.

Para poupar dinheiro, cortaram com as atividades extracurriculares das crianças e quando Kate estava a trabalhar ele levava-os à biblioteca, onde havia o Clube do Lego e sessões de música. Uma noite, ao jantar, Molly anunciou que *toooooo*das as mães gostavam de falar com o papá, e Peter sorriu a Kate por cima da cabeça de Molly, com ar malicioso. Quase todos os dias, quando Kate chegava do trabalho, ele já tinha o jantar pronto. Começou a ir a reuniões dos Alcoólicos Anónimos e dizia a Kate exatamente onde ficava determinada reunião, a que horas começava e acabava, apesar de ela nunca lhe ter pedido que o fizesse. Quando chegava a casa sentava-se junto dela no sofá e perguntava-lhe pelo seu dia, falava-lhe sobre o dele. Kate queria saber mexericos sobre as outras pessoas das reuniões, obrigou-o a prometer-lhe que lhe diria se aparecesse alguém que ela conhecesse – um professor de Frankie, por exemplo, ou o senador local – e ele simplesmente riu-se, disse que iria parar à prisão dos AA se fizesse uma coisa dessas.

Uma noite, finalmente, ele afastou-lhe o cabelo e beijou-lhe o pescoço, depois a boca. Parou quando a sentiu a tremer e abraçou-a durante muito tempo e disse-lhe que estava tudo bem, que ia correr tudo bem. Agora, quando dormiam juntos, era numa margem tão distante daquela de onde tinham partido que Kate dava por si a olhar para trás, para o farol longínquo do início, a comparar uma e outra vez como as coisas eram então e como eram agora. Aquilo que antes era fluente entre eles parecia ultimamente incompreensível, muito mais difícil de traduzir. Mas as coisas têm de mudar, dizia Peter. Porque a vida muda e as pessoas mudam. Desde que mudemos juntos, não faz mal.

No dia da entrevista de Peter na escola, apenas seis semanas depois de regressar de Nova Jérssia, ele vestiu o mesmo fato que usara na audiência.

Kate conseguia imaginar como a entrevista correria bem. Ele sabia tudo sobre História, todos os ângulos, as complexidades. Os rapazes daquela escola teriam sorte de o ter como professor e os administradores concordavam, ao que parecia. Chamaram-no para uma segunda entrevista e depois ofereceram-lhe o lugar. Peter tinha de aprender a planear aulas e a organizar os programas e os testes, mas podia

começar depois das férias de Natal, quando uma das professoras ia entrar de licença de maternidade. Ela dava História Americana II, pelo que seria isso que ele ia lecionar, mas no próximo ano letivo passaria para História Europeia Moderna. O verão seria passado em formação profissional. Se ele quisesse, podia também treinar a equipa de atletismo. Depois da segunda entrevista, o chefe do Departamento de História, um homem chamado Robbie mais ou menos da idade de Peter, acompanhou-o à porta e disse-lhe que se lembrava de Peter das provas de atletismo na escola secundária, que na verdade tinham competido um com o outro.

– Bom, participámos na mesma eliminatória algumas vezes – disse Robbie, timidamente. – Não que eu tivesse alguma hipótese de te vencer. Talvez te lembres de mim? Eu era da Townsend Harris?

– Sabes, bem me pareceu que me eras familiar – disse Peter, embora não tivesse qualquer memória de nenhum dos atletas da equipa de Townsend Harris.

No Natal, que era sempre em casa deles, contactou os pais, Natalie e Sara, para lhes dizer que não haveria álcool esse ano, mas que sabia que isso era deprimente e que portanto, se quisessem fazer a festa noutro lado, ela compreendia perfeitamente. Não estava interessada em responder às perguntas deles mas sabia que todos sabiam – Francis certamente que as informara, com certeza tinham discutido o assunto – por isso achou que o melhor era avisá-los antecipadamente. Todos vieram – chegaram cedo e saíram cedo – e Peter, embora tivesse insistido que não havia problema nenhum de os receber, como sempre tinham feito, estava claramente constrangido, pouco à vontade. Quando Kate lhe perguntou o que se passava, disse apenas que não lhe tinha ocorrido ainda que toda a gente sabia.

Começou a dizer que não fazia mal, mas interrompeu-se e disse que preferia que ela lhe tivesse contado, que parecia um assunto privado, se alguém devia ter dito alguma coisa era ele, não Kate, apenas isso. Kate quase conseguia ouvir a voz do terapeuta nas palavras dele, a encorajá-lo a dizer o que sentia.

– Eu não lhes disse nada. Nunca falei no assunto com nenhum deles. Mas estiveste fora um mês, Peter. As pessoas não são parvas.

Anne esperou que Peter regressasse a casa depois dos seus trinta e três dias e apareceu um dia à porta deles. Recusou-se a entrar e disse a Peter que queria apenas vê-lo, certificar-se de que ele estava bem. Disse-lhes que esperava que pudessem ir visitá-la um dia, todos. Vivia em Saratoga há tantos anos e nunca estivera nas corridas. Talvez as crianças gostassem de ver os cavalos.

– É boa ideia – disseram ambos e, enquanto Peter acompanhava Anne ao carro, Kate pensou: «Nunca a visitarei em Saratoga.»

E depois, na noite antes do início da sua nova carreira – com três novos pares de calças de caqui engomadas e penduradas no roupeiro, um par de sapatos novos por baixo – ele chegou a casa de uma reunião dos AA e desceu imediatamente para a cave. Quando Kate passou pela porta, pareceu-lhe ouvir o tilintar de vidro contra vidro.

– Peter? – chamou, para a escuridão. – O que estás a fazer?

– Nada – respondeu ele. – Estou só à procura de uma coisa. Subo já.

Kate ficou perfeitamente imóvel. Susteve a respiração. Consequia senti-lo também parado, à espera.

– Porque é que tens as luzes apagadas? – perguntou ela.

– Não sei – disse Peter. – Eu acendo-as. Pronto.

A cave iluminou-se e ele estava ao fundo da escada, a olhar para ela.

Depois do que lhe pareceu muito tempo, Kate deu meia-volta e subiu para o quarto. Fechou a porta e enfiou-se debaixo das mantas.

Na manhã seguinte – depois de ele andar a correr pela casa como um doido à procura de qualquer coisa que não deixava que ninguém o ajudasse a procurar, depois de praguejar ao ver que o café não estava feito, e depois de finalmente entrar no carro e sair – Kate ouviu Frankie chamá-la e, quando ergueu o rosto, viu um carro desconhecido a afastar-se.

– Estás aí! – exclamou Frankie quando Kate apareceu. – Um homem veio trazer a carteira do papá. Disse que ele a deixou no bar e ele abriu-a para procurar a morada.

Kate pegou na carteira e calma e racionalmente recordou exatamente o que ele dissera: era uma reunião de noventa minutos, a quinze minutos de caminho.

Peter estivera fora pouco mais de duas horas e ao chegar, mesmo antes de descer para a cave, comentara que ia acabar por engordar com todos os *donuts* e guloseimas que as pessoas levavam.

– Estes viciados – dissera –, substituem uma coisa por outra.

– Ups! – dissera Kate, aliviada agora que ele estava em casa. – Não digas essas coisas ou ainda te mandam para a prisão dos AA!

Lembrou-se do tilintar que lhe parecera ouvir na cave na noite anterior, da expressão no rosto dele quando acendera as luzes. Desceu a escada e viu imediatamente que a pequena geleira azul que usavam no verão para levar sanduíches para a piscina não estava no mesmo sítio. Abriu-a e viu três pequenas garrafas escondidas debaixo de um jornal velho.

Primeiro ligou para a instituição de Nova Jérсия, como se pudesse exigir um reembolso. Em que teoria científica se baseava a abordagem deles? Quem eram os médicos? Quais eram as suas credenciais? Perguntas que devia ter feito meses antes. Pediu para falar com Marisol, a mulher que primeiro deixara no ar a possibilidade do fracasso e, portanto, a única responsável. Mas Marisol não se deixou abalar e o seu tom de voz dava a entender que já tinha recebido trinta telefonemas parecidos só nessa manhã. Depois ligou para o padrinho de Peter nos AA, um tipo chamado Tim, que escrevinhara o seu nome e número de telefone na primeira página do Grande Livro. Ninguém atendeu. Depois ligou para o pai, que lhe disse não estar minimamente surpreendido, que era pedir muito a uma pessoa largar tudo assim a frio, era irrealista e desnecessário, e que de qualquer maneira nunca acreditara que Peter alinhasse com essas tretas do poder superior. O que ele devia fazer agora era uma desintoxicação rápida outra vez e depois limitar-se a

líquidos castanhos, e só entre as sete e as nove da noite. Os tipos que estavam pior só bebiam bebidas transparentes. Essa devia ter sido a primeira pista.

Ligou para George mas, antes que conseguisse dizer-lhe alguma coisa, ele pediu se podia ligar-lhe mais tarde porque Rosaleen não estava muito bem, na verdade tinha sido internada em Lenox Hill na noite anterior.

– Claro que sim! – disse Kate. – Mas está tudo bem?

– É o coração – disse George. – Não sei. Tenho de ir.

Kate desligou rapidamente com a sensação de que não reagira como devia.

E depois viu tudo claramente, toda a trajetória das suas vidas, dois rastros de luz contra o céu cor de chumbo do inverno: nascemos, adoecemos, morremos. Princípio, meio e fim. Viu a sua vida como se a segurasse na ponta do braço esticado e, num instante, sentiu que fugia do seu controlo. Onde queria que aterrasse? Estava no meio. Precisamente no meio. E Peter também. Como é que não lhe ocorrera que o princípio tinha de chegar ao fim?

Não conseguia esperar até ele chegar a casa. Entrou no carro e foi à procura dele. No parque de estacionamento da sua nova vida, ao lado do carro novo de Peter, esperou que ele saísse e a visse e soubesse que ela sabia. Passara-lhe brevemente pela cabeça não lhe dizer nada, não no primeiro dia, esperar que ele estivesse mais instalado no emprego novo, mas rapidamente percebeu que não possuía esse tipo de disciplina.

– Vais ver o que é ser dura – murmurou para o ar gelado, para as portas da escola, fechadas como as de uma prisão. Sentia-se magra, velha.

Pensou em Frankie e em Molly, que carregariam o sofrimento dela – o dela e o de Peter – pelo resto das suas vidas se eles não tivessem cuidado.

E depois as portas abriram-se e uma multidão saiu e ele destacou-se das outras pessoas e dirigiu-se a ela.

Enquanto se aproximava dela, Peter perguntou a si próprio quantas vezes, ao longo da vida, olhara e a vira à espera dele. Quantas vezes, ao longo da vida, se virara para lhe dizer alguma coisa apenas para perceber que ela já sabia? Nessa manhã, ao sair do duche, com os ombros e as costas vermelhos da água quente, Kate enrolara o cabelo numa toalha velha enquanto a água lhe escorria entre os seios. Pedira desculpa por ter demorado tanto tempo, esquecera-se de que ele também queria tomar banho. Peter praguejou entre dentes quando sentiu a água tépida. Lavou-se rapidamente antes que ficasse completamente gelada.

– Desculpa – disse ela novamente quando ele saiu. Estava a fazer a cama vestida apenas com a roupa interior, à espera de que o creme que espalhara nos braços e nas pernas absorvesse um pouco antes de se vestir. Enquanto era pequeno, Peter nunca vira a mãe de roupa interior, nem uma vez, mas agora era normal os filhos verem Kate despida. Entravam e saíam, pediam ajuda, perguntavam coisas, como se ela estivesse completamente vestida.

Agora era ele que pedia desculpa. Estava nervoso por ser o primeiro dia, quase inacreditavelmente nervoso tendo em conta que comandara um pelotão de homens sem qualquer hesitação, mas isto era diferente. Quem conseguiria identificar um farsante mais depressa do que uma turma de dezoito rapazes adolescentes? Quando começou a falar com eles, viu dezoito pares de olhos semicerrados, dezoito cabeças baixas. Mas disse o que tinha ensaiado, sozinho na cave na noite anterior, e um a um eles foram-se endireitando, prestando atenção. A História não é decorar, disse-lhes. Não é estudar, enterrar a cabeça nos livros. É a nossa vida quotidiana; é o agora, que vive dentro de nós. E ele tencionava passar o resto do ano a prová-lo.

Viu que Kate segurava a carteira dele na mão. Viu que ela sabia onde ele estivera na véspera, quando lhe dissera que ia a uma reunião. Sabia que ele lhe mentira, esta mulher que conhecia todos os segredos da sua vida.

Ela estendeu-lhe a carteira em silêncio, pálida por baixo do gorro.

– Desculpa – disse ele. – Não voltará a acontecer.

Estava a ser sincero. Mas também sabia que parecia apenas uma desculpa oca. À volta deles, as pessoas entravam nos carros e batiam com as portas.

Kate perscrutou-lhe os olhos. Viera preparada para uma batalha e agora não sabia o que fazer.

– Foi a primeira vez? Desde que regressaste de Nova Jérсия?

– Não.

Ela apertou os braços sobre o estômago e agachou-se.

– Foi a terceira vez. E foi só esta semana, Kate. Tenho-me sentido tão bem que achei que não faria mal entrar num bar, como uma pessoa normal, e beber duas cervejas. Só duas. Só cerveja.

Era verdade. Bebera duas cervejas, pagara a conta e saíra. Sentira-se tão orgulhoso de si próprio. Mas depois, no dia seguinte, estava na cozinha sem fazer nada de especial e a necessidade de voltar a beber apoderou-se dele. Sentiu-a no

couro cabeludo, no osso do maxilar. Sentiu o ardor na garganta, o calor a encher-lhe o peito. Por isso foi, novamente. Só duas cervejas, mais uma vez. E novamente na noite seguinte. Mas na terceira noite parou numa loja de bebidas no caminho para casa e comprou algumas daquelas garrafinhas de vodca miniatura que eles tinham junto da caixa. Um hábito de polícia: tinha o dinheiro no bolso e só se apercebeu de que deixara a carteira no bar esta manhã. Passara o dia a tentar perceber porque o fizera. Não lhe dera prazer, e significava mergulhar novamente na corrente poderosa de que tanto se esforçara para sair. Mesmo antes de ela aparecer, já tinha decidido que não voltaria a fazê-lo, disse a Kate.

– Como é que eu sei que isso é verdade? – perguntou ela, e Peter viu que não era uma pergunta retórica. Ela queria uma resposta com detalhes específicos, um plano de ação. – Como é que tu sabes que vais cumprir essa promessa? Porque hei de acreditar em ti?

Quando ele não conseguiu responder, Kate entrou no carro e arrancou.

Nessa noite, ao jantar, e nas cem noites seguintes, Peter tentou de todas as formas mostrar-lhe que tinha parado, que estava tudo melhor. A necessidade não desaparecera – sempre que queria, conseguia fechar os olhos e imaginar-se com as pequenas garrafas na mão – mas todos os dias e todas as noites ele combatia essa necessidade e saía vitorioso. Ela fazia todas as coisas que sempre fizera mas não olhava para ele, e, sempre que os olhos de ambos se cruzavam, Kate virava a cara. Pedia aos filhos para lhe contarem histórias e respondia-lhes. Perguntava a Peter como lhe correria o dia e dava as respostas apropriadas quando ele lhe contava. Quando ele ia à cave ou à garagem, por algum motivo, ela ficava à escuta de cada movimento seu, e depois continuava a tratar das suas coisas como se não tivesse ficado aterrorizada. Limpava e cozinhava e estudava e corria pela casa à procura das chaves. Mas agora fazia todas essas coisas por trás de uma parede de vidro e, quando falava com ela, Peter sentia-se como se estivesse a tentar empurrar as palavras por uma fresta no vidro. Vacilara durante alguns dias, sim. Sim, nessa noite, quando ela o apanhara na cave, mentira-lhe. Mas ele não era o seu pai. Não era a sua mãe. Era ele próprio e estava a demorar mais do que esperava a decidir o que isso significava. Estava a demorar mais do que trinta e três dias. Ela ouvia tudo o que ele dizia mas, durante muito tempo, não reagiu a nada.

– O que posso fazer? – perguntou ele uma noite, pegando-lhe no pulso para a impedir de subir a escada atrás das crianças. Instantaneamente, os olhos de Kate encheram-se de lágrimas e puxou o braço para se libertar.

– Não sei – disse.

Peter decidiu que a única coisa a fazer era estar com ela o máximo que podia. Recomeçou a ir para a cama ao mesmo tempo que ela. Nas noites em que Kate ficava acordada até mais tarde a estudar, fazia-lhe chá e companhia na cozinha, lia o jornal ou preparava aulas. Quando ela se sentava no sofá e procurava alguma coisa de jeito na televisão, ele sentava-se ao lado dela. Kate começou a olhar novamente para ele, às vezes tempo suficiente para lhe dar a entender que sabia

exatamente o que ele estava a fazer. Quando precisava de procurar nas suas caixas de livros antigos alguma coisa para a escola, Peter trazia as caixas para cima e procurava na cozinha.

– Se me disseres o que estás à procura eu posso ajudar – dizia ela, e juntos sentavam-se no chão, de pernas abertas, a folhear velhos livros.

O problema não era que ela não o amasse, Peter sabia isso. O problema era que o amava tanto que isso a assustava, amava-o tanto que tinha medo de ter de se proteger a si própria desse amor. Tentou dizer-lhe que finalmente compreendia, que não era preciso explicar, mas depois apercebeu-se de que ela própria podia ainda não o ter compreendido.

O ano letivo acabou e o verão longo e vazio estendia-se à frente deles. Peter inscreveu-se em formações, mas apenas nas que tinham aulas de manhã. Aprendeu a planear e organizar uma disciplina, as melhores maneiras de lidar com alunos problemáticos. Parte daquilo que aprendeu não era muito diferente dos conselhos que costumava dar aos jovens polícias. Kate concluía a sua tese; faltava apenas defendê-la e ficaria com o mestrado. Antes, quando estava sempre na esquadra, Peter não se apercebera de quanto trabalho ela dedicara a esta tese. Nunca compreendera verdadeiramente o quanto era importante para ela.

E depois, numa noite de verão no início de setembro fizeram anos de casados, apenas três dias antes do início do novo ano letivo. Tinham casado tão jovens que Peter teve de fazer cálculos e mais cálculos para ter a certeza de que não se enganara.

Era sábado. Depois de chegar a casa dos treinos com a equipa de corta-mato, ajudou Kate a arranjar o almoço e passaram o dia na piscina municipal com as crianças. Mas ela parecia estar a matutar em mais alguma coisa. Por fim, quando chegaram a casa, depois de enfiarem as toalhas molhadas na máquina de lavar, com as crianças sentadas em frente da televisão porque mereciam descansar depois de tantas horas ao sol, ela perguntou, com alguma hesitação, se Peter achava que ela devia tentar arranjar uma *baby-sitter* para poderem sair e celebrar. Quinze anos não eram quinze dias. E há tanto tempo que não iam jantar fora.

– Seria agradável, não achas? – Pegou na mão dele e segurou-a sobre a sua, palma com palma.

– Sim – concordou ele. – Gostava muito.

– Achas que consegues?

– Claro – disse ele. – Sem problemas.

Ela sorriu como a velha Kate e Peter viu que ela temera que ele dissesse que não. Minutos depois, ouviu o barulho dos cabides no roupeiro enquanto ela decidia o que vestir.

Peter escolheu o restaurante, um que ambos consideravam novo porque abrira durante aqueles meses sombrios antes da audiência dele. Tinha vista para o lago, mas chegaram tarde e perderam o pôr do sol. Saíram do carro e ouviram a água na margem enquanto se dirigiam à porta. Depois de estarem sentados, com uma

garrafa de água *Perrier* em cima da mesa, falaram sobre os filhos durante algum tempo, sobre a casa. Discutiram se a posição de Kate no laboratório sofreria alguma alteração. Falaram sobre a escola onde Peter trabalhava, e se ele devia ter ido para professor logo depois da universidade, se estava arrependido de não ter pensado nisso aos vinte anos, quando passara tantos meses à procura de uma ideia para o seu futuro. Uma vez que já estavam a falar no assunto e a refeição se aproximava do fim, a conversa foi parar a outros arrependimentos. Começaram com coisas pequenas. Coisas seguras. As disciplinas que gostavam de ter estudado. Os sítios onde gostavam de ter ido.

– E coisas maiores? – disse Kate. – Nunca pensei muito nisso. De que adianta? Suponho que devia arrepender-me de ter saído de casa às escondidas para ir ter contigo naquela noite.

– Mas não te arrependes?

– Lamento muito tudo o que aconteceu depois, mas se não nos tivéssemos escapulado naquela noite, talvez não estivéssemos juntos agora. O Frankie e a Molly não existiriam.

Peter pensou nisso.

Kate pegou no guardanapo e dobrou-o cuidadosamente à sua frente. Alisou as dobras e depois prendeu uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

– Não sei se é bem um arrependimento, mas há uma coisa que tenho de te dizer.

Olhou para a mesa do lado, para as pessoas lá sentadas. Peter viu-a debater-se e sentiu algo afundar-se dentro de si. Kate tinha os lábios franzidos. Uma veia a latejar no pescoço.

– O que é? – perguntou, e de repente pareceu-lhe que há vários meses que não pisavam terreno tão perigoso.

– A tua mãe. Quando ela apareceu naquela noite à tua procura, não foi a primeira vez. Eu já a tinha visto há anos, quando ainda vivíamos na cidade. Antes de casarmos. E depois. E algumas vezes já nesta casa.

– E o que é que fizeste? Mandaste-a embora?

– Não, não propriamente. Só sabia que ela estava ali, a observar. A ver como tu estavas. E ela sabia que eu sabia. Nunca me abordou, e eu também não. Até àquela noite. Nessa noite fui ter com ela ao carro porque senti que precisava de ajuda. Precisava de falar com alguém que te amasse tanto como eu, que já cuidasse de ti antes de mim. Portanto menti-te em relação a isso. Não foi ela que veio bater à nossa porta.

Peter apoiou-se nos cotovelos e inclinou-se para a frente, para compreender melhor o que ela estava a dizer.

– Todos estes anos em que pensei que estavas melhor sem ela, se calhar teria sido bom para ti saber que ela estava ali. Talvez as coisas tivessem sido mais fáceis para ti, se soubesses que ela não se esquecera de ti, que continuava a preocupar-se contigo. Talvez se soubesses disso há quinze anos, há dezassete anos, não tivesses chegado ao ponto de te sentires tão perdido.

Era uma novidade, sim, mas, claramente não tão importante como Kate julgava que era. Tal como Peter já lhe tentara explicar antes, ele nunca duvidara do amor da mãe. Porém, tal como Francis Gleeson dissera a Kate uma vez, o amor é apenas parte da história.

– Eu costumava dizer a mim própria que te escondia isto para te proteger, mas tenho quase a certeza de que estava a pensar mais em mim. – Kate observava-o agora atentamente, para ver se ele estava a ouvir tudo.

– Está bem – disse ele. O que teria feito, se soubesse? Talvez nada, tal como ela não fizera nada. Já se sentia perdido muito antes de a mãe sair da sua vida, queria dizer agora a Kate, mas isso daria cabo do jantar, do resto da noite. Pensou em Frankie e Molly a fazerem os trabalhos de casa com música, vozes e risos em fundo. A campainha da porta a tocar, os filhos dos vizinhos a virem chamá-los, Kate ao telefone, os tachos ao lume a deitarem por fora, um caos de amor. Depois pensou em si próprio com essa idade, sozinho numa casa silenciosa, atento ao som de passos na escada.

– Não estás zangado? – perguntou ela.

– Não. – Analisou-se para ter a certeza de que era verdade. – Tenho de pensar mais sobre o assunto, mas não, não estou zangado.

Viu o alívio invadir o rosto de Kate, os seus ombros relaxarem.

– Eu tenho um arrependimento – disse ele. Remontava ao dia em que tinham decidido casar.

Kate endireitou-se mais na cadeira e ouviu-o com tanta atenção que era como se tivesse fechado uma porta para se isolar do barulho dos outros comensais, das suas vozes e do som dos talheres nos pratos. O cabelo caiu-lhe sobre um dos ombros e Peter pensou em como ela estava bonita nessa noite. Há tanto tempo que olhava para o rosto dela que, às vezes, se esquecia de reparar nele.

Andava a pensar muito nisto ultimamente, disse-lhe. Que eles simplesmente tinham casado, talvez por ser uma fantasia que tinham em crianças. Mas ele nem sequer tinha um anel para lhe dar. Porque é que ela dissera que sim? Ele sempre prometera que um dia lhe daria um anel bonito, mas nunca o fizera. Ela ainda usava a aliança de setenta e cinco dólares que tinham comprado em Bleecker Street. Portanto ele não a pedira em casamento como devia ser, na verdade.

Se ela tivesse casado com outra pessoa qualquer, essa pessoa teria planeado um evento para o pedido de casamento, ter-lhe-ia oferecido um belo diamante. Ele gostava de ter feito isso.

Kate ouviu-o, do outro lado das velas no centro de mesa, e depois atirou a cabeça para trás e riu-se.

– Então não te arrependes de ter casado comigo, mas arrependes-te da maneira como me pediste em casamento? Oh, Peter, há tantas outras coisas de que devias arrepender-te.

– Pois. – Ele baixou os olhos para o prato vazio. – Provavelmente.

– Ei, anda cá. – Kate cobriu-lhe as mãos com as suas. – Se tens tanta pena disso, pede-me agora em casamento. Pede-me novamente. Desta vez, como deve

ser.

Mas o que teria ela dito, sinceramente, se pudesse na altura ter vislumbrado tudo o que os esperava no futuro? Pela segunda vez nessa noite, Peter sentiu algo dentro de si vacilar.

O empregado aproximou-se e levantou os pratos. Mesmo assim, ela não desviou os olhos.

– As coisas agora estão melhores, parecem estar a ficar melhores, não achas? Mas pode haver mais problemas no futuro. Isto pode não ser nada. Já pensaste nisso? Nós não sabíamos nada sobre o que era ser adulto, ser pais, tudo isso. Não sabíamos nada. E se calhar ainda não sabemos. Terias dito sim na altura, se soubesses?

– Mas agora já sei. Portanto pergunta-me.

Mas ele não conseguia encontrar as palavras certas.

– Vou dar-te uma pista – disse ela, e apertou-lhe as mãos até ele erguer os olhos para os dela. – Antes, como agora, a minha resposta é sim.

Tinha passado um ano desde que Peter voltara da clínica de reabilitação, desde que Anne deixara Floral Park para regressar a casa. Como não tinha telefone, deixara-lhes o número do lar de terceira idade onde trabalhava, caso precisassem de a contactar por algum motivo. Sempre que entrava ao serviço verificava se tinha alguma mensagem no balcão de enfermagem. Peter ligara no dia de Natal e ficara surpreendido por a encontrar a trabalhar. Anne disse-lhe que ia jantar a casa de uma amiga nessa noite. Que estava apenas a trabalhar algumas horas antes disso. Disse-lhe que ficara encarregue de levar um prato de vegetais. Disse-lhe que a amiga se chamava Bridget.

Mas depois não teve notícias dele novamente durante vários meses. Talvez devesse ter mandado presentes para as crianças, mas não sabia do que eles gostavam. Podia ter mandado uma nota de vinte dólares para cada um, dentro de um postal com purpurinas num envelope encarnado. Todos os anos, quando organizava a correspondência natalícia dos residentes, sentia uma pontada de dor ao ver todos esses postais coloridos, como ornamentos enviados por via postal, e nesse ano, poucos meses depois de ter conhecido os netos, também ela recebeu um: um envelope verde por fora e dourado por dentro. Era uma fotografia das crianças com o cão. Gostaria de ter também uma fotografia de Peter. Pôs o postal no frigorífico e deixou o envelope aberto em cima do balcão até meio de janeiro, porque a luz dos candeeiros de rua refletia-se no interior dourado mesmo no meio da noite.

Queria voltar lá, mas agora seria diferente. Não podia simplesmente estacionar e vê-los em segredo. Teria de bater à porta, seria uma imposição, e talvez eles não a quisessem ver agora que a parte pior da crise estava ultrapassada. Era difícil saber o que fazer. Kate pedira-lhe ajuda daquela vez mas ela não fizera nada, na realidade. Talvez Kate estivesse arrependida de lhe ter pedido.

Peter voltou a ligar em maio, só para dizer olá. Falou-lhe sobre os miúdos a quem dava aulas, e sobre Frankie e Molly. Kate escrevera uma longa tese e conseguira o seu mestrado.

– De resto, está tudo bem? – perguntou ela, sem querer insistir demasiado. – Sentes-te bem?

– Sim – disse ele. – E tu?

– Sim. Estou ótima.

Antes de desligar Peter perguntou quando a voltariam a ver, mas Anne não sabia se ele estava a perguntar porque se sentia mal ou porque queria mesmo vê-la.

Sabia que ele nunca lhe diria se as coisas não estivessem a correr bem, muito menos por telefone. E Peter desligou a pensar exatamente o mesmo.

E depois, na semana a seguir ao Dia de Ação de Graças de 2017, numa terça-feira a meio da manhã, Anne estava de pé junto à janela do seu apartamento e decidiu que esse ano ia mesmo mandar um postal de Natal aos netos, um para cada um, para não ter de escolher qual dos nomes escreveria primeiro. Andavam

trabalhadores da câmara em plataformas elevatórias a pendurar decorações nos postes. Ia escrever nos postais que gostaria muito que eles escolhessem uma data para a vir visitar, mas não sabia como o dizer de modo a parecer convidativo mas também a avisá-los de que a sua casa era demasiado pequena e teriam de ficar instalados num hotel. E no mesmo segundo em que estava a pensar se seria seguro enviar dinheiro por correio, o porteiro do prédio bateu-lhe à porta e, quando ela abriu, entregou-lhe um envelope amarelo grosso que era demasiado grande para a caixa de correio.

– O que é isto? – perguntou Anne.

O remetente era uma morada da Georgia de que Anne nunca ouvira falar e por cima da morada dizia «Advogados».

– Tem de abrir para ficar a saber – disse o porteiro.

Georgia, pensou Anne. Brian uma vez perguntara-lhe se ela sabia que havia ilhas ao largo da costa da Georgia. As Ilhas Douradas, lembrou-se. Ele queria ir lá depois de o bebé nascer porque não tinham tido tempo para uma lua de mel. Mas depois perderam o bebé.

Pousou o envelope em cima do balcão e olhou para ele enquanto a água começava a ferver na chaleira. Ou Brian queria finalmente o divórcio, ou estava morto.

– Bem – disse em voz alta no apartamento vazio quando se sentiu preparada.

Depois de ler os documentos, pegou nas chaves do carro e dirigiu-se ao lar, com o envelope no banco do passageiro ao seu lado. Uma vez, antes de casarem, eles tinham combinado encontrar-se na esquina da 18th Street com a Fifth Avenue. Anne chegou primeiro e ficou a observar as pessoas que passavam. Não sabia de que direção ele viria e quando o viu estava tão longe que era apenas uma silhueta humana em movimento no meio de tantas outras – pessoas com os casacos e cachecóis a esvoaçar, carregadas de sacos – mas havia qualquer coisa no modo como a sua silhueta se movia que fez com que Anne soubesse que era ele muito antes de lhe conseguir ver o rosto. Aquele é meu, pensara nesse dia.

E agora, ao lembrar-se disso, ficou surpreendida. Amara-o. Talvez de forma intermitente. Talvez não muito bem. Mas amara-o. Tentou lembrar-se da sensação de enfiar a chave na porta e saber que podia estar alguém do outro lado.

Quando chegou ao trabalho, disse à enfermeira-chefe que sabia que era o seu dia de folga mas tinha uma emergência familiar e precisava de usar a sala de visitas privada para fazer um telefonema e não sabia quanto tempo ia demorar. Se depois vissem na fatura que tinha sido muito caro, teria todo o gosto em pagar. Só tinham de lhe dizer quanto era. Lera os documentos todos em casa mas havia perguntas a que eles não respondiam. Como é que ele morrera, por exemplo? Fez as contas – Brian teria apenas sessenta e cinco anos. Havia pessoas de sessenta e cinco anos a visitar regularmente as mães de noventa no lar. Talvez isso estivesse a distorcer a sua noção de quem era velho e quem era novo. Brian morrera há um mês. Ela constava da documentação como esposa e beneficiária.

Marcou o número que constava da carta e pediu para falar com Mr. Ford Diviny. A rececionista transferiu de imediato a chamada.

Um problema – e Anne percebeu pelo seu tom de voz que este era apenas um dos muitos problemas que Brian causara – era que Brian deixara apenas um testamento simples. Devia ter feito um testamento complexo, com cláusulas e codicilos. Brian vivia com uma mulher há quase dez anos, mas não lhe deixara um centimo.

– Não era um homem cruel – disse Mr. Diviny. – Simplesmente não pensava nestas coisas. – Brian precisara de cuidados pessoais nestes últimos anos e fora essa mulher que tratara dele. Era diabético, e todos os dias ela lhe examinava as pernas e os pés em busca de descolorações, de gretas e feridas. Comprava-lhe meias especiais. Punha-lhe amido de milho entre os dedos dos pés. Apesar disso, o pé esquerdo de Brian tivera de ser amputado em 2013. Anne tinha conhecimento disso? E ele não tinha cuidado nenhum, mesmo depois da amputação. Com os açúcares e tudo o resto. Anne pensou que era uma forma muito simpática de o dizer.

– Parece que o conhecia bem – disse Anne. – Era advogado dele há muito tempo?

– Não era o advogado dele – respondeu o senhor Diviny. – Éramos amigos. Fomos algumas vezes a Louisville juntos, às corridas de cavalos. Conheci-o num sítio chamado Trade Winds numa dessas ocasiões. Sabe onde é?

– Não – respondeu Anne.

Mr. Diviny continuou:

– Eu nem sabia da sua existência, ou que ele tinha um filho, até ele me pedir com alguma insistência para lhe redigir o testamento, e nessa altura já nos conhecíamos há quase vinte anos. Conheço a Suzie, mais ou menos, por isso tive alguma pena dela. Fiquei com a sensação de que ela não sabia absolutamente nada sobre vocês, e tinha razão.

Tudo indicava que iam ter de lhe amputar o outro pé mas Brian morrera antes disso. Tinha casa própria, onde Suzie vivia, mas a escritura estava só em nome dele e deixara a casa a Anne e ao filho, para ser dividida igualmente entre ambos. Tinha deixado também algum dinheiro e uns artigos mais pessoais a Mr. George Stanhope, o irmão. E alguns artigos pessoais a Mr. Francis Gleeson.

Anne apoiou a cabeça na mão.

– Mas com certeza que não tinha muito, pois não? Acho que ele ainda não tinha feito os quarenta anos quando se reformou.

– Bom, ele sempre trabalhou por aqui, até os problemas com as pernas se agravarem. E tinha a pensão da polícia. Era bastante, pelos padrões de muita gente. Seja como for, ainda deixou alguma coisa. Não tinha dívidas, o que até me surpreendeu, tendo em conta como ele era.

– Como é que me encontrou?

– Pesquisei pelo número da segurança social do Brian depois de ele morrer.

Acedi à certidão de casamento. Depois ainda demorei umas boas três semanas para a localizar.

Suspirou.

– Pobre Suzie – disse. – É boa rapariga. Que choque.

– Já informou os outros beneficiários? – quis saber Anne. – Recebemos todos um envelope destes?

– Em princípio. Os avisos e as cópias do testamento seguiram todos no mesmo dia. Ah, Mrs. Stanhope... Mais uma coisa. Ele queria ser sepultado no norte.

– No norte onde?

– Aí. Em Nova Iorque. Perto de vocês.

– De vocês, quem? De mim?

– Sim, de si. E do filho. E dos falecidos pais. Falava muito da mãe, em especial. – Mas não podiam esperar, explicou Mr. Diviny. Ninguém sabia quanto tempo demorariam a localizar a família. Assim, tinham feito um velório católico, com caixão aberto e tudo, e depois ele fora cremado.

Anne olhou pela janela para o parque de estacionamento mas não conseguia perceber o sentido de nada disto. Uma carrinha de gelados acelerou pela Route 7, com a sineta silenciosa. A mãe de Brian, que nunca aceitara sequer o casamento deles, que nunca dissera nada depois de o primeiro bebé morrer. Anne fora ao velório e ao funeral dela mas recusara-se a ajoelhar ao lado do corpo.

– Eu não soube absolutamente nada deste homem durante vinte e cinco anos.

– Bom – suspirou Mr. Diviny –, como disse o poeta, todos os selvagens amam a costa da sua terra natal. Oiço um sotaque na sua voz. Não sente o mesmo?

– Não, nem por isso. A Suzie pode ficar com as cinzas. É esse o nome dela, não é? Suzie?

– Não, ela não as quer. Está furiosa, e com alguma razão. Além disso, essa não era a vontade do Brian.

– Pode ficar com a casa, então, desde que fique também com as cinzas. Não quero saber.

Mr. Diviny ficou em silêncio durante algum tempo.

– Sei que a senhora e o Brian se separaram em circunstâncias difíceis.

Então ele sempre tinha contado algumas coisas ao amigo, pensou Anne. De súbito uma luz no telefone que estava a usar começou a piscar. Não sabia o que queria dizer.

– Vou aconselhá-la a pensar bem no assunto, Mrs. Stanhope. Além disso, metade da casa é do seu filho.

Uma jovem enfermeira apareceu à porta da sala nesse momento. Levou a mão ao ouvido e gesticulou até Anne pedir a Mr. Diviny para aguardar um momento.

– O que é? – perguntou Anne.

– Tem um telefonema. Peter. Diz que é o seu filho? Quer que passe para aqui?

– Sim! – exclamou Anne. – O que é que eu tenho de fazer? – Despachou rapidamente Mr. Diviny, cheia de um receio súbito de que Peter se fartasse de esperar e mudasse de ideias.

Mas a jovem enfermeira contornou a mesa, carregou no botão iluminado e acenou com a cabeça. E ali estava ele.

Em Gillam, com uma chávena de chá à frente, Francis leu tudo pela quinta, sexta, sétima vez antes de ligar a Kate. Lena leu apenas uma vez. Francis vira-a passar os olhos pela lista de beneficiários como se esperasse ver o seu nome também, já que o do marido lá estava, e quando não o encontrou anunciou que ia dar um passeio. De pé, encostado ao balcão, a ouvir o sinal de chamar, Francis apanhou um vislumbre de si próprio no aço inoxidável da porta do micro-ondas e viu um homem macilento, um pedaço de madeira que andara demasiado tempo à deriva em águas agitadas. Tinha o cabelo espetado e usava novamente a pala sobre o olho, já que a prótese mais recente se deteriorara mais depressa do que as anteriores. Tinha menos de três anos mas aparecera uma fina saliência sobre a íris que lhe feria a pálpebra, já que se fechava sobre ela mais de mil vezes por dia. Francis não queria encomendar outra. Cada prótese ocular nova era um marco da passagem do tempo, do quanto o seu rosto envelhecera desde a última.

– Já sabia que eras tu – disse Kate quando atendeu. – Acreditas nisto? Passámos a manhã toda atarefados e quase que não abríamos a correspondência hoje. Que raio é que ele te deixou? – quis saber Kate. Estava ofegante, como se tivesse vindo a correr do quintal ao ouvir o telefone tocar.

– Não sei. Vai chegar nos próximos dias. Numa encomenda separada, diz a carta.

– Mas o que poderá ser?

Fosse o que fosse, Francis decidiu que não o queria. Se fosse alguma coisa de valor, ficaria para Peter. Caso contrário, iria para o lixo.

– Como está o Peter?

– Bem – disse Kate, baixando a voz. – Parece-me bem. Surpreendido, acho eu. Nunca esperou voltar a vê-lo, mas também não esperava que ele morresse.

Era exatamente como Francis se sentira em relação ao seu próprio pai, quando soubera da morte dele naquele país distante.

Não queria o que Brian lhe tinha deixado, mas mesmo assim deu por si a olhar para o relógio mais do que o habitual quando se aproximava a hora de o carteiro passar. Não recebeu nada na quarta e na quinta-feira. Na sexta havia um pacote, mas eram as vitaminas de Lena.

Por fim, no sábado, chegou um pequeno envelope de cartão vindo da Georgia. Francis estava à espera de uma caixa. Talvez uma caixa grande. Um envelope significava que o mais provável era que fosse um cheque. Ou a escritura de alguma coisa. Ou a chave de um cofre, algures, que ele achava que Francis conseguiria descobrir. Provavelmente nem sequer sabia que o seu próprio filho fora capitão na Polícia de Nova Iorque.

E depois ocorreu-lhe: meu Deus, e se fosse uma carta?

Lena não estava em casa, por isso Francis ligou a Kate.

– Já chegou? O que é?
– Chegou mas a tua mãe não está em casa.
– Então abre. Eu fico ao telefone. Ou então, se quiseses, podemos ir aí e abrimo-lo juntos. Oh, espera aí. – Afastou o telefone e Francis ouviu o murmúrio grave da voz de Peter. Depois a de Kate, abafada porque ela tinha a mão sobre o microfone. – Pai? Podes esperar uma hora? Nós vamos até aí. Entretanto a mãe também já deve ter chegado. Diz-lhe que não se preocupe em fazer comida. Podemos mandar vir uma piza para os miúdos.

Peter não estava com muita vontade de ali estar, percebeu Francis assim que o viu entrar. Parecia saudável, ultimamente, com aparência mais jovem do que um ano antes. Mas nesse dia o seu rosto ostentava a mesma expressão que Francis lhe vira no dia em que lhes tinham comunicado que estavam casados, uma expressão de medo e insegurança.

– O que será? – disse Francis, com o envelope na mão, e Peter encolheu-se ligeiramente, como se não quisesse saber. Kate já dissera a Francis o valor da casa na Georgia, do dinheiro, do pequeno seguro de vida de Brian, feito, presumivelmente, antes de a diabetes aparecer. Mas não havia qualquer nota pessoal para Peter e, em privado, Kate dissera ao pai que tinha a certeza de que Peter estava desapontado. Não estava à espera de um pedido de desculpa ou coisa parecida, mas talvez de algum tipo de admissão de que as coisas não tinham sido feitas da melhor maneira. Um reconhecimento de que Peter se saíra bem na vida, apesar de tudo. Mas como é que Brian poderia saber? perguntou Kate em voz alta. Não sabia nada sobre Peter em adulto. Brian tinha uma mulher a viver com ele, que cuidara dele, contou Kate a Francis, e não lhe deixara nada. Mais ainda, nunca lhe contara que era casado, que tinha um filho.

Francis soltou uma exclamação indignada. Era sempre a mesma coisa. As pessoas não mudavam.

– Assim, entre eles – continuou Kate –, o Peter e a Anne decidiram dividir tudo igualmente pelos três.

Isso surpreendeu Francis. Chocou-o, até, e não sabia que ainda tinha a capacidade de ficar chocado.

– É uma atitude muito decente – disse. Não sabia se seria tão decente caso estivesse no lugar deles.

– Pronto! Não vamos arrastar isto mais tempo – disse Lena pondo um prato de bolachas na mesa.

Aproximaram-se da mesa, todos debruçados para a frente para verem. Francis abriu o envelope e virou-o, batendo com ele na mesa até o conteúdo sair: três fotografias e um cartão com a oração de São Miguel Arcanjo. Ficaram os quatro perfeitamente imóveis enquanto olhavam e tentavam compreender. A primeira fotografia era um instantâneo de uma mulher loira e bonita, com pescoço longo e esguio. A segunda mostrava dois rapazes bronzeados, sentados na bancada do velho estádio Shea. E a terceira era uma fotografia de Peter em criança, talvez com

idade de andar no jardim de infância. Todas as fotografias estavam amarelecidas e manchadas.

– Tens a certeza de que isto era mesmo para ti? – perguntou Lena depois de um longo momento de silêncio. – O advogado tem a certeza?

– O que é que aconteceu a estas fotografias? – perguntou Kate, e pegou na de Peter. – Apanharam água?

– É suor – disse Francis. – Já as vi antes. – O dia veio-lhe de imediato à memória. O calor. O cheiro do Bronx a arder. O som dos alarmes a tocar e das sirenes constantes, o dia todo. Tinham sido anos loucos, e quando olhava para trás perguntava às vezes a si próprio por que razão se atirara ao trabalho daquela maneira. Lembrava-se de correr atrás de suspeitos pelos becos, em locais escuros, por escadas acima. Porque não se limitara a fingir, como alguns faziam? Porque não desistira e dissera simplesmente que o suspeito escapara? Toda a gente acreditaria nele. Só mais tarde, muitos anos mais tarde, olhara para algumas das situações em que estivera e se apercebera da sorte que tinha em estar vivo.

Pegou na fotografia de Anne e virou-se para Peter.

– Ele mostrou-me esta fotografia em 1973. Em julho. Estávamos de patrulha. Guardava-a no forro do boné. – Tocou no cartão de oração e na fotografia de Brian e George. – E estas também.

Depois pegou na fotografia de Peter.

– Deve ter-lhes juntado esta mais tarde.

Francis lembrava-se de Peter com essa idade: um miúdo estranho, sempre sentado nas pedras atrás da casa com os seus soldadinhos, a murmurar entre dentes enquanto os fazia combater uns com os outros. Um miúdo estranho, talvez, mas o pai amava-o e pusera-o no forro do chapéu para poder olhar para ele quando estava sem fazer nada, ou depois de um dia mais duro, ou talvez quando estava assustado.

– Porque é que ele as mandou para si? – perguntou Peter. – E não para mim? – Estava a observar a fotografia de si próprio.

– Não sei – respondeu Francis.

Talvez as tivesse mandado para Francis por achar que só Francis saberia o que elas significavam para ele, na esperança de que ele o explicasse a Peter. Os jovens polícias hoje em dia tinham as fotografias todas nos telemóveis e o forro do chapéu vazio.

Ou talvez Brian estivesse a pedir desculpa a Francis pelo seu papel no que acontecera. Talvez estivesse a dizer que devia ter feito mais, uma vez que tinham sido parceiros em tempos, durante aquelas seis semanas abafadas no verão de 1973.

Ou talvez estivesse simplesmente a dizer que se lembrava. Que não se esquecera, mesmo à distância de tantos anos e tantos quilómetros, de que tivera uma vez uma vida diferente.

Ou talvez não estivesse a dizer nada e quisesse apenas enviar as fotografias a alguém que não ficaria incomodado com elas, porque não queria deitá-las fora depois de o terem protegido ao longo dos seus anos de serviço. Esta mulher de

pescoço esguio era a mulher com quem casara. E este rapaz era o filho que fizera com ela. E talvez tivesse de tirar as imagens da casa, para quando Suzie lhe fosse pôr amido de milho entre os dedos dos pés.

Não traziam nenhum bilhete e, se alguma vez escrevera alguma coisa na parte de trás das fotografias, há muito que a tinta desbotara.

– O que vai acontecer às cinzas? – perguntou Lena.

– Vão ser enviadas para a minha mãe – disse Peter. – Ela vai trazê-las para cá e vamos enterrá-las com a mãe dele. Foi o que o George sugeriu.

– É fácil – acrescentou Kate. – Eles abrem um buracinho no mesmo lote.

Melhor do que ficar numa prateleira em casa de alguém, pensou Francis.

Lentamente, começaram todos a afastar-se. Lena levantou-se primeiro e tirou umas costeletas de porco do frigorífico. Abriu o armário para tirar o pão ralado, foi buscar os ovos. Um minuto depois, enquanto Kate olhava uma outra vez para as fotografias, Peter levantou-se para ajudar Lena. Sem que ninguém lhe pedisse, tirou umas maçãs da fruteira, fatiou-as e colocou-as num tacho com manteiga para amolecerem e fazer um molho rápido. Baixou a cabeça para espreitar pela janela para as crianças, que estavam lá fora a brincar nas pedras.

– Kate – disse, por cima do ombro, e levantou o queixo para indicar qualquer coisa que estava a acontecer lá fora. Entreolharam-se rapidamente e sorriram. Um momento de orgulho dos dois em relação a uma das crianças ou a ambas, percebeu Francis.

E depois viu o que nunca tinha visto antes: que Peter estava bem. E que Kate estava bem. Lena estava bem. E ele, Francis Gleeson, estava bem. E que todas as coisas que lhes tinham acontecido na vida não os tinham ferido de nenhuma forma essencial, apesar do que possa ter parecido na altura. Ele não perdera nada; só ganhara. O mesmo poder-se-ia dizer de Peter? De Kate? Sim. E sim. Estariam eles em algum lugar mais magnífico do que este se as coisas tivessem acontecido de outra forma? As suas vidas seriam mais cheias e mais felizes? Ao olhar para eles agora, Francis não imaginava como tal seria possível. Pela primeira vez, sentiu que Peter era do seu sangue.

Lena aproximou-se por trás dele e pousou-lhe as mãos nos ombros. Sentiu que ela estava a olhar novamente para as fotografias e por isso olhou também.

– Sabes o que eu acho? – perguntou ela.

– O quê?

Lena apertou-lhe os ombros. Inclinou-se e ele sentiu o calor do rosto dela no pescoço.

– Acho que tivemos mais sorte do que a maioria das pessoas.

Francis deixou as palavras submergirem-no como uma vaga e quando veio de novo à tona, de peito cheio, corpo cansado, o céu parecia mais azul do que antes de mergulhar.

– O que é que tu achas? – perguntou ela, a suavidade da voz a contradizer a força das suas mãos.

– Sim – disse ele. – Sim.

agradecimentos

Estou profundamente grata a vários leitores e amigos fiéis que tiraram tempo dos seus próprios romances e obrigações para ler as primeiras páginas deste livro, ainda em esboço, e cujas questões me ajudaram a ver mais claramente estas personagens. Muito, muito obrigada a Jeanine Cummins, Mary Gordon, Kelsey Smith, Callie Wright e, especialmente, a Eleanor Henderson e Brendan Mathews, que leram vários rascunhos e me incentivaram a continuar.

Obrigado à Fundação John Simon Guggenheim por me terem selecionado. A bolsa proporcionou-me mais tempo para escrever enquanto trabalhava neste romance mas, mais importante ainda, deu-me confiança quando eu mais precisava dela.

Obrigada a Lesley Williamson e à Fundação Saltonstall por me terem proporcionado por duas vezes espaço e tranquilidade para trabalhar, com muito pouco aviso prévio. Consigo fazer mais numa semana em Saltonstall do que em três meses na minha vida normal. Foi onde escrevi os últimos dois capítulos deste livro, no estúdio de baixo.

O meu sincero agradecimento aos agentes da Polícia de Nova Iorque, tanto aposentados como no ativo, que se sentaram comigo e responderam a perguntas provavelmente muito estúpidas sem revirarem os olhos. Devo um agradecimento especial a Artie Marini, Austin «Timmy» Muldoon e, especialmente, Matt Donagher. À doutora Sheila Brosnahan, o meu muito obrigada pelos esclarecimentos sobre os processos disciplinares na Polícia de Nova Iorque quando existe alguma preocupação quanto à saúde mental de um dos agentes. Obrigada também ao doutor Howard Forman por ter conversado comigo sobre psiquiatria forense quando eu estava a começar a pensar neste livro e não sabia absolutamente nada sobre o tema. Quaisquer erros são de minha exclusiva responsabilidade.

Obrigada a Nan Graham por ter comprado este romance, e a Kara Watson pela sua revisão cuidada. Estou muito grata e orgulhosa por estar novamente na Scribner.

Obrigada a Chris Calhoun, meu agente e amigo, por insistir que eu ainda não estava no meu limite.

E, acima de tudo, obrigada a Marty, por me ter ensinado há muito tempo que o único segredo do amor é a bondade.